TRACI CHEE

MAR DE TINTA E OURO

A ORADORA

PLATAFORMA 21

TRACI CHEE

MAR DE TINTA E OURO

A ORADORA

| LIVRO DOIS |

tradução
EDMUNDO BARREIROS

PLATAFORMA21

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital
Título original *The Speaker*
© 2017 by Traci Chee
© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

edição Fabrício Valério e Flavia Lago
editora-assistente Natália Chagas Máximo
preparação Vanessa Gonçalves
revisão Raquel Nakasone
direção de arte Ana Solt
diagramação Ana Solt
capa Carlo Giovani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chee, Traci
A oradora / Traci Chee ; tradução Edmundo Barreiros. – São Paulo: Plataforma21, 2018. – (Série Mar de tinta e ouro; 2)
Título original: *The speaker*.
ISBN 978-85-92783-59-4
1. Ficção juvenil I. Título. III. Série.

CDD-028.5

18-13052

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

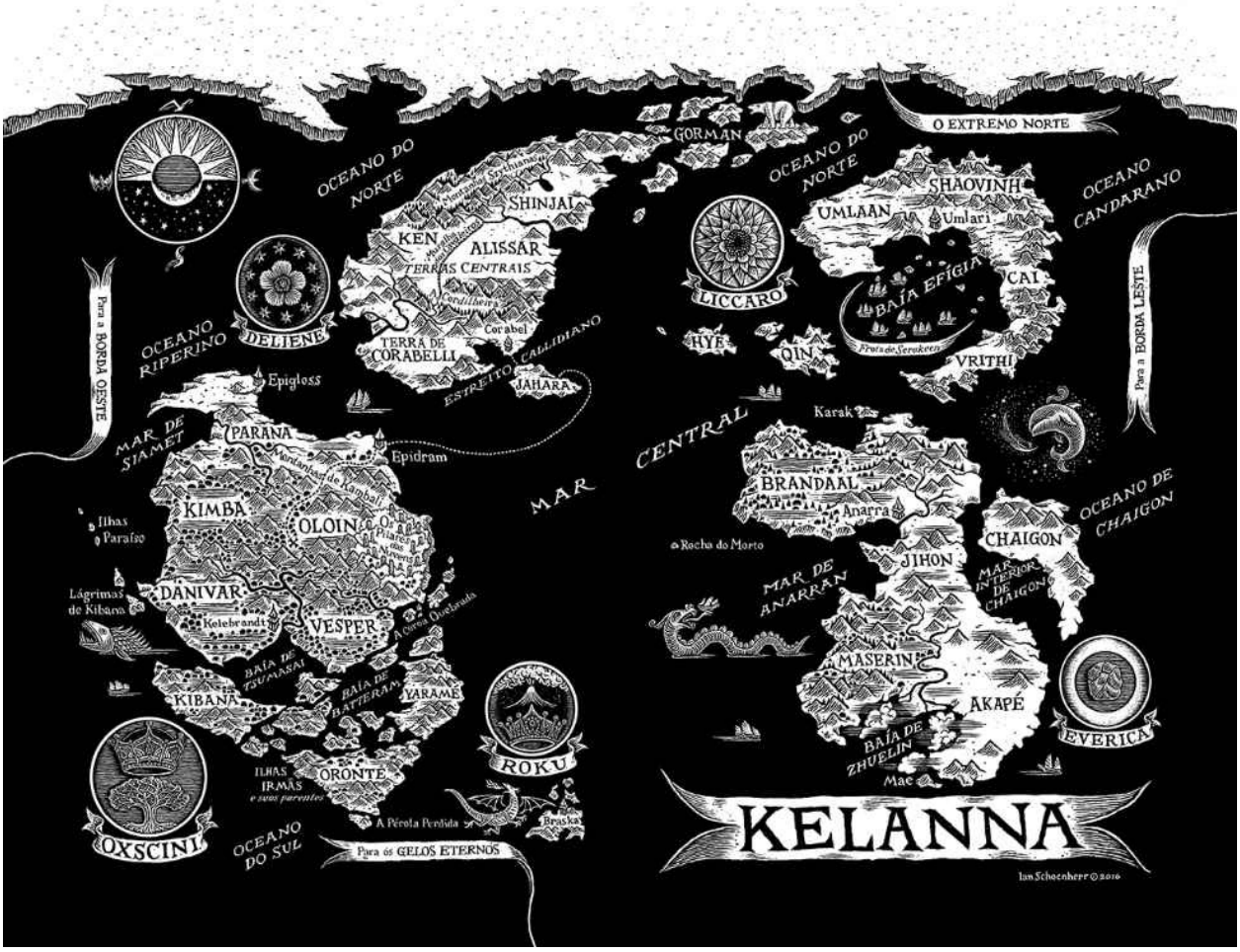
Para Charles, Zach e Paul,
que foram levados cedo demais.

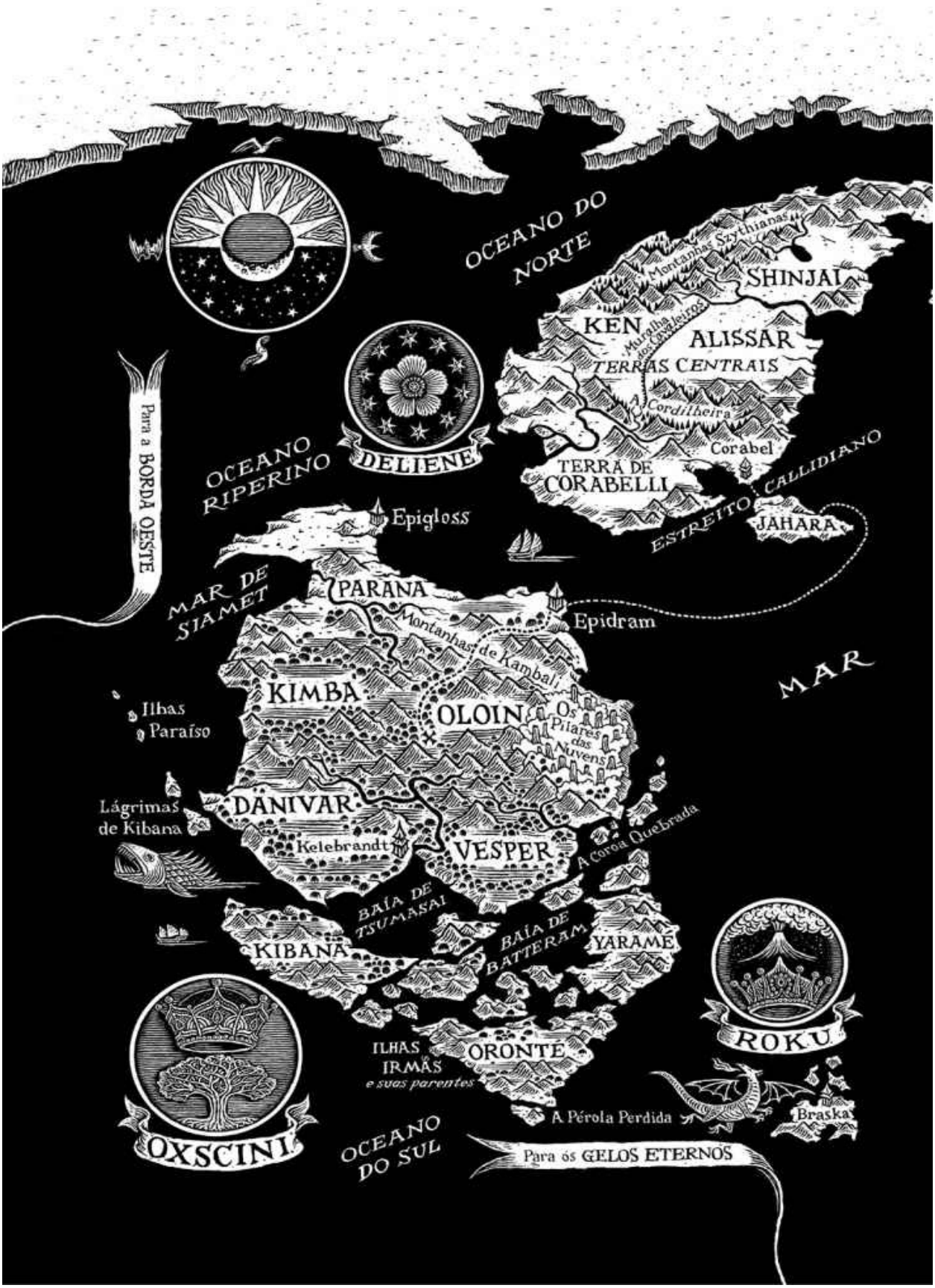
Sumário

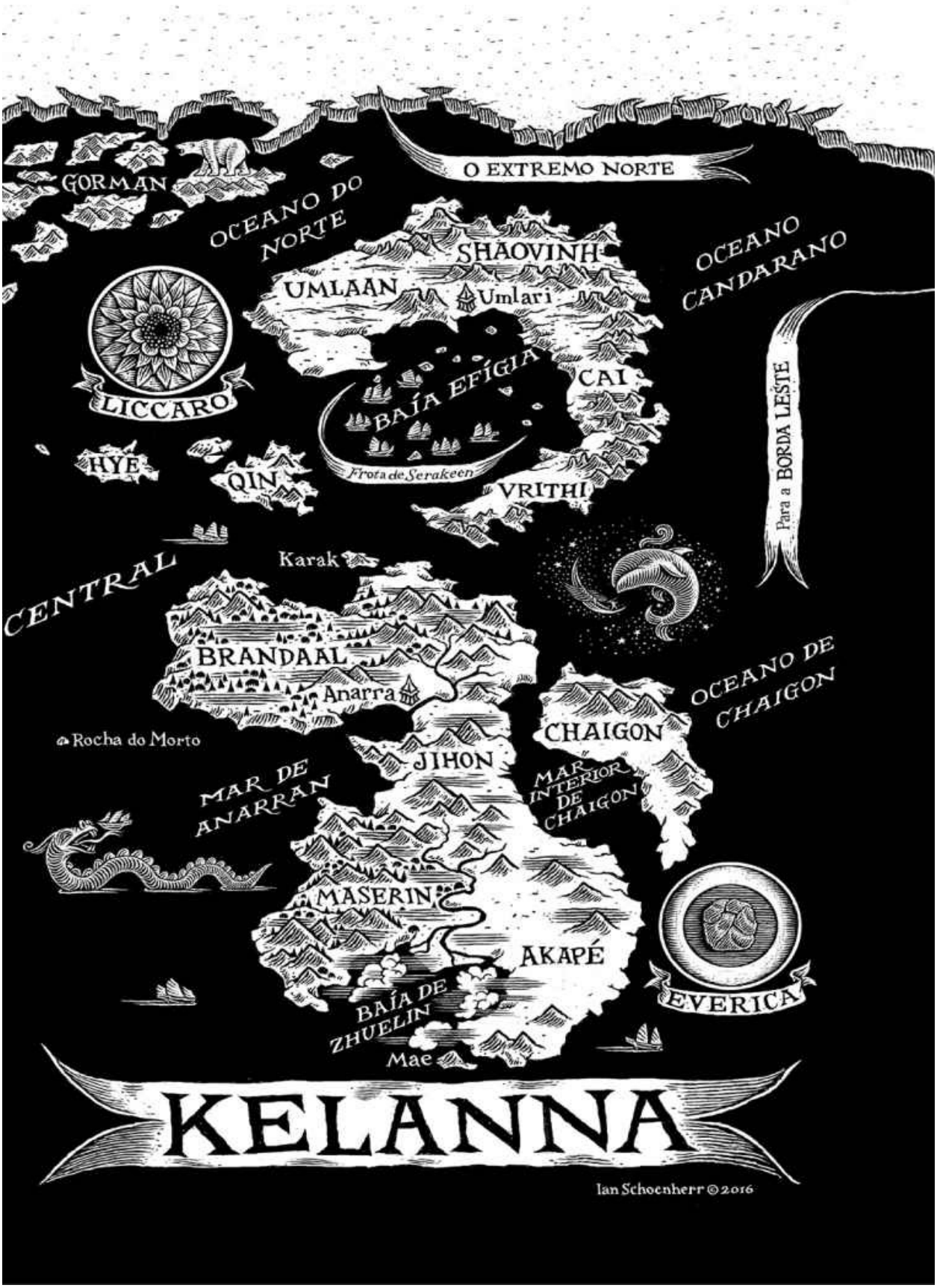
Capa
Créditos
Dedicatória
Mapa de Kelanna
Tripulação do Corrente da Fé
A Guerra Vermelha
Os sonhos
Capítulo 1: Quartzo e olho de tigre
Interpretação equivocada
Capítulo 2: Fugitivos
Capítulo 3: O chamado do trovão
Capítulo 4: Garotos com cicatrizes
Capítulo 5: Os caçadores e a caça
Capítulo 6: Pelo o que você será lembrado
Capítulo 7: Tudo que é luz
Capítulo 8: História está escrita com amor e culpa
Capítulo 9: Está escrito que ninguém volta ileso
A maldição dos Corabellis
Capítulo 10: Alguém sempre pode matar um rei
Relato do domador de leões
Capítulo 11: Quando acontece a transmissão de um segredo
Capítulo 12: Emboscada no Devorador de Rochas
Capítulo 13: Os mortos se levantam
Capítulo 14: O sino do Ouro do Deserto
Relato da segunda filha
Capítulo 15: A lealdade e a covardia dos cães
Capítulo 16: Os guardiões secretos
Família
Capítulo 17: Se você estivesse aqui

Capítulo 18: O mar encolhido
Capítulo 19: Marcas estranhas
Capítulo 20: Sangradores
O Rei Suicida
Capítulo 21: As Planícies Brancas
Capítulo 22: Luvas de tinta
Capítulo 23: Ferido
O guardião do farol
Capítulo 24: Depois
Capítulo 25: Antes que chegue o inevitável
“O grito do vigia”
Capítulo 26: Mentiras de omissão
Capítulo 27: Irmãos
Capítulo 28: Amor e morte
Capítulo 29: Nascido para isso
Capítulo 30: O assassinato é uma dança lenta
Capítulo 31: Como todos os tolos devem fazer
Capítulo 32: Os mortos foram tudo o que ele viu
A última escriba
Capítulo 33: Veneno na língua dela
Roubo
Capítulo 34: Círculo completo
Capítulo 35: A capitã do Beleza Negra
O relato do impressor
Capítulo 36: No covil do inimigo
Capítulo 37: Longe de casa
Capítulo 38: A filha do traidor
Capítulo 39: Razões para ficar
Capítulo 40: A casa na colina de frente para o mar
Capítulo 41: Um dos lobos
Capítulo 42: Vida longa ao rei
Capítulo 43: Os muitos ou os poucos

A leitora
Capítulo 44: O que está escrito sempre acontece
Capítulo 45: Sempre
Capítulo 46: De juramentos e profecias
Capítulo 47: O garoto das lendas
Agradecimentos
Seu feedback é importante!


OCEANO DO NORTE
GORMAN
O EXTREMO NORTE
OCEANO DO NORTE
OCEANO CANDARANO
SHINJAI
KEN
ALISSAR
TERRAS CENTRAIS
UMLAAN
SHAOVINH
Umlari
OCEANO RIPERINO
DELIENE
LICCARO
BAÍA EFÍGIA
CAI
Para a BORDA OESTE
TERRA DE CORABELLI
Corabel
HYE
QIN
VRITHI
Para a BORDA LESTE
ESTREITO CALLIDIANO
JAHARA
Epigloss
MAR DE SIAMET
PARANA
Karak
MAR CENTRAL
Epidram
BRANDAAL
Anarra
OCEANO DE CHAIGON
KIMBA
OLOIN
Rocha do Morto
CHAIGON
Ilhas Paraíso
JIHON
MAR DE ANARRAN
MAR INTERIOR DE CHAIGON
Lágrimas de Kibana
DANIVAR
Kelebrandt
VESPER
MASERIN
BAÍA DE TSUMASAI
BAÍA DE BATTERAM
KIBANA
YARAMÉ
AKAPÉ
EVERICA
ROKU
ILHAS IRMÃS
e seus parentes
ORONTE
BAÍA DE ZHUELIN
Mae
OXSCINI
OCEANO DO SUL
A Pérola Perdida
Brasko
Para ós GELOS ETERNOS
KELANNA
IanSchoenherr © 2016


OCEANO DO NORTE
Montanhas Szythianas
SHINJAI
KEN
Muralha dos Cavaleiros
ALISSAR
TERRAS CENTRAIS
Cordilheira
Corabel
TERRA DE CORABELLI
ESTREITO CALLIDIANO
JAHARA
Para a BORDA OESTE
OCEANO RIPERINO
DELIENE
Epigloss
MAR DE SIAMET
PARANA
Montanhas de Kambali
Epidram
MAR
KIMBA
OLOIN
Os Pilares das Nuvens
Ilhas Paraíso
Lágrimas de Kibana
DANIVAR
Kelebrandt
VESPER
A Coroa Quebrada
BAÍA DE TSUMASAI
BAÍA DE BATTERAM
KIBANA
YARAMÉ
ROKU
ILHAS IRMÃS
e suas parentes
ORONTE
A Pérola Perdida
Braska
OXSCINI
OCEANO DO SUL
Para ós GELOS ETERNOS


O EXTREMO NORTE
GORMAN
OCEANO DO NORTE
SHAOVINH
UMLAAN
Umlari
OCEANO CANDARANO
LICCARO
BAÍA EFÍGIA
CAI
Frota de Serakeen
HYE
QIN
VRITHI
Para a BORDA LESTE
CENTRAL
Karak
BRANDAAL
Anarra
OCEANO DE CHAIGON
Rocha do Morto
CHAIGON
JIHON
MAR DE ANARRAN
MAR INTERIOR DE CHAIGON
MASERIN
AKAPÉ
EVERICA
BAÍA DE ZHUELIN
Mae
KELANNA
Ian Schoenherr © 2016

Tripulação do
Corrente da Fé

CAPITÃO – Cannek Reed

IMEDIATO

CONTRAMESTRE – Meeks

CAMAREIRA – Aly

COZINHEIRO – Cuca

CARPINTEIRO – Cavalo

CIRURGIÃ/FABRICANTE DE VELAS – doutora

TIMONEIRO – Airoso

MARINHEIROS

Jules – responsável por liderar o cântico do quarto de bombordo

Theo – responsável por liderar o cântico do quarto de estibordo

Goro

Killian

Marmalade

A GUERRA VERMELHA

FASE I
Conquistar Everica

EVERICA — ~~Lorde~~ Rei Darion Stonegold (Mestre Político)
— General Braca Longatta Terezina III (Mestra Soldado)

✓ Stonegold e Braca unificam províncias sob uma bandeira.
✓ Oxscini = inimigo comum ⟶ EXPLORAR ISSO.
✓ Começar a eliminar o modo de vida fora da lei.

FASE II
Aliança com Liccaro

LICCARO — Rajar (Aprendiz Soldado)
✓ Rajar torna-se Serakeen.
✓ Serakeen impõe um bloqueio em torno de Liccaro e ganha poder e influência sobre o governo regente corrupto.
Serakeen usa sua influência para aumentar o poder de aliados políticos e assumir o controle do reino!

FASE III
Aliança com Deliene

DELIENE — ~~?~~ Arcadimon Detano (Aprendiz Político)
✓ Construir apoio entre a nobreza provinciana.
Assassinar o rei ~~Leymor~~ Eduar e sucessores.
Ser eleito único regente do reino.

FASE IV
Conquistar Oxscini e Roku

OXSCINI E ROKU
Everica, Liccaro e Deliene formam a Aliança.
Deliene ataca Oxscini pelo norte.
Everica e Liccaro atacam Oxscini pelo leste.
Forças evericanas capturam Roku.
Primeiro ~~Segundo~~ assassino mata a rainha Heccata.
↑ ~~logo vai ser o Primeiro!~~
As forças combinadas da Aliança atacam Oxscini através da Coroa Quebrada.
Oxscini cai.

A GUERRA VERMELHA ESTÁ ACABADA.
KELANNA É NOSSA.

A ALIANÇA
Guerras de Rocha e Rio

Vocês estão comigo?



Os sonhos

Arqueiro estava sonhando outra vez, e nos sonhos ele não tinha nome. Ele não se lembrava de quando o havia perdido, mas agora os homens o chamavam de *garoto*, de *lambe-botas*, ou de nada.

Ele estava parado no interior de um círculo de pedras, grandes e pálidas como crânios, enquanto homens e mulheres caçoavam dele de fora do ringue, seus rostos transformados em máscaras horrendas pela luz das tochas. Quando ele se moveu, fragmentos de cascalho afundaram na sola de seus pés descalços.

– Esse é seu novo candidato, Machada? – escarneceu um homem. Ele tinha olhos negros e fundos e pele de coloração pálida e doentia.

– Eu o consegui em Jocoxa há alguns meses – respondeu Machada. – Eu o andei treinando.

Machada – corpulento, pele áspera, sempre arrancando cascas de ferida mal cicatrizadas.

O garoto sem nome tocou o pescoço, e seus dedos passaram pela cicatriz sobre sua garganta.

Machada o havia queimado.

O homem de aspecto doentio sorriu, com dentes afiados e pequenos como os de um furão.

– Argo já acabou com quatro cães mal alimentados como esse.

O garoto sem nome virou-se e viu Argo parado do outro lado do ringue. A luz tremeluzia sobre quatro queimaduras em relevo no seu braço direito. Através dos cachos curtos de sua barba, ele exibia um sorriso com a boca entreaberta.

O público começou a bater palmas e a gritar. Um sinal, talvez.

Argo caminhou na direção do garoto sem nome, que tentou se afastar para o

lado. Mas ele tropeçou.

– Cuidado! – repreendeu-o Machada.

O garoto sem nome estava se virando, estupefato, tentando encontrar os olhos de Machada no púbico quando Argo atacou.

Seus punhos estavam por toda parte e choviam sobre o rosto, a cabeça e o peito do garoto sem nome. Ficou difícil respirar, difícil ver.

Os golpes se aceleraram, mais pesados, como granizo.

O garoto sem nome dobrou-se ao meio e levou um joelho ao rosto. O chão subiu para encontrá-lo.

Ele ouviu indistintamente Machada gritar:

– Levante-se! Levante-se, seu pequeno…

Mas ele não se levantou.

Argo o virou de bruços, montou sobre seu peito e levantou a mão para o golpe.

Nesse momento, o garoto sem nome entendeu: aquele era o fim. Ele ia morrer.

Ele deixaria de respirar. Deixaria de existir. Deixaria de sentir dor. Seria fácil.

Mas ele não queria morrer.

E, sabendo disso, sabendo que queria viver, por mais difícil que fosse, por mais que doesse, algo se abriu dentro dele, algo oculto, feio e poderoso.

Argo desacelerou.

Tudo desacelerou.

Como se os segundos estivessem se esticando em minutos, os minutos em horas, o garoto sem nome podia ver onde a luta começara e todo o golpe que ele recebera desde então, tudo se desenrolando à sua frente com detalhes perfeitos. Ele podia ver hematomas e ossos recém-curados sob a pele de Argo, podia sentir os pontos de pressão em suas juntas como botões de dor esperando para florescer.

O punho desceu, mas o garoto sem nome o desviou para a lama. Ele segurou a perna de Argo com a sua, rolou e prendeu seu adversário embaixo dele.

– Isso mesmo, garoto! Reaja! – gritou Machada.

O garoto podia ter golpeado. Mas ele pulou de pé e, em vez disso, olhou ao redor.

Ele podia ver *tudo*. Ele sabia quais tochas seriam mais fáceis de arrancar do chão e quanto tempo levaria para alcançá-las. Ele sabia quais pedras que circundavam o ringue dariam as melhores armas. Ele contou revólveres e facas escondidos na plateia, encontrou faixas fofas de terra onde o apoio dos pés seria menos firme. Ele viu tudo.

Quando Argo se levantou, o garoto sem nome o atingiu no rosto. A carne se desfez. Ele bateu em Argo repetidas vezes, rápido e com força, onde machucaria mais. Onde provocaria o maior dano.

Era fácil.

Natural.

Como respirar.

A rótula de Argo estourou. Ligamentos arrebentaram. O garoto sem nome o atingiu na clavícula. Ele quase podia ver os fragmentos de osso afastarem-se uns dos outros por baixo da pele.

Argo estava chorando. Ele tentou rastejar na direção da beirada do círculo, mas seu braço e sua perna não funcionavam mais. Seus membros estavam cobertos de lama.

O público pedia sangue.

O garoto sem nome se abaixou e pegou uma pedra que era repleta de pontas.

Estava quase acabado agora. Ele podia ver o fim. Se aproximando cada vez mais.

Os olhos de Argo arregalaram-se de medo. Suas gengivas estavam sangrentas enquanto ele suplicava pela vida.

Mas o garoto sem nome não ouviu.

Viver significava matar. Ele agora via isso. Sabia o que tinha de fazer.

Ele bateu com a pedra no rosto de Argo. Sentiu o impacto, a distorção súbita de osso, carne e barba. Não havia mais súplicas.

Ele tornou a levantar a pedra.

Capítulo 1



Quartzo e olho de tigre

Sefia olhou para onde Arqueiro estava deitado, num vão escondido entre as rochas com o resto de seus pertences. Ele se mexeu uma vez, tirou o cobertor de cima do peito e ficou imóvel novamente. Durante as duas horas desde o nascer da lua, já havia dormido e despertado muitas vezes, dormido e acordado, sugado continuamente para baixo da superfície de seus sonhos até lançar-se novamente à consciência, respirando com dificuldade.

Mesmo agora, ele não parecia estar descansando – cenho franzido, dedos retorcendo-se, lábios abertos em um resmungo ou grito silencioso. Ela queria ir até ele, alisar sua testa e abrir seus punhos, mas, desde sua fuga, ele estava diferente, distante. Seu encontro com a Guarda o havia mudado. Havia mudado a forma como eles estavam juntos.

Havia mudado tudo.

No alto de um rochedo de granito, Sefia puxou o cobertor por cima dos ombros. Teria preferido sua rede àquele nicho entre as rochas, mas ela tinha sido deixada no chão do gabinete de Tanin com a maior parte de seus suprimentos.

E Nin. A tia que ela jurara resgatar. A tia com quem ela falhara. Um corpo pequeno sob uma capa de pele de urso.

Sefia estremeceu ao lembrar-se do que havia acontecido em seguida: o brilho da faca, a forma como a pele de Tanin se abriu sob a lâmina. Sua segunda morte.

A Guarda faria com que Sefia pagasse caro por isso se a encontrasse. Agora, dois de seus Diretores tinham sido mortos pela família dela.

Como sempre fazia após alguns minutos, Sefia estreitou os olhos na direção

da mata. Acionou aquele sentido especial que compartilhava com a mãe – e com o pai também – e procurou sua magia.

Ela estava sempre ali, sempre em movimento, como um oceano poderoso sob uma crosta de gelo. Pois o mundo era muito mais do que se podia ver, ouvir ou tocar. Se você tivesse o dom para isso, o mundo era Iluminado – todo objeto nadava em sua própria história, todo momento era acessível, bastava apenas você saber como procurar por ele.

Ela piscou, e seu Olhar ganhou vida com agitadas correntes douradas, milhões de pontos brilhantes diminutos balançando com o vento, o movimento lento e para cima das árvores, o suspiro de matéria em decomposição acomodando-se com delicadeza na terra. No vale abaixo, a menos de três quilômetros de seu acampamento, ficava a remota cidade alpina de Cascarra, às margens do rio Olivine. Assim tão perto, Sefia podia ver lampiões como contas douradas, enfeitando ruas e depósitos de madeira, barcaças tensionando delicadamente suas amarras, fumaça subindo em espiral dos telhados pontiagudos. Mas nada perturbava a paz.

Sefia tornou a piscar, e seu Olhar – o que a Guarda chamava de Olhar – desapareceu. Ela e Arqueiro estavam em segurança, por enquanto. A Guarda ainda não tinha chegado para pegá-los.

Mas chegaria. Assim como tinha feito com seus pais.

Lon e Mareah.

Ao pensar neles, seu coração contorceu-se como uma folha na geada. Às vezes, ela achava difícil acreditar que eles tinham feito parte de uma sociedade secreta de assassinos e sequestradores – não eram as pessoas gentis que a haviam criado, protegido, amado. Mas aí ela se lembrou de como a mãe costumava girar as facas antes de picar hortaliças. Como uma vez ela matara um coiote entre suas galinhas com uma faca arremessada com habilidade. E ela se lembrava do pai em seu telescópio junto da janela, estudando o oceano. Só agora Sefia entendia – ele estava à procura de sinais da Guarda. Das pessoas que os estavam caçando.

Eles esconderam muita coisa dela – quem eram e o que tinham feito. Por causa de seus segredos, ela fora forçada a fugir quando podia ter lutado. Forçada a se esconder quando podia ser livre. Nin morrera porque Sefia estava despreparada. Por mais que ela amasse seus pais, não podia perdoá-los por isso.

Nem a si mesma.

E, agora, ela estava em fuga outra vez.

Cinco dias antes, Sefia e Arqueiro escaparam de barco dos rastreadores da Guarda e viajaram para o norte ao longo da rochosa costa delieneana. Só quando avistaram um navio atrás deles, aproximando-se rapidamente, eles arriscaram-se a seguir por terra, e afundaram sua embarcação em uma tentativa de ludibriar seus perseguidores.

Eles subiram a Cordilheira, a elevada cadeia de montanhas que levava às Terras Centrais, no coração do reino. Ali, entre os picos, seguiram na direção de Cascarra, onde esperavam pegar um barco fluvial de volta para o mar.

Depois disso, eles não pararam de fugir, para o mais longe que pudessem. Caçados pelo resto da vida.

Sefia voltou sua atenção para o objeto embalado em couro no seu colo. Livros eram muito raros em Kelanna, acumulados pela Guarda enquanto todas as outras pessoas levavam suas vidas sem ler ou escrever. Mas esse era mais do que um livro qualquer. Esse era o Livro – infinito e cheio de magia –, um registro de tudo o que havia acontecido e iria acontecer, todas as eras da história escritas letra por letra em boa tinta preta.

Como ela tinha feito todas as noites desde que começara a fugir outra vez, Sefia removeu animadamente o couro à prova d’água.

Ela poderia descobrir quem a mãe e o pai tinham realmente sido, e por que fizeram o que fizeram… Mas jamais conseguiria reunir a coragem para olhar.

Arqueiro remexeu-se enquanto dormia e expôs as queimaduras feias no pescoço. Por baixo dele, gravetos secos quebraram, como tiros na floresta silenciosa.

Sefia olhou rapidamente para a mata ao redor outra vez, mas a vegetação rasteira estava imóvel.

Com um suspiro, ela encostou-se. A capa do Livro estava rachada e manchada, com buracos e arabescos onde antes havia joias e filigranas decorativas. Os únicos traços de metal precioso que restavam eram suas fivelas e cantoneiras folheadas a ouro.

Por hábito, ela começou a traçar o símbolo no centro.



Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo para o que ela precisava ter feito: aprender para que servia o Livro. Resgatar Nin. E, se pudesse, punir as pessoas responsáveis.

Mas ainda não tinha forças para abrir o Livro. Ainda não conseguia encarar a verdade. Ela estava prestes a recolocar a capa de couro quando um galho quebrou ao longe.

Ela ficou tensa, piscou, e seu Olhar encheu-se de ouro. Para leste, avistou homens descendo do cume, entrando e saindo da luz do luar como peixes negros em um lago negro, com as barbatanas reluzindo na superfície antes de tornarem a submergir.

Rastreadores.

Eles deviam estar do outro lado da montanha quando ela examinou a área ao redor, mas agora eles se aproximavam.

Abaixo de Sefia, Arqueiro debateu-se e derrubou a mochila. O cantil bateu ruidosamente na bainha de sua espada.

Por um segundo, os rastreadores pararam. Eles voltaram-se na direção de onde Sefia estava. No mundo Iluminado, seus olhos brilhavam, moviam-se de um lado para o outro nas órbitas enquanto vasculhavam a escuridão.

Aí eles começaram a avançar.

Afiados por tantos anos de fuga, os instintos de Sefia entraram em ação. A jovem embalou o Livro rapidamente e saltou para o meio das rochas.

Arqueiro remexia-se. Suas mãos esticadas esfregavam o chão. Ele estava fazendo muito barulho. Sefia o envolveu com os braços e prendeu com os dela seus braços e pernas. Abaixo deles, as agulhas de pinheiro caídas crepitavam como fogo.

Os olhos dele abriram-se repentinamente, grandes e dourados. O pânico tomou seus traços. Ela podia sentir o coração trovejando dentro dele enquanto sua boca abria e fechava, abria e fechava, arquejando por ar. Então lutou, como um coelho preso em um laço. A pegada dela soltou-se.

– Arqueiro – ela sussurrou.

Ele a empurrou de costas contra as rochas. Sefia sentiu uma pontada de dor.

– Arqueiro. – Ela agora estava suplicando, desesperada. – Está tudo bem. Sou eu. Sefia. *Arqueiro*.

O rapaz congelou. Sua respiração estava acelerada demais, alta demais.

Dessa vez, ele permitiu que ela o envolvesse nos braços. Seu pulso estava rápido e insistente contra a pele dela. Perto desse jeito, Sefia podia sentir o hálito dele deslizar por seu rosto. Ela mordeu o lábio. Cinco dias desde o beijo. Cinco dias e ela ainda conseguia sentir a curva da boca dele sobre a sua, ainda desejava muito senti-la de novo.

Arqueiro ergueu os olhos quando o som de passos chegou até eles. Sefia conhecia esses ruídos, ela mesma os fazia quando estava caçando com Nin. Passos à espreita, intercalados com longos silêncios para ouvir. Trinta metros de distância? Quinze? Ela apontou na direção da mata e articulou com os lábios sem emitir som: *rastreadores*.

Ele assentiu e piscou rapidamente. Silencioso como a neve, Arqueiro sacou um pedaço de quartzo do bolso e começou a passar o polegar por cada uma de suas facetas em um ritual que Sefia lhe ensinara mais de um mês atrás, para afastar seu pânico, para lembrá-lo de que estava em segurança.

Mas eles *não estavam* em segurança.

Através de um vão nos rochedos, Sefia observou as sombras se moverem entre as árvores. Os rastreadores, agora, estavam por todo o entorno deles, com o reflexo da luz das estrelas em seus rifles e sombras em seus olhos, à procura de pegadas no solo.

Eles vão nos encontrar. Qualquer um com conhecimentos rudimentares de rastreamento reconheceria o pequeno acampamento. Sefia tinha de forçá-los a seguir adiante. E logo.

Ela estalou os dedos e tornou a invocar seu Olhar. No mundo Iluminado, os fios de luz tencionavam-se e recuavam como cordas de arco, enviando ondas pelas fitas de ouro. A dez metros de distância, na encosta que levava a Cascarra, um galho seco se quebrou.

Os rastreadores abaixaram-se. Ergueram seus rifles. Eram muito silenciosos… e muito rápidos.

Ela fez aquilo de novo, dessa vez mais longe.

Com um aceno, o líder os conduziu pelo caminho do vale do rio, e eles

começaram a seguir em silêncio na direção do som dos galhos quebrados, rumo à cidade, para longe de Sefia e Arqueiro.

Quando seu pulso desacelerou, Sefia tomou consciência do corpo de Arqueiro emaranhado no seu. Ele tinha parado de esfregar o cristal e agora estava imóvel como pedra, observando-a com olhos fundos e privados de sono.

– Eu machuquei você? – ele sussurrou.

Mesmo depois de cinco dias, o timbre da voz dele ainda a surpreendia com suas camadas de fogo e escuridão, como um olho de tigre.

– Não.

Sefia ajoelhou-se, tentando não fazer uma careta em função da dor entre suas omoplatas. Eles tinham de continuar a se mover, antes que os rastreadores percebessem que eles não estavam em Cascarra. Ela pegou seu cobertor.

– Quando acordei sem saber onde estava… Quando não consegui me mexer, pensei… Desculpe, eu…

Arqueiro sentou-se e, por um momento, ela achou que ele iria prosseguir. Mas aí ele fechou a boca e tocou a cicatriz em torno do pescoço, a queimadura que os impressores aplicavam em todos os seus garotos, para marcá-los como candidatos. Por anos, a Guarda esteve à procura do garoto que, eles acreditavam, iria levá-los à vitória na guerra mais sangrenta já vista em Kelanna. Um matador. Um capitão. Um comandante.

Ser um de seus candidatos havia tirado tudo de Arqueiro – seu nome, sua voz, sua memória –, deixando-o como uma casca de pessoa.

Tudo aquilo retornara em seu encontro com a Guarda. Mas Arqueiro ainda não havia contado a Sefia seu nome verdadeiro e, em momentos como esse, a jovem sentia que o conhecia ainda menos que antes.

Igual aos meus pais, ela pensou com amargura.

– Eles quase nos pegaram – disse Arqueiro, enquanto enfiava o pedaço de quartzo no bolso.

– Desculpe. Eu não sabia que estavam tão perto.

– Mas poderia saber. – O olhar dele dirigiu-se ao Livro. – Você poderia saber onde eles estão o tempo todo. Nós sempre estaríamos um passo à frente deles.

Sefia ficou tensa. Arqueiro estava certo, é claro – o Livro continha passado, presente e futuro. Todos os movimentos da Guarda estavam registrados ali em

algum lugar, enterrados fundo nas camadas da história. Com ele, Sefia e Arqueiro poderiam escapar da Guarda com facilidade. Se eles fossem inteligentes o bastante, talvez conseguissem até escapar das garras de seu inimigo para sempre. E, talvez, conseguissem ficar livres.

Só que ela estava com medo. Temia o que poderia descobrir se o abrisse. Sentia medo do que o Livro iria lhe contar sobre sua família… e as coisas horríveis que podiam ter feito.

Mas e se fosse para manter Arqueiro longe das mãos da Guarda? Arqueiro, o garoto que lutara por ela, deixara de comer e dormir por ela? Arqueiro, que desde o retorno de suas lembranças, de algum modo, parecia mais abatido que antes?

Ela o olhou nos olhos, com firmeza e solenidade.

– Está bem.

Ela encontrou uma área de luar, pôs o Livro sobre o colo e abriu seu invólucro de couro. Debruçou-se até que seus lábios quase tocaram o ⛀ na capa e murmurou:

– Mostre-me o que a Guarda está fazendo neste momento.

Sefia respirou fundo e abriu os fechos. As páginas agitaram-se sob seus dedos e pararam como duas planícies sulcadas por tinta.

Ela podia sentir Arqueiro ao seu lado, à espera.

– O quarto estava uma ruína – leu Sefia num sussurro, como se a Guarda pudesse escutá-la.

Com um tremor, a jovem examinou ao redor, mas os rastreadores haviam desaparecido muito tempo atrás. Eles estavam em segurança. Por enquanto.

Ela se voltou novamente para o Livro.

– Havia volumes abertos e maços de papel espalhados sobre a colcha, e eles derramavam-se sobre pilhas de livros e montes de pergaminho… – O olhar dela correu adiante. – Oh, não. Não.

Estava enganada.

Eles nunca ficariam em segurança e, por mais longe que fugissem, por mais que se escondessem, jamais seriam livres.

Interpretação equivocada

O quarto estava em ruínas. Havia volumes abertos e maços de papel espalhados sobre a colcha, e eles derramavam-se sobre pilhas de livros e montes de pergaminho — uma paisagem destroçada de perguntas que não levavam a lugar nenhum e respostas a charadas que ela não fizera.

A essa hora da noite, Tanin devia estar dormindo. Mas ela dormia pouco atualmente.

Havia muito a fazer.

Suas mãos magras moveram-se sobre a colcha, descartando penas de escrever e páginas sem saída.

Esse Bibliotecário escreveu que o Livro estava em todos os lugares ao mesmo tempo.

Inútil.

Este escreveu parágrafos volumosos descrevendo o paradoxo de um livro infinito.

Irrelevante.

Esse Mestre dizia que o fogo visitaria a Biblioteca três vezes.

Tanin não encontrou nada sobre o paradeiro do Livro *neste momento*.

Ela o *tivera* — couro rachado, páginas quebradiças — exatamente como previra a página queimada.

Mas ela também o perdera. Perdera tudo — sua força, sua voz, até seu título.

Com mãos trêmulas, ela abriu um novo vidro de tinta para continuar suas anotações.

Quase imediatamente, seu pulso acelerou. Ela sentiu um nó no peito. Havia algo errado. Enquanto tateava os bolsos de sua camisola, sua respiração ficou mais rápida e entrecortada.

Tanin podia ter chamado ajuda. Em sua condição enfraquecida, complicações eram comuns. Às vezes, vítimas de ataques quase fatais simplesmente não sobreviviam.

Mas isso não era nenhuma complicação.

Isso era um assassinato.

Pequenos vidros de pós e tônicos derramaram-se de seus dedos trêmulos à medida que ficava cada vez mais difícil respirar, pensar, agir. Ela pegou frasco após frasco e examinou atentamente seus rótulos enquanto as letras borravam-se, e a dor pressionava seu corpo.

Mas, desde seu encontro com Sefia, essa não era a primeira tentativa contra sua vida, e não seria a última.

Por fim, Tanin encontrou o vidro de que precisava e rompeu seu gargalo sobre o tinteiro aberto. Quando o pó negro atingiu o líquido, ele fervilhou e soltou fumaça. O leve odor de casca de laranja queimada permeou seus sentidos.

O aperto no peito de Tanin relaxou. O ritmo de seu coração desacelerou. A tinta venenosa que emitia um vapor nocivo em contato com o ar tinha se tornado inerte.

Você falhou outra vez, Stonegold.

Ela recostou-se nos travesseiros, respirou fundo, recolheu os vidros restantes e os jogou tilintantes no bolso.

Tanin tocou seu pescoço, lembrando-se da faca, do líquido quente de sua própria vida escorrendo dela. Se Rajar, seu Aprendiz Soldado, não tivesse reduzido a perda de sangue com Manipulação, ela estaria morta.

E poderia morrer em breve, se não tomasse cuidado.

Era costume que os cinco Mestres selecionassem um interino dentre suas fileiras para o caso de o Diretor ficar incapacitado. Também era costume que substitutos temporários assassinassem seus Diretores, tornando suas posições permanentes, desde que julgassem que poderiam se safar disso sem jogar o resto da Guarda no caos.

Obviamente, o interino atual, seu Mestre Político, Darion

Stonegold, rei de Everica, acreditava que se safaria disso, pelo menos se fizesse com que o fato parecesse um acidente.

Quando Edmon foi assassinado, Stonegold seria o sucessor lógico. Ele era um líder natural, e com a ajuda de sua Mestra Soldado, ele já tinha completado a Fase I da Guerra Vermelha, a unificação de Everica.

Mas Erastis apoiou Tanin, e onde o Bibliotecário ia, os outros Guardiões o seguiam. Por isso, ela, a Aprendiz Administradora, foi eleita Diretora da Guarda derrotando Stonegold e seu próprio Mestre.

O Político havia esperado décadas por uma oportunidade de matá-la, e agora a posição dela na Guarda era delicada o suficiente para que ele tentasse, embora não frágil o bastante para que ele a assassinasse abertamente. Isso significava que ela ainda tinha algum apoio entre os outros Guardiões, e que ainda podia reuni-los… se recuperasse o Livro.

Mas, com essas tentativas de assassinato, ela estava ficando sem tempo.

Tanin afastou as cobertas e sentou-se na beira da cama. A camisola balançava em torno de seus tornozelos nus. A Biblioteca ficava a uma curta caminhada pelo corredor.

Ela deu três passos antes de cair. Pilhas de livros tombaram. Um mostruário quebrou no chão ao lado dela e a cobriu de vidro. Uma única folha de papel, enrugada e amarelada com a idade, flutuou até cair no chão.

Por um momento, ela ficou ali, estudando o plano rapidamente elaborado, mais sonho que estratégia, com anotações em várias tonalidades de tinta, acrescentadas por mãos diferentes ao longo dos anos.

E, no alto, o título, em letras chamativas:

A GUERRA VERMELHA

Houve uma batida na porta.

Tanin abriu a boca para falar, mas o movimento lançou espasmos

de dor por sua garganta, como papel queimado. Em vez disso, ela piscou, invocando o Olhar, e gesticulou com a mão através das correntes de ouro. Do outro lado do quarto, a porta se abriu.

Ela pegou o velho pedaço de pergaminho e amassou o papel ressequido com os dedos. Tanin não estava impotente, de jeito nenhum. Era uma criança assustada quando foi introduzida na Guarda. Se ela havia conseguido subir daí, podia se recuperar de qualquer coisa.

Erastis entrou. Sua túnica de veludo roçava o chão quando ele andava. Ele, agora, tinha quase noventa anos, seu rosto era uma topografia de rugas, o cabelo — o que restava dele — quase completamente branco, mas, quando a viu deitada no chão em meio ao vidro quebrado, Erastis correu até ela com agilidade surpreendente.

O rosto de Tanin enrubesceu quando ele a ajudou a voltar para a cama, onde ela dispusera o plano original de Lon para a Guerra Vermelha em cima da mesa de cabeceira.

— Achei ter ouvido um barulho — disse Erastis enquanto a cobria. — Sei que você está louca para deixar o quarto, mas deveria usar esse tempo para recuperar suas forças.

Tanin procurou a bandeja de madeira a seu lado, alisou um pedaço de pergaminho e mergulhou uma pena.

O tempo é curto, escreveu ela.

Através dos óculos, Erastis apertou os olhos na direção da página.

— Outra tentativa de matá-la?

Ela apontou com a cabeça para o vidro de tinta, que ele levou ao nariz.

— Veneno? Era de se imaginar que soubesse que não se deve usar os instrumentos de uma ex-Administradora contra ela própria. Nosso Político deve estar ficando mesmo desesperado. — O Bibliotecário sentou-se em uma poltrona. — Vou descobrir quem foi que plantou o vidro e cuidarei disso. Darion deve saber que não vou tolerar

tentativas de assassinato na Sede Principal.

Tanin engoliu em seco. Antigamente, Erastis podia ter detido Stonegold completamente. Mas o Mestre Bibliotecário estava velho, e sua influência não era mais a mesma.

Além dos criados, durante a última semana ele fora a única companhia dela, trazendo-lhe manuscritos, ajudando-a na busca de sinais do Livro na vasta coleção da Biblioteca.

A falta dos outros Guardiões a preocupava. Muitos estavam em missão, mas ela esperava que, pelo menos o administrador Dotan, seu velho Mestre, tivesse vindo.

Será que ele tinha se voltado contra ela? Ou estava apenas preocupado com a Fase II da guerra? O olhar dela foi até a mesa de cabeceira.

LICCARO — Rajar (Aprendiz Soldado

✔ Rajar torna-se Serakeen.

✔ Serakeen impõe um bloqueio em torno de Liccaro e ganha poder e influência sobre o governo regente corrupto.

Serakeen usa sua influência para aumentar o poder de aliados políticos e assumir o controle do reino!

Tanin tornou a mergulhar a pena e escreveu:

Sefia?

Erastis entrelaçou as mãos.

— Nossos rastreadores são tão implacáveis quanto você. Tenha paciência. Eles logo vão encontrar as duas crianças.

Tanin riscou o nome de Sefia. Da última vez, tiveram sorte o suficiente para tropeçar nos escritos da garota. *ISTO É UM LIVRO* riscado em troncos de árvores e deixado na lama como pegadas. Eles não podiam contar que a sorte lhes ajudasse mais uma vez.

— Ela é como os pais, não é? — perguntou o Mestre Bibliotecário. — Realmente filha de Lon e Mareah.

Antigamente, Tanin fora mais próxima de Lon e Mareah do que qualquer um, com exceção de Rajar. Os quatro eram inseparáveis — Bibliotecário, Assassina, Soldado, Administradora. Anos atrás, eles conspiraram para unir todas as Cinco Ilhas sob o controle da Guarda, usando a guerra — a Guerra Vermelha — para conquistar os reinos que não conseguiam dobrar por outros meios. E, para fazer isso, precisavam do garoto das lendas.

Os impressores tinham sido até ideia de Lon.

— Nós precisamos de um garoto com uma cicatriz em volta do pescoço? — disse Lon. — Vamos encontrá-lo.

— Como? — perguntou Mareah. — Nós não temos o pessoal.

Ele debruçou-se para a frente com avidez enquanto expunha seu plano.

— Nós criamos uma organização que nos consiga os garotos com as cicatrizes que queremos. Mar, você pode ensinar a eles como identificar e treinar candidatos. Se oferecermos uma boa recompensa, sem dúvida teremos o garoto do nosso lado quando o resto do plano se encaixar em seu lugar.

Rajar foi o mais cético.

— Não pode *fazer* o destino, Lon. Você é bom, mas ninguém é tão bom.

Lon empinou o nariz, e seus olhos escuros brilharam como duas gotas de obsidiana.

— Não sozinho. Mas juntos podemos fazer qualquer coisa.

A ponta da pena de Tanin perfurou a página.

— Ainda com raiva demais — suspirou Erastis.

Você não está?

Com um dedo, ele tocou a folha de papel em sua mesa de cabeceira, traçando as fases da Guerra Vermelha, cada um dos reinos que eles planejavam conquistar por vez:

FASE I: Conquistar Everica

FASE II: Aliança com Liccaro

FASE III: Aliança com Deliene

FASE IV: Conquistar Oxscini e Roku

Eles iriam controlar as Cinco Ilhas. Iriam eliminar os foras da lei. Kelanna seria deles. Bem… não inteiramente deles. Não mais.

— Por que ter raiva dos mortos? — murmurou Erastis.

Porque eles mentiram. Disseram que me amavam. Mas se me amassem, teriam confiado em mim. Teriam acreditado em mim. E nunca teriam partido.

O Mestre Bibliotecário sacudiu a cabeça. Sua mão caiu ao lado do corpo.

A pena de Tanin tornou a correr pelo papel:

Você encontrou mais algum sinal do Livro?

Erastis inclinou-se para a frente e examinou as palavras.

— Infelizmente n…

Ela o interrompeu com um floreio da pena. Tinta respingou na colcha.

Você me contaria se tivesse?

O Mestre Bibliotecário olhou para ela com tristeza.

Ela engoliu em seco, sentindo a culpa queimar em sua garganta. Lon e Mareah podiam tê-lo roubado. Sefia podia ter lutado por ele. Mas fora Tanin quem o perdera. E todos na Guarda sabiam disso.

— Minha cara. — Erastis deu tapinhas nas costas da mão dela. — Amo você como eu os amava. Mais, porque você ficou. Não duvide dos amigos que você tem.

Amigos, pensou com desgosto. Contra Darion Stonegold, ela precisava de *aliados*.

Tanin acreditara poder contar com Erastis e seu novo Aprendiz entre eles, mas e Rajar? Dotan e seu Aprendiz Administrador? O Primeiro Assassino?

Precisava de sua lealdade e de seu apoio, não de seu amor.

Acima de tudo, precisava do Livro.

E, para isso, ela precisava encontrar Sefia.

Capítulo 2



Fugitivos

Sefia olhava fixamente para as páginas, atônita. Estava muito segura de ter matado Tanin – a expressão de surpresa, o sangue correndo –, muito segura de ter vingado sua família.

Ela estava errada. Estava errada sobre muitas coisas.

– Os impressores foram ideia do seu pai? – perguntou Arqueiro.

Seu olhar estava duro e cortante, como um caco de vidro. Distraidamente, o olhar de Sefia dirigiu-se à cicatriz no pescoço dele, os relevos e bordas franzidas.

O sequestro de Arqueiro. Sua cicatriz. Seus pesadelos.

Culpa dos pais dela.

Todas as marcas, toda a tortura, todas as lutas. Todos aqueles garotos mortos.

Seus pais. Os pais que ela amava e admirava. Como puderam ser capazes *disso*?

Por um segundo, ela desejou que Arqueiro a tomasse nos braços, a apertasse com força e não a soltasse até que o mundo tornasse a fazer sentido. Mas Sefia não podia pedir isso, não agora.

– Desculpe. Eu não sabia – ela murmurou.

Um músculo contorceu-se no queixo de Arqueiro. Os tendões em seu pescoço com cicatrizes retesaram-se.

– Você não tinha como saber – ele disse por fim.

Arqueiro não falou que estava tudo bem, ela percebeu. Talvez nada entre os dois voltasse a ficar bem outra vez.

– Eles não me disseram. Ninguém me contou.

Dobrando a ponta da página, Sefia fechou o Livro. O símbolo na capa pareceu provocá-la. Duas curvas para seus pais. Uma curva para Nin. A linha reta para si mesma. Respostas. Redenção. Vingança.

Ela tinha sido muito ingênua. Sefia queria arrancar a capa da lombada, queria rasgar algo em pedaços. Tanin, por matar Nin. Seus pais, por esconderem tanta coisa dela. A Guarda, por causar tudo isso.

Mas havia apenas uma coisa que ela podia fazer. Apenas uma coisa para a qual tinha sido treinada. Fugir. Sefia guardou o Livro em seu envólucro de couro, enfiou-o no fundo da mochila e afastou um cacho de cabelo dos olhos.

– Você ainda está comigo?

Arqueiro olhou fixamente para ela por tanto tempo que Sefia quase pôde ver sua exaustão formar hematomas sob seus olhos. Será que ele a culpava pelo que seus pais tinham feito? Será que queria deixá-la, depois de tudo pelo que tinham passado?

Não, por favor, isso não.

Por fim, ele assentiu com a cabeça, mas não a olhou mais nos olhos.

– Vamos, então.

Arqueiro tocou a têmpora e apontou na direção de Cascarra. O amanhecer estava quase sobre eles, e as ruas começavam a se agitar com vida.

– Não, não podemos mais sair de Deliene por esse caminho. Vamos ter de seguir para o norte.

Enquanto guardavam suas coisas, ela descreveu as montanhas szythianas, localizadas na costa noroeste de Deliene. Os picos aguçados eram lar de eventuais pastores com seus rebanhos no verão, mas, com a aproximação do outono, logo todos eles iriam desaparecer. Ninguém enfrentava as terras altas nos meses frios, quando comida e lenha eram escassos e as temperaturas caíam abaixo do ponto de congelamento.

– Szythia não é minha primeira opção – ela disse. – Mas que outra escolha nós temos?

Houve um silêncio desconfortável enquanto penduravam suas mochilas nos ombros. Antes que Arqueiro pudesse falar, ela passara dias em seu silêncio. Seu silêncio costumava parecer confortável, familiar. Ela costumava se envolver nele como em uma pequena capa.

Agora seu silêncio estava deturpado pela verdade sobre os pais dela, pelo passado que ele não podia compartilhar com ela, pela memória de um beijo.

Ela pensou no que Tanin dissera sobre Lon e Mareah, sentiu a mesma dor por seus segredos… e pelos de Arqueiro. *Se você me amasse, confiaria em mim.*

As mãos de Sefia fecharam-se em torno das correias da mochila.

– Vamos – ela disse.

Com movimentos rápidos, eles recolocaram a cobertura orgânica do solo onde a haviam perturbado e foram embora quando o amanhecer envolvia os picos, e a luz do dia os perseguiu através das extremidades pontudas dos pinheiros.

Para chegar às montanhas szythianas, entretanto, eles primeiro tinham de cruzar toda a extensão das Terras Centrais delieneanas – colinas ondulantes como ondas, um oceano dourado pontilhado por gado e agitado pelo vento –, abertas, expostas, perigosas.

No último cume da montanha, Arqueiro levou a mão aos olhos e espiou além da faixa de terra no centro do Reino do Norte.

– Você já viu as Terras Centrais, antes? – perguntou Sefia, enquanto tampava o cantil de água.

– Eu nunca deixei Oxscini antes.

Sefia olhou para ele e estudou o perfil torto de seu nariz. Então, ele *era* originário do Reino da Floresta, onde ela o encontrara havia mais de um mês em um caixote marcado com o ⛀. Sefia se perguntou se Arqueiro era de uma família de construtores de barcos, ou de lenhadores do interior. Talvez eles fossem membros da Marinha Real. Ele podia até mesmo ser um órfão, tendo seus pais mortos cinco anos atrás quando Everica, o Reino de Pedra, a leste, declarou guerra a Oxscini.

Isso também era parte dos planos de meu pai?

Ela engoliu em seco e tornou a prender o cantil à mochila.

– Temos de permanecer fora das estradas se quisermos chegar a Szythia sem sermos notados.

Aparentando cansaço, Arqueiro esfregou os olhos, como se estivesse se esforçando para dizer a diferença entre adormecido e acordado.

– E depois?

Ela partiu outra vez na direção norte.

– Com sorte, vamos sobreviver ao inverno.

– E depois disso? – ele indagou. – O que vamos fazer?

– Não sei. Continuar fugindo.

Mas, de algum modo, isso não parecia mais ser o suficiente.

Enquanto seguiam sinuosamente pelos morros ressequidos, eles começaram a acompanhar um conjunto de rastros de gado, longe das estradas principais e dos olhares curiosos. Porém, logo ficou claro que eles não eram os únicos que tinham esperança de não serem vistos.

Havia rastros de rodas, buracos de ferraduras e dezenas de marcas de botas em meio à terra rachada e aos pedaços de esterco seco. Sefia não queria cruzar com um grupo desse tamanho.

Ela piscou e invocou o Olhar; torrentes tremeluzentes de ouro nadaram diante dos olhos dela. Costumava ficar tonta e assombrada com a enorme quantidade de informação no mundo Iluminado. Um oceano de histórias, pronto para arrancar a consciência de seu corpo e transformá-la em uma concha vazia. Mas, como tinha começado a praticar, tudo o que precisava para focalizar o Olhar era de uma marca – um arranhão, um entalhe, uma cicatriz –, algo onde ancorar sua consciência.

Ao concentrar-se nas pegadas empoeiradas, ela viu que vinte pessoas – algumas a pé, algumas a cavalo, algumas em carroças – tinham passado por ali havia apenas poucas horas.

Sefia inspirou profundamente. Na traseira das carroças havia caixotes de madeira, cada um com a marca ⛀, o símbolo do Livro, o mesmo símbolo que ela tinha visto seis semanas antes ao resgatar Arqueiro de um caixote igual àqueles.

Ela tornou a piscar, e seu Olhar clareou.

Arqueiro tocou a testa com a ponta dos dedos, seu velho jeito de fazer uma pergunta. *O que é?*

Sefia podia ter mentido. Podia ter ocultado aquilo dele. Mas ela não deixaria que mais nada ficasse entre eles.

– Impressores – ela murmurou.

Capítulo 3



O chamado do trovão

Impressores. A palavra revirava as memórias que atormentavam Arqueiro sempre que ele fechava os olhos: Machada, Barbarruiva, Palo Kanta, as lutas, correntes e caixotes, o ferro de marcar no alto de seu braço – o fervilhar de carne e o fedor de pelos queimados –, cada queimadura um sinal de sua vitória...

De cada garoto que tinha matado.

Do animal que ele tinha sido.

A seus pés, os sulcos de rodas e marcas de botas se misturavam enquanto ele olhava fixamente para a trilha empoeirada. Ele tocou o braço, e seus dedos estenderam-se sobre as queimaduras que os impressores haviam lhe feito. Eles as chamavam de "contagem" – um registro oficial de suas mortes. Quinze lutas supervisionadas por Árbitros. Quinze mortes pelas quais Machada recebera grandes somas de dinheiro. Quinze queimaduras para levá-lo ao ringue de luta final em Jahara, onde mais uma morte iria lhe garantir uma audiência com a Guarda.

Suas unhas cravaram-se na carne. Ele tinha matado muitos além destes. E, agora, sabia disso. Na sala da Guarda, abaixo de Corabel, Rajar disparara o regresso de suas memórias, e com elas voltaram a voz, a consciência e a culpa.

Arqueiro fechou os olhos, e o sonho daquela manhã retornou rapidamente até ele, tão claro quanto se o estivesse vivendo novamente. Ele havia apagado completamente o rosto de Argo – dentes e fragmentos de osso projetando-se através de camadas de músculo e carne.

Havia um ronco em seu sangue.

– Isso mesmo, garoto! – O rosto de Machada flutuou à sua frente, pele vermelha e olhos aquosos. – Nós vamos ganhar muito dinheiro com você!

Ele saltou na garganta de Machada.

– Arqueiro!

Ele abriu os olhos. Sefia o olhava com o rosto cheio de preocupação.

Arqueiro cambaleou para trás, com medo de que, em seu delírio, a tivesse atacado.

– Eles foram para oeste? – Sua voz saiu como um rosnado, desconhecida até dele mesmo.

Ela estendeu a mão em sua direção.

– Arqueiro…

Mas ele recuou outra vez. Seus membros doíam, queriam terminar o salto, queriam agarrar, lutar e ferir. Seu corpo ansiava por isso.

– Eles foram para oeste? – repetiu.

Por um momento, Sefia o estudou, e ele viu um vislumbre de culpa em seus olhos amendoados. Os olhos do pai, ela dissera a ele uma vez.

Arqueiro sabia que não era culpa dela. Ela não era seus pais. Sefia não era nem nascida quando eles fizeram aquelas coisas. Mas como ele podia olhar para ela agora sem ver os impressores, as lutas, as mortes? Sefia nunca o olharia com a mesma compaixão se soubesse o que ele tinha feito, o que tinha sido, que tipo de violência ainda se agitava em seu interior.

Por fim, ela assentiu.

Ele segurou o cabo da espada e seguiu para o oeste, com Sefia, dessa vez, atrás dele.

A cada passo, poeira erguia-se de seus calcanhares. A cada passo, ele chegava mais perto de seu inimigo. Suas passadas transformaram-se em um cântico: *Logo. Logo. Logo*. Ele canalizou toda sua raiva para isso – a promessa de vingança. *Logo*.

O entardecer chegou e se foi. Estrelas encheram o céu. Mas Arqueiro não parou até encontrar os impressores acampados ao luar.

Seu coração repetia o refrão. *Logo. Logo. Logo*.

Arqueiro e Sefia largaram as mochilas e avançaram em silêncio, espiando através das folhas.

O acampamento estava posicionado entre um bosque de salgueiros e uma série de riachos que reluziam fracamente através dos galhos. Homens e mulheres descansavam, enquanto sentinelas patrulhavam o perímetro, guardando as carroças, os cavalos e os garotos encolhidos ao lado de uma pequena fogueira.

Ao vê-los, sua raiva explodiu dentro dele como uma tempestade sobre rochas. *Logo*. Os garotos estavam esfarrapados e sujos, com as mãos e os tornozelos acorrentados. Cada um deles tinha uma queimadura, rosa e alta, em torno do pescoço.

A mão de Arqueiro foi até seu próprio pescoço, traçando a pele franzida. Os garotos eram como ele – candidatos a levar a Guarda à vitória na Guerra Vermelha deles.

Segundo a lenda, o garoto com a cicatriz seria o maior comandante militar já visto pelo mundo. Ele conquistaria todas as Cinco Ilhas no conflito mais sangrento da história.

E morreria logo depois. Sozinho.

A voz de Rajar chegou até ele, baixa e dura: *Quem é você, garoto? É aquele por quem temos procurado?*

As folhas farfalharam quando Sefia mexeu-se ao lado dele.

– Sete garotos? – ela murmurou. – Achei que os impressores só tivessem um por vez.

Arqueiro já estava calculando os armamentos deles, estudando os padrões feitos pelas sentinelas enquanto caminhavam à margem da clareira. Dentro dele, a tempestade estava se formando – quase pronta para explodir.

– Machada tinha cinco quando eu fui sequestrado – ele disse, puxando a arma do coldre. – O último morreu semanas antes de você me encontrar.

Alguns foram mortos em treinamento, alguns no ringue. Mas, quando Arqueiro começou a ganhar, demonstrando um dom para a violência que o tornou temido mesmo entre seus captores, Machada não se importou com mais nenhum outro candidato.

Ele sabia algo que eu não sabia?, perguntou-se Arqueiro. *Será que desconfiava?*

– Eu vou afastar os impressores – disse. Ele podia sentir a luta na ponta dos dedos. *Logo*. – Você liberta os garotos?

Sefia tocou o bolso de seu colete onde ela guardava as gazuas.

– Isso é o mínimo que posso fazer – ela respondeu.

Arqueiro a observou tentar sorrir sem sucesso, a culpa tomando sua expressão. Ele estendeu a mão e alisou a pena verde que ela usava no cabelo.

O rapaz podia tê-la beijado, apesar de tudo. Queria beijá-la. Porque, se eles não conseguissem, ele queria ter feito aquilo uma última vez.

Mas ele não a merecia. Sabia disso agora. Ele era um assassino. Um animal que não podia impedir a si mesmo de matar. Mesmo se quisesse.

Antes que ela pudesse falar, ele lançou-se através dos galhos e deu dois disparos rápidos sem que os impressores conseguissem sequer gritar.

Dois homens caíram mortos.

E, como uma chuva rápida que lavasse a poeira de si, a luta caiu sobre ele – brilhante, purificadora, clara. Arqueiro podia ver cada movimento, cada ataque e contra-ataque, cada esquiva, defesa e estocada com precisão de detalhes. Como mágica. Como a leitura descrita por Sefia.

Aterrorizante… e lindo.

Gritos irromperam ao redor da clareira enquanto os impressores pegavam suas pistolas e espadas, mas eles eram muito lentos. Lentos demais.

Ele atravessou o homem mais próximo com a espada, sentindo o aço tremer ao arranhar o osso.

Seus nervos cantaram com a sensação.

Pelo canto do olho, ele viu Sefia correr na direção do grupo de garotos acorrentados. Quando passou por um impressor, ela lançou uma de suas facas, que penetrou o ombro do homem.

Com um rosnado, ele sacou o revólver.

O primeiro instinto de Arqueiro foi defendê-la. Protegê-la. Mas ele estava longe demais.

– Sefia! – O nome dela saiu rasgando de sua garganta.

O revólver disparou. Houve uma explosão de pólvora e chama.

Sefia aprumou-se toda, com os olhos ardendo, o cabelo caindo em torno dos ombros como água negra.

Ela ergueu os dedos e, com pouco mais que um movimento do pulso, mandou a bala zunindo para a terra.

O queixo do impressor caiu. Sefia deu um risinho malicioso. Ela passou a mão pelo ar e o jogou contra uma árvore. Galhos se quebraram. Ele aterrissou na base do tronco, com um braço torcido por baixo.

Sefia não precisava de proteção.

Sorrindo, Arqueiro voltou-se novamente para a luta. Ele cortou uma mulher na barriga, abaixou-se e a puxou para a sua frente quando os outros os encheram de balas. O corpo dela sacudiu-se a cada impacto e depois ficou imóvel. Sangue quente corria pelo braço dele, grudento e satisfatório.

Jogou o cadáver em cima do impressor mais próximo e correu para o meio deles, estocando, batendo, cortando, como se a luta fosse uma dança, e ele conhecesse todos os passos.

Mas, mesmo para ele, era demais. Balas demais das quais desviar. Golpes demais para evitar. Um tiro o acertou de raspão, depois outro. Alguém o cortou na coxa – um clarão de luz.

Do outro lado da clareira, Sefia soltou um dos garotos. E mais um.

Uma mulher atacou o flanco exposto de Arqueiro. Ele sabia que a espada estava chegando, viu o arco de aço. Não seria rápido o suficiente para evitá-lo.

Arqueiro sentiu o gume atingi-lo. Esse golpe iria cortar fundo. Ele cerrou os dentes, antecipando a dor. Mas, antes que a impressora pudesse terminar o golpe, outro garoto com cicatrizes aproximou-se e cortou a cabeça dela fora do corpo com uma espada curva e pesada.

Por um momento, eles olharam-se nos olhos. O garoto tinha cabelos negros e olhos verdes e, por baixo da camada de poeira, seu rosto possuía o ar bronzeado e curtido de alguém que vivia perto do gelo – verões curtos, invernos calcinantemente frios. Gormani, talvez, da província mais ao norte de Deliene. Uma cicatriz profunda atravessava seu rosto como uma trilha de água.

Enquanto ele e Arqueiro se olhavam, o menino abriu um grande sorriso.

Em seguida, começaram a lutar lado a lado, afastando impressores, lutando e matando, suas espadas reluzindo sangue e a luz das chamas. Juntos, eles eram mortais, aterrorizantes, exultantes. Em meio à peleja, Arqueiro conseguia ouvir os risos do menino, sua alegria irrestrita e contagiosa enquanto defendiam um ao outro, bloqueando, estocando, como raio e trovão, duas partes de um todo.

Eles lutaram juntos até que os impressores fugiram ou baixaram as armas em

rendição. Enquanto a emoção da batalha se esvaía dele, Arqueiro os observou sangrar, impotentes, no cascalho. Podia tê-los matado. Ele *queria* matá-los.

Arqueiro ouviu vagamente a voz molhada e vacilante de Argo: *Por favor. Não. Por favor, eu imploro. Por favor…*

E lembrou-se de matá-lo mesmo assim. Do momento em que a pedra o atingiu. Do momento em que as palavras se transformaram em gemidos distorcidos… e caíram no silêncio.

O Olhar de Arqueiro girou. Seus ferimentos latejavam. Suas armas estavam tão pesadas que tremiam em suas mãos.

Ele não era mais o animal.

Mas, bem no fundo, pensou ouvir o ronco do trovão.

Do lado oposto da clareira, o outro garoto estava olhando fixamente para ele de novo, seus olhos verdes brilhando com tamanha alegria contida que Arqueiro, para sua surpresa, viu-se sorrindo em resposta, como se eles fossem dois menininhos compartilhando algum segredo delicioso.

Quando Sefia libertou o último garoto das correntes, voltou-se para Arqueiro com o rosto corado de excitação e, antes que ele percebesse, os dois estavam juntos; ele com os braços em torno dela como se ele fosse um navio perdido e ela fosse seu ancoradouro.

Ele deslizou uma mecha solta de cabelo para trás de sua orelha, e as pontas de seus dedos queimaram quando tocaram sua testa, sua têmpora, seu pescoço. Sefia estava completamente imóvel em seus braços, como se ela tivesse medo até mesmo de respirar.

Beije-a. O pensamento o tomou. *Antes que você se lembre de sua raiva, de sua culpa, de sua violência. Antes…*

Mas um grito repentino vindo do centro do acampamento os afastou bruscamente.

As mãos deles caíram ao lado do corpo, frias, doloridas, vazias.

Os garotos haviam cercado os prisioneiros e zombavam, provocavam e espetavam-nos com as pontas de suas armas recolhidas. Houve uma pancada de carne contra carne, e alguém deu uma risada.

– Está bem, chupa-ossos, quem quer ir primeiro?

Capítulo 4



Garotos com cicatrizes

Quando Arqueiro e Sefia foram na direção do grupo, os outros abriram caminho para eles, revelando quatro prisioneiros de joelhos e cabeça baixa.

– *Quer escolher bem suas donze-las? Veja a cor de seus ca-belos* – começou um dos garotos numa voz monótona, espetando cada um dos impressores com a ponta de uma adaga. – *Louro doura-do, ainda não*. *Castanho e seco, sem comparação.*

Era uma canção infantil, para brincadeiras de criança.

Mas eles não eram crianças, e aquilo não era nenhuma brincadeira.

– *Minha mãe mandou eu escolher esse daqui, mas como sou teimoso escolhi esse…*

– O que vocês estão fazendo? – interrompeu Sefia.

Os cantos dos lábios de Arqueiro curvaram-se para cima com uma espécie de humor negro. Ele sabia. E não sabia se desejava que eles parassem.

O garoto com a adaga deteve-se. Ele era alto e moreno, com uma expressão feroz acentuada por manchas brancas nos cantos da boca e das sobrancelhas. Era como se sua tez tivesse descascado em alguns lugares, revelando por trás pele branca como nuvem.

– *Aqui* – ele terminou, apontando a lâmina para o impressor mais próximo.

Na beirada do círculo, o garoto de olhos verdes ergueu sua espada curva.

– Desculpe, feiticeira – disse, dando de ombros. – Eu vou primeiro.

Antes que Sefia pudesse pará-lo, ele caminhou à frente.

Por um segundo, Arqueiro quis vibrar com os outros. Ele queria ver a cabeça

do prisioneiro separada do corpo, queria ouvi-la atingir o chão, queria vê-la *rolar*.

Mas não queria ser o garoto que desejava essas coisas.

Ele queria ser o garoto que merecia estar junto da garota ao seu lado.

Quando a lâmina reluzente desceu, Arqueiro sacou a própria espada e desviou a arma do outro garoto para o cascalho. Pedrinhas voaram no ar e caíram ruidosamente como chuva.

O garoto olhou para ele através de uma franja de cachos escuros. Era mais baixo que Arqueiro, mas não menos perigoso – desconfiado e enfurecido como um animal encurralado.

Esse não era seu parceiro da batalha. Era uma criatura feroz privada de suas necessidades básicas. Uma criatura que Arqueiro reconhecia com demasiada facilidade em si mesmo.

As palmas de suas mãos formigaram. Ele conseguiu visualizar seus próximos movimentos – defender, estocar, cortar, tirar sangue. Seria uma luta brutal. Satisfatória.

Ao pensar nisso, baixou o braço.

O outro garoto aprumou-se.

– Nós somos gratos a vocês, amigo, mas se soubesse o que eles fizeram conosco, você não os estaria protegendo.

Arqueiro segurou uma resposta. Ele tinha sido xingado e repreendido, aguilhoado e espancado. Tinha sido levado a pensar que não havia outra escolha além de matar ou morrer. Transformado em assassino. Em animal. Com a mão livre, ele puxou sua gola para baixo e mostrou aos outros a cicatriz empelotada na garganta.

Os olhos do garoto arregalaram-se.

– Ou talvez você saiba. – Ele olhou para Sefia, como se procurasse nela a mesma cicatriz, antes de voltar-se outra vez para Arqueiro. – Qual é o seu nome, amigo? De onde você veio?

– Arqueiro. De Oxscini.

– Eu sou Kaito. Kemura. Do norte. – O garoto levou a mão ao braço de Arqueiro e quase tocou as duas marcas visíveis por baixo das dobras de sua manga. – Quantos você…

As mortes de Arqueiro voltaram à sua mente – espancados, desfigurados, empalados, todos eles surpresos.

– Muitos – ele murmurou.

O pensamento passou por sua cabeça antes que ele conseguisse detê-lo: *Mas não o bastante.*

– Que tal mais um? – Kaito gesticulou para ele na direção dos impressores. Como se tivessem recebido uma ordem, os outros garotos se afastaram. – Você merece.

Os dedos de Arqueiro apertaram-se em sua espada. Merecia muitas coisas pelo que tinha feito. Será que merecia isso, pelo que tinha sido feito a ele?

O impressor mais próximo piscou para ele através de cílios encrostados de sangue.

Olhos aquosos, como os de Machada.

Seria fácil. Seria *certo*.

– Arqueiro – sussurrou Sefia.

O nome o trouxe de volta. Seu nome, não garoto nem lambe-botas. Ele não estava mais naquele lugar. Ele não precisava matar, não precisava ser aquilo que tinham feito dele.

Ele sacudiu a cabeça.

– Como quiser – disse Kaito antes de tornar a atacar.

E, mais uma vez, Arqueiro desviou o golpe.

Os outros garotos gritaram em protesto.

Kaito escarneceu.

– Gosto de você, Arqueiro, mas faça isso outra vez e você não vai gostar de *mim*.

Arqueiro embainhou a espada. Lutara contra garotos demais, matara demais, nos últimos dois anos. Ele nunca faria isso outra vez.

– Isso não vai mudar o que eles fizeram com vocês – disse.

– Mas vai ser divertido.

Arqueiro pensou na forma como fora tomado pela violência como uma tempestade repentina, barulhenta, inevitável, antes que ela recuasse outra vez e o deixasse seco com sede demais.

– Vai ser temporário – ele disse.

– A diversão é sempre temporária.

– E quando acabar?

– Acabar? – Os olhos de Kaito brilharam, verdes como vidro. – Isso nunca vai acabar.

– Não quero acreditar nisso – disse Arqueiro com delicadeza. – Para você nem para mim.

Por um momento, pareceu que Kaito iria lutar com ele. Iria lutar contra qualquer um ou qualquer coisa só porque precisava lutar. Mas então recuou, passando a língua nos lábios.

– Você nos salvou, amigo, então nós lhe devemos esse favor – ele murmurou. – Você quer ter a responsabilidade por esses chupa-ossos? É sua. Mas, por favor, não faça com que eu me arrependa de tê-la dado a você.

– Você não vai – disse Sefia.

Ele esfregou a cicatriz no rosto.

– Tudo bem.

Kaito acenou para os outros, e eles ergueram os impressores e os puseram em marcha, não sem um pouco de violência, na direção dos caixotes.

Quando Kaito virou-se para se juntar aos demais, Arqueiro o segurou pelo cotovelo.

– Obrigado – ele disse.

– Não quero seu agradecimento. – O garoto tirou os cachos escuros dos olhos. – Quero sua palavra de que o que quer que você faça com os impressores, vai ser o mesmo que se eles estivessem mortos.

Com um olhar para Sefia, Arqueiro assentiu.

– Bom. – Em uma repentina mudança de humor, Kaito deu um tapa em seu ombro. – Venha, deixe que eu o apresento aos outros.

Por insistência de Sefia, Arqueiro e os outros apagaram as fogueiras, carregaram as carroças com os prisioneiros e os suprimentos e abandonaram os mortos. Com alguns impressores ainda lá fora, eles não podiam correr o risco de ficar.

Montados em seus cavalos roubados, saíram em silêncio pela noite.

Agora que não tinha mais nenhuma luta pela qual esperar, a exaustão de

Arqueiro voltou. Seus membros estavam pesados. Seus olhos não se cansavam de fechar. E, embora não montasse um cavalo há mais de dois anos, ele não parava de balançar a cabeça na sela, só para acordar de repente, longe de seus sonhos.

Ele tentou escutar sons de perseguição, mas havia apenas o ruído reconfortante dos cascos, da água e do sussurro dos garotos. Eles estavam curiosos em relação a Sefia – sobre quem era, onde tinha obtido seus poderes.

Sefia contou pouco a eles: ela e Arqueiro estavam sendo caçados pelos rastreadores de Serakeen; ela herdara os poderes dos pais. Meias-verdades, com a intenção de protegê-los.

Nem ela nem Arqueiro mencionaram o Livro, a Guarda, nem o envolvimento dos pais dela com os impressores.

Arqueiro a observava cavalgar à frente, conduzindo os outros pela água. Sefia os teria ajudado mesmo que não se sentisse culpada por Lon e Mareah. Essa era ela.

Quando ela o encontrou, ele não era *nada* – não era uma pessoa, mal era um animal. Ele teve de se reconstruir para se tornar Arqueiro: o garoto sem passado e com um futuro brilhante junto da garota que o havia salvado.

Mas agora que havia se lembrado do que tinha feito, de todas as maneiras com que tinha feito aquilo, ele não podia simplesmente ser Arqueiro. Nem o animal sem nome de suas memórias. Nem o garoto que tinha sido antes disso – o guardião do farol que nunca havia entrado em uma luta na vida.

Tudo o que sabia era que, quem quer que ele fosse agora, não a merecia.

Eles não pararam até estarem a quilômetros do acampamento dos impressores, onde cuidaram dos cavalos e os prepararam para a noite. Arqueiro postou sentinelas. Eles abriram seus sacos de dormir e cobertores. Mas ninguém parecia querer dormir.

Em vez disso, ficaram sentados sob as estrelas e conversaram. Eles falaram por horas, compartilharam histórias de suas mortes, mutilações e capturas, os nomes de suas cidades natais e das famílias que achavam que eles estavam mortos – e sempre que começavam a cansar, eles sacudiam-se para acordar outra vez e começavam outra narrativa.

Era como se precisassem mais de histórias do que precisavam de sono ou de

ar. Como se elas fossem trazê-los de volta de onde quer que eles tivessem ido naqueles últimos meses – naqueles anos – para sobreviver.

No início, Arqueiro maravilhou-se com o quanto eles se lembravam. Mas, quanto mais escutava, mais ele entendia: era por causa de Kaito. O garoto era o líder deles, quem os mantivera sussurrando uns com os outros quando estavam acorrentados, à noite, quem os fizera repetir seus nomes para que não esquecessem. Ele os mantivera juntos mesmo quando eram forçados a machucar uns aos outros nos treinamentos.

Ele era um líder nato, o melhor irmão de armas que qualquer um poderia pedir. Se Arqueiro tivesse um amigo como Kaito, poderia ter saído de seu cativeiro menos abalado. Se ele tivesse um amigo como Kaito, talvez não precisasse ainda ter um caminho tão longo para percorrer.

Na vez seguinte em que a conversa acalmou, Arqueiro limpou a garganta e inclinou-se para a frente. Ao lado dele, Sefia sentou-se um pouco mais ereta. Ele podia sentir o braço dela apertando-se contra o seu, como um lembrete: Eu estou com você.

– Eu… – começou Arqueiro. – O primeiro garoto que eu…

Mas ele não parava de ouvir a voz de Machada e o estrondo da bala, não parava de visualizar o borrifo de sangue e massa encefálica, não parava de sentir aquilo atingir seu rosto, quente e molhado.

Pânico correu por suas veias. Seu pulso se acelerou. Ele não conseguia respirar. Mal conseguia enxergar.

Ele levou a mão ao bolso atrás de sua pedra da preocupação e a apertou com tanta força que suas facetas afundaram em sua pele. *Eu não estou lá*, ele disse a si mesmo. *Eu estou em segurança*.

Devagar, o refrão o trouxe de volta. Seu corpo ecoou. Seu fluxo sanguíneo diminuiu. *Eu estou em segurança. Estou em segurança*.

Mas ele não podia contar aos garotos o que tinha feito. Se agisse assim, se trouxesse à luz todas as coisas que fazia em seus pesadelos, onde não podia afastar os olhos, elas se tornariam reais. Faria com que ele fosse o monstro que temia ser.

Sefia encostou-se outra vez. Arqueiro odiava a decepção marcada em seus traços, odiou a si mesmo por decepcioná-la. Ele, contudo, não merecia nada

além de sua decepção, seu julgamento, sua repulsa. O rapaz tentou captar seu olhar, dizer a ela que se arrependia, mas Sefia evitou seus olhos.

No silêncio, Kaito ficou de pé.

– Venha – ele disse, chamando Arqueiro. – Aposto que as sentinelas estão precisando de uma folga.

As sentinelas tinham sido trocadas menos de uma hora antes. Mas, agora, sentindo o desconforto de Arqueiro, Kaito estava preocupado com ele como com qualquer um dos outros.

Quando Arqueiro se levantou, Sefia ficou absorta com o próprio cabelo, separando as extremidades de cada fio, um a um, como se não houvesse nada mais importante a fazer naquele momento.

– Não faça isso! – Frey, ao lado dela, sacou um canivete de mola e o estendeu com o cabo para frente. – Você precisa cortá-lo, ou só vai ficar pior. Antes de minha mãe morrer, ela costumava me repreender por estragar meu cabelo. O bom é que me ensinou como lidar com ele antes que ela e meu pai morressem, porque meus irmãos não podiam se importar menos…

A voz de Frey calou-se quando Arqueiro e Kaito entraram na escuridão, onde mandaram Versil, o garoto com a adaga de mais cedo, e seu gêmeo, Aljan, de volta ao grupo.

Quando começaram a patrulhar a clareira com suas pedras e salgueiros, muito semelhante com a outra que eles tinham acabado de deixar, Kaito passou a mão para cima e para baixo em sua cicatriz no rosto.

– Sabe, eles costumavam nos dizer que quinze era um número mágico. Quinze, e iríamos para a Jaula. Vença lá, e está acabado. Se ganhássemos lá, estaríamos livres.

– Os vencedores são mandados para um lugar que é conhecido como Academia.

– Uma escola?

Arqueiro deu de ombros.

– Eu, na verdade, não acreditava neles. – Kaito remexeu em sua espada, sacou-a parcialmente da bainha e deixou que deslizasse novamente para o lugar com um *click* alto. – Mas eu lutei com mais força. Matei todo mundo que enfrentei. Porque não se tratava de liberdade, não é verdade? Tratava-se de lutar.

E, agora, eu estou livre… Só que, quando penso naqueles chupa-ossos que ainda estão lá fora, tudo o que quero é continuar lutando.

– Você quer dizer aqueles que botamos para correr esta noite?

Click, click.

– E o resto. As outras equipes em Deliene. As de Liccaro, Everica e Oxscini… Até Roku, provavelmente.

Arqueiro ergueu o rosto de repente.

– Quantas equipes delieneanas existem? – perguntou.

– Quatro, incluindo a nossa, a que desbaratamos esta noite.

Três equipes de impressores ainda em Deliene. Três equipes de impressores ainda raptando meninos e os transformando em assassinos. Três chances para lutar, para atacar a Guarda. E provar que ele não era um monstro. Era outra pessoa. Alguém novo. E se ele fizesse isso, talvez descobrisse quem era essa pessoa.

Mais tarde, quando Arqueiro retornou ao grupo, ele não conseguia parar de pensar nisso. *Restam tr*ês equipes em Deliene.

E nas palavras de Kaito: *Tudo o que quero é continuar lutando.*

Ao se aproximar, ouviu Frey falando outra vez:

– Todos esses meses, eles me fizeram… Não acreditaram em mim quando eu…

Frey, Arqueiro descobrira, era uma garota. Por isso Kaito achou que Sefia também pudesse ser uma candidata. À primeira vista, Frey tinha os mesmos quadris retos e pelos ralos no queixo que os outros, mas, depois que ela vestiu uma blusa e uma saia de montaria encontradas entre as coisas dos impressores, começou a se comportar de um jeito que tornou impossível vê-la como qualquer outra coisa além da garota que era. Na verdade, sentada ao lado de Sefia, com seus cabelos negros e maçãs do rosto salientes, elas incrivelmente pareciam irmãs.

Sefia afastou-se para o lado quando Arqueiro tornou a se sentar, mas ainda assim ela não olhou para ele.

– Foi no verão passado – continuou Frey. – Meus amigos e eu estávamos indo nadar. Mas os impressores nos pegaram antes mesmo que chegássemos ao rio.

Nós ficamos com muito medo. Eles separaram as garotas dos garotos… Não sei o que meu amigo Render achou que ia acontecer, porém, quando os impressores me botaram com as outras garotas e começaram a nos executar, ele saltou à frente. “Ele não é uma garota!”, gritou. No início, riram dele, mas ele não parava de repetir: “Ele não é uma garota! Ele não é uma garota!”.

Frey cerrou os punhos.

– Seu amigo a traiu? – perguntou Sefia.

– Ele me *matou*. De um jeito diferente. De uma maneira que doeu mais do que uma de suas balas. Eu o conhecia de toda a minha vida. Confiava nele. Achei que… Talvez quisesse me proteger, mas ele devia saber… – O olhar de Frey ficou duro como pedra. – Depois de uma semana, ele implorou que eu o matasse. E na vez seguinte que treinamos, eu fiz isso.

Mais uma vez, Arqueiro ouviu a ordem de Machada: *Lute, ou ele morre*. Mais uma vez, sentiu os lábios úmidos de sangue. No bolso, apertou a pedra da preocupação para conter o pânico. Mas, dessa vez, o refrão era diferente, e o acalmou imediatamente.

Três equipes.

Continuar lutando.

Sefia engoliu em seco e abraçou os joelhos. A culpa permeava seus traços, e Arqueiro soube que ela estava pensando nos pais.

– Sinto muito – ela disse. – Lamento que tenham levado você.

Frey tocou o pescoço queimado. Seus olhos estreitaram-se.

– Não era por mim eles procuravam. Não era nenhum de nós.

Capítulo 5



Os caçadores e a caça

Quando Frey e os garotos finalmente se retiraram, Arqueiro e Sefia assumiram a vigília. Eles subiram nas rochas de onde se via o riacho, posicionaram-se sobre as pedras frias e examinaram a área ao redor à procura de sinais de seus inimigos.

Com todos os anos de prática, Sefia misturava-se tão perfeitamente com as sombras que era como se ela tivesse se tornado parte das rochas e da natureza. Enquanto a observava, Arqueiro pensou em tudo o que eles tinham feito – os dias na floresta, as noites no *Corrente da Fé*, a Jaula, a sala da Guarda, a fuga, o beijo –, em toda a distância que tinham viajado juntos.

Será que Sefia ainda estaria com ele naquilo?

A jovem o pegou olhando para ela.

– Foi por isso que você passou? – ela perguntou. – As coisas que os outros disseram?

Arqueiro assentiu com a cabeça.

Uma expressão de dor passou por seu rosto, e ela virou-se.

Ele queria pedir desculpas. Queria explicar. Mas não fez isso.

– Sobre os prisioneiros… – ele começou.

– Não podemos soltá-los. Eles não podem simplesmente *sair limpos* dessa.

– Eles não vão. – Arqueiro olhou para o horizonte, para as silhuetas negras das montanhas contra as estrelas. – Não se nós os entregarmos à lei.

O olhar de Sefia era penetrante mesmo no escuro.

– É. Eu gosto disso. Vai ser uma boa mudança antes de fugirmos outra vez.

Arqueiro passou um dedo pela borda de sua cicatriz. *Restam três equipes em Deliene*.

– E se nós não fugíssemos? – indagou. – E se nós *lutássemos*?

– Com a Guarda? – Sefia pareceu cética. – Tanin vem atrás de nós com tudo o que ela tem. Nós não podemos…

– Com os impressores. Com as pessoas que fizeram isso conosco. – Ele apontou com a cabeça na direção do acampamento, onde os outros estavam deitados embaixo de seus cobertores: Mako, o mais novo, esparramado no chão como se não pudesse ocupar espaço suficiente; alguns, como Kaito, encolhiam-se apertados em posição fetal. – Podemos lutar contra os impressores e atacar a Guarda. Nós podemos detê-los. Já fizemos isso, você e eu.

– Deve haver centenas de impressores em Kelanna…

– Eu sei. Pode ser impossível. – Seu olhar percorreu os salgueiros, os bolsões de sombra nas rochas, os brilhos na água, antes de finalmente se encontrar com o dela. – Mas podemos começar por Deliene. Kaito disse que ainda há três equipes aqui.

– Livrar Deliene dos impressores – murmurou Sefia, como se falasse consigo mesma.

– Você poderia usar o Livro para encontrá-los.

– Rá. – Ela deu uma risada forçada. – Isso não seria apropriado? Usar a maior arma da Guarda contra eles?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Alguém deve ser responsável por detê-los.

E quem melhor do que uma de suas próprias criações?, ele pensou. Para compensar pelos garotos que ele tinha matado? Para salvar aqueles que ainda tinham uma chance?

– É – murmurou Sefia com amargura. E ele soube que ela não estava falando dele quando acrescentou: – *Alguém*.

À luz das estrelas, Sefia ergueu o indicador e o anular e cruzou um sobre o outro.

O sinal deles. De que estavam juntos.

– Minha família começou tudo isso – ela disse. – Vou ajudá-lo a acabar com isso.

Ele esfregou a cicatriz. Através das pontas dos dedos, pôde sentir o próprio sangue pulsando com a promessa de lutas vindouras.

– Mas, se começarmos a pegar impressores – ela alertou –, Tanin vai perceber. E aí vai saber como nos caçar.

Arqueiro fez que sim, e os cantos de seus lábios ergueram-se em antecipação.

– Deixe que ela cace. Nós também temos uma caçada a fazer.

Pela primeira vez em semanas, ele não sonhou. Mesmo quando Mako acordou gritando, e os outros tiveram de acalmá-lo, nenhum dos flashbacks de Arqueiro veio tomá-lo na escuridão. Nenhuma lembrança perturbou seu descanso.

Enquanto voltava à consciência, Arqueiro pôde sentir todos os seus cortes e hematomas, as pedrinhas embaixo de seu cobertor e a brisa matinal com o tipo de claridade que ele não experimentava desde quando estava no *Corrente da Fé*.

Era como se a violência da noite anterior o tivesse lavado e purificado.

Ele abriu os olhos.

A maioria dos outros já estava de pé – caminhando pelo perímetro, classificando suprimentos, lavando-se no riacho.

Sefia estava ali, parada, com água na altura das canelas, com a calça enrolada até os joelhos. Quando mergulhou os dedos e os passou pelo cabelo, gotas escorreram por seus ombros até as costas de suas mãos, e caíram na água como contas de luz.

Ele teria dado qualquer coisa para traçar aqueles rios ao longo da extensão de seus braços, para seu toque permanecer na curva de seus cotovelos, nos nós de seus dedos, na linha de suas unhas. Ou para ajoelhar-se à frente dela no riacho frio e jogar água em suas panturrilhas com as mãos em concha.

Talvez um dia, quando tivesse detido impressores o suficiente, quando tivesse salvado garotos o suficiente, quando finalmente fosse bom o bastante para ela, ele fizesse isso.

Ela ergueu os olhos. Ele conhecia aquela expressão – focada, determinada, ousada. Arqueiro a tinha visto diversas vezes enquanto seguiam Machada e seus impressores por Oxscini. Como iriam fazer outra vez, em Deliene, com Frey e os garotos, se conseguisse convencê-los a ajudá-los.

Ele guardou o cobertor e foi até a cozinha improvisada onde dois dos garotos estavam sentados. Um deles – Griegi, de cabelos cacheados e sardas que pareciam canela – ergueu os olhos e sorriu, deixando suas bochechas redondas ainda mais redondas.

– Comecei a preparar café ontem à noite – ele disse, passando muita geleia em pães. – Embora eu pudesse ter feito melhor se tivéssemos fogo.

Scarza, o outro garoto, pôs de lado uma peça do rifle que estava desmontando.

– Mal posso esperar para que você realmente cozinhe alguma coisa para nós – ele disse. – Para ver se corresponde a tudo o que você diz.

Griegi sorriu.

– Vai corresponder.

Com um riso delicado, Scarza começou a desmantelar a arma outra vez. Como não tinha a mão esquerda e a parte inferior do braço esquerdo, ele apoiava a arma contra o cotovelo ou a pendurava no ombro para desmontá-la, enquanto a mão direita movia-se com tanta rapidez ao longo da coronha que era como se as peças saíssem voando sozinhas.

– Você é bom – disse Arqueiro, enchendo duas xícaras de café frio.

– Em desmontar um rifle, ou por fazer isso com uma mão só?

– Os dois.

Scarza ergueu os olhos brevemente. Forte e de pele escura, talvez tivesse seus vinte anos, o mais velho de todos eles, embora não velho o suficiente para seu cabelo grisalho cortado rente.

– Eu lido com armas desde que aprendi a falar. E nasci só com uma mão.

– Acho que isso significa que você pode atirar também.

Scarza não se gabou, como outra pessoa poderia ter feito. Apenas assentiu e continuou a desmontar o rifle, com *clicks* pronunciados de metal chacoalhando em torno deles.

Arqueiro bebeu o café. Griegi acrescentara ingredientes extras a ele – especiarias, talvez noz-moscada. Algo profundo e saboroso.

– Você fez isso a frio? – ele perguntou.

Cantarolando satisfeito, Griegi respingou um brilho de aroma adocicado sobre os pães.

– Fiz. É uma receita antiga do meu avô. Não tinha metade dos ingredientes, mas fiz o que pude.

– Às vezes, Griegi nos mantinha alimentados só com descrições da comida de seu avô – disse Scarza, com seu cabelo brilhando quase branco ao sol da manhã.

Griegi corou com o elogio e ficou quase tão vermelho quanto seus cachos.

No silêncio que se seguiu, Versil, o garoto com a adaga, aproximou-se animadamente de Arqueiro e o aliviou da segunda caneca.

– Isso é para mim? – ele perguntou, rindo.

– Devia ser para Kaito.

– Oops. – O garoto torceu o nariz, e as manchas brancas em sua pele franziram.

– Ah, diga a ele que Aljan pegou.

– Achei que você fosse Versil.

O garoto magro riu.

– Eu sou. Aljan está ali.

Ele apontou para o riacho, onde outro garoto magro como um cabo de vassoura estava sentado na areia, olhando distraidamente para o nada. Tirando as manchas brancas no rosto e nas palmas das mãos de Versil, os irmãos podiam ser imagens espelhadas um do outro.

– Sei que é difícil nos diferenciar – disse Versil animado. – Lembre-se apenas de que eu sou o mais bonito. Também sou mais alto, mais inteligente, mais engraçado…

– E tem uma boca maior – acrescentou Scarza ironicamente.

Sorrindo, Versil serviu outro café e o entregou a Arqueiro com um floreio.

– Para Kaito.

Arqueiro gesticulou com a caneca na direção dele, em seguida os deixou e se dirigiu à beirada da clareira, onde Kaito estava fazendo a ronda.

Entretanto, ao contrário dos outros, ele não parecia melhor depois de uma noite de liberdade. A pele sob seus olhos estava inchada devido à falta de sono, e um hematoma roxo tomava uma de suas bochechas.

– Você parece arrasado – disse Arqueiro ao juntar-se a ele.

– É. E ainda sou mais bonito que você.

Com um sorriso, ele entregou a Kaito a segunda caneca e passou a caminhar a

seu lado. A atenção de Kaito estava por toda parte, indo dos salgueiros para o céu, para as grandes libélulas azuis que passavam voando com asas translúcidas. O resto dele estava sempre em movimento também: arrancava folhas dos arbustos, pegava punhados de pedras e jogava uma por uma sobre a água, tamborilava ritmos frenéticos no pomo de sua espada. Ele até bebeu rápido, tomando a maior parte do café de Griegi em goles apressados. Por alguns minutos, era como se eles fossem outros garotos quaisquer, caminhando ao longo de um riacho à procura de peixes, raízes de água doce ou travessuras.

– Então – ele disse, esfregando a boca na manga – você conseguiu chegar até a Jaula.

E, simples assim, Arqueiro foi trazido de volta à realidade. Eles não eram como outros garotos. Eram uma raça à parte, unidos pelo que tinham precisado fazer para sobreviver. Ele assentiu e virou a caneca em suas mãos.

– Com quem você lutou?

– Um garoto chamado Haku e outro chamado Gregor.

Os dois estavam feridos, mas vivos, na última vez que Arqueiro os vira, sangrando na serragem.

Kaito praguejou e passou os dedos pelos cachos algumas vezes.

– Eu conheci Gregor – ele comentou. – Ele matou um dos nossos.

– Mas eu não o matei.

– Aham. Aí você conheceu Serakeen?

Arqueiro tornou a assentir.

– Você tem muita sorte! – O garoto saltou sobre ele e começou a abraçá-lo. Café respingou na ponta das botas de Arqueiro. – O que eu não daria para ser você!

– Eu também não *o* matei.

Arqueiro empurrou Kaito, mas não conseguiu deixar de rir de sua exuberância. Ele não entendia como o garoto conseguia mudar tão facilmente de um estado de ânimo para outro, pensativo, alegre, furioso.

Mas ele gostava disso.

– Eu não esperaria outra coisa de um lenhador – disse Kaito. – A única coisa em que os oxscinianos são bons é em matar árvores.

Embora não fosse mais seu lar, Arqueiro sentiu uma pontada de orgulho pelo

Reino da Floresta. Ele despenteou o cabelo de Kaito, e eles brigaram divertidamente por alguns segundos, levantando cascalho.

– Diga isso para todos os que conquistamos na Expansão – disse Arqueiro, prendendo o garoto numa imobilização de cabeça.

– Nunca conheci nenhum! – declarou Kaito, enquanto se esquivava de outra chave. – Você nunca nem chegou perto de Gorman.

Arqueiro permitiu-se sorrir enquanto eles continuavam a percorrer o circuito do perímetro. Antes, ele tinha amigos como esse, amigos a quem provocar, com quem lutar e de quem zombar. Amigos que o entendiam além das palavras. Ele devia conhecer Kaito havia menos de um dia, mas era como se fossem amigos de toda a vida.

Arqueiro esperava que o garoto fosse com eles.

Na verdade, não conseguia imaginar caçar os impressores sem ele.

No centro da clareira, a maioria dos outros tinha se reunido em torno do fogo e mergulhava no café da manhã que Griegi havia preparado. Versil roubou um pão do prato do irmão, mas logo ficou tão distraído com a história que estava contando que parou completamente de comer.

– Como eles esquecem rápido – disse Kaito.

Antes que Arqueiro pudesse responder, ouviu-se uma voz acima deles, nos salgueiros.

– Nem todos.

Ele ergueu os olhos e encontrou Frey descansando nos galhos com as pernas penduradas acima das cabeças deles.

– Há quanto tempo você está aí em cima? – perguntou Kaito.

– Tempo suficiente para ouvi-lo insultar a mim e a toda a minha família – disse, balançando-se e descendo entre eles com a graça de alguém que tinha passado a vida no alto das árvores.

O garoto gormani sorriu.

– Ah, o que é isso, Frey, você sabe que eu não estava falando de lenhadores de *Shinjai*…

– Aham.

Ela o dispensou com um aceno e foi se juntar aos outros.

– Ela é de Shinjai? – perguntou Arqueiro.

– Uma família inteira de lenhadores. Seus pais foram mortos em um acidente enquanto serravam toras quando ela tinha sete anos. Frey foi basicamente criada por seus três irmãos mais velhos. – Kaito fez uma pausa. – Eu devia saber que ela estaria em uma árvore. Frey praticamente só falava em árvores quando estávamos nos caixotes. Era para onde ia quando os pais morreram, sabe? Sempre que alguma coisa ruim acontecia, ela encontrava uma árvore para subir. Disse que isso fazia com que se sentisse segura.

Eles voltaram a ficar em silêncio, e o garoto mais baixo olhou para Arqueiro como se o avaliasse.

– Então… – ele começou depois de um instante. – O que você e a feiticeira decidiram? Posso matar mais impressores hoje?

– Hoje, não.

Kaito fez uma expressão de decepção.

– Mas talvez logo, se você se juntar a nós – disse Arqueiro. – Restam três equipes em Deliene, afinal de contas.

A reação do garoto foi imediata – suas pupilas abriram-se, as sombras em seus olhos verdes iluminaram-se. Era como se ele estivesse acabando de acordar naquela manhã.

– Estou dentro – disse.

Arqueiro deu um riso aliviado. É claro que Kaito estava dentro.

– Mesmo que entreguemos eventuais sobreviventes à lei?

Kaito lhe deu um tapinha no ombro.

– Irmão, se você me der mesmo a menor chance de matar impressores, eu vou segui-lo a qualquer lugar.

– Vai ser perigoso – disse Arqueiro, embora já pudesse antecipar a resposta de Kaito.

O garoto exibiu os dentes no que se passou por um sorriso.

– É melhor que seja.

Quando tornaram a se juntar aos outros, a conversa morreu. Frey e os garotos olharam para eles com expectativa.

Arqueiro limpou a garganta e descreveu seu plano: caçar os impressores restantes em Deliene, libertar o resto dos garotos e garantir que nenhum impressor mostrasse a cara no Reino do Norte outra vez.

Primeiro, eles tinham de entregar os prisioneiros atuais na cidade mais próxima. Depois disso, restariam três equipes.

Três equipes contra as quais lutar.

– Vocês devem ir para casa, se puderem, mas se são como eu, bom… – Ele fez uma pausa. – Este, para mim, é o único caminho a seguir.

Frey e os garotos estavam em silêncio, refletindo sobre o que ele tinha dito. O que Arqueiro havia sugerido e o propósito que ele oferecia. Um propósito, talvez, para o sofrimento deles.

Ou para sair dele.

Aljan, o mais quieto dos gêmeos, olhou nervoso para Sefia.

– A feiticeira vai estar com a gente?

Quando ela respondeu, não estava olhando para o garoto alto, mas para Arqueiro, com o olhar firme como uma flecha, pronta para voar.

– Eu estou com vocês – ela disse.

Arqueiro sorriu.

– Estamos todos com você, irmão. – Kaito levantou-se, fez uma reverência com a cabeça e cruzou os antebraços.

Scarza fez o mesmo. Um a um, os outros juntaram-se a eles.

Surpreso, Arqueiro reconheceu o gesto: era uma velha saudação delieneana dos antigos clãs gormanis no norte. Um sinal de respeito feito por guerreiros quando saudavam seus capitães. Ele tinha visto o velho Goro e alguns outros marinheiros no Corrente fazerem isso para o capitão Reed, uma ou duas vezes.

Entregar os prisioneiros.

Três equipes restantes.

Ele fez uma mesura com a cabeça em retribuição à saudação.

Capítulo 6



Pelo o que você será lembrado

Liccaro sempre foi conhecida como o Reino do Deserto – uma ilha crescente de um território de dunas de areia e rochas vermelhas –, mas ela nem sempre foi miserável. Seu povo nem sempre foi assolado pela pobreza, seus regentes nem sempre foram corruptos, e ela nem sempre foi presa de piratas como Serakeen, o Flagelo do Leste...

Durante uma época, Liccaro foi tão próspera que você podia caminhar pelos leitos de seus rios e coletar pedras preciosas e pepitas de ouro. As pessoas costumavam vir de todos os cantos de Kelanna pela arte, joias e palácios ornamentados com mosaicos de lápis-lazúli e malaquita.

Mas tudo mudou quando o último monarca liccarino, o rei Fieldspar, reuniu toda a riqueza acumulada por seu reino e partiu numa frota de galeões dourados que teriam eclipsado dez vezes o esplendor do Crux do capitão Dimarion.

Segundo a lenda, os homens do rei levaram duas semanas para enterrar todo o tesouro bem fundo, em um labirinto subterrâneo onde ninguém podia encontrá-lo. Quando terminaram, o rei mandou que todos, menos sua própria tripulação, entrassem nas cavernas, prendeu-os lá dentro e os deixou para apodrecer, e seus ossos para vigiar o Tesouro pelo resto dos tempos.

Ele esburacou seus navios para que afundassem, poupando apenas sua nau capitânia, o *Ouro do Deserto*, e partiu para a capital. Mas, na viagem de volta, o *Ouro* afundou nas águas traiçoeiras da Baía Efígia. O rei e todos os seus marinheiros se afogaram.

Alguns acharam que o Tesouro estivesse perdido para sempre.

Outros disseram que o rei havia inscrito a localização no interior do sino do *Ouro do Deserto*, que agora repousava em algum lugar nas profundezas da baía.

Por gerações, caçadores de tesouro procuraram o sino, desbravando o labirinto de bancos de areia e picos submersos, em busca dos destroços sob as ondas turquesa.

Mas ninguém o havia encontrado. Ninguém sabia sequer por onde começar a procurar.

Até agora.

O sino podia ter permanecido com o navio afundado, mas o badalo tinha sido levado pelas correntes através de todo o Mar Central, onde surgiu em alguma praia distante, um prêmio perfeito para garimpeiros de praia e crianças curiosas. Desde então, ele tinha sido negociado, vendido e negociado outra vez, passando de um reino para outro só para terminar em uma taverna de mentirosos, onde o capitão Reed e sua tripulação o haviam roubado.

Pois, sem que nenhum de seus donos anteriores soubesse, havia mais no badalo que o trabalho manual delicado e azinhavre.

O badalo, como muitos objetos em Kelanna, era mágico. E quando você o aproximava de seu sino, eles podiam chamar um ao outro – bata com o badalo e o sino vai chamar, solitário e selvagem, por sua língua perdida.

Depois disso, tudo o que você precisava fazer era seguir o som até os destroços do *Ouro*.

Outro homem poderia desejar o Tesouro em si – o maior tesouro de Kelanna. Dimarion certamente desejava. Mas, para Reed, a questão nunca fora o Tesouro.

A questão era a glória. Um meio de manter sua memória viva quando seu corpo não fosse nada além de cinzas.

Porém, depois de encontrar os mentirosos no Duas Barras, em Jahara, ele não conseguia evitar se perguntar qual versão dele iria sobreviver – o Cannek Reed, aventureiro e caçador de tesouros, ou algum fora da lei egoísta e exibicionista que ele não reconheceria, cara a cara, em plena luz do dia?

Era suficiente viver das lendas se essas lendas fossem mentiras?

O capitão Reed esfregou o pulso, onde sua pele nua destacava-se como um bracelete em meio às imagens tatuadas de navios, tempestades, crânios e criaturas antigas. Toda aventura que ele já tivera estava desenhada em sua pele,

ao longo de seus braços e em torno de seu tronco – exceto uma.

A Borda do Mundo.

O lugar dos descarnados.

Os pelos na nuca de Reed arrepiaram-se quando se lembrou do frio, da forma como ele sugara seu calor como uma sanguessuga. No fundo de sua memória, ele ouviu o eco de vozes – inumanas, meio grito e meio trovão – chamando-o para as águas negras.

Será que poderia construir um legado grandioso o bastante – quando apenas parte daquilo era verdade – para superar *isso*?

Ele tamborilou com os dedos oito vezes na borda do bote, ouvindo atentamente. Navegar pelo emaranhado de corais e baixios que mudavam de lugar da Baía Efígia era tão perigoso que eles puseram os botes a remo como efeméridas na água, à procura do *Ouro do Deserto*.

Para o oeste, o *Corrente* descansava tranquilamente no mar, seu casco verde refletindo nas ondas, a figura de proa em forma de árvore subindo em espiral o gurupés no céu mormacento. Ao lado dele estava o navio de Dimarion, o *Crux* – uma monstruosa embarcação dourada com um diamante na proa.

Do convés do *Corrente* veio o badalar do sino do navio, não sua nota animada normal, mas o dobre fúnebre das coisas perdidas, o som que fazia quando era golpeado como badalo do sino do *Ouro do Deserto*.

Reed e a tripulação no bote estavam em silêncio, com o sol em suas costas e as palmeiras da ilha deserta mais próxima ondulando com o calor.

Mas eles não ouviram nenhuma resposta das profundezas.

Meeks deu um suspiro e encostou-se na lateral do barco.

– Não, eu não escuto nada.

Goro ergueu uma das mãos para silenciá-lo.

– O quê?

O velho marinheiro gesticulou com a cabeça para Jules, que ainda estava inclinada na direção das ondas. Tatuagens de aves e flores circundavam toda a extensão dos braços dela e desapareciam em torno das curvas marrons de seus ombros. Uma das líderes de seus cânticos de trabalho, Jules tinha uma voz musical e um ouvido sensível que fazia com que tivesse mais chances de captar o chamado do *Ouro do Deserto* se eles estivessem perto o suficiente. Ela tirou

uma onda de cabelo negro da frente dos olhos e franziu o cenho para Meeks.

– Você não precisa anunciar isso sempre – ela disse.

– Mas eu não ouvi nada!

Goro resmungou.

– Isso porque vocês ficam falando.

– Para que mais ninguém possa ouvir também – acrescentou Jules.

– Ouvidos são o seu negócio. – Meeks deu de ombros e torceu uma das contas coloridas entrelaçadas em seus dreadlocks. – Estou aqui pelos meus olhos.

Além de Aly, a camareira, seu contramestre era quem tinha os olhos mais aguçados, e podia avistar uma bandeira de sinalização ou ponto problemático muito antes de qualquer um deles sequer perceber uma mudança no horizonte.

Jules encostou-se e chutou de leve a bota dele.

– A melhor coisa dos olhos, dos ouvidos também, por falar nisso, é que você pode usá-los sem se entregar.

Com um floreio, ele fez um gesto exagerado ao fechar a boca.

Jules o chutou mais uma vez, mas ela não escondeu o sorriso. Em sua viagem de Jahara, Meeks já os havia alertado para se afastarem das patrulhas oxscinianas, de batedores evericanos e dos caçadores pretos e amarelos da frota pirata de Serakeen.

Antes, era possível navegar por todo o Mar Central sem se preocupar com nada além de um saqueador ou corsário. Agora, Oxscini e Everica estavam em guerra no oceano aberto, enquanto o Flagelo do Leste tomava faixas inteiras do mar liccarino. Kelanna estava mudando. E não era para melhor.

Reed pegou um remo com suas mãos endurecidas pelo tempo.

– Talvez escutemos alguma coisa do outro lado desta ilha.

Mas, quando deram a volta na costa coberta de árvores, o Olhar na praia fez com que eles parassem o que estavam fazendo.

Por toda a areia havia fragmentos de destroços de naufrágio, barris, redes e madeiras quebradas, um halo de detritos circundando um navio destruído e encalhado.

O casco do naufrágio estava perfurado em mais lugares do que Reed podia contar. Suas velas estavam rasgadas em tiras; um de seus mastros, quebrado. Até sua figura de proa, um pequeno cachorro saltando, tinha pedaços faltando.

– O *Olho Ruim* – disse Meeks.

O *Olho Ruim* sempre fora uma embarcação encrenqueira, com uma tendência a entrar em lutas e fugir delas assim que a maré virava. Mas suas águas territoriais eram o Mar de Anarran, perto de Everica. Era estranho que ele estivesse tão longe ao norte.

Antes que pudessem remar até lá, houve um estrondo alto vindo da praia. Uma bala raspou o braço de Goro e afundou na água.

Eles abaixaram-se no bote quando uma saraivada de balas lascou a lateral de madeira.

Meeks praguejou.

Goro apertou a ferida com a mão. Uma trilha de sangue escorreu para a água que havia no fundo do bote.

Reed tirou o chapéu e sacou a Senhora da Misericórdia do coldre. A coronha de marfim do revólver aqueceu a palma de sua mão como se saudasse seu toque.

De trás das pilhas de destroços que cobriam a praia, houve um vislumbre de movimento.

Reed disparou. Alguém atrás dos detritos gritou.

Jules arrancou a manga de Goro, enrolou-a em torno de seu braço, e a amarrou firme sobre o ferimento.

– Hora de usar esses olhos, Meeks. Quantos nós temos nessa emboscada?

O contramestre olhou por cima da amurada.

– A capitã Bee com quatro membros de sua tripulação, e mais chegando pela praia.

Balas tornaram a atingir o bote e ricochetearam nos suportes dos remos com tinidos altos.

– Como está o braço, Goro? – perguntou Reed.

O velho marinheiro olhou de cara fechada para ele.

– Não está interferindo no meu dedo do gatilho.

– Bom. – Em seguida, o capitão respirou fundo e gritou: – Bee!

Os disparos pararam.

– É o capitão do *Corrente da Fé* que eu prendi nesse bote? – veio a resposta.

Um coro de risos ergueu-se de trás dos destroços.

– Aquela pequena arrogante… – resmungou Meeks.

– Prendeu? – gritou Reed. – Eu podia acabar com vocês antes que conseguissem pedir piedade!

Sua tripulação trocou sorrisos sagazes. Havia apenas uma pessoa que sacava mais rápido que o capitão Reed, e ela estava aposentada havia muito tempo.

Ela dera a ele a Senhora da Misericórdia, o refinado revólver de marfim e prata que ele agora carregava.

– Está bem, não precisa exagerar – foi a resposta. – Podem se aproximar.

Reed e seus marinheiros mantiveram as armas a postos ao remarem até lá, mas nem Bee nem ninguém de sua tripulação moveu-se para atacar.

A capitã Bee acenou para eles quando chegaram à ilha. Ela estava ferida, Reed via agora, com cortes espalhados por metade do corpo – o tipo de ferida que você ganharia de um disparo de metralha, talvez – e uma atadura enrolada na parte superior da coxa.

– É a sua cara atirar primeiro e perguntar depois – ele disse.

Eles não apertaram as mãos, só se entreolharam de alto a baixo como se estivessem estudando nuvens de tempestade.

O resto da tripulação dela também tinha ferimentos – braços quebrados, rostos machucados. Com quem quer que tivessem lutado, tiveram sorte de sair com vida.

Só um deles tinha um ferimento recente, com sangue escorrendo da orelha e manchando a gola de sua camisa. Com a aproximação da equipe do *Corrente*, ele cuspiu na areia, o que fez com que Reed parasse imediatamente.

Meeks e Goro levaram a mão às armas, mas o capitão Reed sacudiu a cabeça.

– Não liguem para ele – disse Bee, enquanto apontava o polegar na direção de seu tripulante. – Seu ouvido não lhe ajudou muito antes, ou ele teria se abrigado quando eu disse.

– Parece que você não é o único com problemas de audição, Meeks – disse Jules.

O marinheiro ferido de Bee olhou fixamente para ela, mas o contramestre riu.

– Desculpe por isso – prosseguiu Bee, com um aceno de cabeça para o bíceps enfaixado de Goro. – Depois do que passamos, eu não queria correr nenhum risco.

O velho marinheiro flexionou o braço e deu um grunhido, aceitando as

desculpas dela.

– Vocês passaram exatamente *pelo quê*? – perguntou Reed.

– A Marinha Azul – ela respondeu com voz dura.

– O que vocês fizeram? Resolveram lutar com um de seus batedores?

O lábio dela curvou-se.

– Não me meto com eles desde que Stonegold assumiu o poder há cinco anos. Isso não foi provocação.

O capitão Reed franziu o cenho. A Marinha Azul, assim chamada por suas cores azul e cinza, era a força militar de Everica, sob o controle do rei Darion Stonegold. Havia cinco anos, eles estavam preocupados lutando contra o reino rival, Oxscini. Havia cinco anos, eles estavam pegando foras da lei que se envolviam em suas escaramuças, tornando o Mar Central um pouco menor, um pouco menos livre.

Mas eles não afundavam navios com seus canhões sem causa.

Pelo menos, não até agora.

– Aqueles casacas-azuis aparecem do nada e nos dizem que estamos em suas águas. *Suas águas*. Eu achei que Serakeen reivindicar os mares já era bem ruim, mas agora alguns lambe-botas safados querem a água também?

As mãos de Bee foram até suas pistolas, em seguida relaxaram outra vez. Ela não tinha ninguém contra quem lutar. Ela já tinha sido derrotada.

Reed apertou os olhos na direção da água. Desde que todos se lembravam, as Cinco Ilhas eram governadas por reis e rainhas que lutavam entre si, por leis, exércitos e povos que ansiavam pela estabilidade fornecida por eles. O impiedoso mar azul devia ser um lugar para aqueles que valorizavam a liberdade acima de todas as coisas. Um lugar para você ir quando quisesse, onde você vivia ou morria graças a seus próprios talentos e aos talentos de sua tripulação. Mesmo um rei novo como Stonegold sabia que não devia reivindicar um território que permanecera sem lei por milhares de anos.

Atrás dele, Meeks murmurou em voz baixa, ecoando os pensamentos do próprio Reed:

– Não pode ser.

– Acredite, rapaz. Qualquer fora da lei no sudeste vai lhe dizer a mesma coisa. Se é que resta algum deles – disse Bee com amargura.

– Mais baixas? – perguntou Reed.

Bee começou a contar os nomes dos navios nas pontas de seus dedos rachados:

– *Pássaro Cinzento, Picareta, Estrela Solitária, Ouro de Tolo…*

Ele esperava que ela parasse, mas os nomes continuavam a chacoalhar por dentro dele como um disparo de munição de caça.

– *Rosa, Marilyn, Melhor Sorte na Próxima, Cão das Águas…*

– E o *Beleza*? – ele interrompeu.

O *Beleza Negra* era um navio negro com velas negras e uma capitã tão má quanto bonita. Ela era como uma criatura mítica, sem limites e inteira, tanto lenda quanto realidade, que você torcia para jamais ser domada.

Ela e Reed estavam em termos civilizados desde seu último encontro, mas isso tinha sido antes que Dimarion e Reed formassem uma aliança e competissem contra o *Beleza* pelo Tesouro. Ele não achava que a capitã ficaria satisfeita quando descobrisse que ele tinha se aliado contra ela, mas preferia arriscar sua ira do que nunca fazer com que incendiasse as águas outra vez.

– Não. – Bee deu de ombros. – Acho que ela está escondida, como nós. Os casacas-azuis têm mais poder de fogo do que pensávamos. Mesmo o *Beleza* não tem condições de enfrentar navios de guerra como os deles.

– Eu não apostaria nisso – disse Reed.

Bee parecia prestes a responder quando um sino tocou do outro lado da ilha. Jules ficou tensa e pôs a mão no braço de Meeks, como se isso fosse impedi-lo de falar. Ele fingiu trancar os lábios e jogar uma chave fora.

Bee ergueu uma sobrancelha para eles.

– Diga, onde está ancorado? Você devia levar o *Corrente* para o lado norte das ilhas. Considerando que este arquipélago é tecnicamente parte de Liccaro, eu não acho que vamos encontrar nenhum casaca-azul por aqui. Mas também não achava que eles iam começar a nos perseguir em nossos próprios mares.

– Serakeen está no lado norte das ilhas.

Pelo canto do olho, Reed captou o vislumbre de um brilho de ouro na água. Uma bandeira de sinalização. Um dos botes do *Crux* devia ter ouvido alguma coisa, o sino do *Ouro do Deserto*?

Bee olhou de Reed para a água e de volta para ele.

– Alguma coisa aí fora, Reed?

Ele riu.

– Tem sempre alguma coisa aí fora, capitã. Ele gesticulou para que a tripulação voltasse para seu barco.

– Reed.

A voz de Bee o deteve. Todos os traços de bom humor tinham deixado seu rosto, fazendo com que ela parecesse cansada e aborrecida.

– Seria bom se pudéssemos ter sua ajuda com o *Olho Ruim*.

Atrás dela, o naufrágio era um destroço na praia – uma lembrança triste do que ela costumava ser.

Em outras circunstâncias, ele poderia tê-la ajudado. Isso só teria custado seu tempo.

Mas tempo era algo que ele não tinha. Não se quisesse estar um passo à frente de Dimarion antes que ele o traísse. Não se quisesse chegar mais rápido que o *Beleza Negra*, onde quer que ele estivesse, ao Tesouro. Não se ele quisesse tornar aquela aventura grandiosa o suficiente para superar as erosões do tempo e das vezes que fosse contada.

– Não dessa vez, capitã.

Ela moveu-se para a frente e tentou pegar o braço dele.

– Você pode nos levar com vocês, aonde quer que estejam indo. Não precisamos de espólios, só o suficiente para botar esse naufrágio para flutuar. Não é mais seguro aqui, não para um navio solitário. – Ela estendeu as mãos. – Por favor, nós somos alvos fáceis sem vocês.

Reed deu de ombros.

– Você é esperta. Depois de consertar seu navio, você vai ser rápida. Isso é tudo de que precisa.

Ela o olhou nos olhos e, por um momento, ele achou que ela fosse tentar lutar com ele. A tripulação dela, afinal de contas, estava em superioridade numérica.

As mãos de Reed tocaram suas armas.

– Por favor – foi tudo o que ela disse.

– Desculpe, capitã. Estamos de partida – ele respondeu. Reed e sua tripulação começaram a retroceder. – Boa sorte para vocês.

– Você está nos matando – gritou Bee, quando eles começaram a caminhar

pela água rasa. – Espero que se lembre disso quando contar essa história pelas tavernas de toda Kelanna.

Reed enrijeceu ao ser atingido pelas palavras, mas não se virou para trás.

Enquanto remavam para longe da praia, Meeks, Jules e Goro estavam solenes.

– Capitão, nós não devíamos… – começou a dizer Meeks.

– Bee é esperta como uma cobra, e duas vezes mais astuta – interrompeu Reed. – Ela vai conseguir.

Jules parou de remar.

– Desde quando você dá as costas para pessoas em dificuldades?

– Eles não são minha tripulação.

– Assim como também não eram a capitã Cat, Sefia e Arqueiro.

– Todos eles estavam indo para o mesmo lugar que nós.

– Eu não estava – retrucou Jules, com uma raiva incomum em sua voz delicada. – E, mesmo assim, você me recebeu.

Reed estalou a língua. Jules estava fugindo de uma situação ruim quando ele a conheceu, na época em que era apenas um grumete no *Corrente*. E ele não pensou em pedir permissão para levá-la a bordo quando ela o procurou. Reed simplesmente fez aquilo, fugiu com ela e, quando sua família foi procurá-la, o capitão e o imediato tiveram de lidar com eles. Isso lhes custou um par de marinheiros, e o resto da tripulação quis abandoná-la, mas ele lutou para que Jules ficasse.

– Aquilo foi diferente – ele disse.

Bandeiras verdes e douradas os saudaram quando voltaram ao navio. Gritos de alegria enchiam o ar. Eles tinham ouvido: o sino do *Ouro do Deserto*. Logo teriam a localização do Tesouro do Rei e seriam lembrados para sempre como aqueles que haviam encontrado o maior tesouro daquela ou de qualquer outra geração.

Eles seriam *lembrados*. E, dessa forma, não importava o que acontecesse com seus corpos, não importava o que acontecesse *depois*, eles jamais morreriam.

Como se soubesse em que ele estava pensando, Jules olhou para trás por cima do ombro, onde no calor suas tatuagens de nenúfares brilhavam com uma camada de suor.

– É melhor pensar bem sobre o tipo de história que quer deixar para trás,

capitão – ela disse. – Porque eu garanto que você não é o herói desta aqui.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ela seguiu Goro e Meeks e subiu o costado do *Corrente*, deixando Reed sozinho no bote. O capitão ficou ali parado por um instante, com o mar sob ele sussurrando promessas de glória, e a tripulação falando excitadamente acima. Ele tinha seu navio, sua tripulação e a próxima etapa de sua aventura. Isso era tudo o que importava.

Reed deu uma última olhada para trás, para a ilha de Bee – pouco mais que uma mancha verde no mar – e começou a subir.

Capítulo 7



Tudo que é luz

Na noite anterior à que eles levaram os prisioneiros para a cidade, Sefia pegou uma lanterna em sua mochila, e subiu a colina sem ser vista, dirigindo-se até um ponto escondido de onde se avistava o acampamento, e ali pegou o Livro. Atraídas pela luz, mariposas começaram a se jogar contra o globo quente de vidro, fazendo sombras tremeluzirem e saltarem sobre o ⛀ na capa.

– Mostre-me os impressores – ela sussurrou.

Mas, quando abriu o Livro, em vez de um local, ela encontrou imagens de espancamentos e carne queimada.

Enojada, ela tornou a fechar o Livro. Talvez precisasse ser mais específica.

– Onde os impressores estão agora?

Porém, quando virou as páginas, tudo o que viu foram mais histórias de tortura e maus-tratos – o legado de seus pais. A razão de ela estar ali.

Com o passar das horas, Sefia tentou comandos, ordens, súplicas, qualquer coisa para fazer com que o Livro lhe mostrasse o que ela queria.

Mas o Livro não queria cooperar.

Os parágrafos revelavam sangue e hematomas, pele queimada e cicatrizes, contudo, toda vez que achava ter encontrado o paradeiro dos impressores, a história mudava. Ela entrava mais fundo na luta, ou mais distante no passado, ou mudava para outra cena totalmente diferente.

Era como se as passagens no Livro fossem tão fluidas quanto o mundo Iluminado, sempre em mutação, passando por ela como as folhas na superfície de um rio.

Com um gemido, esfregou as têmporas. Ela podia dominar o Livro. Precisava fazer isso, por Arqueiro e por si mesma. Sefia olhou para a capa.

A primeira vez que vira alguém consultar o Livro fora na sala da Guarda, bem abaixo da cidade de Corabel.

Sefia respirou fundo e sussurrou as palavras usadas por Tanin na última vez que se viram.

– Mostre-me onde está escondida a última parte do Amuleto da Ressurreição.

Quando abriu as capas, ela levou um susto.

Havia uma página faltando. Só restava a margem – uma cordilheira irregular de pontas de papel.

Será que tinha sido aquilo o que Tanin vira? Ela ficara furiosa. *O que você…? Lon fez isso?*

Sefia passou o dedo pela borda rasgada. Será que seu pai *tinha* feito isso?

Havia um jeito de descobrir.

Ela fechou os olhos e invocou seu sentido do mundo Iluminado, e, quando tornou a abri-los, seu Olhar estava cheio de remoinhos de ouro que passavam por cima e através das colinas.

Ao voltar seu Olhar para o Livro, entretanto, ela quase deu um grito. Era ofuscante, como olhar diretamente para o sol, todas as chamas mais brilhantes explodindo e expandindo-se, lançando arcos de labaredas e os puxando de volta outra vez.

Ela apertou os olhos e passou o dedo pela página rasgada, usando o dano para focalizar o Olhar naquele pedaço de história que estava procurando.

Dor pulsava em suas têmporas. Branco penetrava pelos cantos de seu Olhar. O mundo Iluminado girava e corria em torno dela, em ondulações que provocavam náuseas à medida que imagens e sons projetavam-se do mar de luz: a cabine de um navio, com a luz entrando por todas as vigias, vozes murmurando “Nós precisamos” e “Está escrito”, papel rasgando, fibras se partindo.

Um anel de prata cravejado de pedras negras, mãos marrons e magras marcadas por cicatrizes, ombros delicados, cabelo negro preso em um nó.

Sua mãe.

Sua mãe tinha removido a página.

O mundo Iluminado ficou mais claro e estreitou seu campo de visão a um

ponto minúsculo. Mas ela não perdeu a mãe de vista.

Fazia onze anos que não via Mareah, e ali estava ela agora, perfeita, tão perto que Sefia sentia quase como se pudesse estender a mão e tocá-la.

– Mãe – sussurrou.

Claro, sua mãe não a ouviu. Ela era apenas um momento na história – um entre bilhões. A luz aumentou. Aquele não era o mar de ouro ao qual Sefia estava acostumada. Aquilo era brilho puro, excruciante. Ela não conseguia ver nada, não conseguia se situar, e sentiu mais que viu as contracorrentes do mundo Iluminado passarem rapidamente por ela, levando-a para mais longe de seu próprio tempo, seu próprio corpo.

– Feiticeira? – perguntou alguém.

Sefia estava se deixando levar por torrentes de luz. Ela tentou respirar, mas não tinha pulmões. Tentou piscar, mas não tinha olhos.

Então, um grito distante:

– Arqueiro! *Arqueiro*!

O tempo passou – segundos, décadas, milênios?

Depois, a pressão da mão de alguém em seu rosto.

E uma voz que a envolveu e a afastou da luz:

– Sefia.

Com um grito, ela mergulhou bruscamente de volta em sua pele e estremeceu com o choque do ar em seu peito, o lampejo de dor em sua cabeça e as reviravoltas estonteantes no estômago. Ela abriu os olhos…

E não viu nada além de branco. Campos infinitos de branco.

Alguém – Arqueiro, ela o reconhecia agora – agarrou seus ombros.

– Sefia, fale comigo. Você está bem?

Ela esfregou os olhos. Os nós de seus dedos estavam duros. Pontos rosa surgiram no branco.

– Não consigo ver.

– Você o quê?

Antes que pudesse explicar, um tiro ecoou no ar e rasgou seus sentidos perturbados. Os cavalos relincharam de medo.

– Impressores! – gritou alguém lá de baixo.

Sefia levou a mão às cegas à sua faca. O cheiro de pólvora e de animais

assustados estava denso ao seu redor. Era o caos – garotos gritando em meio ao clangor de espadas.

– São os impressores que escaparam ontem à noite – disse Arqueiro.

Uma arma disparou por perto e, por um momento, a forma familiar dele a deixou. Alguém gritou. A arma disparou uma segunda vez. Mas não houve um segundo grito.

– Aljan. Fique com Sefia. – Arqueiro retornou ao lado dela. – Eu volto.

Ela encontrou o rosto dele com as mãos.

– É melhor que sim.

Ele a puxou para perto, tão perto que ela podia sentir seu hálito em seus lábios.

Beije-me.

Faça isso.

Aí Arqueiro se foi. Balas ricocheteavam em torno dela. Na comoção, os prisioneiros começaram a bater na lateral de seus caixotes, pedindo ajuda.

Em algum lugar próximo, um revólver clicou, emperrado. Houve o barulho da pancada de um punho sobre carne. Sefia foi empurrada para o lado quando um corpo caiu perto no chão. Alguém gemeu.

– Aljan? – sussurrou Sefia.

Seus dedos flexionaram-se sobre a faca enquanto ela piscava, esforçando-se para ver *alguma coisa*. Qualquer coisa.

Alguém prendeu o pulso dela e a segurou à força no chão. Sua faca caiu. Ela foi empurrada com o rosto para baixo na terra.

Sefia debateu-se com a mão livre, tentando agarrar e puxar, mas tudo o que pegou foi ar. Sem o Olhar, ela não podia usar a Iluminação.

O homem em cima dela riu baixo.

– Vocês nos passaram a perna em Cascarra, mas nós pegamos vocês agora.

Os rastreadores. Eles deviam ter se juntado à emboscada.

O braço dela foi torcido às suas costas com tanta força que ela soltou uma exclamação de dor.

Seus tendões esticaram-se. Os ossos estalaram. Mas o brilho estava desaparecendo de seu Olhar, revelando a curva de um seixo, a forma do horizonte.

Faltava só mais um pouco para que ela tornasse a ver.

Só mais um pouco para que pudesse lutar e reagir.

De repente, o rastreador deu um grunhido. O peso sobre ela ergueu-se. Houve um movimento de ar, o *triturar* de osso.

Alguém tocou o cotovelo dela.

– Seus amigos?

Kaito.

– Rastreadores de Serakeen – ela respondeu.

Rindo, Kaito a puxou de pé.

– Você é mesmo um ímã de problemas, não é? – Havia o som de uma disputa. – Aljan, levante. Eu estou perdendo a diversão.

Então, com um grito, ele os deixou.

– Desculpe, feiticeira. Eu não consegui… Ele me pegou por trás – murmurou Aljan.

– Você está bem?

Alguma coisa arrastou-se pelo chão. Quando ele tornou a falar, pareceu distraído.

– Sim.

A luta continuou por mais um ou dois minutos antes que os sons de batalha cessassem. A voz de Arqueiro chegou até ela, nítida e firme, mandando que os outros prendessem os novos capturados, conferissem os mortos e cuidassem dos feridos.

Então ele estava com ela outra vez. Seus dedos moviam-se com delicadeza sobre seu pulso machucado, seu rosto.

– Você está ferida.

– Não muito. Kaito os deteve.

Ele soltou uma respiração aliviada.

– E sua visão?

– Está voltando. Eu tentei usar o Olhar no Livro, mas não achei que seria tão *brilhante*… – Com os olhos apertados, ela encontrou os traços borrados do rosto dele, o globo da lanterna, a figura magra de Aljan agachada ali perto, o rastreador inconsciente no chão. – Você vê o Livro?

– Aljan – disse Arqueiro, com um aceno de cabeça.

No colo do garoto, ela conseguiu identificar a forma do Livro, com seus cantos duros e reluzentes. Ele tocou cuidadosamente a capa, como se pudesse se queimar.

– Este símbolo… – Ele ergueu os olhos e, mesmo com a vista borrada, Sefia conseguiu ver que sua expressão estava cheia de dor. – O que é isso? Você é um deles?

Sefia hesitou.

– Não…

E se calou, sem saber o que dizer.

Meus pais eram. Eles são a razão por que vocês foram levados. Eles são a causa de seu sofrimento.

Ela sentiu Arqueiro ficar tenso a seu lado.

Se Aljan soubesse, será que se voltaria contra ela? E os outros? Será que Arqueiro seria forçado a escolher entre ela e as únicas pessoas que entendiam o que ele havia passado?

Ele precisava deles, ela sabia, talvez ainda mais do que precisasse parar os impressores.

– Eu o roubei – ela disse.

Devagar, Aljan virou as páginas, acariciando as palavras como se elas fossem coisas preciosas.

– Por quê?

– É o que vamos usar para derrotá-los.

Sefia estendeu as mãos. *Com sorte*.

Com apenas alguma relutância, Aljan entregou-o a ela – capa dura, fechos de metal, a única maneira como ela podia reparar o que os pais tinham feito com Frey e os garotos… e com Arqueiro.

– *Livro* – disse Aljan, testando pensativamente a palavra. Isso era o mais animado que ela já o tinha visto – Uma arma de papel e tinta.

Sefia sorriu.

– A *maior* arma deles. E nós vamos usá-la contra eles.

Arqueiro apontou com a cabeça para a forma inconsciente do rastreador.

– Leve-o para Frey, está bem, Aljan? Ela está cuidando dos prisioneiros.

– Sim, Arqueiro.

Com um último olhar para o Livro nos braços de Sefia, ele começou a arrastar o rastreador na direção do acampamento.

Os olhos dourados de Arqueiro estavam brilhando quando ele se voltou para Sefia.

– Nós conseguimos. Nós os pegamos, os impressores *e* os rastreadores. Não tem mais ninguém lá fora à nossa caça.

Ele parecia muito empolgado, com o cabelo despenteado e a pele fulva marcada por cortes e arranhões — não era mais o garoto amedrontado que ela passara a esperar, e sim alguém cheio de energia e de vida. Mas aí seu olhar caiu no pescoço dele, e Sefia lembrou-se do que sua família – a família da qual ela ainda sentia muita falta – tinha feito com Arqueiro. A garota afastou os olhos, sentindo-se culpada.

– Você devia ter visto Frey e os garotos – prosseguiu Arqueiro. – Eles sabem *lutar*. O que quer que Tanin mande atrás de nós na sequência, vamos estar preparados.

Ela esfregou os olhos e estudou o local ao redor: as colinas secas, a terra ensanguentada. Aljan e Frey estavam acorrentando os prisioneiros enquanto Scarza despia os cadáveres e retirava adagas e cartuchos extras e os jogava com uma só mão para Kaito.

Eles *tinham* conseguido. E depois que entregassem os prisioneiros às autoridades no dia seguinte, iriam fazer aquilo novamente. Se ela fosse capaz de descobrir como usar o Livro.

Quando Arqueiro voltou para o acampamento, Sefia permaneceu sozinha na encosta. Sentada e apoiada, passou a mão pela capa do Livro e escutou as mariposas baterem seus corpos frágeis como papel na lanterna, os gritos de alegria dos outros dando as boas-vindas a Arqueiro em suas fileiras.

Sefia podia procurar mais uma vez pelos impressores, ela podia examinar atentamente as páginas, em busca de cidades e pontos de referência.

Mas não fez isso. Sefia chegou para a frente e levou o Livro aos lábios.

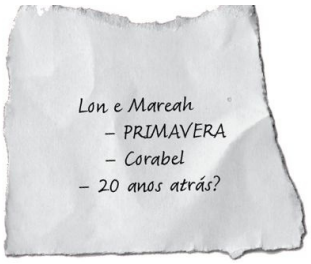
A maior parte das memórias de Sefia sobre sua mãe eram nubladas, como imagens em um espelho embaçado: esculpindo criaturas de neve, bebendo chocolate com especiarias à mesa da cozinha, construindo palavras com blocos de letras quando Lon estava trabalhando no jardim. Sefia não sabia o quanto suas

mãos eram parecidas – finas, fortes, adornadas com dezenas de cicatrizes –, não tinha percebido até agora o quanto sentia falta dela.

– Mostre-me minha mãe – ela sussurrou. – Por favor.

É UMA

Fugir ou morrer



Enquanto o ensopado borbulhava no caldeirão de ferro fundido, nuvens de vapor embaçavam as janelas e enchiam o barracão de jardinagem com o cheiro de salmoura e vinagre. Lá fora, no ar frio da primavera, as vastas Planícies Brancas estavam acarpetadas com milhares de papoulas brancas.

À distância, os telhados de terracota e as torres coral de Corabel, a capital de Deliene, erguiam-se por trás dos muros altos da cidade. Mas ali fora, Nin era a única pessoa em quilômetros, e ela preferia que fosse assim.

Nin alisou a argila no interior de um pequeno estojo de metal dobrável, pôs uma folha de papel vegetal em seu interior e o fechou. Pontilhado com diminutas flores esmaltadas, o objeto parecia aos olhos de todo mundo um estojo de pó como qualquer outro.

Mas nada que Nin fazia era comum. Semanas tinham se passado no planejamento daquele roubo. Por meio de observação cuidadosa e algumas poucas propinas bem posicionadas, ela descobrira a localização do cofre e as fraquezas do homem que levava a chave. Amanhã, ela iria finalmente roubá-la, fazer uma impressão em seu estojo e moldar uma cópia com a habilidade e a precisão pelas quais ela ganhara seu nome: a Chaveira.

O apelido não era inspirado, mas era apropriado. Nenhuma fechadura podia detê-la. Nenhum cofre era seguro. Ela tinha orgulho disso.

Nin pôs o estojo no bolso e lhe deu um tapinha de sorte.

Quando se virou para o fogão, a porta abriu-se às suas costas.

Alguém entrou no barracão arrastando os pés.

Nin reconheceu os passos — Lon. Ele nunca vinha sozinho, mas a outra era silenciosa, e Nin nunca a ouvia chegar.

Eles a haviam procurado pela primeira vez para um trabalho dois anos atrás. Sua reputação a precedia, disseram. Ninguém mais podia realizar o roubo que eles tinham planejado — ninguém mais podia copiar as chaves de que precisavam.

Ofereceram a Nin uma soma que iria sustentá-la por anos, mas ela não fez isso pelo dinheiro. Fez pelo desafio de corresponder à sua reputação. A primeira chave que deram a ela era requintadamente elaborada, com ranhuras ornamentadas e pontas de múltiplos dentes tão intricados que teriam frustrado qualquer outro artesão.

Mas não a Chaveira.

Quando Lon e Mareah voltaram para buscar a cópia, eles prometeram retornar com a segunda chave e o resto do pagamento.

Isso tinha sido mais de um ano atrás. Nin achou que haviam desistido, ou sido apanhados.

Agora eles estavam ali. Sem se virar, ela pegou mais duas tigelas na prateleira.

Lon baixou sua bolsa.

— Olá, Nin — ele disse.

— Finalmente trouxe a segunda chave, não é?

Nin olhou para trás, mas Lon não pareceu corar com o sucesso, como ela esperava.

Havia uma nova cicatriz na têmpora dele, ainda com as bordas franzidas onde ela tinha sido costurada. Ele tinha lama nas botas e nas bainhas da calça, e o suéter grande demais que usava estava começando a esfarrapar. Na verdade, ele parecia um pouco *esfarrapado*.

— O que aconteceu? — perguntou Nin, enquanto ele pegava algo pesado e retangular nas profundezas de sua bolsa.

— Ah. — Lon passou a mão pelo cabelo negro e fez com que ele ficasse de pé. — É uma longa história.

O olhar de Nin voltou-se para Mareah, que estava parada em silêncio ao lado da janela.

A garota — tinha facilmente bem mais de trinta anos, embora todo mundo fosse uma criança para Nin — olhou solenemente em resposta, com a mão parada no cabo da espada.

— Então comece pelo princípio.

Nin enfiou colheres nas tigelas e as pôs sobre a bancada.

Mareah começou a andar pelo perímetro do barracão, passando pelas enxadas e pelos ancinhos, pela cama diminuta com sua colcha puída.

— Nós conseguimos.

Lon empurrou o objeto sobre a mesa e puxou um banco.

Então aquele era o grande tesouro que eles queriam que ela os ajudasse a libertar do cofre: uma caixa. Uma caixa de joias, talvez.

— Como?

— Nós… precisamos improvisar.

Lon comia devagar, arduamente, como se mal conseguisse aguentar o esforço necessário para segurar a colher. Qualquer que tivesse sido a maneira pela qual eles haviam conseguido, ela tinha cobrado um preço.

Mareah não parecia afetada.

Nin olhava de um para o outro.

— O que vocês querem, então? Eu não copiei sua segunda chave. Não quero ser paga por um trabalho que não fiz.

Lon empurrou a tigela para o lado, dobrou para trás a tampa de couro da caixa e retirou um objeto todo cravejado de gemas preciosas: ametistas, safiras, esmeraldas, tanzanitas azuis reluzentes e berilos vermelhos lapidados, *cabochons* de olho de gato, rubis e diamantes tão perfeitos que mais se pareciam com estrelas frias caminhando em meio à intricada filigrana de ouro.

Nin inclinou-se para a frente, estudando as joias com um olhar de especialista. O exterior da caixa era muito mais valioso que o conteúdo do cofre que ela estava planejando roubar em Corabel.

— Muito bonito. — Ela cruzou os braços. — Mas se você o conseguiu, por que está aqui?

Lon remexeu em uma das fivelas da caixa, e a clicou para abrir e fechar.

— Lon — disse Mareah da janela.

Sua mão fechou em torno da espada. Um brilhante anel de prata em seu dedo reluziu à luz.

O olhar de Nin dardejou para os hectares de papoulas do lado de fora.

— Vocês não saíram limpos.

— Não.

Lon ficou de pé.

— Garoto estúpido. — Nin começou a tirar itens das prateleiras e a enfiá-los em uma saca. Todas aquelas semanas de trabalho desperdiçadas. — Quem está atrás de vocês?

— Apenas acredite quando eu digo que são perigosos. Se a encontrarem, vão fazer qualquer coisa para descobrir o que sabe. — Ele olhou para Mareah. — *Qualquer coisa.*

— E você os trouxe para cá? — Nin fechou a fivela de sua bolsa e começou a jogar o resto de seus pertences no fogão.

— Não podia simplesmente me deixar fora disso, não é?

— Nós tínhamos de alertá-la.

— Você não me contou droga nenhuma…

— Eles estão aqui — interrompeu Mareah.

Seus olhos estavam desfocados, suas pupilas contraídas em pontos diminutos de escuridão nos olhos castanhos.

— Quem são *eles*? — Nin deu um tapinha no bolso, onde seu estojo de gazuas bateu contra o agora inútil estojo de pó, e agarrou sua capa de pele de urso. — Para que tipo de encrenca vocês me arrastaram?

Lon passou a mão no cabelo outra vez.

— Qualquer coisa que contarmos a você pode levá-los a nós.

— Você já os trouxe a *mim* — retrucou Nin.

Enquanto discutiam, Mareah sacou a espada. O barracão encheu-se com o cheiro metálico de sangue.

Nin sentiu vontade de vomitar. Lon agarrou a caixa com pedras preciosas da mesa, empurrou a Chaveira para o canto e se pôs entre ela e a porta.

Através da janela, Nin espiou figuras correndo pelas planícies, deixando trilhas cinzentas de papoulas amassadas para trás.

Mareah ergueu sua espada acobreada. Lá fora, os campos ficaram imóveis.

Aí a porta abriu-se bruscamente. O primeiro atacante entrou correndo. Com um único movimento rápido, Mareah traçou uma linha vermelha em sua nuca, decepando sua espinha.

O sangue na lâmina desapareceu, absorvido pelo aço.

A janela estilhaçou-se. Atacantes pularam através do vidro. Mareah estava por toda parte, um borrão de movimento entre os cacos transparentes. Sua espada reluzia como raios de cobre, em busca de sangue.

Nin nunca vira nada como aquilo. Os movimentos de Mareah eram tão afiados que doíam só de ver, tão belos que era impossível não olhar.

Com um movimento dos dedos, Mareah lançou um caco de vidro que penetrou bem fundo na garganta de um dos agressores.

Magia. Encolhida atrás de Lon, Nin sacou um punhal de dentro da sua bota.

Palmeando o ar, Mareah empurrou outra adversária na parede. A cabeça da mulher bateu forte contra uma viga, e ela caiu no chão como se fosse um traje vazio. Mareah livrou-se de outro. Sua espada o cortou nos braços, no peito, na parte de trás das coxas, até que ele caiu de joelhos com o rosto contorcido de dor.

Ela baixou a espada e decepou a cabeça em um movimento impecável.

Aí o barracão ficou imóvel; a espada cor de cobre bebia em silêncio o resto do sangue em sua lâmina.

Mareah olhou para trás.

— Está todo mundo bem? — ela perguntou.

Lon fez que sim, segurou Nin pelo cotovelo e a puxou de pé.

— Você não vai precisar disso — ele disse, gesticulando para seu punhal.

Nin deu um puxão e soltou-se.

— *Feiticeiros* — disse com raiva.

Mareah embainhou a arma, e o cheiro vibrante de ferro esvaiu-se do ar.

Houve um clarão de fogo em uma colina distante, seguido pelo *estrondo* de um disparo.

Antes que Nin ou Lon pudessem reagir, Mareah ergueu os dedos. Uma bala parou a meio caminho através do batente vazio da janela. Por um momento, ela flutuou, girando lentamente no ar.

Mareah estreitou os olhos, girou o pulso e mandou a bala de volta espiralando para os campos.

Ao longe, houve uma leve nuvem de sangue em meio às papoulas brancas.

À mesa, Lon começou a arrancar safiras e molas de ouro da caixa preciosa. Ele pegou a mão de Nin e pôs algumas pedras em sua palma. Mais que o suficiente para recompensá-la por seu tempo desperdiçado. Mais que o suficiente para sobreviver pelos anos seguintes, se ela fosse cuidadosa. E um pouco mais.

— Vocês vão me deixar? — ela perguntou. — Quando eu nem sei quem está me caçando?

— Quanto menos souber, mais segura estará. — Lon embalou a caixa outra vez e a enfiou em sua bolsa. Seus olhos emitiram um brilho triste. — Desculpe. Você vai ter de se esconder. Vá para a floresta. Se tomar cuidado, eles não vão encontrá-la.

Ela jogou as pedras em uma bolsa de moedas.

— Por quanto tempo?

— Para sempre — disse Mareah. Suas mãos com cicatrizes flexionaram-se ao lado do corpo. — Você nunca mais vai ser a

Chaveira. Mesmo um sussurro sobre seu paradeiro vai atraí-los para você. Não tem escolha, precisa fugir. É fugir ou morrer.

Nin olhou com raiva para eles. Em menos de quinze minutos, haviam tirado sua segurança, sua identidade, seu futuro. Ela podia imaginar o resto de sua vida agora, uma existência atormentada, pulando de cidade em cidade, enquanto os cartazes de procurada desbotavam, e ela e todos os seus feitos eram esquecidos.

Ela desejou nunca tê-los conhecido, nunca ter ouvido os nomes de Lon ou de Mareah. Eles tinham inimigos poderosos e, agora, embora ela não soubesse quem eram nem o que queriam, esses inimigos também eram dela.

Nin jogou a capa de pele de urso sobre os ombros e olhou ao redor. Em meio ao vidro quebrado, às poças de sangue, aos corpos que esfriavam, Lon encontrou a mão de Mareah. Seus dedos entrelaçaram-se.

— Adeus, Nin — ele disse. — Boa sorte.

— Não existe isso de sorte.

Sem dizer mais nada, Nin saiu pela porta para as Planícies Brancas, deixando Lon e Mareah para trás, ela esperava, para sempre.

Capítulo 8



História está escrita com amor e culpa

A mente de Sefia revirava com aquilo que o Livro lhe contara.

Nin.

Seus pais.

Magia e derramamento de sangue.

Para Sefia, o fedor da espada cor de cobre sempre estaria ligado a perda – de seu pai, de Nin e de Harison, o grumete do *Corrente da Fé*. Não era o cheiro de sua mãe. Não de sua mãe, que sempre cheirara a terra e plantas frescas.

Sefia perguntou-se o que teria acontecido com a espada de sangue. Talvez ela tivesse sido enterrada no jardim, e o ferro estivesse silenciosamente se dissolvendo no solo. Talvez, ela pensou com amargura, fosse por isso que Mareah passava tanto tempo escavando entre os sulcos do arado, porque isso a lembrava de quem tinha sido.

Enquanto Frey e os garotos acendiam uma fogueira comemorativa no acampamento abaixo, Sefia leu e releu a passagem, apertando a ponta dos dedos sobre os nomes como se ela pudesse atravessar o Livro e pegar a mão de sua mãe, puxar o cotovelo puído da manga do pai, ou segurar a ponta da capa de pele de urso de Nin. Como se pudesse agarrar os pais pelos ombros e exigir que revelassem todos os segredos que esconderam dela quando estavam vivos, todos os segredos que ainda a mantinham no escuro.

Um a um, os outros rastejaram para baixo dos cobertores, mas Sefia leu até ter decorado cada parágrafo, cada sinal de pontuação, suas emoções triturando-se

uma contra a outra até ficarem quase indistinguíveis: tristeza, dor, raiva, traição, saudade.

Sefia não havia percebido que Nin odiara tanto Lon e Mareah, não tinha percebido que ela tivera de sacrificar tudo por causa deles. Mas que acabara por juntar-se ao casal, para ajudá-los a construir a casa na colina que dava para o mar, onde os três criaram uma garotinha.

Tinha sido uma infância isolada, mas Sefia fora protegida. E amada.

Olhando para os outros, ela sentiu uma pontada de culpa por amar as pessoas responsáveis por arruinar a vida deles. Por arruinar a vida de Nin.

E a de Arqueiro.

Ela não podia reverter o dano causado por seus pais. Mas, talvez, se detivesse impressores o suficiente, se salvasse garotos o bastante, pudesse compensar os erros deles.

E aí, talvez, ela fosse capaz de olhar Arqueiro nos olhos sem sentir como se o estivesse traindo em seu coração vira-casaca.

Um farfalhar na grama fez com que erguesse os olhos. Ela procurou o mundo Iluminado, pronta para uma luta.

Mas era apenas Arqueiro. Sua forma esguia estava delineada em estrelas, maior e mais grandiosa que seus dezessete ou dezoito anos, que seu corpo musculoso devido às dificuldades. Quando ele entrou sob a luz do lampião, seus traços recuperaram a definição, e ele tornou-se um garoto outra vez, de carne e osso.

– Achei que você fosse voltar antes – ele disse.

Sefia pôs uma haste de grama entre as páginas, deixou o Livro de lado e abraçou os joelhos como se pudesse aliviar a dor em seu peito se ela se encolhesse apertado o bastante.

– O Livro me mostrou meus pais – ela comentou.

– Oh.

Arqueiro sentou-se ao lado dela, embora eles não se tocassem.

– Eles esconderam muita coisa de mim. – Ela apagou a lanterna e os mergulhou em uma escuridão negra como breu. – Às vezes me pergunto se eu sequer cheguei a conhecê-los.

Ele não disse nada. Ela retorcia os dedos à medida que cada segundo de

silêncio ficava mais doloroso. Censura. Culpa. Muita coisa se colocara entre eles no período de alguns dias.

– Talvez não soubessem como contar a você – disse Arqueiro por fim. Ele pegou a pedra da preocupação, que reluziu entre seus dedos. – Talvez eles estivessem com medo. Devido ao que tinham feito.

Sefia, então, olhou para ele, desafiando-o a discutir com ela.

– Eu era filha deles. Eles deviam ter me contado.

Confiado em mim. Acreditado em mim. Palavras de Tanin.

– Você ainda os amaria, se soubesse?

– Eu ainda os amo – ela sussurrou, como se se desculpasse. – Mesmo agora.

Na noite, os olhos de Arqueiro estavam penetrantes e de um bronze escuro. Ela podia olhar para aqueles olhos por horas e ainda assim não os ter olhado o suficiente. Arqueiro virou o rosto, e mais uma vez ela sentiu aquela culpa. Em silêncio, ele pôs a testa sobre os joelhos, completamente imóvel, exceto pelo polegar, que delineava o fragmento de quartzo.

– Você me odeia por isso? – ela perguntou.

Quando ele tornou a se aprumar, a luz das estrelas brilhou nas cicatrizes que marcavam seu rosto e seus braços.

– Sefia. – Ele sacudiu a cabeça. – Eu jamais conseguiria odiá-la.

Antes que ela dissesse qualquer coisa, antes que ela pudesse sequer sorrir, ele tornou a falar:

– Minha primeira morte foi um garoto chamado Oriyah. – As palavras saíram numa torrente, parecia que, se ele não as dissesse neste momento, talvez nunca conseguisse botá-las para fora. – Ele era outro dos candidatos de Machada, quase tão novo quanto eu. Nenhum de nós tinha lutado ainda, e Machada insistia em nos fazer treinar. Mas nós não conseguíamos. Eu não conseguia. Oriyah era mais jovem que eu. Eles tinham quebrado seu braço quando o capturaram, e ele não estava curando direito. Eu não podia bater nele.

Sefia congelou, como se a história fosse um feitiço, e se ela respirasse alto demais ele se romperia.

– Quando Machada percebeu que nós não íamos lutar, nem para treinar, ele chamou outro impressor, Barbarruiva. – Arqueiro olhou para Sefia. Barbarruiva era quem queimava os garotos recém-capturados. – Eles tentaram de tudo: nos

xingar, nos bater, nos mandar pegar as espadas. Mas nós não fazíamos nada. Oriyah estava com muito medo. Aí, um dia, Machada tirou nós seis de nossos caixotes. Ele deu a Oriyah e a mim um porrete para cada e fez com que os outros se enfileirassem. – A voz de Arqueiro ficou irregular, mas ele não parou de falar. – "Lutem", disse Machada. Ele pôs a pistola na cabeça de Oriyah. "Lutem, ou ele morre." Oriyah estava em lágrimas. Ele deu um golpe desanimado. Eu deixei que me acertasse. Não machucou muito. Eu não iria lutar contra ele. Não parava de pensar que, se eu me recusasse por tempo o bastante, se apenas mostrasse a eles que não era o que desejavam que eu fosse… – Arqueiro sacudiu a cabeça e estremeceu. – Machada atirou nele. Foi muito sangue. Eu não sabia que tínhamos tanto sangue dentro de nós. Os joelhos de Oriyah cederam, e quando caiu no chão, estava imóvel. Machada nem piscou. "Lutem", ele disse. "Ou vou matar mais um."

Arqueiro engoliu em seco repetidas vezes. Seus dedos estavam tremendo tanto que ele deixou cair o fragmento de cristal.

Sefia o pegou e o pôs de volta na palma de sua mão, quente e um pouco úmida.

– Machada o matou – ela disse. – Não você.

– Foi minha culpa. Porque eu não quis… Porque não consegui… – Ele respirou fundo, tremendo. – Porque eu fui fraco.

– Você não pôs a arma na cabeça dele. Não puxou o gatilho. Quer que o mundo seja um lugar melhor do que é? Isso não o torna fraco. Isso faz de você o tipo de pessoa da qual esse mundo precisa.

Arqueiro ficou imóvel por um bom tempo, como um animal agachado nas sombras, à espera da presa. Mas, finalmente, sua postura relaxou, seus músculos tensos afrouxaram-se. Com um suspiro, ele passou o braço em torno dos ombros dela, e pela primeira vez em mais de uma semana, não se afastou.

Sefia fechou os olhos. Ele cheirava a poeira e chuva, embora não vissem chuva havia uma semana. E quando ela se inclinou contra ele, Arqueiro abriu espaço para ela na dobra de seu braço, na curva de seu pescoço.

Enquanto o céu iluminava-se acima deles, Arqueiro estendeu o braço, hesitantemente, primeiro os dedos, em seguida toda a palma da mão. Suas mãos se entrelaçaram.

Eles permaneceram desse jeito, sem se falar, enquanto o alvorecer espalhava-se pelas Terras Centrais delieneanas, e Sefia redescobria as formas e texturas de suas mãos – a carne macia no interior de seu pulso, e cada um dos nós de seus dedos, os montes e os vales, os crescentes das pontas de seus dedos.

E, quando eles se levantaram, por fim, para cambalear de volta até o acampamento, ela pegou o Livro e sentiu a reverberação distante de perguntas ainda sem resposta, segredos ainda a serem descobertos. Mas essas tempestades estavam adormecidas. Por enquanto.

Capítulo 9



Está escrito que ninguém volta ileso

Ansioso para cair na estrada outra vez, Arqueiro acordou os outros assim que ele e Sefia voltaram...

Alguns deles resmungaram e puxaram os cobertores por cima da cabeça, mas Griegi levantou num instante, assoviando alegremente enquanto atiçava os carvões da fogueira da noite anterior.

Arqueiro estava prestes a detê-lo quando Kaito aproximou-se, pegou uma panela de água e virou em cima das cinzas, que chiaram e liberaram uma nuvem de fumaça.

– Mas que droga, Kaito! – Griegi pulou de pé, tossindo. – Qual é o seu problema?

– Desculpe, Griegi, nós precisamos seguir em frente. – Ele deu de ombros, saiu correndo e começou a bater nos caixotes dos prisioneiros. – Acordem, lambe-botas! Hora de esticar as pernas e esvaziar a bexiga!

Griegi pareceu desapontado.

– Arqueiro, faça alguma coisa, por favor.

Arqueiro sacudiu a cabeça e jogou a mochila na carroça de suprimentos.

– Kaito tem razão. Temos prisioneiros para descarregar – ele disse. – Prometo que você vai poder cozinhar à vontade esta noite.

O rosto do garoto iluminou-se.

– Você não vai se arrepender disso.

Embora quase todo mundo quisesse escoltar os prisioneiros, concordaram que era melhor mandar o menor número deles possível: Arqueiro conduziria uma

carroça de prisioneiros, Sefia levaria a outra, Scarza seguiria na retaguarda em sua égua de crina, cauda e patas escuras, e Kaito iria à frente.

A cidade mais próxima era pouco mais que um punhado de prédios velhos em uma única rua empoeirada. Na extremidade norte, a cadeia ficava aninhada entre um armazém e o posto dos mensageiros.

Quando passaram pelos estábulos, Kaito andava para cima e para baixo ao lado das carroças, com as mãos indo continuamente a suas armas enquanto verificava as varandas e as cortinas amareladas à procura de sinais de problema.

Ao chegarem ao escritório do xerife, Kaito foi o primeiro a desmontar, seguido por Arqueiro, que esfregou a calça e ajeitou os punhos da camisa desconfortavelmente.

O garoto sorriu de seu desconforto.

– Relaxe, irmão. Em comparação com a noite de ontem, isso vai ser fácil.

Arqueiro passou os dedos pelo cabelo enquanto a xerife, uma mulher rechonchuda com uma estrela brilhante no ombro, aproximou-se. Dois assistentes com as próprias estrelas prateadas a seguiram.

– Eu preferia estar lutando – ele murmurou.

Kaito riu e ganhou um olhar carrancudo da xerife enquanto ela parava diante deles e enfiava os polegares no cinto.

– Xerife… – A voz de Arqueiro vacilou.

Kaito riu.

A xerife ergueu uma sobrancelha.

– Garotos.

Kaito o cutucou, e Arqueiro cambaleou para a frente. A xerife não pareceu impressionada.

– Nós gostaríamos de entregar oito criminosos que apanhamos ao sul daqui – ele disse, gesticulando na direção de Sefia e Scarza, que começaram a destrancar os caixotes e a trazer seus prisioneiros à luz.

O olhar da xerife viajou sobre os prisioneiros, seus rostos machucados e as roupas amarrotadas. As narinas dela dilataram-se com o fedor deles.

Seu cheiro de falta de banho trouxe de volta a Arqueiro memórias de paredes de madeira, unhas quebradas, pedaços de palha suja.

Ele sentiu um aperto no peito. Seu pulso roncou em seus ouvidos. *Agora não*.

Ele pegou a pedra da preocupação. Agora não.

– Qual é o problema, garoto? – perguntou a xerife.

Garoto. Ele arquejou. Lágrimas brotaram no canto de seus olhos enquanto ele esforçava-se para controlar a respiração. Eu não estou mais lá. Estou em segurança. *Estou em segurança*. Estou em segurança.

– Arqueiro! – chamou Sefia. – Kaito, ajude-o!

Aí a mão de Kaito estava em seu ombro; sua voz, mais gentil do que Arqueiro já escutara.

– Está tudo bem, irmão. Eu segurei você.

Com essas palavras, a pulsação nas veias de Arqueiro suavizou o bastante para que ele ouvisse a xerife murmurar:

– Qual é o problema com ele?

Arqueiro ergueu os olhos enquanto seu coração desacelerava.

– Pesadelos – disse com voz rouca.

A xerife franziu o cenho.

– Mandei meus assistentes buscarem os mandados de prisão. Vamos ver quem são esses seus criminosos.

Ele guardou no bolso a pedra da preocupação quando os assistentes chegaram apressados com pilhas de papel nos braços. Em silêncio, a xerife começou a examinar os desenhos dos procurados. Suas rugas de preocupação aprofundaram-se.

– Nós temos mandados de prisão para cinco de seus criminosos. Agressão, roubo em estradas, sequestro, alguns são até procurados por assassinato. Vocês têm aí homens maus – ela disse. – Mas esses três estão limpos.

Enquanto ela apontava para três prisioneiros, um deles ajustou os curativos com um sorriso dissimulado.

– Eu posso ficar com os outros – prosseguiu a xerife. – Mas não com esses.

A ponta do quartzo cravou-se na palma da mão de Arqueiro. Ele não podia libertá-los. Ele prometera a Kaito. Prometera.

Antes que ele pudesse falar, Kaito rapidamente interveio.

– Deixá-los ir? – rosnou. Ele abriu a gola e expôs a cicatriz rosa na sua garganta. – É isso o que vai acontecer se os deixarmos ir.

Assustada, a xerife ergueu os olhos para ele, depois voltou-os para seus

papéis.

– Rapto – ela murmurou. Seu olhar foi até os prisioneiros e voltou para a cicatriz de Kaito. – Impressores? Achei que eles fossem apenas uma lenda.

Os olhos verdes de Kaito brilharam como os de um coiote.

– Algumas lendas são verdadeiras.

– Nós devíamos contar a Allanah – disse um dos assistentes.

Quem? Arqueiro olhou ao redor. Os telhados e umbrais sombrios seriam a cobertura perfeita para uma emboscada. No fim da caravana, Scarza ajustou sua pegada no rifle.

A xerife sacudiu a cabeça.

– Depois do que eles fizeram, por que vocês não…

Ela fez um movimento de corte sobre a garganta.

– Acredite em mim, eu teria feito isso, mas… – Kaito recuou um passo para trás e deu um tapinha no braço de Arqueiro. – Tinha uma dívida com uma pessoa, e sempre pago minhas dívidas.

A xerife mordeu o lábio inferior.

– Um de nossos garotos desapareceu há dois anos. A maioria das pessoas achou que ele tinha fugido, mas sua tia… ela nunca acreditou nisso.

Allanah. A desolada. Aquela à espera de um garoto que provavelmente nunca voltaria.

– Eu fui levado cerca de dois anos atrás – disse Arqueiro.

E há pessoas esperando por mim também. Ou melhor, esperando pelo garoto que ele costumava ser. Mas esse garoto havia desaparecido. Ele morrera na terra com Argo.

– O nome dele é Parker – acrescentou a xerife. – Quinze anos de idade. Cabelo louro e olhos azuis que você quase não percebe por trás dos óculos. Algum de vocês o viu? Quando estavam, vocês sabem…

Abruptamente, Scarza entregou seus prisioneiros para Sefia e começou a conduzir sua égua de volta pela estrada.

A xerife ergueu as sobrancelhas.

A cicatriz no rosto de Kaito retorceu-se.

– Não, desculpe. Eu não o conheci.

– Tudo bem. Era esperar muito.

Os assistentes pegaram os prisioneiros com Sefia e começaram a levá-los embora. Um dos rastreadores virou-se para trás e lançou um único olhar venenoso para eles.

– Vocês estão planejando permanecer por algum tempo? – perguntou a xerife. – Sabendo o que fizeram, as pessoas ficariam satisfeitas em recebê-los para passar a noite. Iriam alimentá-los muito bem também.

– Obrigado, mas precisamos ir andando. – A inquietude de Arqueiro tinha voltado, e tudo o que ele queria era caçar, lutar e quebrar coisas, destruir os impressores equipe por equipe até que não passassem de sonho, vagamente lembrados. – Tem um lugar onde possamos dar água para nossos cavalos e encher nossos cantis?

Ela assentiu.

– Vocês passaram pelos estábulos quando chegaram. Há um cocho e uma bomba nos fundos.

Ele tocou o chapéu em uma saudação para ela.

– Vocês estão fazendo um bom trabalho aqui, garotos. Continuem assim.

Enquanto retornavam, Kaito foi até o lado da carroça de Arqueiro.

– Nós o vimos – ele disse.

– Parker?

– Ele lutou com Scarza.

– Oh.

O próprio fato de Scarza estar ali significava que Parker não tinha sobrevivido.

No cocho de beber, o garoto de cabelo prateado acariciava em silêncio o ombro da égua com sua única mão. Tinha uma boca generosa e maçãs do rosto tão pronunciadas que você podia cortar os dedos nelas, e durante os últimos dias juntos, Arqueiro tinha descoberto que ele era quieto também, como uma nuvem passando sobre uma paisagem, tão despretensioso que você não percebia que ele estava ali até que ele estivesse bem a seu lado.

Como se ele conseguisse sentir Arqueiro a observá-lo, o olhar de Scarza ergueu-se brevemente antes de baixar outra vez.

– Kaito contou a você – ele disse.

– É.

– Eu devia ter dito alguma coisa. Deva ter dito a eles que o matei.

– Os impressores o obrigaram a fazer isso.

Scarza deu uma risada amarga.

– É isso o que diz a si mesmo? Que eles *obrigaram* você?

Arqueiro afastou os olhos. Eles tinham feito isso, não tinham? Toda vida que tirara, ele tirara porque tinha de fazê-lo. Porque a escolha tinha sido forçada sobre ele: matar ou morrer.

Certo?

Quando deram a volta nos estábulos para retornar, encontraram um pequeno grupo de pessoas à sua espera na rua principal. Em torno deles, havia pacotes embalados em pano, barriletes com rolhas, embrulhos em papel amarrados com barbante, até um feixe de lenha bem cortada.

Uma das pessoas, uma mulher com cabelo cor de palha e grandes olhos azul-claros, adiantou-se.

– Nós soubemos o que fizeram – ela disse. – Queríamos agradecer a vocês.

– Allanah? – perguntou Arqueiro.

Scarza olhou fixamente para os morros à distância.

Ela pôs um cesto nas mãos de Arqueiro, e ele sentiu cheiro de açúcar caramelizado, manteiga e lavanda.

– Depois que os pais de Parker morreram, coube a mim cuidar dele. Eu tentei, só que ele… Nós nunca parecíamos nos dar bem, sabe? Mas ele não merecia… – Ela recuou e puxou mais o xale pálido sobre os ombros. – De qualquer modo, obrigada.

Arqueiro pegou o cesto. Nós não o salvamos, quis dizer. Ou: *Sinto muito*.

Enquanto procurava as palavras, Scarza apeou. Ele caminhou até Allanah e pegou uma de suas mãos na dele.

– Não nos agradeça – ele disse com sua voz delicada. – Parker nunca vai voltar para casa.

Lágrimas formaram-se nos olhos dela. E Allanah apertou com força a mão de Scarza.

– Alguns de vocês vão. Obrigada por isso.

Então ela o abraçou e ele correu para juntar-se aos outros, que começaram a carregar as carroças vazias com suprimentos.

Atônito, Scarza olhou para Arqueiro como se esperasse orientação.

Eles tinham machucado muita gente. O braço direito de Scarza tinha onze queimaduras – uma delas por matar Parker. Kaito tinha nove. E todos os outros – até Mako, com apenas doze anos – tinham pelo menos duas.

Arqueiro tinha quinze, embora sua contagem fosse muito mais alta.

Ele podia visualizar cada um de seus rostos quando fechava os olhos – garotos, impressores, rastreadores –, seus queixos inertes na morte, bocas formando perguntas para as quais nunca ouviriam as respostas.

Às vezes, Arqueiro sentia como se os mortos sempre fossem estar com ele, seguindo seus passos, forçando-o a se manter em movimento, a se manter lutando, porque se tentasse se virar, a única coisa que veria seriam os mortos.

Arqueiro tinha voltado, verdade, mas nem ele nem Scarza nem Kaito, nenhum deles tinha voltado ileso. Suas cicatrizes eram apenas um sinal externo disso.

Agora, porém, talvez conseguissem salvar garotos o suficiente para compensar os que haviam matado. Talvez pudessem resgatar garotos o bastante, e talvez quando terminassem, eles *merecessem* voltar para casa outra vez.

Ele sentiu um toque no ombro, e os dedos de Sefia entrelaçaram-se nos dele.

Arqueiro segurou a mão dela. Eles tinham Frey e os garotos. E tinham o Livro. Estavam *juntos*. Nada iria detê-los até que livrassem Deliene dos impressores.

Uma equipe a menos.

Faltavam três.



A maldição dos Corabellis

Houve uma vez, e um dia haverá. Esse é o começo de toda história.

Uma vez, antes da união do reino delieneano, quando as casas nobres ainda batalhavam por pedaços de terra, a Praga Branca veio do norte frio. Ela espalhou-se pela terra, levando os velhos e os fracos, e, quando não havia mais velhos nem fracos, ela levou os jovens e os fortes também.

Temendo infecção, aqueles que ainda podiam caminhar fugiram do norte, mas levaram a praga com eles, e uma a uma as terras do sul começaram a cair.

Só Corabel, a grande cidade murada em um morro, estava intocada. Para proteger seus próprios cidadãos, lorde Ortega Corabelli deu ordens de fechar os portões, e atrás de suas altas muralhas de pedra, esperou que a Praga Branca perdesse sua força sobre a terra.

Com o passar das estações, cidadãos de Gorman, de Shinjai, Ken e Alissar correram em grande número para a cidade, mas o rei não cedeu. Refugiados morriam aos milhares, e suas piras funerárias sufocavam o céu com fumaça.

Um dia, quando o senhor estava no alto das muralhas com a filha Zunisa, uma mulher velha o chamou e suplicou para que ele abrisse os portões pelo bem de seu neto – o único membro de sua família não tocado pela doença.

O senhor recusou.

A mulher cuspiu na terra.

– Então eu jogo uma maldição sobre você, Ortega Corabelli. Eu amaldiçoo todos os que compartilham seu sangue, e todos os que compartilham o seu amor. Todos sofrerão pela frieza de seu coração. Só quando sua família for destituída de tudo a maldição será rompida. Só quando você, como nós, estiver desolado e suplicando por misericórdia.

Por mais seis meses, a praga levou vida após vida, e as colinas verdes ondulantes em torno da cidade ficaram negras com as cinzas. Só quando as chuvas diminuíram e o verão voltou, Corabelli finalmente abriu seus portões.

A essa altura, dezenas de milhares de pessoas haviam morrido.

Em troca de ajuda, Ortega Corabelli exigiu obediência das outras províncias e, diante da escolha entre ajoelhar-se ou morrer, o resto das casas principais concordou.

Assim, o reino de Deliene foi formado: com o preto e o branco como suas cores, e uma maldição sobre sua linhagem.

Menos de um mês após tornar-se rei, Ortega Corabelli e sua mulher foram as últimas vítimas da praga.

A recém-coroada rainha Zunisa tentou dar ao povo o que seu pai lhes negara. Em honra aos mortos, ela ordenou que as planícies fossem plantadas com milhares de papoulas brancas. Ela criou escolas de medicina para treinar curandeiros e médicos e abriu hospitais para os doentes.

Mas, antes que seus gêmeos completassem dez anos, ela morreu de tuberculose, contraída enquanto visitava um sanatório.

Repetidas vezes, membros da linhagem tiveram problemas e morreram: vítimas de assassinato, doença e suicídio. Eles faleciam na infância e no parto, em incêndios e em acidentes de caça. Esposas e maridos, namorados de infância, amantes e concubinos, todos pereciam, pois o amor de um Corabelli podia matar.

A cada geração, sempre havia alguém que vivia por tempo o bastante para dar seguimento à linhagem dos Corabellis, e seus filhos também carregavam a maldição.

Até que, finalmente, restaram apenas dois: lorde Roco Diamar, de Shinjai, cujos pais perderam-se no mar, e Eduoar Corabelli II, que era chamado de o Rei Solitário.

Capítulo 10



Alguém sempre pode matar um rei

O Mestre de Arcadimon, Darion Stonegold, sempre dizia que havia três maneiras de matar um rei. Você podia enfrentá-lo com toda a força de seu poderio militar e, no fim, um de vocês iria cair. Também podia apunhalá-lo pelas costas como um covarde, encolhido nas sombras. Ou você podia matá-lo lentamente, de dentro para fora, de modo que ele nem soubesse até que fosse tarde demais. Se fizesse bem o seu trabalho, ele talvez até o agradecesse por isso.

Essas eram as diferenças entre Soldados, Assassinos e Políticos. Todos eles desempenhavam seus deveres a serviço da Guarda, mas apenas os Políticos faziam isso com algum estilo.

E estilo era algo que o Aprendiz Político Arcadimon Detano tinha em abundância.

Olhando-se no espelho da altura do teto, ele alisou uma mecha solta de cabelo e deu um passo para trás para examinar seu conjunto. Como todo mundo na província de Shinjai, ele usava branco de luto – imaculado e impecavelmente passado –, com um colete cinza e um lenço amarrado no pescoço que combinava com os miosótis que encomendara para a pira funerária. Elegante, atraente, composto – era assim que precisava que a nobreza das províncias o visse. Ele tinha de inspirar sua confiança… e, no fim das contas, sua obediência.

Afinal, a morte de lorde Roco foi parte integral da Fase III da Guerra Vermelha – submeter Deliene ao controle da Guarda.

O que significava que ele estava se aproximando de uma coisa que temia

havia anos.

Matar o rei delieneano.

Arcadimon bateu ruidosamente as botas engraxadas uma na outra e saiu andando pelo carpete felpudo na direção dos aposentos do rei, que eram adjacentes aos seus.

A capitã da Guarda estava parada no umbral entre seus quartos com a mão na espada, parecendo severa em seu uniforme negro. Ela era pequena, uma cabeça mais baixa que Arcadimon, mas forte e rápida como uma mola de aço. Ele a vira derrotar esquadrões inteiros de adversários mesmo com inferioridade de peso, números e pistolas.

Ela era a melhor guarda-costas que qualquer monarca poderia pedir, mas iria fracassar. Porque o assassinato do rei não viria de um adversário, mas de um amigo.

Arcadimon sorriu ao aproximar-se da porta aberta.

– Você está em boa forma hoje, capitã Ignani.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Gostaria de poder dizer o mesmo, Detano. Hoje não vejo meu reflexo em suas botas.

– É mesmo? – Ele olhou para baixo, fingindo estar horrorizado. – Deve ser o ângulo. Eu consigo me ver muito bem.

– Se ficar um pouco mais insolente, pode procurar o caminho para fora.

Mas, mesmo assim, ela abriu passagem para ele.

O Aprendiz Político piscou para a capitã. Ignani era a guarda-costas de Eduoar desde que ele e Arcadimon eram crianças brincando juntas no castelo em Corabel e estava mais familiarizada com Arcadimon do que sua própria mãe, por isso ela nunca suspeitou de nada.

Foi sua proximidade com o rei, na verdade, que fez dele um Aprendiz Político ideal. A Guarda precisava de alguém jovem, alguém próximo, alguém com algum talento para a Iluminação.

Eles precisavam de Arcadimon, que, graças ao posto de seu pai em Corabel, tinha sido um dos companheiros de infância de Eduoar por anos.

Ele entrou no quarto do rei, onde Ed estava parado perto das janelas, observando o balanço das árvores ao vento. Eduoar sempre fora bonito – com

aquela pele dourada, aquela magreza e altura, aqueles olhos tristes dos Corabellis –, e parado ali com a luz do sol no cabelo escuro e os botões da camisa desabotoados, expondo o peito, ele tinha todo o porte de um rei.

Mas, se você olhasse de perto, podia ver sua doença na magreza de seu rosto, no caimento solto da camisa que mandara fazer menos de uma semana atrás.

Ao ver Arcadimon, ele abriu um sorriso. Seu cansaço esvaiu-se como uma maré de uma praia, sem deixar nada além de areia pura e cintilante para trás.

– Arc – ele murmurou.

– Ei – sorriu Arcadimon. Algo dentro dele relaxou como sempre fazia quando estava com Ed. Como respirar fundo depois de muito tempo lutando por ar. – Está pronto para hoje?

– Na verdade, não.

Eduoar começou a mexer em seus botões e fechou o vão de pele exposta. Arc não conseguiu deixar de olhar. Hoje seria a primeira aparição em público do rei em mais de um ano. Ele devia fazer o discurso fúnebre de seu primo, o recém-falecido lorde Roco Diamar, de Shinjai, cuja morte fizera de Eduoar o único Corabelli vivo. O primo que Arcadimon acabara de matar, embora indiretamente, com alguns subornos bem colocados e uma dracma de veneno. Roco sempre teve um coração frágil. Foi fácil fazer com que sua morte parecesse um acidente.

Tinha sido seu dever – assim como matar Eduoar também seria. Não podiam restar parentes na linhagem real quando Eduoar morresse.

Arcadimon não gostava disso, mas todos faziam sacrifícios pelo bem maior. Assassinos, ele ouvira dizer, tinham de executar sua família próxima para ganhar suas espadas de sangue.

– Brincadeira de criança – dissera Darion sem dar importância. – Assassinos passam anos cultivando sua distância emocional. Quando são mandados para matar a família, eles são como estranhos. Você, por outro lado, é um Político, e tem uma tarefa muito mais exigente. Não terá distância de suas vítimas. Você vai fazer com que elas confiem em você. Vai fazer com que o amem. E esta é a linha fina sobre a qual caminhamos, Aprendiz: você vai fazer com que eles pensem que os ama também. Vai dizer qualquer coisa que precisar, fazer o que for necessário. Mas deve sempre ser uma ilusão. Esses não são seus aliados. Não são

seus amigos, sua família, suas amantes. Eles são seus alvos, suas ferramentas, seus inimigos. O sentimento vai comprometer a missão, e vai fazer com que você seja morto, se não por seus rivais, por mim. Entende?

Arcadimon entendia. E pelos últimos oito anos ele criara uma máscara de charme e compaixão tão bela, tão viva, que enganara não apenas toda a corte delieneana, mas sua própria família e seu melhor amigo.

– Você vai ficar bem – ele disse para Eduoar. – Você tem a mim.

– O que mais eu poderia pedir?

Embora não fosse preciso, Arc aproximou-se para terminar de abotoar a camisa de Eduoar. Sob suas mãos, ele podia sentir as clavículas protuberantes do rei, o calor suave de sua pele.

Arcadimon afastou-se abruptamente e cobriu-se com o riso fácil que cultivara ao longo dos anos que passara galgando seu caminho até o poder em meio a nomes de menor importância da corte delieneana. Ele fora nomeado para a Guarda quando tinha catorze anos e, desde então, seu Mestre o guiara enquanto obtinha o controle dos mensageiros e arautos, duas das guildas mais poderosas no reino, conquistava a lealdade da maioria das casas menores e algumas das maiores e colocava-se em posição de tomar o trono.

– Posso pensar em muitas coisas que até um rei pode querer – ele disse alegremente. – Uma cura para verrugas…

– Eu não tenho verrugas!

Arc continuou como se não tivesse ouvido, contando itens com os dedos:

– Um cavalo voador, um meio de beber café sem queimar a boca…

– Sempre há como fazer isso – disse Eduoar. – Chama-se esperar.

Da porta, Ignani grunhiu, sua versão de uma risada.

– Café morno? – Arc fez uma careta. – Eu prefiro me queimar, muito obrigado.

O rei sorriu enquanto Arcadimon recuava até o aparador, onde tocou as costas da mão sobre uma chaleira de barro para testar sua temperatura. Ao achá-la fria ao toque, ele pegou uma garrafinha de prata do bolso interno do casaco e derramou nela o chá frio. Em seguida, pingou algumas gotas âmbar de um frasco de vidro no interior da garrafinha antes de tampá-la outra vez e agitá-la vigorosamente.

Nem Eduoar nem Ignani moveram-se para detê-lo.

Eles achavam que era remédio, um tônico especial destilado da casca de uma árvore que crescia apenas em Everica. Seu Mestre, Darion, o havia presentado com o primeiro frasco três anos atrás.

– Os Administradores nunca prepararam um veneno melhor – Darion dissera. – Em pequenas doses, é bem inofensivo. Mas, depois de ministrado, a única maneira de aliviar seus sintomas é com o próprio veneno, e o uso prolongado vai causar desmaios tão frequentes que nosso pequeno rei não vai conseguir passar algumas horas sem desmoronar.

Diferentemente da bebida que Arcadimon ordenou que fosse dada a Roco, esse veneno não iria matar o rei – nem mesmo sua retirada faria isso –, mas iria deixá-lo incapaz de governar. No último ano, Eduoar estivera de cama mais dias do que ficara bem, trancado em sua torre solitária enquanto as estações passavam por seu reino como uma neblina do mar.

E Arcadimon Detano, seu amigo de infância e conselheiro de maior confiança, interveio por Eduoar. Arc administrou as cortes e os conselhos. Arcadimon manteve o reino em funcionamento e transformou-se em um líder que podiam seguir.

Quando guardou o frasco novamente no bolso, Ignani balançou a cabeça em sua direção em aprovação.

Por baixo de seu sorriso confiante, Arc sentiu uma pontada de culpa por enganá-la, por enganar todos eles.

Às vezes, perguntava-se como teria sido a vida se a Guarda não o tivesse encontrado. Será que ele e Eduoar teriam permanecido amigos depois da infância? Será que eles, talvez, tivessem sido algo mais?

Arcadimon sacudiu a cabeça e passou os dedos pelo cabelo. Às vezes, sua máscara de afeição era tão convincente que enganava até a si mesmo. Mas ele era um Guardião antes de ser um delieneano, conselheiro ou mesmo amigo. Ele não ia perder tempo pensando no que poderia ter sido.

Eduoar voltara a olhar fixamente pela janela, girando preguiçosamente o anel de sinete com o selo delieneano no dedo.

Arcadimon ajeitou o casaco branco e verificou seu reflexo mais uma vez: nem um cacho fora do lugar, nem um fio solto à vista.

– Por falar em café – ele disse –, você não acha que eles vão se importar que eu tome uma caneca na estrada, acha?

Ed virou-se da janela com um sorriso amargo distorcendo seus traços. Ele pegou a garrafinha dos dedos de Arcadimon.

– Isso não combina com sua roupa.

Arc zombou quando o rei deu um gole em seu chá envenenado.

– Café combina com qualquer roupa.

Acompanhado pela nobreza das províncias, pelos senhores e damas de menor importância e pela capitã Ignani em seu cavalo de batalha negro, Arcadimon e Eduoar começaram a marcha lenta em torno do Lago do Céu, o lago que parecia um espelho no centro da província de Shinjai. Acima da linha das árvores, as montanhas szythianas erguiam-se abruptas e negras como as costas de um dragão, encimadas por escamas de neve do fim do verão.

Ao ver o rei em seu cavalo cinza, os enlutados começaram a murmurar enquanto jogavam flores brancas nas estradas de terra.

O *Rei Solitário*. O único ainda vivo para levar adiante a maldição dos Corabellis.

Se você não conhecesse o rei tão bem quanto Arc conhecia, talvez não percebesse, mas, quando os sussurros deles chegaram à procissão funerária, a tristeza surgiu novamente nos olhos de Eduoar, ameaçando transbordar.

Arcadimon permitiu a si mesmo um momento de satisfação. Afinal de contas, com tanto os mensageiros quanto os arautos sob seu controle, ele era responsável por espalhar rumores sobre a fraqueza do Rei Solitário, vítima da mesma melancolia que tinha consumido seu pai.

Entretanto, tinha de admitir que espalhar os rumores agora, livremente, aos ouvidos do rei, era grosseiro. Quase vulgar.

Ele aproximou-se de Eduoar.

– Aposto que você desejava aquele café, agora – ele disse.

– Café não os faria parar de falar, infelizmente – disse Ed.

– Claro que sim. – Arcadimon adotou a cadência entrecortada de seus arautos. *– Rei atrapalhado mancha belo casaco novo! Ou: Rei generoso traz café para todos!*

– Se tivéssemos pensado nisso antes…

– É, com um pouco mais de previsão de nossa parte, estaríamos marchando apenas com adulação e ruído de pessoas bebendo. – Arcadimon deu um sorriso para ele.

Eduoar engoliu em seco, com o pomo em sua garganta visível por trás do lenço branco, e empinou o nariz. A demonstração simples de bravura lembrou Arcadimon do último funeral ao qual eles tinham ido aqui – o dos pais de Roco, perdidos no mar.

Ele e Ed tinham onze anos; Roco, nove. Depois de passarem algumas horas roubando goles de licor, eles foram para a Árvore dos Sonhos, o enorme carvalho no centro da área do castelo. Roco costumava dizer que, se você dormisse embaixo dele, os galhos pegavam os pesadelos antes que eles o alcançassem.

Eles acenderam velas no interior de jarros de vidro e as penduraram nos galhos mais altos.

– Uma para minha mãe, uma para meu pai – disse Roco. – Uma para a tia Miria.

A mãe de Eduoar, morta de câncer no pâncreas menos de seis meses antes.

Todos ficaram ali deitados, olhando as velas se apagarem uma a uma no escuro.

– Quando as pessoas que você ama começam a morrer – disse Roco –, elas não param.

– É por isso que temos de amá-las enquanto estão aqui – disse Arcadimon.

– Especialmente a nossa família – acrescentou Ed.

E Roco respondeu, com uma solenidade além da sua idade:

– Nós somos Corabellis. Para nós, amor e morte significam a mesma coisa.

Agora, cavalgando pela margem do lago, Arc inclinou-se para perto de Ed e tocou as costas de sua mão com os dedos enluvados. Com esse contato, um tremor percorreu os dois, como se tivessem sido encharcados de água congelante. O rei ergueu os olhos e, por um momento, Arc teve certeza de que ele sabia.

Por um momento, Arc quis contar a ele.

De mãos dadas, eles seguiram em frente, deixando em seu rastro pétalas

esmagadas e troncos quebrados.

Ao meio-dia, a procissão voltou para o castelo em Edelise. Eles depositaram o corpo de Roco em um ataúde flutuante ancorado junto do terraço de mármore, onde as ondas quebravam contra a pedra polida. Enquanto membros da procissão dispersavam-se pelo pátio como espuma branca, Arcadimon andava de um lado para o outro entre eles, fazendo um cumprimento aqui, um insulto velado ali, amenizando suas ameaças com sorrisos. Nos dias subsequentes, iriam se reunir para eleger o sucessor de Roco, o próximo líder de Shinjai, e Arc precisava garantir que a pessoa que escolhessem fosse a pessoa que *ele* havia escolhido – alguém que apoiaria sua regência quando chegasse a hora.

Em conversa profunda com uma das damas de menor importância, que em outras circunstâncias poderia considerar levar para a cama – Arcadimon gostava de uma boa transa com uma garota tanto quanto com um garoto, afinal de contas –, ele observou Lady Dinah aproximar-se de Eduoar.

Líder da província de Alissar, Dinah Alissari tinha um nome antigo, um cofre vazio e a mente política de uma carne assada, o que fazia com que sua lealdade fosse extraordinariamente fácil de se obter.

– Alissar sente muito por sua perda, majestade – declarou. Os anéis em seus dedos brilharam quando ela fez uma mesura estranha. – Ele era seu único parente, afinal de contas.

Eduoar inclinou a cabeça.

– Lembro a você que o lado materno de minha família está vivo e com saúde. Alguns deles inclusive estão aqui hoje.

– Ah, não seja evasivo, senhor. Sabe que estava falando de sua família *Corabelli*.

– Como se eu pudesse me esquecer.

A expressão cortês de Eduoar tremeluziu como a luz do sol sobre a água, revelando uma escuridão por baixo.

Arcadimon irritou-se com a provocação tola de Dinah. Todos sabiam que a linhagem Corabelli estava chegando ao fim. Eduoar não precisava que isso fosse agitado à sua frente, especialmente por uma vaca falida. Educadamente,

Arcadimon livrou-se de sua própria conversa e começou a abrir caminho até o rei.

– É uma pena que ele nunca tenha tido filhos – prosseguiu Dinah. – Se tivesse um herdeiro, nós não teríamos de nos submeter a esse negócio entediante de eleger seu sucessor.

– Roco me disse uma vez que nunca teria filhos – disse Eduoar. – Não com seu sangue.

– O senhor não acredita nessa bobagem, acredita? Quando vai se casar?

– Boa pergunta, Lady Dinah – disse Arcadimon, que se juntou a eles com um sorriso. Ele tinha uma vasta gama de sorrisos, e esse fazia uma covinha em suas bochechas, mas não chegava a seus olhos. – Você tem herdeiras, não tem? Com idade suficiente para se casar, acredito.

O rosto de Dinah ficou branco por baixo de suas camadas de pó e ruge.

Como se fosse cumprimentá-la, ele tomou a mão de Lady Dinah. A carne dela cedeu um pouco sob seus dedos como uma ameixa madura demais.

Com uma despedida aturdida, Dinah afastou-se rapidamente.

– Mulher insuportável – murmurou Arc.

Ed esfregou os olhos.

– Obrigado por me salvar.

– Não foi nada.

O rei segurou seu braço.

– É muita coisa. Sei que estou piorando, Arc. Sei que é apenas questão de tempo até… Eu sei que você *sempre* vai me salvar.

Arcadimon tentou sorrir, mas esse sorriso vacilou e morreu em seus lábios como uma borboleta ferida. Salvar Ed seria jogar a garrafinha de veneno longe no Lago do Céu. Salvar Ed seria pegá-lo pela mão, correr de volta até seus cavalos e cavalgar lado a lado até chegarem à costa, onde pegariam um navio e navegariam pelo mar azul selvagem.

Sentimento, alertou a si mesmo. O sentimento faria com que *os dois* fossem mortos.

Ed passou a língua nos lábios.

– Você tem o remédio com você?

O pedido trouxe o sorriso cuidadosamente cultivado de volta ao rosto de

Arcadimon.

– É claro – ele disse, acompanhando o rei até a beirada do terraço de pedra, perto do corpo de Roco.

O cadáver estava enrolado em branco e flutuava como uma nuvem em meio aos miosótis amarelos e azuis. Havia um queimador de incenso de cobre sobre seu peito, e rabiscos de fumaça espiralavam das pontas das hastes de incenso e dissolviam-se no ar rarefeito da montanha.

Mas seu rosto estava descoberto. Ele parecia jovem, mais jovem do que Arcadimon se lembrava, mais como o garoto com quem crescera do que com o senhor de Shinjai e, ao mesmo tempo, ele não parecia nada jovem. Sua carne afundara sobre si mesma, como uma máscara esticada sobre uma estrutura de ossos.

– Ele sempre dizia que seu coração fraco ia acabar com ele – murmurou Ed com um olhar para Arcadimon.

Arc permitiu que lágrimas se formassem em seus olhos.

– Sinto muito que ele tenha morrido – disse e, para sua surpresa, não era mentira.

Ed deu um sorriso triste.

Arcadimon enfiou a mão no bolso do colete e retirou a garrafinha de prata. Em vez de passá-la para o rei, porém, ele hesitou.

– Acho que agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra para começar a beber – declarou Lady Abiye, aproximando-se deles em seda branca e obsidiana negra.

Líder da província de Gorman, ela era velha o suficiente para ser avó de Arcadimon, e tinha uma natureza estratégica e astuta que só ficara mais formidável com a idade. Ele já havia assegurado a obediência de dois dos quatro líderes provincianos. Depois da eleição do sucessor de Roco, restaria apenas Abiye.

As sedas que ela vestia farfalharam quando retirou uma garrafinha entalhada de sua túnica.

– Sabe o que eles dizem: não há funeral tão longo quanto um funeral de nobre.

– A senhora é uma mulher sábia, *milady* – disse Arcadimon.

– “Velha” é a palavra que você está procurando. Mas sua lisonja está registrada. – Ela piscou, respirou fundo, em seguida gesticulou na direção da garrafinha de prata enquanto ele a enfiava no bolso. – Bem, não deixe que eu o impeça.

– Não – ele disse. – Eu não faria isso.

Quando as palavras caíram de sua boca, espontaneamente, ele levou a mão aos lábios.

Eduoar captou seu olhar e articulou com os lábios, sem emitir som: *Mais tarde?*

Eu não devia. Arcadimon piscou. De fato, era *verdade*. Ele soube pelo adocicado em sua língua, como água de nascente. Era seu dever com a Guarda continuar a envenenar o rei, mas ele *não devia*.

E, mais importante, não queria mais fazer isso.

O que ele *queria* era tomar Ed nos braços. O que Arc *queria* era passar os dedos pelo seu cabelo. O que ele *queria*…

Um pouco bambo, Eduoar levou a mão à borda do ataúde flutuante para equilibrar-se, mas, antes que ele o tocasse, seus olhos giraram para trás em sua cabeça. Seu rosto ficou inerte.

Lady Abiye soltou um grito de susto quando o rei tombou para a frente, direto nos braços prontos de Arcadimon.

Os presentes enxamearam em torno deles como tubarões.

Aninhando o rei em seu peito, Arcadimon sentou-se no mármore frio. Adormecido, o rosto de Eduoar parecia mais suave, de algum modo, livre de preocupações.

E, nesse instante, Arc finalmente compreendeu: com todos os seus preparativos, com todas as suas máscaras, ele tinha sido vencido pelo sentimento.

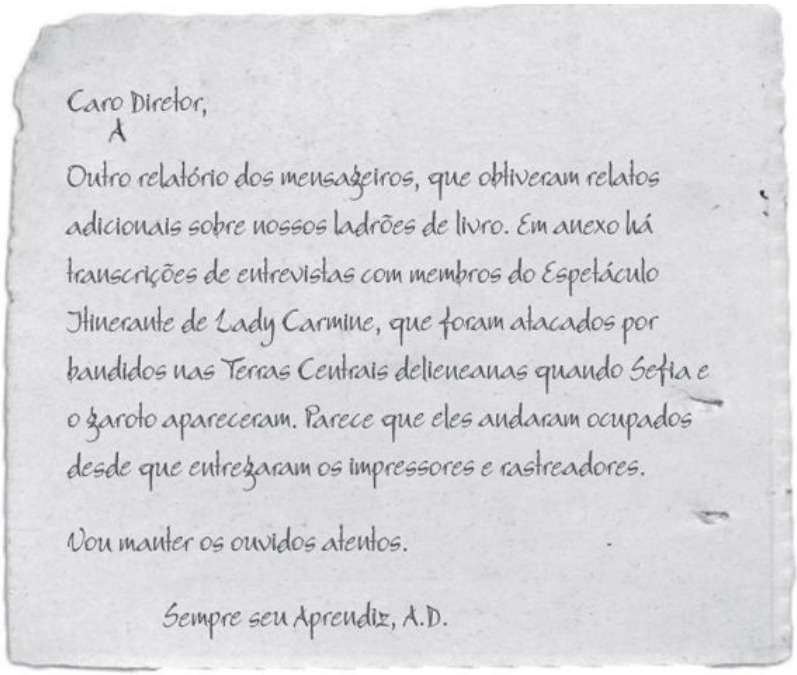
Ele não sabia como não havia reconhecido isso antes, mas ali estava, como uma erva daninha enraizada em seu coração, crescendo desapercebida à sombra de toda a sua astúcia e de seus planos, até desabrochar em uma explosão, brilhante como uma estrela, repentina como um ataque.

Ele *amava* Eduoar.

Amava o garoto que jurara matar.

OU UM

Relato do domador de leões


Caro Diretor,
A
Outro relatório dos mensageiros, que obtiveram relatos adicionais sobre nossos ladrões de livro. Em anexo há transcrições de entrevistas com membros do Espetáculo Itinerante de Lady Carmine, que foram atacados por bandidos nas Terras Centrais delineanas quando Sefia e o garoto apareceram. Parece que eles andaram ocupados desde que entregaram os impressores e rastreadores.

Vou manter os ouvidos atentos.

Sempre seu Aprendiz, A.D.

Sim, eu os vi. Eles nos salvaram – Lady Carmine e o resto do Espetáculo Itinerante. Pelo menos, aqueles que os bandidos já não tinham matado.

Eu não acho que teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos. Os contadores de histórias já estão se preparando para acrescentá-la a seu repertório – se você ainda não fez isso, deveria falar com eles – para dizer às pessoas o que está acontecendo… Você já foi a um sangrador, amigo? Um açougueiro, talvez? Se fez isso, pode imaginar como foi aquele dia.

Eles eram rápidos, impiedosos – em um segundo, os bandidos estão ameaçando remover os dedos do atirador de elite se mais alguém tentar ser um herói, e, no seguinte, esses garotos estão por toda a nossa volta –, atirando,

lutando, estripando esses homens, esses criminosos rudes e endurecidos, como se fossem ovelhas no abatedouro. Não pode ter levado mais de alguns minutos até que toda a confusão estivesse terminada, e déssemos uma boa olhada nas crianças que tinham nos salvado.

Garotos, a maioria deles, talvez um par de garotas. Tinham aquelas queimaduras sobre as quais você estava perguntando, como colares. E seu líder, ele tinha esses olhos dourados. Como esse gato que vi uma vez, grande, com cicatrizes em dezenas de lugares. Talvez outra pessoa tivesse tentado capturá-lo quando era filhote, mas esse felino era um devorador de homens pronto para entrar em ação. Eu podia ver isso em seus olhos. Ponha um felino desses em uma jaula, e um dia ele vai se soltar, e aí vai matá-lo … e a qualquer outra pessoa em seu caminho.

Melhor deixar um felino desses em paz, se sabe o que é bom para você.

Capítulo 11



Quando acontece a transmissão de um segredo

Usar o Livro revelou-se mais difícil do que Sefia esperava; a quantidade de informação era muito grande, e muito pouco para o que ela precisava. Mas não desistiria por isso. Sefia começou a recolher pedaços de papel de seus suprimentos e a encher as páginas com nomes, números, detalhes, datas. Ela mantinha um registro de equipes anteriores, quantos candidatos eles tinham capturado, que garotos tinham sido mortos e por quem.

Os impressores haviam começado pequenos, vinte anos atrás, sequestrando um garoto aqui, outro ali, deixando seus corpos marcados para serem encontrados em decomposição no solo por metade do reino. Desde então, entretanto, eles tinham se organizado e crescido em tamanho – centenas de garotos mortos, testemunhas executadas, entes queridos cheios de tristeza e culpa – até que *impressores* tornou-se uma palavra que você usava para ameaçar garotos malcomportados. O dano que eles tinham provocado apenas em Deliene era vasto, e toda história que Sefia lia era outro lembrete sobre o que ela devia a Arqueiro, a Frey e aos garotos, pelo que seus pais tinham feito.

Logo depois de seu encontro com os bandidos no Espetáculo Itinerante, Sefia estava desenhando um mapa grosseiro do Reino do Norte quando Versil chegou e começou a observar por cima de seu ombro.

– O que é isso? – Sem esperar resposta, ele sacudiu a cabeça. – Não, não, não, você precisa de meu irmão. Nosso pai fazia mapas, sabia disso? Aljan era seu aprendiz. Espere aí, eu vou chamá-lo… Aljan! *Aljan*!

Enquanto esperavam pela chegada de Aljan, Versil deu um sorriso para ela.

– Meu pai costumava dizer que ele tinha nascido com um pincel na mão. Sabia que já pintava antes de aprender a falar? Quando éramos pequenos, eu costumava falar por ele. “Aljan quer outro doce.” “Aljan odeia aspargos.” Coisas assim. Mas você não podia culpá-lo. Quem gosta de aspargos? – Sua voz abaixou até ele ficar em completo silêncio. Em seguida: – Ah, ei, Aljan. – Por um momento, Versil pareceu confuso e embaraçado, como se soubesse que tinha esquecido alguma coisa, só não soubesse o quê. – Nós estávamos falando de você.

Aljan tentou sorrir, mas era como se estivesse levantando algo pesado demais para conseguir carregar.

– Vocês queriam alguma coisa?

– Ah, certo. A feiticeira precisa de sua ajuda.

Versil foi embora outra vez, alegremente, e deixou seu irmão olhando para ele de forma embotada.

Quando Aljan permaneceu imóvel, Sefia o estudou por um momento. Ao contrário de seu gêmeo, ele era estranhamente quieto, como um coelho esperando a aproximação da raposa.

Sefia deu um tapinha em seu braço para chamar sua atenção e estendeu o pincel.

– Soube que você sabe fazer mapas.

Ele o pegou, testou seu peso e equilíbrio com o mesmo cuidado silencioso que usara com o Livro na noite da emboscada. Sua expressão resignada mostrou um lampejo de vida. Então ele mergulhou o pincel… e tudo mudou. Seus olhos iluminaram-se. Seus movimentos ficaram precisos. Um sorriso surgiu em seus lábios.

Sem muito estímulo, ele logo começou a esboçar um mapa de Deliene. O pincel voava pelo papel, criando linhas costeiras enroscadas com ondas quebrando, montanhas marcadas por sombras, serras provincianas requintadamente detalhadas com miniaturas de ursos, arpões, touros e feixes de trigo. O ato de pintar transformava-o de tal forma que Sefia sentia como se estivesse vendo uma parte de Aljan que ela não sabia que existia.

– Isso é bonito – ela disse.

O garoto olhou para ela com um sorriso hesitante, como se tivesse acabado de se lembrar de seu senso de humor.

– Papel e tinta são minhas armas também – ele disse.

Na manhã seguinte, depois de anotar os nomes e as últimas localizações conhecidas das três equipes atualmente em operação, ela pediu a ajuda de Aljan com o mapa outra vez. Ele parecia em transe com as anotações dela, seu olhar passava por elas com um fascínio tão intenso que o garoto esquecia que estava desenhando, tanto que o mapa ficou manchado em alguns pontos com pequenas poças de tinta.

– Isso estava no Livro também – ele disse, traçando o O do nome de um dos impressores. – O que é isso?

– São letras.

O rosto dela retorceu-se quando pegou o pincel com ele e o lavou em um copo com água. Desse jeito a Guarda a encontrara antes, seguindo os escritos que deixara por toda Oxscini como uma trilha de migalhas de pão. Ela tinha sido muito tola. Mas não sabia.

– Elas são a fonte de seu poder?

– Não. – Ela tinha começado a sentir o mundo Iluminado muito antes de aprender a ler. Contudo, ler e escrever haviam aguçado seu dom, transformaram-no em uma ferramenta que ela podia usar. – Mas elas têm um poder próprio. É por isso que Serakeen as manteve em segredo por todos esses anos.

Pensativamente, Aljan traçou um O na lateral da carroça em que estavam sentados e o embelezou com curvas e traços que deixaram a letra quase irreconhecível.

– Você dividiria esse segredo comigo? – ele perguntou com delicadeza.

Sefia hesitou. Às vezes parecia que toda a sua vida tinha sido um segredo: seu quarto na casa na colina, o Livro que carregara nas costas por anos, o passado que Arqueiro ainda escondia. Segredos eram tão familiares para ela como seu próprio reflexo.

Mas eles eram os segredos de seus pais – segredos da Guarda – e já haviam provocado muita dor.

Sefia sorriu com amargura, sabendo que o pai teria dito que não era seguro, sabendo que Tanin ficaria furiosa se descobrisse. Mas aquele, agora, era o

segredo dela, uma arma que podia usar, e ela iria usá-la para desafiar a Guarda e tudo o que ela representava.

– Sim – ela respondeu. – Vou fazer isso.

Quando começaram a se mover outra vez, Sefia sentou-se ao lado de Aljan em uma das carroças e explicou o alfabeto enquanto ele conduzia. De vez em quando, ela escrevia uma letra em um pedaço de papel e a mostrava para o garoto estudar, com a tinta molhada escorrendo, e ele as traçava repetidas vezes no assento da carroça: os Qs, os Us e Es.

De vez em quando, alguns dos outros viajavam junto deles e faziam perguntas sobre as marcas, mas na maior parte do tempo ela e Aljan eram deixados sozinhos.

Naquela noite, eles sentaram-se junto do fogo e começaram seu trabalho com afinco: sua pena, um graveto apontado; sua página em branco, a terra a seus pés.

À luz do fogo, ela passou para Aljan uma letra depois da outra como pratos de iguarias, e ele as provou todas, de novo os Es, e os Ss, Ts e As.

Aljan enfileirou letra após letra em combinações sem sentido – E, S, – até que todo o anel da fogueira ficou circundado por uma tapeçaria complexa que Sefia jamais poderia ter imaginado. Elas nada significavam, em termos de palavras, mas eram encantadoras – aquelas explosões de serifas, floreios e versais, como fogos de artifício, cheios de alegria e assombro.

Enquanto escrevia, ele parecia entrar em foco, ganhando definição, cor, detalhe, como se finalmente tivesse encontrado um pedaço de si mesmo que houvesse faltado a vida inteira e, só agora – através da escrita –, estivesse completo.

– Onde você aprendeu isso? – ele perguntou com os olhos brilhando.

Sefia mordeu o lábio ao se lembrar da mãe soletrando seu nome em blocos de madeira. Sua mãe, que ensinara os impressores a farejar matadores como perdigueiros.

– Eu meio que… aprendi sozinha.

Uma meia verdade, na melhor das hipóteses. Mas ela não conseguia contar o resto a ele. Não sabia como fazer isso sem machucá-lo.

Se Aljan desconfiava que ela estivesse escondendo alguma coisa dele, não demonstrou. Ele sorriu para Sefia e girou o graveto uma vez antes de oferecê-lo a ela.

– Podemos tentar o "cá" outra vez?

No dia seguinte, eles continuaram com suas lições enquanto Sefia trabalhava no mapa, até que um vento repentino arrancou o papel de suas mãos e o mandou pelos ares, debatendo-se como um pássaro ferido, através do acampamento.

Sefia deu um grito e saiu correndo atrás do mapa com Aljan em seu encalço, mas, antes que qualquer um deles pudesse alcançá-lo, Frey ergueu os olhos de onde estava praticando com o canivete e, com o movimento suave e rápido de uma cascavel, pegou o papel em pleno ar.

– Boa pegada! – exclamou Sefia.

Frey fechou o canivete.

– Você aprende a ser rápida quando tem três irmãos mais velhos.

Aljan desviou os olhos, como se a garota fosse brilhante demais para se olhar diretamente para ela.

– Eu não tenho irmãos – disse Sefia ao pegar o mapa.

– Eles são muito chatos, mas eu não trocaria nenhum deles por nada. Certo, Aljan?

O cartógrafo esboçou um sorriso tímido.

Frey deu um suspiro e enfiou uma mecha rebelde de cabelo atrás da orelha.

– Vou fazer com que você converse comigo um dia desses, mesmo que seja a última coisa que eu faça na vida.

Ele apenas lançou outro de seus sorrisinhos para ela.

Quando ele e Sefia voltaram ao trabalho, ela perguntou:

– Você nunca falou com Frey? Nem mesmo uma vez?

Aljan deu de ombros.

– Nenhuma palavra nunca pareceu boa o bastante.

Toda noite, depois das lições com Aljan e de pesquisar pelos impressores no Livro, Sefia procurava por Lon e Mareah. Às vezes, ela chegava a ler passagens em voz alta para Arqueiro, histórias da vida de seu pai como vidente em Corabel e do período passado pela mãe em Everica, antes de entrar para a

Guarda.

– Os pais de minha mãe eram médicos – ela disse uma vez. – Meus *avós* eram médicos. Eu não… Nunca me ocorreu que eu ainda pudesse ter uma família por aí afora.

Os dedos de Arqueiro subiram e desceram pelo braço dela, enviando ondas de calor pela sua pele, mas ele não disse nada.

Ele contara mais a ela agora, sobre seus dois anos com Machada. Contara a Sefia sobre Oriyah, Argo e os outros garotos que conhecera e contra os quais lutara e matara. Mas ele não dissera nenhuma palavra sobre quem fora antes dos impressores, nem por que não queria ir para casa.

– Se você tivesse uma família por aí afora – disse Arqueiro em voz baixa –, você ia querer encontrá-la?

Sefia deu de ombros.

– Eles não me diferenciariam de uma estranha na rua.

Arqueiro tocou a contagem que lhe fora dada pelos impressores.

– Depois de tudo isso – ele murmurou –, eu não acho que eles iam querer me conhecer.

Sefia ergueu a mão e traçou a linha franzida de sua testa.

– Eu quero conhecer você – ela disse.

Os olhos dourados dele brilharam e, por um momento, ela achou que Arqueiro iria beijá-la outra vez, do jeito que fizera duas semanas atrás, na água. Sefia inclinou-se na direção do rapaz, desejando que ele eliminasse o resto da distância entre os dois.

Mas ele se afastou.

Quando Arqueiro se levantou para patrulhar a clareira, Sefia tentou esconder a decepção e tornou a olhar para o Livro, piscando para colocar as palavras em foco.

Ela estava lendo sobre uma equipe de impressores liderada por Obiyagi, uma mulher de cabelos brancos e rebeldes e rosto que lembrava um sapo. Estavam em algum lugar ao sul nas terras de Corabelli com sete garotos, mas recentemente tinham rumado para o norte, atravessando os passos nas montanhas da Cordilheira. Se Sefia pudesse descobrir onde eles estavam, ou onde estariam em breve, Arqueiro e os outros poderiam conseguir interceptá-los.

Sefia consultou o mapa e folheou as páginas do Livro, examinando-as à procura de pontos de referência que lhe dissessem *onde* e de constelações que lhe dissessem *quando*.

Ela não era tão poderosa quanto os pais tinham sido. Sefia não era tão habilidosa nem preparada. Mas, com o Livro, poderia reparar parte do dano que seus pais haviam causado ao mundo. A Aljan. A Arqueiro. E à sua filha.

Então ela ergueu os olhos e procurou pela lua no céu – uma lua minguante em meio a estrelas que pareciam grãos de açúcar.

Um sorriso triunfante passou por seu rosto. Ela *poderia* usar o Livro contra a Guarda. Ela *poderia* ajudar Arqueiro. E talvez, se fizesse isso, ele deixasse de se afastar.

Arqueiro inclinou a cabeça e levou os dedos à têmpora. *O quê?*

– Eu os encontrei – ela respondeu.

Capítulo 12



Emboscada no Devorador de Rochas

Na manhã seguinte, Sefia revelou aos outros o que descobrira: em uma semana, quando a lua crescente estivesse nascendo no céu da manhã, Obiyagi e sua equipe estariam seguindo para o norte através dos desfiladeiros da costa de Alissari. Eles passariam por uma montanha que se assemelhava a um gigante ajoelhado (“O Devorador de Rochas”, disse Griegi, mexendo a mistura de ovos com cebolinha em sua frigideira de ferro fundido. “Era assim que nós o chamávamos em casa”) e seguiriam pelos despenhadeiros que havia depois, onde as planícies das Terras Centrais desciam abruptamente para o mar...

Arqueiro quase podia ouvir o ritmo dos cascos, o som de tiros. Seu dedo contorceu-se no gatilho.

Do outro lado da fogueira, Kaito parecia um menininho com apetite para encrenca.

– Você nos prometeu impressores, irmão. Parece que nós os pegamos.

Arqueiro sorriu.

– Agora tudo de que precisamos é de um plano para detê-los.

O plano tomou forma enquanto eles seguiam para o leste na direção da província de Alissar e atravessavam as últimas lavouras de verão, densas e fartas nos campos.

À noite, Sefia lia, e o Livro revelava a ela visões caleidoscópicas do futuro: os gritos de homens e cavalos… Frey e os garotos correndo em meio ao inimigo… Jatos de sangue… Poeira… Um ⛀ despedaçando-se… Garotos cujos rostos ela não reconheceu, apertando os olhos contra o sol da manhã.

Ela recontava tudo o que lia para Arqueiro, que discutia a batalha vindoura com Kaito enquanto eles buscavam presas que corriam pelos pomares e terras de pousio.

– Nós sabemos quantos eles são? – perguntou Kaito, armando uma flecha no arco que Sefia lhe emprestara para caçar.

– Vinte e seis.

– Contra nós oito? – O garoto gormani avistou um coelho correndo pela planície. – São três impressores e um quarto para cada.

Ele puxou a flecha e disparou. O coelho caiu.

Arqueiro desmontou para buscar seu jantar.

– As chances são boas.

– Chances *assassinas*.

Era macabro. Mas, vindo de Kaito, parecia engraçado.

Eles passavam quase todo o tempo juntos agora. Exceto quando Arqueiro estava com Sefia, ele e Kaito comiam juntos, cavalgavam juntos, montavam guarda juntos, discutiam planos de batalha, antecipando contra-ataques. Quando um deles entrava em pânico, ou tinha um pesadelo, ou precisava de algo emocionante ou impulsivo para esquecer o que havia acontecido, o outro estava presente com uma palavra de conforto, ou algo para relaxar ou um plano de mergulhar de um penhasco num rio lápis-lazúli tão frio e profundo que eles nunca sabiam ao certo se conseguiriam emergir outra vez.

Kaito era como o irmão que Arqueiro nunca tivera. Melhor ainda, ele era um tático nato e brilhante. Foi sua ideia enfrentar Obiyagi e sua equipe como ladrões de estrada de antigamente que roubavam carroças de suprimentos nos desfiladeiros vermelhos de Liccaro.

– Só que nós não estamos atrás de ouro – ele acrescentou.

Arqueiro passou a mão pelo chão e apagou o mapa que haviam desenhado na terra.

– Não – ele disse. – Nós queremos sangue.

O sorriso de Kaito fez surgir uma curva na cicatriz em sua bochecha.

– Você entendeu direitinho, irmão.

a manhã da emboscada, eles montaram seus cavalos, entraram no desfiladeiro e

Nassumiram seus postos atrás de moitas de ervaçal e arbustos de tremoços em flor: Arqueiro com Sefia e os gêmeos na encosta oeste, Kaito liderando Scarza, Frey e Griegi na leste. Mako permaneceu escondido nas colinas com os suprimentos deles.

Depois do Devorador de Rochas, as campinas esperavam.

Como o Livro previra, quando a lua crescente nasceu acima do desfiladeiro, uma nuvem de poeira surgiu ao longe.

O vento soprou sobre eles, e Arqueiro chegou para a frente sentado na sela, imaginando poder sentir o cheiro de graxa dos eixos e de pólvora no ar. Ele lambeu os lábios.

– Ei, feiticeira – disse Versil, remexendo-se desconfortavelmente em cima de seu cavalo malhado. – Acham que vou perder a batalha se eu demorar um minuto? A natureza me chama.

– Se você não for, não vai fazer falta.

Sefia não tirava os olhos do desfiladeiro, com uma concentração de gavião.

Os dedos de Arqueiro apertaram-se nas rédeas. Eles iam ganhar. Deteriam Obiyagi e libertariam os garotos de seus caixotes. Com o Livro para guiá-los, eles não tinham como perder.

Versil deu de ombros.

– Tudo bem, mas se eu me molhar no meio da batalha, a culpa vai ser sua.

Eles observaram os impressores se aproximarem – quatro cavaleiros com a primeira carroça, onde Obiyagi ia sentada com a espingarda e o cocheiro, e o resto da caravana seguindo em seu rastro.

Do outro lado do desfiladeiro, um disparo cortou o ar. Um impressor caiu de seu cavalo.

Scarza. O melhor atirador que eles tinham.

Gritos de alarme percorreram a caravana enquanto os impressores cerravam fileiras em torno das carroças.

Com um urro, Kaito atacou de seu esconderijo, com Frey e Griegi logo atrás dele, descendo correndo a montanha a uma velocidade alucinante. O clarão de disparos brilhou na ponta de seus dedos, e inimigos caíam com suas balas como latas do alto de uma cerca.

Mas a caravana não parou. Esquivando-se de disparos e respondendo com

fogo, os impressores correram para fazer a volta no Devorador de Rochas, na direção da campina.

Arqueiro exibiu os dentes – um caçador pronto para a perseguição.

Então eles partiram e desceram a encosta a galope, para dentro das fileiras do inimigo. Balas atingiam rochas e cuspiam cascalho.

Quando Arqueiro entrou na refrega, seus instintos de luta assumiram. Havia muito a ser visto: cavalos no ataque, com crinas e caudas no ar, dedos puxando gatilhos, cartuchos de balas quicando na poeira. Ele podia ver toda a batalha: a trajetória da caravana… O movimento de Frey e dos garotos… O tempo que tinham antes de chegarem aos penhascos.

Tudo era barulhento, horrível e glorioso.

Ele cavalgou em meio ao inimigo, tirando impressores de suas selas e os enchendo de balas. Era um raio de luz. Ele era o *cabum* do trovão.

Então Kaito estava a seu lado – havia uma luz feroz em seus olhos verdes, como se ele não se importasse em viver ou morrer, desde que caísse lutando –, e eles eram um terror de se contemplar: cavalgando, disparando, gritando como garotinhos selvagens brincando de foras da lei no quintal, tirando uma vida após a outra com uma brutalidade descuidada.

Um disparo atingiu a égua de Kaito de raspão. Ela assustou-se, seus olhos ficaram brancos de medo e dor. O garoto lutava para mantê-la na linha quando um segundo disparo raspou sua perna.

Arqueiro girou e meteu uma bala entre os olhos da impressora. Ela caiu de sua carroça, e as rédeas soltaram-se de seus dedos sem vida.

Sefia estendeu a mão e tomou as rédeas em sua pegada invisível, e a carroça deslizou e parou.

Obrigado, Arqueiro moveu os lábios sem emitir som.

Na poeira, ela ergueu dois dedos cruzados.

Eles cavalgaram rapidamente ao entrar na campina e prenderam os impressores contra a beirada dos penhascos. Detonações de pólvora e explosões de calor os cercavam e, um a um, o inimigo caiu. Cavalos escaparam. À frente de todos eles, Obiyagi e a carroça principal seguiam adiante.

Com um sorriso, Kaito gesticulou para o começo da caravana.

– Você e eu, irmão.

Eles tocaram suas montarias adiante. O vento gritava. Eles estavam muito perto.

Obiyagi virou-se no assento e disparou um cartucho de sua espingarda.

Kaito respondeu o tiro e sua bala passou raspando na lateral do pescoço dela.

Ela abaixou-se.

Xingando, o garoto gormani apontou a cabeça na direção de Arqueiro.

– Eu cubro você.

Arqueiro notou Frey aproximando-se às suas costas. Ele largou as rédeas e ficou de pé sobre os estribos. Sentiu sua égua ajustar-se quando seu peso mudou de lugar, mas ela não perdeu o passo.

Ele pulou – Frey pegou as rédeas antes que seu cavalo pudesse sair em disparada –, aterrissou na traseira da carroça e rolou para evitar um disparo da espingarda de Obiyagi. As tábuas racharam-se sob Arqueiro.

Atrás dele, o revólver de Kaito disparou e atingiu a impressora no ombro e no ouvido. Ela mergulhou para trás e ficou encoberta.

Quando Arqueiro ficou de pé, as rodas saltaram e deslizaram no terreno acidentado e o atiraram sobre os caixotes. Ele subiu por eles, chegou na parte da frente da carroça e derrubou o cocheiro inconsciente com a coronha de sua arma.

Obiyagi saltou para pegar as rédeas, e depois congelou. O revólver de Arqueiro apertava contra sua nuca. A carroça desacelerou.

– Tudo bem, garoto – murmurou. – Você ganhou.

A respiração entrava e saía dos pulmões de Arqueiro. Seu peito estava arquejando.

Ele podia matá-la. Um movimento de seu dedo, e ela estaria morta. Arqueiro queria isso. Quase podia sentir o gosto de sangue em seus lábios. Sua mão tremeu. Não. Ele não seria esse garoto.

Atrás dele, Kaito gritou. O garoto estava de pé nos estribos, agitando os braços e com a cabeça jogada para trás em um rugido exultante.

– Pelos cascos podres, Arqueiro, você conseguiu! Você nos prometeu impressores, e cumpriu a promessa! Eu vou segui-lo a qualquer lugar, irmão, *qualquer lugar*…

Seus gritos foram interrompidos pelo som de um objeto duro sobre osso. Uma nuvem de poeira ergueu-se quando duas figuras caíram no chão, agarrando-se e

debatendo-se. Aí a figura esguia de Aljan surgiu em cima de um impressor deitado de bruços, que tentava cobrir a cabeça com as mãos. Os punhos do garoto o atingiram repetidas vezes, com força, com crueldade.

Arqueiro saltou da carroça.

– Kaito. Kaito! Amarre os prisioneiros.

Aljan estava gritando, berrando, saliva voava de seus lábios, sangue voava de seus punhos. Mas ele não parou. Era como se não pudesse parar. Toda vez que ele batia, a cabeça do impressor balançava violentamente de um lado para o outro, como um sino de navio em uma tempestade.

Arqueiro passou correndo por Sefia, que segurava as rédeas de duas carroças com sua mágica, mas Frey foi mais rápida. Ela desviou de um dos golpes de Aljan, segurou seu braço e o puxou de cima do impressor, que permaneceu deitado e imóvel sobre a terra respingada de sangue. O cartógrafo enterrou o rosto no cabelo dela, tremendo.

Por um momento, tudo ficou imóvel. Arqueiro olhou nos olhos de Sefia.

Eles tinham vencido.

No silêncio aturdido, ele podia ouvir os soluços de Aljan.

Eles tinham acabado com duas, faltavam duas.

Capítulo 13



Os mortos se levantam

O impressor que Aljan atacou não sobreviveu, o que levou para dezesseis a contagem dos mortos. Dezesseis corpos enrolados em cobertores. Dezesseis cadáveres para as chamas.

Sefia observou enquanto Frey e todos os catorze garotos revezaram-se para tocar uma tocha nos gravetos, com rostos solenes e duros. Kaito foi o último, e ele hesitou por um longo momento, observando a fumaça subir do monte poroso de pedra preta, antes de enfiar a tocha fundo entre os troncos e voltar para o lado de Arqueiro.

As chamas ficaram mais altas. O cheiro acre de cabelos queimando os envolveu.

Acorrentados pelos punhos e tornozelos, Obiyagi e os outros prisioneiros estavam ali parados. Um a um, eles repetiram os nomes dos mortos.

Sefia conhecia esses nomes, ela os havia lido no Livro. Uma delas tinha se juntado aos impressores para impedir que o próprio filho fosse levado. Outro era jardineiro. Um tinha pertencido à tripulação do *Corrente*, muito antes de Reed se tornar capitão. Outros eram cruéis e se alegravam com o abuso desde crianças, arrancando patas de insetos uma de cada vez como pétalas de flores.

Nenhum dos garotos falava. Não houve discursos, não houve histórias. Em silêncio, Kaito e Scarza escoltaram os prisioneiros de volta a seus caixotes.

Quando retornaram, Arqueiro dirigiu-se ao grupo:

– Eu sei o que eles fizeram conosco, mas, quando se rendem, nós temos de parar. – Sua voz estava rouca. As emoções raspavam umas contra as outras em

seu âmago. Seu olhar foi até Aljan, que tinha aquela expressão vaga e confusa nos olhos outra vez. – Precisamos parar, ou nos tornamos o que eles queriam. Nós paramos, ou eles ganham.

O cartógrafo assentiu com a cabeça com tristeza. Os outros, até mesmo Kaito, murmuraram em concordância.

No silêncio que se seguiu, um dos garotos novos, Keon, magro, de dezesseis anos, com o cabelo queimado de sol como um habitante das costas do sul, limpou a garganta.

– Nós não tivemos a chance de agradecer a vocês pelo que fizeram. Quando toda a confusão começou, nós achamos que, com certeza, estávamos mortos.

– Vocês estavam mortos. – Arqueiro gesticulou para os outros, que tocaram as cicatrizes em seus pescoços. – Todos nós estávamos.

– Nós estávamos mortos – concordou Kaito, fazendo uma saudação com os braços cruzados. – Mas graças a nosso chefe e a nossa feiticeira, agora nos erguemos.

Chefe?

Surpresa, Sefia olhou para Arqueiro, cujos olhos dourados piscaram de preocupação – e com uma reação mais sombria, como fome. Até agora, o grupo não tinha líderes. Era informal. Um bando de garotos perdidos. Mas agora tinham se tornado algo diferente, algo mais, um grupo de seguidores.

Arqueiro apertou mais a mão dela enquanto os outros repetiam as palavras de Kaito como um grito de guerra, a ser invocado antes de alguma batalha distante.

– Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos.

O ar crepitou. Os pelos arrepiaram-se nos braços de Sefia.

Eles tinham conseguido outra vez – detido os impressores, libertado os garotos – por causa do Livro. A maior arma da Guarda voltada contra ela. Mas, e se fosse uma arma com um gume oculto? E se, de algum modo, Sefia estivesse fazendo exatamente o que eles queriam o tempo todo?

Naquela noite, houve uma celebração. Frey e Arqueiro construíram uma fogueira bem maior, da altura dos gêmeos, e quando todos terminaram de se banquetear com aves marinhas assadas e espetos de cebolas, eles pegaram os ferros de marcar do fogo onde Griegi cozinhava e os enfiaram na pilha de

gravetos e madeira seca.

As chamas subiram na direção do céu, e os garotos deram um grito de viva. Seus corpos pareciam tremeluzir sob a luz vermelha. Movendo-se entre eles, Kaito e Scarza distribuíam garrafas de aguardente que pegaram nos suprimentos dos impressores e nos cantis que recuperaram dos corpos dos mortos.

No limite da luz da fogueira, Frey estava sentada com Aljan enquanto ele desenhava na terra. A batalha e a surra finalmente tinham feito com que ele falasse com ela. À distância, Sefia observou suas cabeças inclinarem-se na direção uma da outra enquanto eles conversavam, como juncos curvando-se ao vento.

Atordoados com a liberdade, os outros jogavam nau dos insensatos e lançavam para o alto cacos de potes de barro quebrados, nos quais Scarza atirava no ar com uma miríade de truques incríveis com apenas uma mão. Eles contaram histórias e desafiaram uns aos outros a parar perto do fogo, contando os segundos até se afastarem do calor.

E, no centro de tudo, estava Arqueiro. Sorrindo. Amado. A todo lugar que ia, os outros curvavam-se e cruzavam os braços, apertavam sua mão e ofereciam gratidão.

Com olhos brilhantes de excitação, Kaito caminhou até ele.

– Por que seu copo está vazio? – Ele olhou de cenho franzido para os outros. – Quem permitiu que o copo do chefe ficasse vazio? Foi você, Griegi?

O cozinheiro riu e escondeu o rosto rosado atrás das mãos. Rindo, Keon, um garoto magro da costa do sul, puxou seus braços para baixo. Por um instante, eles se encararam, sorrindo bobamente, antes que seus lábios se encontrassem em um beijo desajeitado. Os outros assoviaram.

Quando se afastaram, o rosto de Griegi estava ainda mais vermelho que antes; o sorriso, mais brilhante.

Kaito jogou os braços em torno dos ombros de Arqueiro e serviu uma torrente de bebida em seu copo.

– Irmão, de onde eu venho, o primeiro a parar de beber desonra seu nome.

– Você está com a cara da desonra.

Arqueiro e ele brindaram.

Logo eles estavam regalando os outros com os destaques da batalha.

– O jeito como saltou naquela carroça! Eu tive certeza de que você ia… E aí Obiyagi… – Kaito imitou o som de um disparo de espingarda, fingindo saltar para trás com o recuo. – Mas aquele pulo! É disso que se fazem as lendas.

Arqueiro sacudiu a cabeça com certo excesso de vigor.

– Você teria conseguido, assim como eu – ele disse. – Você é o melhor de nós, Kaito Kemura. – Ele afastou-se e tornou a erguer o copo. – A Kaito!

– A Kaito! – repetiram os outros garotos.

O garoto gormani deu de ombros.

– Meu único arrependimento é não ter matado mais deles antes que se rendessem.

– Não, não, nós fizemos bem – murmurou Arqueiro. – Nós fizemos bem.

Kaito apertou a testa contra a dele.

– Você é uma pessoa muito melhor que eu, irmão.

Durante tudo aquilo, Sefia passou entre eles quase sempre sem ser vista – com eles, mas não uma deles. Para todo lugar que olhava, ela via o legado de seus pais – nas marcas, nas cicatrizes. Ela ouvia as palavras do pai em toda história de tortura e maus-tratos que eles contavam.

Nós precisamos de um garoto com uma cicatriz em volta do pescoço? Vamos encontrá-lo.

Tudo isso por um garoto. Sem querer, ela encontrou Arqueiro no meio do grupo. Será que tinha funcionado? Será que ela de algum modo estava fazendo exatamente o jogo da Guarda? Será que você podia, como afirmava Lon, fazer o destino?

Seus pensamentos foram interrompidos quando Versil, ao ver sua aproximação, chamou alguns garotos para mais perto e disse a eles em um sussurro teatral como ela uma vez o havia transformado em mariposa por pegar no sono durante o turno de vigia.

– Ela restaurou-me a minha beleza de manhã, é óbvio, mas estão vendo isto? – Ele apontou para as manchas brancas no rosto. – Partes de mim ficaram permanentemente brancas.

Sefia revirou os olhos.

– Eu não fiz nada disso.

Com um lamento exagerado, Versil prostrou-se aos pés dela.

– Por favor, feiticeira, não me transforme outra vez!

Sefia saiu andando enquanto ele tornava a se levantar rindo.

Mais longe da fogueira, ela encontrou o que restava das letras de Aljan na terra, um padrão enfeitiçante de curvas e espirais semiapagadas. Aqui e ali ela identificava um C, um R, um I, – mas, em geral, se pareciam mais com os pescoços de alguma criatura mítica de muitas cabeças do que letras como ela conhecia.

Do outro lado do fogo, Sefia podia ouvir o tenor rouco de Kaito liderando os outros em canções de batalha gormanis de seu lar no norte. Melodias grandiosas e assombrosas para guerreiros antigos tornadas novas e urgentes pelas vozes não treinadas dos garotos.

O alvorecer no céu do norte
Mancha de luz o gelo e a neve.
Beije seus filhos. Erga suas armas.
Nós seguimos pelas ondas.
Seguimos para a morte.
Nossos inimigos vão se lembrar de como lutamos.
Eles vão conhecer nossos nomes,
Nosso valor e nossas espadas.
Eles vão contar ao mundo
Como nós lutamos hoje.

Ela podia ouvir Arqueiro tentando acompanhar, porém ele sempre estava na nota errada, uma palavra atrasado, correndo atrás da melodia. Mas ele era de Oxscini. E não podia conhecer essas canções.

E ele não era um guerreiro. Um lutador, sim. Um caçador, talvez. Mas não um líder de homens como os generais do norte ou mesmo o capitão Reed com seu bando de foras da lei. Pelo menos não tinha sido, até hoje.

Ela alisou o resto das letras de Aljan e permaneceu por fim em um T antes de apagá-lo, tentando ignorar a pontada de culpa que sentia por arruinar algo tão belo.

– Sefia? – A voz baixa de Arqueiro a assustou, arrancando-a de seus pensamentos. Ele estava parado no limite da luz da fogueira com o sorriso um

pouco mais enviesado que o natural. – Quer sair daqui?

A jovem pegou sua mão e, juntos, caminharam na direção dos penhascos. A fogueira reduziu-se a um leve pulso atrás deles à medida que o ar da noite se encheu com os sons do oceano quebrando sobre pedras.

– Assim está melhor – disse Arqueiro, enquanto eles sentavam-se na grama. Diante deles, avistava-se toda a extensão do Mar Central como um reino vasto de telhados brancos e ruas negras.

– Como nos velhos tempos.

Parte da tensão relaxou nos ombros dela.

– Só que os céus são maiores. Você não tem céus assim em Oxscini.

Ele concordou com a cabeça.

– Você sente falta disso?

Arqueiro apertou os lábios.

– Não sou mais o garoto que pertencia àquele lugar.

– Quem é você, então?

Ele acariciou a parte interna do pulso dela.

– Eu… Eu não sei. Às vezes, sou um deles. – Arqueiro apontou com a cabeça na direção do acampamento, onde Frey e os garotos ainda não tinham parado. – Tenho uma missão, um propósito. Outras vezes… eu sou o assassino que você encontrou na selva, sem nome, e tudo o que quero é quebrar coisas, destruí-las como puder, até você não conseguir dizer sequer o que elas costumavam ser… Mas não quero ser ele.

Todo lugar que Arqueiro tocava formigava com calor, e, quando inclinou a cabeça na direção dela, Sefia de repente foi absorvida pelas linhas de seu maxilar, seu queixo e seus lábios. Ela podia sentir seu olhar percorrer seu rosto de um lado para o outro.

– Quem você quer ser? – ela sussurrou.

Ele traçou com delicadeza a curva do rosto dela.

– Eu quero ser bom. Quero ser inteiro. Quero ser o garoto que você merece.

O calor passou em ondas pela pele de Sefia.

– Arqueiro – ela disse.

Ele inclinou-se mais para perto, como se atraído pela forma como ela falou seu nome.

Sefia ergueu o queixo, e seus lábios se tocaram. Era como se o resto do mundo estivesse em chamas – a grama, o horizonte cintilante, a culpa e o remorso – e a única coisa que impedia que eles saíssem em espiral pela escuridão era a forma como se agarravam um ao outro.

Ela arfou, e o choque dos dois afastando-se trouxe o mundo de volta ruidosamente.

Sem dizer nenhuma palavra, Arqueiro entrelaçou os dedos no cabelo dela e a puxou para perto outra vez.

Sefia fechou os olhos. Ela não queria o mundo. Queria a boca dele na sua. E queria a mão dele em seu pescoço, pelas suas costas. Ela queria Arqueiro e, pelo menos nessa noite, absolutamente mais nada.

Controlar

Capítulo 14



O sino do *Ouro do Deserto*

Depois que ouviram o som do sino do *Ouro do Deserto* ecoar acima da Baía Efígia, eles usaram o badalo para encontrar a localização do sino, e agora ele e o *Ouro* estavam diretamente abaixo deles, a mais de quinze metros sob a superfície, com o mapa para o maior tesouro já conhecido em Kelanna. O capitão Reed tamborilou os dedos com impaciência enquanto Cavalo, o carpinteiro do navio, e seus assistentes trabalhavam na grande estrutura de madeira que erigiram sobre o convés do Corrente, apertando parafusos e conferindo polias, cuidando de bombas de ar e grandes extensões de mangueira.

O sino de mergulho de Cavalo era uma maravilha de se ver: uma cúpula de ferro com um fundo aberto e vigias para permitir a entrada da luz que descia no mar usando a pressão da água para aprisionar um bolsão de ar no interior. Enquanto continuasse a bombear ar fresco para dentro através de tubos de couro, você podia entrar e sair nadando da câmara de ferro quantas vezes quisesse.

Ali perto, o *Crux* também estava ancorado com o casco dourado e brilhante sob o sol inclemente. Em seus conveses, a tripulação de Dimarion preparava um sino de mergulho próprio.

O imediato aproximou-se de Reed com seus traços envelhecidos e o cabelo grisalho.

– Não gosto de descer lá depois do que Bee disse sobre a Marinha Azul – ele disse.

Centenas de foras da lei retirados das águas. Centenas de nomes perdidos. O rei Stonegold e os evericanos estavam destruindo seu modo de vida, um navio de

cada vez.

Reed tocou o círculo vazio de pele em seu pulso.

Mas alguns feitos eram tão grandes que não podiam ser contidos por navios nem por homens mortais. Alguns feitos eram tão grandes que sobreviviam a tudo – reis menores, mentiras e seus próprios erros.

Ele esperava.

Reed retirou o chapéu.

– Tão longe em águas liccarinas, você deveria se preocupar mais com Serakeen.

– Ah, eu me preocupo.

O imediato beliscou o canal do nariz, entre seus olhos cinzentos e mortos. Ele podia sentir tudo o que ocorria no navio, localizando ninhos de rato no cavername com a mesma facilidade com que podia apontar vazamentos. Mas, às vezes, especialmente quando estava ansioso, toda essa informação sensorial dava a ele dores de cabeça lancinantes.

– É uma grande extensão de água. Se os piratas de Serakeen mostrarem suas caras feias, você tem bastante tempo para nos avisar lá embaixo.

O capitão Reed desafivelou os coldres de suas armas e tirou o resto de sua roupa peça por peça até ficar apenas com o calção.

– Se acontecer alguma coisa, vamos literalmente ser pegos de calça arriada – o imediato alertou.

– Não preciso de calças para enfrentar piratas.

– Não *precisa*. Mas pode querê-las.

Reed deu um tapa em seu ombro.

– Não se preocupe. Não é hoje.

O imediato grunhiu, mas, como sempre, a resposta o satisfez.

O capitão Reed era um dos poucos em Kelanna que sabiam como eles iriam morrer. As pessoas diziam que a água havia lhe contado quando ele foi pego em um redemoinho que quase arrancou a pele de seus ossos.

Quando ele morresse, haveria um último alento de ar úmido e salgado. Uma pistola negra. Um dente-de-leão colorido no convés. Madeiras do navio estourando. E escuridão.

Mas esse não era seu dia.

Juntos, eles desceram para o convés principal, onde Jules estava esperando. Ela tinha sido mergulhadora de pérolas antes de se juntar ao *Corrente* e ainda tinha pulmões para isso, embora, graças a Reed, tivesse deixado essa vida para trás havia muito tempo. Hoje ela usava calças e um top de couro que expunha seus braços tatuados, e sua pele era bronzeada do sol quente, exceto onde algumas cicatrizes prateadas, com décadas de idade, corriam lateralmente por sua caixa torácica, semiocultas por baixo de seu top.

Houve vivas quando o sino de mergulho submergiu.

O capitão Reed olhou para o *Crux*. Embora agora fossem aliados, para todos os propósitos, eles tinham sido inimigos por muito mais tempo, e não havia como dizer quando o navio dourado podia se voltar contra eles.

– Sei que devíamos estar do mesmo lado e tudo o mais – disse Jules em sua fala aveludada. – Mas, se não conseguirmos esse sino primeiro, vamos ter problemas.

– Nós vamos consegui-lo. – Reed sorriu para ela. – Nós temos você.

Com um grande salto, mergulharam pela amurada do navio e atingiram a água como flechas. Batendo os pés e movendo os braços, Reed entrou na câmara do sino, que estava equipada com assentos e apoios para os pés, cabos de segurança e ganchos, e um grande tubo umbilical que conectava seu bolsão de ar aos foles no convés do navio.

Jules emergiu depois dele, e eles subiram para os assentos. Enquanto afivelavam cabos de segurança à cintura, ela pegou um pequeno martelo amarrado à parede e olhou intrigada para ele.

Reed assentiu.

– Vá em frente.

Ela bateu com o martelo na parte interna do sino. O som reverberou em torno deles e viajou através da água.

Ao longe, houve uma resposta de navio e um leve puxão no cabo antes que o sino de mergulho começasse a afundar mais no mar.

Através das vigias, a água ficou turquesa, ardósia e verde enquanto eles viajavam para cada vez mais longe da superfície. O sino ecoava com o ruído contínuo do ar da mangueira e o barulho baixo do mar pingando dos dedos das mãos e dos pés.

De vez em quando, vinha uma badalada de cima, como uma pergunta: *Está tudo bem aí embaixo?*

E eles batiam na lateral do sino com o martelo: *Tudo bem*.

Então o casco do *Ouro do Deserto* surgiu à frente deles.

O navio havia tombado de lado na areia com os mastros quebrados e os costados encrustados com coral. Peixes azuis dardejavam como lanças pelas canhoneiras, e algas flutuantes cobriam os conveses antigos.

Mas era um belo navio, enfeitado com a grande habilidade manual que em certa época fizera de Liccaro o reino mais rico de Kelanna. Mesmo agora, no fundo do mar, Reed via metais preciosos, gemas e *cabochons* do tamanho de seu punho adornando as amuradas apodrecidas.

Ao se aproximarem do leito do mar, ele bateu duas vezes no sino de mergulho para deter sua descida.

Houve um sinal de resposta da superfície, e eles pararam lentamente acima dos conveses destruídos.

– Tudo bem, capitão. – A voz alegre de Jules ecoou em torno deles. – Mostre-me o que você tem.

Reed fez uma breve continência para ela e, depois de inspirar fundo, submergiu.

A água se fechou sobre sua cabeça enquanto ele nadava na direção do *Ouro*, e o cabo de segurança em torno de sua cintura se desenrolava atrás dele. Onde os conveses haviam desmoronado, havia os leques rígidos de vieiras em meio a portas elaboradamente entalhadas, e peixes nadavam pelas ruínas, agitando nadadeiras brancas etéreas.

Reed estendeu a mão para baixo, recolheu um pires lascado e limpou as algas de sua superfície, revelando o emblema dourado de Liccaro – uma flor do deserto desabrochada.

O capitão olhou ao redor. Ele pensou ver indistintamente a sombra enorme do sino de mergulho do *Crux* pairando acima da proa.

Eles precisavam agir rápido.

Reed largou o pires e nadou para cima outra vez.

Emergiu sem fôlego no bolsão de ar.

– Dois minutos – disse com aprovação Jules. – Nada mal.

Tossindo, subiu de volta para seu assento, ainda tentando recuperar o fôlego.

Jules riu dele.

– Deixe comigo, capitão. Descanse um pouco seus pulmões.

Ele chutou água em cima dela.

Jules deslizou com facilidade para o mar, mergulhou sob a superfície e o deixou sozinho na câmara de ferro. Ele fechou os olhos e escutou as ondas.

Era como se pudesse ouvir o oceano murmurando para ele, contando sobre recifes de corais próximos e baixios desprovidos de tudo, menos de areia, sobre os mergulhadores do *Crux* explorando o naufrágio, sobre o *Corrente* acima e outros navios na superfície, cortando a água.

Jules surgiu abaixo dele.

– Eu encontrei, capitão. Só que… Eu acho que o senhor mesmo devia dar uma olhada.

Eles trocaram de lugar, Jules instalou-se no assento novamente e o capitão mergulhou na água. Nadou pelos restos destruídos do timão do navio, onde um esqueleto, limpo por carniceiros, olhava para ele do convés com um rosto sem mandíbula que não sorria. Perto, o sino de latão do navio estava caído de lado.

Afastando peixinhos prateados que nadaram uma vez em torno de suas mãos antes de se dispersarem, Reed puxou o sino para cima. Ele estava inscrito com a insígnia do *Ouro do Deserto*: um sol nascendo sobre um deserto plano, mas isso era tudo.

Nada de mapa.

Nenhuma chave da localização do Tesouro.

Ele franziu o cenho e olhou no interior do sino.

Ali, semiobscurecidas por uma crosta de azinhavre e lapas, havia palavras.

Palavras.

Suas mãos foram até o peito. Ele reconheceu aquelas formas regulares, como desenhos de cobras na areia. Como as marcas no Livro de Sefia. Como as tatuagens que tinham sido forçadas sobre ele quando tinha dezesseis anos.

A lenda dizia que o badalo levaria ao sino, e que o sino levaria ao Tesouro há muito perdido. Não mencionava *palavras*.

De repente, a água encheu-se com o som do sino do *Corrente* batendo sem parar, soando por toda a sua volta e fazendo o mar estremecer com o barulho.

O alarme. Algo tinha dado errado lá em cima.

Reed deixou o convés do *Ouro* e tornou a emergir aos pés de Jules.

Ela pegou um gancho em um dos suportes no teto.

– Nós precisamos daquele sino. – Antes que ele pudesse protestar, ela se jogou na água e bateu pernas na direção do convés abaixo.

O sino de mergulho moveu-se bruscamente e subiu mais de um metro. Reed praguejou, sentou rapidamente no assento e bateu o martelo contra a lateral do sino.

Parem.

Mas o alarme estava ficando mais frenético a cada segundo. Ele esperou por um átimo e tornou a sinalizar para eles.

Parem.

– Vamos, Jules – murmurou, olhando fixamente para a água.

Do lado da coxa, ele traçava nervosamente dois círculos interligados, uma vez, duas vezes, três, quatro…

Ela não tornou a emergir.

O sino de mergulho sofreu outro solavanco e começou a subir. O cabo de segurança de Jules se esticou. Se subissem rápido demais, mesmo uma nadadora forte como ela não teria condições de alcançá-los. Jules iria se afogar e seu corpo seria arrastado junto pelo sino de mergulho.

O capitão Reed pegou o segundo gancho e mergulhou atrás dela.

Ele a encontrou brigando com o sino do *Ouro do Deserto*, tentando amarrá-lo ao gancho e ao cabo. Sua cabeça moveu-se repentinamente para cima quando Reed atingiu o convés ao lado dela, e Jules acenou brevemente a cabeça antes que eles continuassem a prender seu prêmio.

Sem aviso, o alarme cessou. O oceano ficou em silêncio.

Reed praguejou. Bolhas saíram de seus lábios. Aquele seria o momento de dizer a Cavalo que interrompesse a subida.

Acima deles, o sino de mergulho começou a mover-se pela água. Seus cabos de segurança esticaram-se. Reed e Jules lançaram-se para cima. Abaixo, o sino do *Ouro* foi puxado do convés.

Reed nadou com toda a força possível, mas não era o suficiente. Eles iriam ficar sem ar antes de alcançá-lo. Seu peito queimou. *Quase lá*. Ele tossiu. Água

inundou sua garganta.

Jules pegou seu braço e o puxou para cima.

Quando pontos começaram a remoinhar diante dos olhos de Reed, ele e Jules emergiram no interior do sino de mergulho. Ar entrou nos pulmões dele. Jules subiu para um assento e o puxou em seguida.

– Obrigado – ele disse com dificuldade.

– Não é todo dia que você resgata Cannek Reed – ela disse. – Eu vou contar essa história por muito tempo. Posso até fazer uma canção sobre ela.

A luz tornou a mudar – de uma ardósia azulada para ciano – e o sino de mergulho parou. O céu brilhava pelas vigias. Eles tinham conseguido. Reed e Jules desenrolaram seus cabos de segurança, caíram pela abertura no fundo do sino e tornaram a emergir à sombra do *Corrente*.

– Capitão! – gritou Marmalade assim que ele emergiu outra vez. – É Serakeen!

No convés, Cavalo e seus assistentes jogavam seu peso sobre o cabrestante, e o sino de mergulho saiu da água como a cabeça de uma criatura marinha enorme. Atrás dele veio o sino menor do Ouro. Enquanto Marmalade e Killian, um marujo do quarto de bombordo, punham sua descoberta em segurança, o capitão Reed e Jules voltaram ao *Corrente*.

Escorrendo água, Reed subiu os degraus até o tombadilho, onde Aly, sua camareira, colocou uma luneta em suas mãos.

– Quantos, e a que distância? – ele perguntou.

– Quatro – ela trinou em resposta. – Três batedores e um navio de convés duplo.

Reed devolveu a luneta para ela.

– Fique de olho neles por mim, garota.

Aly balançou a cabeça afirmativamente, jogou as tranças louras para trás e saiu correndo.

À pequena distância, o convés do *Crux* estava em um enxame de atividade enquanto a tripulação de Dimarion erguia o próprio sino de mergulho da água, levantava as âncoras e desfraldava suas velas com ornamentos dourados. Remos surgiram dos seus lados como as pernas de uma centopeia aquática.

A forma montanhosa de Dimarion apareceu em seu tombadilho.

– Vocês conseguiram nosso sino? – chamou em seu baixo profundo.

– Que tipo de caçador de tesouros você acha que eu sou? – gritou Reed em resposta.

– Vamos nos separar e afastar alguns deles de vocês.

Por um momento, Reed achou ter ouvido mal. O *Crux* ia atrair fogo por eles?

– Nos encontramos a leste de Hye – continuou Dimarion. – Você conhece o lugar?

Na última vez que juntaram forças, o capitão Dimarion o havia abandonado em um banco de areia a leste da ilha de Hye – uma traição que os levou a um impasse em meio a um turbilhão ruidoso e despertou cinco longos anos de competição e hostilidade.

E agora Dimarion estava arriscando o pescoço pelo *Corrente*. O que havia mudado?

– Não poderia me esquecer mesmo se eu tentasse – disse Reed.

Os anéis de diamantes nos dedos de Dimarion brilharam quando ele ergueu uma das mãos em saudação.

– Se o pegarem, faça com que não se esqueçam de seu nome.

– Eles não vão me pegar.

Com uma risada, o capitão do *Crux* desapareceu da amurada.

O imediato surgiu ao lado de Reed.

– O vento está fraco. Será que conseguiremos despistá-los?

Reed examinou a água à procura de sinais de uma corrente, mas a superfície estava imóvel como um lago.

– Temos que tentar.

O imediato girou nos calcanhares e começou a gritar ordens. A tripulação correu para seus postos.

Reed vestiu a calça, enfiou os pés nas botas e afivelou seus coldres enquanto examinava atentamente o horizonte. Os navios agora estavam mais próximos – perto o suficiente para contar suas velas.

Ele desceu até o timão, onde Airoso, seu timoneiro alto, magro e taciturno, já os estava manobrando para pegar a brisa sem forças.

– Tire-nos daqui, Airoso.

O timoneiro deu um grunhido.

– Preparar para o combate! – gritou Reed.

Os marinheiros desceram correndo até o paiol e voltaram trazendo carregadores de canhão e esponjas, pés de cabra e alavancas de cabrestante, chifres de pólvora e caixas de munição. Escorrendo água do mar, Jules juntou-se a eles e gritava instruções acima do burburinho. Eles carregaram rifles e montaram canhões giratórios nas amuradas, e entre os canhões puseram tinas de água do mar e esfregões para os incêndios da batalha.

A cada minuto os navios inimigos aproximavam-se deles, ficando maiores e mais assustadores no horizonte. Seus cascos negros e amarelos faziam com que parecessem abelhas, com ferrões de armas ao longo dos flancos.

Os piratas de Serakeen. Por mais de uma década eles cercaram Liccaro: saqueando cidades que se opunham a eles, atacando navios mercantes, navios militares e corsários que chegavam; poupavam apenas aqueles que transferiam recursos para seus aliados corruptos na regência. Eles eram uma desgraça para foras da lei de toda parte – eram homens da terra e da guerra, não homens do mar e da liberdade.

A estibordo, o *Crux* seguia para noroeste, impulsionado pelos remos dos escravos das galés de Dimarion.

Houve uma explosão atrás do *Corrente*.

A tripulação de Reed jogou-se sobre o convés.

A bala de canhão atingiu a beirada do tombadilho, arrancou um canto da amurada e caiu na água com um *splash*.

O imediato soltou uma série de palavrões cabeludos.

Reed jogou-se contra a amurada e examinou o mar. Se houvesse uma saída, ele iria descobri-la. Precisava fazer isso. Ele não iria morrer hoje.

Atrás deles, dois dos navios de Serakeen afastaram-se e saíram em perseguição ao *Crux*.

Isso deixava dois batedores rápidos e o *Corrente da Fé*. As chances eram pequenas.

O capitão Reed piscou para livrar os olhos dos respingos.

Era como se ele conseguisse ver a força de atração da lua, a subida da maré e as tempestades em turbilhão ali no Mar Central, as esteiras de navios e o estrondo de vulcões nas profundezas.

Reed começou a contar. Sempre até oito. Nunca mais. Seu número favorito. Isso o mantinha focado. Oito depois oito depois oito.

Então descobriu: uma abertura nas águas, como um canal através das cristas das ondas. Uma contracorrente.

Se conseguissem chegar lá antes de serem alcançados pelos navios de Serakeen, talvez eles pudessem escapar.

– Ali! – ele gritou para Airoso. – A bombordo!

O timoneiro assentiu uma vez e girou o timão. Os navios de Serakeen estavam perto agora. As bandeiras do Flagelo do Leste tremulavam de cada um dos mastros, com os canhões de proa trovejando um atrás do outro.

Na popa, Cuca e Aly agacharam-se com seus rifles e levantavam-se de vez em quando para disparar.

No convés, as equipes de artilheiros preparavam os canhões laterais, deixando-os prontos para a batalha.

Reed agarrou a amurada com tanta força que suas unhas cravaram-se na madeira.

Então eles chegaram à corrente. As águas agitaram-se em torno dele e os levaram rapidamente pelos canais. Borrifos jorraram sobre o castelo de proa.

Os navios de Serakeen ficaram para trás enquanto seus timoneiros tentavam se ajustar. Airoso gargalhou, apontando o navio para a água rápida. Os canhoneiros de popa vibraram.

O *Corrente da Fé* avançou. A distância entre eles e o inimigo aumentou.

Eles iam conseguir. As correntes iriam levá-lo para fora do alcance, e os batedores de Serakeen iriam patinar enquanto o *Corrente* deslizava pela superfície, saindo acelerado da Baía Efígia para o Mar Central.

Enquanto a tripulação dava um grito de celebração, o capitão Reed começou a andar de um lado para o outro do tombadilho. Eles haviam conseguido aquilo que tinham ido buscar. Haviam escapado. Mas agora tinham um enigma para solucionar.

Ele conhecia apenas uma pessoa que podia decifrar as marcas no interior do sino do navio, e a última vez que a vira, ela estava entrando no labirinto do Porto Central de Jahara com um garoto que lutava como uma fera selvagem.

Reed pegou a camisa, retirou um pedaço de lona do bolso da frente e traçou

as letras escritas ali: REED.

Palavras significavam problema, e não do tipo bom.

Por causa delas, um assassino vagara por seu navio e os perseguira do mesmo modo que o Executor buscava sangue.

Harrison, o grumete do navio, morrera.

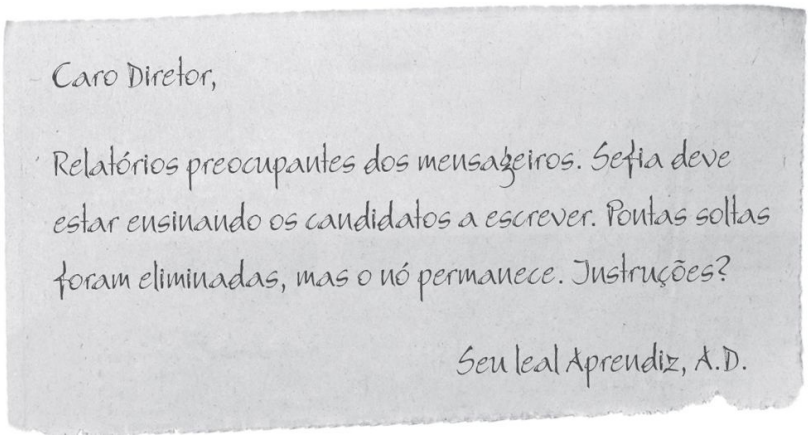
E, bem antes disso, quando Reed tinha apenas dezesseis anos, ele tinha sido raptado e mantido imóvel enquanto palavras eram entalhadas nele, letra por letra, linha por linha. A lembrança disso perfurou seu peito, e ele pôs a mão sobre o coração que batia forte, onde, sob os anos de tinta e glória, aquelas primeiras tatuagens estavam escondidas.

Ele não sabia quem as tinha feito.

E não sabia por quê.

Mas, pela forma como as palavras continuavam a circular e voltar para ele, Reed desconfiava que logo iria descobrir.

Relato da segunda filha


Caro Diretor,

Relatórios preocupantes dos mensageiros. Sefia deve estar ensinando os candidatos a escrever. Pontas soltas foram eliminadas, mas o nó permanece. Instruções?

Seu leal Aprendiz, A.D.

Nós os vimos na margem do rio naquela manhã, mas minha mãe disse para não nos aproximarmos, por isso só fomos até o rio depois do almoço.

A essa altura, todos os garotos tinham ido embora, e eles levaram seus cavalos também. Deixaram pegadas na lama – grandes, como esta – e nós ficávamos tentando caminhar dentro delas, como se fôssemos espiões que não pudessem deixar nenhum rastro.

Foi quando nós a encontramos desenhada na lama. Estava toda borrada, como se alguém tivesse tentado escondê-la, exceto por uma parte. Eu achei bonita, e Amilee também. Ela disse que era o brasão de um antigo reino mágico que não era visto há milhares de anos. Ele só se mostrava para a realeza, ela contou, por isso devíamos ser princesas há muito perdidas.

O

Nós o copiamos muitas vezes na lama – você viu? – para criar uma linha entre o reino goblin e o nosso, porque goblins não podem cruzar uma fronteira

mágica…

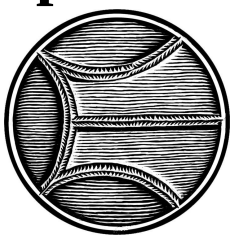
Tudo provavelmente foi lavado a essa altura, não é verdade? Pela chuva?

Você não acha que isso significa que goblins entraram, não é? Você não acha que eles pegaram Amilee? Não acha que nós os trouxemos para cá ao fazer isso, trouxemos? Nós só queríamos manter nosso lado do rio em segurança…

Onde está Amilee?

Quando eu posso ir para casa?

Capítulo 15



A lealdade e a covardia dos cães

A estufa cheirava a terra e frutas do fim do verão amadurecendo nas árvores. Através da parede de vidro que unia a estufa à Biblioteca, Tanin podia ver Erastis e sua Aprendiz, June, debruçados sobre as mesas curvadas, virando as páginas de uma série de Fragmentos enquanto procuravam padrões no texto.

A saúde dela tinha melhorado o suficiente para aumentar seu alcance nos níveis primários da Sede Principal, onde os criados a empurravam em sua elaborada cadeira de rodas. Mas ela não tinha sido reestabelecida como Diretora, e precisava recorrer a espiões e subterfúgios para obter qualquer informação.

Tanin guardou no bolso o relatório de Detano para Stonegold, descansou o cotovelo no braço da cadeira e remexeu os dedos, arrancando pequenas margaridas de suas hastes na grama. Os documentos interceptados eram muito preocupantes. Sefia estava espalhando a palavra escrita. *Crianças* a estavam replicando. E Stonegold não parecia estar fazendo nada.

Seus espiões lhe disseram que Stonegold estava envolvido na Fase II da Guerra Vermelha: assegurando a lealdade de Liccaro a Everica e, portanto, à Guarda. Em outras circunstâncias, Tanin talvez tivesse ficado igualmente absorta. Mas, enquanto as tentativas de Stonegold contra sua vida tinham diminuído em frequência, elas não tinham cessado completamente, e em seu estado frágil, ela era uma Guardiã sem posto e sem trabalho.

Exceto por encontrar Sefia e o garoto, que pareciam estar montando uma espécie de exército.

Com habilidade, Tanin decepou a cabeça de uma flor. Ela caiu no gramado, e

suas pétalas foram amassadas com o impacto.

O ar estremeceu.

Tanin ergueu os olhos. *Outro ataque?* Improvável, com Erastis por perto. A menos que ele soubesse disso. Ela estreitou os olhos enquanto ele sorria para algo que June dissera. Em volta dela, as folhas começaram a se agitar em um frenesi crescente quando uma brisa soprou através da estufa fechada. Enquanto Tanin invocava o Olhar, preparando-se para se defender, Rajar apareceu em uma nuvem de ar salgado, cheirando a alcatrão e fumaça.

Ela piscou. Ele tinha mudado drasticamente desde que começara a se passar por Serakeen. Como um dos Soldados da Guarda, ele era treinado em estratégia militar, táticas de batalha, manobras navais. Mas o plano de Lon exigia um agente em Liccaro para impor a agenda da Guarda. Então, Rajar assumira o nome de Serakeen, juntara-se a uma tripulação pirata, alcançara o comando à força e conquistara o temor e a lealdade de toda uma frota de foras da lei.

Os anos de crueldade o haviam endurecido – ele testemunhara os crimes mais brutais, participara deles, incitara outros a cometê-los em seu nome. Seus penetrantes olhos azuis-gelo tinham agora um brilho feroz, como o de um cão selvagem, e uma cicatriz roxa retorcida desfigurava o lado esquerdo de seu rosto, fora isso, bonito.

Mas seus sacrifícios tinham valido a pena. Como Serakeen, o Flagelo do Leste, seu domínio era tão completo que ele havia destroçado os regentes liccarinos que não cederam a suas exigências, e os que restaram estavam ao mesmo tempo com medo de desafiá-lo e desesperados para apaziguá-lo. Agora a regência lhe concederia qualquer coisa, até mesmo uma aliança entre Liccaro e Everica. A Fase II da Guerra Vermelha.

A cauda de seu casaco berinjela adejou e, em seguida, repousou às suas costas. Rajar pegou a mão dela e roçou os nós de seus dedos com o mais delicado dos beijos.

– Tanin – ele ronronou.

Ela percebeu o insulto – ele costumava chamá-la de *Diretora*. Tanin passou a língua sobre os lábios e sussurrou:

– Rajar.

A voz da qual se orgulhava, a voz que ela conseguia manipular como uma

espada, um chicote de montaria ou a curva suave de sua mão, havia desaparecido. Agora sua voz trazia lágrimas aos seus olhos.

– Minha querida. – Rajar deu um suspiro e pegou as mãos macias dela nas suas envelhecidas. Seu hálito cheirava levemente a charutos e carne assada. – Não chore.

– Eu o estava esperando ontem.

Na verdade, ela o havia chamado dois dias antes. Um dia ela poderia ter perdoado, mas dois dias mostravam desrespeito, e Tanin estava determinada a descobrir até que ponto ia sua falta de deferência. Com sua vida e seu título em jogo, ela precisava saber em quem podia confiar.

– Eu vim assim que pude. – Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele parecia um instrumento grosseiro em meio a estátuas delicadas, como se pudesse destruir algo simplesmente com o toque. – Sinto falta deste lugar.

A estufa era a parte da Sede Principal favorita de Lon e Mareah, onde eles iam para se encontrar às escondidas, para conversar, para praticar formas cada vez mais avançadas de Iluminação. Quando Rajar não estava fora em alguma missão, eles o levavam até ali também. E Tanin, depois que se tornou a Aprendiz Administradora.

Rajar jogou a cauda do casaco para trás, sentou-se ao lado dela e inalou profundamente, como se todos os aromas e memórias queridas da estufa pudessem levá-lo outra vez ao passado, antes da partida de Lon e Mareah, antes que ele se jogasse de cabeça no papel de Serakeen.

Ele espalmou os dedos na grama, evitando cuidadosamente as margaridas que brotavam em meio ao verde.

– Você se lembra de quando Lon fez com que o vidro ganhasse uma dezena de tonalidades diferentes de verde?

A boca de Tanin curvou-se. É claro que ela lembrava. Ele estava praticando Transformação, o terceiro nível da Iluminação. Estufa *verdejante*, dissera. *Entenderam?*

Ele sempre gostara de jogos de palavras. E aproveitava toda oportunidade de provar ser mais inteligente que todo mundo – exceto quando Mareah o cortava com um de seus olhares.

Tanin sentia falta dos dois, apesar do que tinham feito. Apesar do que ela

tinha feito com eles. Você ainda podia amar as pessoas que mais o machucavam.

Ela piscou para afastar a memória.

– Como está o andamento da Fase II?

– Bem o bastante.

– Humm.

Rajar ignorou sua expressão insatisfeita e começou a arrancar grama, abrindo espaço em torno das flores de modo que pudessem alcançar a luz com mais facilidade.

– Você soube que meus batedores recentemente expulsaram o *Corrente* e o *Crux* da Baía Efígia?

Erradicar os foras da lei e seu modo de vida era essencial para ganhar o controle de Kelanna. Stonegold e Serakeen estavam destruindo todos os piratas que encontravam nas águas do leste.

– Eles pegaram o sino? – ela perguntou.

– Se não pegaram, eles vão voltar, tenho certeza.

Os dedos dela curvaram-se. Ela teria gostado que Reed e Dimarion continuassem sua busca pelo Tesouro, mas estava esperando havia meses que eles localizassem o Tesouro e o Amuleto da Ressurreição. Ela podia esperar mais meses se fosse preciso.

Paciência era uma virtude que Tanin estava aprendendo. Lentamente.

– Seus amigos são muito persistentes – acrescentou Rajar.

– Eles não são amigos.

– Oh?

– Amizade é um luxo ao qual não podemos nos dar. Você, sem dúvida, entende isso, Serakeen.

Ele encolheu-se diante do uso do nome.

– Você e eu somos amigos.

– É mesmo? – Ela ergueu uma sobrancelha. – Então você não vai se importar em me emprestar alguns de seus navios.

– Para que você precisaria de meus navios?

– Aparentemente há um grupo de garotos perigosos circulando por Deliene, matando seus impressores – ela disse, brandindo os relatórios roubados.

Rajar fez uma careta enquanto terminava de abrir espaço na grama para suas

margaridas.

– Eles não são *meus* impressores.

– As pessoas dizem que há uma feiticeira viajando com eles – ela continuou.

Rajar tocou as pétalas de uma de suas flores.

– Ela era muito parecida com eles, não era? Vê-la foi como vê-los novamente… – Ele deu um suspiro. – Eu não a culpo pelo que você fez.

– O que eu…

– Alguns dos outros culpam. Tenho certeza de que você sabe disso.

Alguns dos outros, ela pensou. Stonegold e Braca, a Mestra Soldado da Guarda. Ela era em toda sua essência o cão de ataque de Stonegold. Ela protestara veementemente quando Tanin fora eleita Diretora em vez de Stonegold, e não fazia contato com Tanin desde sua incapacitação.

Quem mais?, perguntou-se Tanin.

– Deixá-la vir a nós em seus próprios termos? Tentar fazer com que se juntasse a nós? Eu teria feito o mesmo. – Rajar deu de ombros. – Você não era a única que amava os pais dela, você sabe disso.

Por anos, os quatro haviam planejado ser os responsáveis pelo fim da Guerra Vermelha, por colocar toda Kelanna sob um único governo – o *deles*. Eles prometeram isso uns aos outros repetidas vezes.

Então Lon e Mareah mudaram de ideia, de opinião, de fidelidade. Quando eles se foram, Rajar se escondeu em seu papel de Serakeen. Ele passava cada vez mais tempo com sua frota assassina, como se estar na Sede Principal, onde todos juraram fidelidade à Guarda, *uns aos outros*, fosse doloroso demais. Ele fugira da traição deles, mas Tanin permanecera para recolher os cacos.

Ela podia fazer tudo outra vez, se fosse necessário.

– Preciso de três de seus navios – ela sussurrou. – Sefia e o garoto estão caçando impressores, então sabemos exatamente onde eles vão estar. Seus piratas não devem ter muito trabalho com alguns garotos perdidos e sua *feiticeira*.

Rajar levantou-se. O couro de seu casaco rangeu. Ele não fez contato visual com ela quando disse:

– Eu preciso ver isso com meu Diretor.

Mentiroso.

Traidor.

Prevaricador.

Tanin não sabia se tinha perdido a lealdade dele quando foi atacada ou se ela estivera escorrendo de suas mãos desde que Lon e Mareah os abandonaram, mas sabia que havia desaparecido. Ela olhou desgostosa para Rajar.

– E você se disse meu amigo.

– Eu sou. Só que… – Ainda evitando o olhar dela, ele traçou as bordas de seus bolsos. – Todos esses anos como pirata, todas as coisas que fiz em nome de *Serakeen*… Darion, o *Diretor*, me ofereceu a única coisa que você nunca teve: a chance de ser um Soldado outra vez, um verdadeiro Soldado. Quando Liccaro se juntar à Aliança, minha frota vai ser uma frota militar respeitável. Depois de todo esse tempo.

– Eu podia ter feito isso por você.

Rajar sacudiu a cabeça.

– Não, eu acho que você gostava demais de Serakeen para abrir mão dele.

Serakeen tinha sido uma criação selvagem. Um chefe poderoso para quem os impressores trabalhavam e um cão feroz para assombrar a fraca regência liccarina… mas ele era o cão *dela*, o animal feroz *dela*.

Rajar abaixou-se e segurou os braços da cadeira de Tanin. O cheiro de alcatrão e fumaça de charuto a envolveu, e ela lutou contra o instinto de se afastar.

– Recupere a saúde. Deixe-me falar com Darion. Com a morte do Segundo, estamos com um Guardião a menos. Ainda pode haver lugar para você, se quiser. Estamos quase lá, toda Kelanna estará sob *nosso* governo. Exatamente o que tínhamos prometido a nós mesmos tantos anos atrás.

– Não exatamente – ela disse com amargura.

Lon e Mareah não estariam com ela e, agora, Rajar também não.

Ele deu um beijo em sua testa e aprumou-se. Como se pudesse ler seus pensamentos, disse:

– Esqueça-os, querida. Eles estão mortos. Mas nós ainda estamos aqui.

Tanin ergueu os olhos para Rajar.

– Não existe isso de “nós”.

A dor marcou a expressão dele, e seus olhos azuis pareceram cansados

quando se virou na direção da Biblioteca. Ele empurrou e abriu as portas da estufa, e ela ouviu a exclamação de surpresa de Erastis, seguida pelo riso de Rajar, marcado apenas levemente pela tristeza.

Tanin atacou com as mãos e arrancou as flores de todas as margaridas cuidadosamente expostas de Rajar. Elas saltaram no ar e tornaram a cair, mortas.

Ela tinha conseguido o que queria: uma avaliação da lealdade do Aprendiz Soldado. Era melhor saber do que ter dúvidas.

Os Administradores, os Bibliotecários, seus agentes infiltrados entre os foras da lei e na própria frota de Rajar – esses eram seus aliados. Eles eram as ferramentas que ela tinha para ajudá-la a tirar o controle da Guarda de Stonegold e de seus cães.

O primeiro passo era montar uma armadilha para Sefia. Sem o apoio de Rajar, demoraria um pouco mais. Mas paciência era uma virtude que ela estava aprendendo.

Capítulo 16



Os guardiões secretos

Sefia encontrou a equipe seguinte antes mesmo de entregarem Obiyagi e os outros prisioneiros. Os impressores estavam em Gorman, fugindo do frio na direção do sul com cinco garotos a reboque.

Quando soube da notícia, Arqueiro a tomou nos braços e a beijou, provocando seu lábio inferior com os dentes. Depois de esperar tanto tempo por ele, ela ainda vibrava ao seu toque.

Eles rumaram outra vez para o norte, com semanas de viagem pela frente. Os dias ficaram mais curtos. A neblina baixava sobre os vales, e o sereno cobria os campos ao amanhecer. As noites ficaram mais frias enquanto a chuva caía sobre as Terras Centrais. Durante as paradas para descanso na estrada, Sefia e Arqueiro procuravam um ao outro – e beijavam-se às escondidas atrás de carroças, passavam seus dedos pelas cinturas e clavículas expostas –, até Griegi aparecer à procura de maçãs para seu bolo de frutas na fogueira ou Kaito chegar para perguntar quando iriam prosseguir, e eles separavam-se outra vez, sem fôlego.

No fim da tarde, Frey e os garotos começavam a lutar – ideia de Kaito para deixá-los afiados. Todo mundo lutava contra todo mundo e, a menos que um deles estivesse lutando com Arqueiro, você não sabia quem ia ganhar no fim.

Só Kaito, se tivesse sorte, conseguia vencer Arqueiro.

Uma vez o garoto gormani torceu o braço de Arqueiro às suas costas e o derrubou no chão.

– Peguei você!

Esperando à margem, Sefia viu os olhos de Arqueiro ficarem vidrados. Ele

lutava não como o combatente que ela viera a conhecer, mas como um animal em uma armadilha de aço. Debatia-se. Cuspia. Ele atacava com as garras e arquejava. Surpreso, Kaito recuou imediatamente, mas, em vez de se levantar, Arqueiro encolheu-se de lado. Ele não parecia respirar. Era como se algo houvesse se espatifado dentro dele que não pudesse ser remontado outra vez.

Sefia correu até Arqueiro e ergueu a mão dele delicadamente até seu pescoço, onde a pedra da preocupação agora pendia de um cordão de couro. Ele não tinha um ataque daqueles havia semanas, desde a batalha com Obiyagi.

– Você não voltou para lá – ela sussurrou enquanto afastava seu cabelo da testa. – Você está em segurança.

Eu estou em segurança, ele articulou com os lábios. Mas não parecia encontrar a voz.

Quando estava calmo o suficiente, Kaito o ajudou a ficar de pé.

– Desculpe, irmão. Eu não sabia.

Eles abraçaram-se rapidamente, com os braços e o peito.

– Acontece com todos nós – murmurou Arqueiro.

Depois disso, Sefia não assistia mais às lutas. Era como se Arqueiro e os outros fossem viciados em violência, talvez na sensação dela, não importava o quanto isso os machucasse.

Quando as disputas terminavam, Arqueiro ia procurá-la, onde quer que ela estivesse, sozinha com o Livro. Ele chegava arranhado e roxo, com a pele descascando dos nós de seus dedos, e explicava como todos estavam se saindo. O rapaz contava a ela como Frey conseguia enfrentar garotos com duas vezes o seu tamanho. Como se Griegi imobilizasse você, ele não soltava. Como uma vez Versil não parou de dançar e rir em volta do ringue até baixar a guarda, e Scarza o atingiu com tanta força que entortou seu sorriso.

Arqueiro estava *feliz* – mais feliz do que o vira desde o *Corrente da Fé*.

Às vezes os dois passavam o resto do turno de vigia juntos – Sefia apoiada nele enquanto lia, e os dedos dele alisavam delicadamente seu cabelo. Às vezes Arqueiro não aparecia até ela estar caminhando de volta pela chuva, e ele a abraçava e a beijava sob o temporal, com água escorrendo por seus rostos, deixando suas bocas escorregadias e seus dedos perdidos.

Às vezes os lábios dele tinham gosto de sangue.

Mais tarde, quando Arqueiro voltava à tenda que dividia com Kaito, e Sefia retornava à dela com Frey, a outra garota estava esperando por ela, entalhando utensílios de madeira para Griegi ou afiando seu canivete, e ela perguntava avidamente por detalhes.

– Levou quase um ano para fazer com que Aljan falasse comigo – disse Frey uma vez enquanto jogava o canivete de uma mão para a outra. – É melhor não levar tanto tempo para que ele me beije.

– Esperei dezesseis anos pelo meu primeiro beijo – disse Sefia enquanto se instalava em sua cama.

Frey girou o canivete numa das mãos antes de fechá-lo de novo.

– Eu esperei catorze.

– Quem foi?

– Render.

O garoto que a entregara aos impressores. E que ela matara.

– Oh.

– Este era o canivete dele – disse Frey. – Eu o peguei de volta dos impressores na noite em que vocês nos encontraram.

Sefia virou de lado e observou a garota na escuridão.

– Você acha que ele ia querer que você ficasse com isso?

– Eu o odiava e o amava, e eu o matei. – Ela enfiou o canivete embaixo do travesseiro antes de rastejar para baixo do cobertor. – Não o guardo por ele. Eu o guardo por mim.

Sefia levou a mão à lateral de sua cama, onde estava a pena verde com seus outros itens pessoais. Enquanto a acariciava, se lembrou da noite em que Arqueiro a dera a ela. A maneira como suas cores brilhavam. As formas feitas por seus dedos à luz das estrelas. Como estiveram perto sem sequer se tocar.

Tanta coisa tinha mudado desde então.

Arqueiro ainda falava frequentemente sobre os impressores, o Livro, seus pais, mas parara de contar a ela sobre os garotos que matara. Parara de contar sobre seus pesadelos, e se ainda os tinha.

– Está feito – ele dizia. Ou: – Acabou. E agora há muita coisa a se esperar.

Na verdade, quanto mais ele lutava, menos compartilhava, e mais feliz ele parecia, como se lutar fosse uma maré que lavasse seu passado, sua tristeza, sua

culpa.

Até que a maré tornasse a chegar.

Enquanto Arqueiro passava mais tempo treinando com os outros, Sefia passava mais tempo com o Livro. Ela examinava atentamente as páginas à procura de informação sobre seus pais – suas vidas antes da Guarda, suas iniciações, seus aprendizados. Ela até os viu se apaixonar: desde o confronto na Biblioteca por causa do crânio, todos os encontros clandestinos na estufa, até o primeiro beijo embaixo do vidro coberto de gelo.

Ela aprendeu muito sobre Iluminação ao ler sobre eles, descobrindo truques de Olhar e Manipulação que ela nunca teria conhecido por conta própria.

Frequentemente, enquanto Arqueiro e os outros faziam exercícios para a batalha vindoura, ela praticava levantar pedras, lançar dardos, observar décadas passarem rolando por ela em círculos dourados enquanto permanecia enraizada no lugar.

Lon e Mareah tinham sido muito poderosos.

E agora, através do Livro, eles a estavam ensinando a ser poderosa também.

Na noite seguinte, depois de horas de leitura, Sefia tomou o Livro nos braços e seguiu de volta para sua tenda. Cúpulas de lona pontilhavam o acampamento, vazando luz e conversa pelas frestas, e a jovem fez um caminho sinuoso entre elas, ouvindo preguiçosamente discussões às quais ela não pertencia.

Exceto pelos sentinelas, Arqueiro e Kaito eram os únicos ainda de pé, atiçando as brasas da fogueira que se apagava e rindo como menininhos com as fagulhas que voavam no ar.

Quando Sefia passou pela tenda dos gêmeos, ela parou. Através das abas que a fechavam, conseguiu ver Frey e Aljan sentados de pernas cruzadas na cama dele, com os joelhos quase se tocando. Scarza estava em frente aos dois, treinando nós de marinheiro que Keon lhe ensinara. Ele nunca viajara pelo mar e queria estar preparado caso deixassem Deliene. Versil andava de um lado para o outro entre eles no centro da tenda com sua energia inquieta.

– Parece piada, certo? – ele perguntou. – Quantos garotos são necessários para vencer uma guerra imaginária?

– Isso não é piada – disse Frey, trançando e prendendo o cabelo no alto. – É um enigma sem resposta.

O garoto alto tamborilou um ra-tá-tá em uma das colunas da tenda.

– Eu apostei em Arqueiro.

Lá fora nas sombras, Sefia gelou. Não, não pode ser Arqueiro.

– E Kaito?

Scarza apertou um nó com os dentes e o ergueu para examinar seu trabalho. Ele perdera uma meia-volta, mas deve ter ficado satisfeito, porque se permitiu uma sombra de sorriso.

– Kaito, sim – disse Versil. – Mas ele não é o chefe. Abriu mão disso na noite em que capturamos Obiyagi no Devorador de Rochas.

O fuzileiro deu de ombros. A luz do lampião brilhava em seu cabelo prateado.

– Ele nos manteve vivos.

– Arqueiro está nos mantendo vivos agora.

– Não é Arqueiro – disse Frey. – O garoto morre na Guerra Vermelha, lembra? Sefia nunca deixaria que isso acontecesse.

De repente, o Livro pareceu pesado, como se Sefia estivesse carregando toda Kelanna entre as mãos, todo o destino, incluindo o de Arqueiro. Não pela primeira vez depois da emboscada no Devorador de Rochas, ela se perguntou se estava realmente atacando a Guarda, ou se era um de seus peões, tanto quanto os impressores.

O estado de ânimo de Versil ficou subitamente sombrio. Ele cerrava e relaxava os punhos, exibindo as palmas brancas das mãos.

– Essa próxima equipe de impressores, são eles que marcam os garotos uma segunda vez, não são? Aqui. – Ele apontou para o peito estreito.

Garotos. Eles nunca chamavam a si mesmos de *candidatos*, Sefia percebera, como se ao usar o termo eles estivessem dando aos impressores poder sobre eles.

– Como se todo o resto que fizeram conosco não fosse o suficiente. Lembram do garoto deles com quem lutei? O garoto que eu… Ele era mais novo que Mako.

Scarza assentiu uma vez e começou a desfazer seu nó com uma mão.

– Eu lembro.

– Ele não teve chance. Nunca ganharia contra caras tão grandes quanto eu ou você. Eles não deviam tê-lo pegado.

– Não deviam ter pegado nenhum de nós – acrescentou Frey.

Sem aviso, Versil golpeou uma das colunas da tenda com o punho. A lona estremeceu. Sefia deu um pulo e apertou o Livro contra o coração que batia acelerado.

– Quem faz isso? *Quem faz uma coisa dessas?*

Cada vez que falava, o garoto alto batia outra vez na coluna. A madeira rachou. Os nós de seus dedos sangraram.

Sefia encolheu-se, como se ele pudesse vê-la como quem realmente era, o que sua família tinha feito.

Versil era sempre o gêmeo mais despreocupado, sempre o que fazia piadas. Ele nunca deixava que Sefia visse esse lado dele. Aljan dissera a ela que o irmão devia ter sido um Historiador. Seus pais ficaram muito orgulhosos quando ele obteve seu aprendizado. Depois dos impressores, porém, ele não conseguia mais se concentrar, não conseguia fazer com que sua memória guardasse nada. Sempre seria um piadista e contador de histórias, mas, agora, jamais seria um Historiador.

Os impressores haviam mudado isso.

Os pais dela haviam mudado isso.

– Quem faz isso? *Quem faz isso?* – ele perguntou. A coluna rachou. Lágrimas penetraram em sua voz. – Quem é tão doente para…

– Irmão – disse Aljan em voz baixa.

Versil girou na direção dele. As áreas pálidas de pele acima de seus olhos faziam com que eles parecessem maiores e mais selvagens.

– *Um* garoto. Eles queriam *um* garoto. Por causa de uma guerra estúpida que não vai nem chegar.

Quando ele riu, saiu como um soluço. Versil tornou a socar a coluna da tenda. Algo rachou, e ele recuou, xingando e segurando a mão ensanguentada.

Aljan já estava ali, envolvendo o irmão nos braços, e, por alguns momentos, eles ficaram parados no centro da tenda, em silêncio, exceto pelo choro delicado de Versil.

Sentindo-se culpada, Sefia foi embora. Ela não conseguia mais observá-los, nem ouvir suas perguntas, quando podia tê-las respondido.

Meu pai fez isso.

Minha mãe fez isso.

Minha família fez isso.

O segredo jazia dentro dela como uma pedra fria e pesada em seu estômago.

Ela conhecia a frustração, a confusão, a raiva, e as sentia toda vez que pensava em Lon e Mareah, toda vez que Arqueiro evitava suas perguntas com um riso e um beijo.

Sefia procurou por ele agora, mas o rapaz não estava em nenhum lugar à vista. As brasas estavam frias. O acampamento estava escuro e vazio. E ela sabia que não ia obter nenhuma resposta com Arqueiro.

Sozinha em sua tenda, Sefia voltou para o Livro. As páginas de bordas douradas reluziram ao luar.

Sefia desceu os parágrafos, um por um, como se fossem os degraus de uma escada. Ela sentiu arrepios nos braços. Um calafrio subiu entre suas omoplatas. Quando olhou para cima, ela meio que esperou ver os flocos de neve entrando com o vento pela abertura da tenda.

O Livro a levara de volta ao inverno antes que seus pais encontrassem Nin nas planícies perto de Corabel, antes que eles a mandassem fugir.

Família



A neblina erguia-se de um grupo de pinheiros negros em torno do lago, obscurecendo e revelando as montanhas com veios de neve e o céu azul-lavanda da manhã. Agachada atrás de um tronco trazido pela maré, enfiado com firmeza no gelo, Tanin tremia dentro de suas peles. Ela estava à espera na costa desde antes do amanhecer, observando a coluna de fumaça que subia da chaminé do fogão da cabana, certa de que ali era onde deveria estar, aterrorizada por saber com certeza.

Uma figura envolta em pele abriu a porta da cabana e saiu entre as árvores. Parou nas sombras por um momento e olhou atentamente além do gelo, antes de caminhar até a praia congelada. Sobre fragmentos aguçados de xisto, ela mal fazia barulho.

Era ela. Tinha de ser ela.

Mas só quando a mulher se ajoelhou e limpou o gelo do forro de sua capa, as desconfianças de Tanin se confirmaram.

Suas bochechas marrons estavam queimadas pelo vento, mas não havia como confundir seu queixo pontudo, seus olhos escuros e cílios chicoteantes.

Mareah — a Segunda Assassina —, que tinha sido como uma irmã para Tanin desde que entrara para a Guarda.

Ela se lembrava de estar no Grande Salão, com suas colunas de mármore e teto de vitral colorido, inacreditavelmente alto. Ela se lembrava da própria voz distorcida pela pedra pálida e pelos arcos curvos, ecoando as palavras finais de seu juramento:

— Pois hoje sou uma Guardiã, e eu o serei até o fim.

Ela se lembrou de sua solidão quando o mestre Dotan a levou ao Gabinete do Administrador nas profundezas da montanha, e a forma como suas lágrimas molhavam o travesseiro.

E ela se lembrou da voz de Mareah no escuro, despertando-a de seu sono: “Não tenha medo”. Da luz de um fósforo brilhando nos olhos de Mareah. Da força em sua pegada ao tomar a mão de Tanin e conduzi-la na subida das escadas em espiral até a estufa, onde Lon e Rajar a esperavam.

Tanin estava parada na beira do lago.

Mareah ergueu o rosto. Seus olhos se arregalaram.

Com medo?, perguntou-se Tanin. O pensamento a perfurou. Ela nunca quisera nada de Mareah além de afeição e orgulho.

E agora, respostas.

O que Lon e Mareah tinham feito com o diretor Edmon era horrível; o roubo do Livro, ainda pior. Mas, bem no fundo, Tanin ainda esperava que pudesse devolver os dois à congregação, se eles apenas dissessem a ela *por quê*.

O capuz de Mareah caiu para trás, e seu cabelo negro escorreu em torno dos ombros, sobre o rosto.

— Você não devia estar aqui — ela disse.

A voz de Tanin vacilou no ar frio.

— Eu tive que vir. Você também teria vindo, se fosse eu.

Quantas vezes elas tinham ajudado uma à outra? Quantas vezes

Mareah tinha sido sua tutora em Manipulação? Quantos venenos Tanin levara para ela do laboratório, nos quais mergulhava suas lâminas ou a ponta de seus dardos? Em quantos ferimentos Tanin aplicara pomada ou quantos costurara com tanta habilidade que nunca deixaram cicatriz?

— Vá para casa para sua Guarda — disse Mareah.

— Ela já foi sua Guarda também.

— Não é mais.

Tanin deu um passo trôpego à frente.

— *Por quê*? O que a levou a fazer isso?

Mareah deu um suspiro. Uma nuvem de condensação brotou de sua boca.

— Você não entenderia.

— Eu entenderia, se você explicasse…

Antes que Mareah pudesse responder, Lon emergiu das árvores. Mesmo agora, sua roupa era grande demais para ele, fazendo com que parecesse pequeno, jovem. Mas nenhum deles era mais criança.

— Como você nos encontrou?

Ele piscou, usando o Olhar para vasculhar os picos de cume branco que cercavam o lago na montanha.

— Um dos Fragmentos na Biblioteca — disse Tanin.

Alguém soubera que eles iriam ali. Alguém copiara a localização perfeitamente, até o último pico e promontório, a cabana de caça, o casal sussurrando em seu interior. — Voltem. Nós podemos explicar para todo mundo…

— Nós nunca poderemos voltar — interrompeu Mareah.

— Você *pode*. Nós somos uma família.

Família. Era assim que eles chamavam a si mesmos — Lon, Mareah, ela e Rajar. A nova Guarda. A maior em gerações.

Lon e Mareah trocaram um de seus olhares, indecifráveis para todos, menos para eles.

— Você e eu nunca fomos uma família — disse Mareah.

Umidade acumulou-se nos cantos dos olhos de Tanin e congelou

no frio. Ela então soube que não tinha ido até ali para levá-los. Não tinha ido para puni-los pelo que haviam feito com Edmon, ela nem tinha ido para recuperar o Livro.

Tanin tinha ido atrás de seus segredos. De sua confiança… e de seu amor. Ela podia até ter abandonado a Guarda com eles, se acreditassem nela.

Mas ela agora sabia que eles não iriam dividir nada. E, de algum modo, isso era pior. O não saber. As perguntas. A confusão e a dúvida e o medo de que talvez houvesse alguma coisa com *ela*, algo defeituoso que não conseguisse ver.

Tanin deu mais um passo à frente.

— O que devo fazer agora? — Para sua surpresa, sua voz não vacilou mais. — Eu admirava vocês. *Amava* vocês. E eu?

— O que tem você? — As palavras de Mareah queimavam como gelo.

Tanin sentiu-se enjoada.

— Mareah! — gritou Lon.

Rapidamente, a Assassina examinou a área ao redor. Quando tornou a olhar para Tanin, sua expressão estava tão cheia de veneno que Tanin cambaleou para trás sobre o gelo.

— Você — vociferou Mareah.

Tanin olhou para trás. Na extremidade oposta, as figuras escuras de rastreadores estavam correndo através do lago. Ela tornou a olhar para Mareah.

— O que mais eu devia fazer?

— Você os trouxe aqui.

Mareah ergueu a mão e cortou o ar.

Tanin chegou para trás. Desviou várias vezes até que, finalmente, perdeu o equilíbrio. E caiu de costas sobre a superfície congelada do lago.

Tiros ecoaram dos picos.

Lon ergueu a mão. As balas afundaram na neve ao seu redor, chiando com o impacto.

Tanin ergueu-se, trêmula, mas sua voz permaneceu firme.

— Vocês trouxeram isso para si mesmos.

Mareah gesticulou com a mão. Grandes fissuras apareceram no gelo e abriram-se em forma de teia de aranha na superfície congelada.

Na metade do lago, os rastreadores pararam. Seus gritos de alarme ergueram-se como esguichos de chamas na manhã congelante.

E então Tanin não estava mais confusa, desconfiada nem com medo. Estava machucada, e estava com raiva. Eles deviam ter confiado nela.

— Vocês vão se arrepender disso — ela murmurou. — Um dia.

Lon pegou a mão de Mareah.

— *Vamos* — ele disse.

O peito de Tanin queimou. Calor ardeu por seu pescoço, desceu por seus braços e mãos até as pontas dos dedos. Ela piscou. O mundo Iluminado ganhou vida atrás de seus olhos, reluzindo com ouro. Em um instante, ela concentrou-se nos troncos brancos na praia, viu suas costuras, a forma como eram tecidos juntos com fios quebradiços de luz.

Ergueu as mãos.

Os troncos explodiram, lançando lascas em todas as direções. Mareah fez um gesto com o pulso e desviou os fragmentos.

Mas ela não pegou todos eles. Uma lança de madeira voou na direção de Lon, que rasgou a lateral de seu rosto.

Tanin piscou. Seu Olhar voltou ao normal. Ela tinha atingido Lon. Ferido Lon. Que a recebera, treinara e a encorajara por todos aqueles anos. Arrependeu-se daquilo assim que viu o sangue, vermelho e emanando vapor no ar da manhã, derramando-se de sua cabeça. Ela não quisera machucá-lo, na verdade, queria apenas que eles escutassem. Que ficassem. Que a deixassem participar.

Mas isso, agora, jamais iria acontecer. Algumas coisas não tinham mais volta.

Mareah afagou o ar. Colunas de gelo ergueram-se em torno de

Tanin. O lago estava se partindo, emitindo estalos e gemidos.

No gelo, Tanin balançou. Os rastreadores gritaram de medo.

Mareah falou. Não alto, mas dura e fria como aço.

— Se nos seguir — disse —, mato você.

Ela pegou a mão de Lon e o arrastou na direção da mata. No limite das árvores, Mareah ergueu as mãos uma vez mais.

Por baixo do gelo, a água do lago se ergueu. Tanin perdeu o equilíbrio, e deu uma última olhada para a nuca de Mareah antes de mergulhar na água congelante.

Capítulo 17



Se você estivesse aqui

Tanin realmente os amava, pensou Sefia enquanto fechava o Livro. *Da maneira que eu os amava*.

Mergulhada em seus pensamentos, ela abria e fechava as fivelas repetidas vezes. Ainda odiava Tanin por tudo o que ela fizera à sua família, mas, pela primeira vez, Sefia sentiu como se a entendesse.

As perguntas *eram* piores – as de Tanin, as de Versil, as suas próprias.

Sefia achou que estava protegendo Frey e os garotos, protegendo Arqueiro. Mas isso era bondade ou covardia? Proteção deles ou dela própria?

Sefia sacudiu a cabeça e fechou as fivelas. Ela entrou no ar úmido da noite e caminhou entre as tendas até encontrar a de Arqueiro e Kaito.

Embaixo de seu cobertor, o garoto gormani choramingava. No sono, ele parecia muito jovem. Vulnerável.

Ela atravessou a tenda e sentou-se ao lado da cama de Arqueiro quando ele começou a se debater, e suas mãos transformaram-se em socos.

– Ele está sonhando – sussurrou alguém.

Sefia virou-se e viu Kaito, acordado e observando-a como uma coisa selvagem na escuridão.

– Ele sempre sonha assim – ele prosseguiu. – Quieto. Nunca emite um som.

– Quando eu o conheci, ele não conseguia falar – ela sussurrou em resposta. – Ele já lhe contou isso alguma vez?

Kaito sacudiu a cabeça. Seus cachos roçaram o travesseiro.

– Todos perdemos alguma coisa para os impressores.

– O que você perdeu?

– Meu futuro.

Arqueiro, de repente, fez um movimento brusco com a mão e atingiu a lateral da tenda com um barulho alto.

– Eu podia ser o chefe de meu clã no norte, como minha mãe, e o pai dela antes dela – disse Kaito. – Estive me preparando para isso por toda a minha vida. Mas agora…

– Você não pode voltar?

– Eu *poderia*. – Ele olhou para ela por um longo momento. Sefia nunca o vira tão imóvel, com o foco de um gavião antes do mergulho. Era enervante, quase assustador. Então ele rolou em sua cama e puxou o cobertor por cima da cabeça. – Mas não quero.

Agachada na escuridão, Sefia esperou que ele explicasse, risse – alguma coisa –, mas Kaito não tornou a se mexer. Ela virou-se e pôs a mão no ombro de Arqueiro.

O corpo dele deu um solavanco, e seus olhos se abriram.

Por um segundo, o pânico estava ali – sua confusão, sua necessidade de lutar borbulhando sob a pele. Mas, à medida que seus olhos se ajustavam à escuridão, ele ficou imóvel.

– Venha comigo – ela sussurrou.

Arqueiro vestiu uma camisa pela cabeça e a seguiu. Eles fugiram para o limite do acampamento e subiram em uma das carroças.

– Você estava sonhando – disse Sefia no momento em que Arqueiro subia no assento ao lado dela, coxa com coxa.

Ele assentiu enquanto mexia no quartzo em seu pescoço.

– Sobre o que era?

– A mesma coisa de sempre.

Ela tomou as mãos deles nas suas, entrelaçando seus dedos.

– Um dia, você vai me dizer o que é isso.

Um sorriso triste passou pelos traços dele.

– Sobre o que você queria conversar?

– Acho que a gente devia contar aos outros o que realmente está acontecendo.

– A Guarda?

– O Livro. Meus pais. Tudo.

Sefia explicou o que havia lido e o que esperava fazer. Por algum tempo, com Arqueiro escutando com a mesma atenção de sempre, ela se lembrou de como seu silêncio tinha sido reconfortante, não um vazio, mas uma corrente invisível a conectá-los.

– Por quê? – ele perguntou quando ela terminou.

Ela empurrou o Livro, que deslizou para mais longe sobre o assento da carroça.

– Não é pior não saber?

– Nem sempre – ele respondeu em voz baixa.

Sefia, então, ergueu a mão e virou o rosto dele em sua direção. Por um momento, ela olhou fixamente em seus olhos dourados.

– Do que quer que esteja com medo – ela disse –, não fique.

Então ela o beijou demoradamente e com força, como se pudesse convencê-lo de que estava com ele e não ia a lugar nenhum.

Quando finalmente se afastaram, com seus hálitos transformando-se em fumaça entre eles, Sefia levou a ponta dos dedos à pedra da preocupação que brilhava em seu pescoço, e sentiu-o ficar tenso quando tocou sua pele danificada. Devagar, ela inclinou-se para perto e beijou a beirada da cicatriz. Arqueiro estremeceu sob seu toque.

– Eles vão me odiar – ela disse enquanto repousava a cabeça em seu ombro. – Mas é melhor que saibam.

Arqueiro a envolveu com os braços.

– Eles não vão odiá-la.

De repente, um vento frio passou por eles e fez Sefia estremecer.

Então Arqueiro acrescentou, mais para si mesmo que para ela:

– Não vou deixar que eles façam isso.

Quando Sefia acordou de manhã, ainda estava escuro. Frey devia estar de vigia – sua cama estava vazia –, mas havia outra pessoa na tenda, parada imóvel na entrada.

– Arqueiro? – sussurrou Sefia, esfregando os olhos.

Ele arfou, como se estivesse se afogando e lutando para respirar.

– Você está viva. – Ele estava ao lado dela em um segundo. – Estava tão imóvel, eu achei…

Arqueiro levou a mão ao rosto dela, como se para garantir que Sefia fosse real. E deu um pequeno gemido quando a ponta de seus dedos tocou a pele da garota.

– O que aconteceu? – ela perguntou enquanto se sentava. – Qual é o problema?

– Sonhei que estava no ringue comigo. Eu tinha de lutar com você. Tinha que matá-la, mas não foram os impressores que a botaram ali, foram Kaito, Frey e os garotos. Eles queriam seu *sangue*, e eu… eu…

– Isso não era real. – Ela o puxou em sua direção. – Você está em segurança. *Eu* estou em segurança.

– Não consegui parar depois disso. Eu sempre via você, sempre que fechava os olhos…

Ele estudou o rosto dela por um momento, como se procurasse ferimentos, e então beijou-a, com a boca urgente e insistente contra a dela.

Com delicadeza, Sefia o puxou para a cama ao lado dela enquanto murmurava:

– Não era real. Estamos em segurança.

Arqueiro a beijou mais uma, duas vezes, tocando seu rosto, seu pescoço, seus ombros, deslizando a mão por seu braço para apertar a dela, como se ele ainda não estivesse certo de que Sefia estava em segurança.

– Não conte a eles – ele sussurrou. – Por favor, eu não sei o que vai acontecer… Eu não sei se consigo detê-los.

Sefia acariciou sua face.

– Eu nunca vou me perdoar se não contar a eles.

Arqueiro fechou e apertou os olhos.

– E se *eles* não a perdoarem?

– Você me perdoou.

– Não havia nada a perdoar. – Arqueiro passou a língua pelos lábios. – Mas eu…

– Ei, o que… – A voz de Frey os interrompeu. – *Chefe?*

As bochechas de Sefia ficaram quentes enquanto Arqueiro se levantava e

ajeitava a roupa. Frey pareceu entretida quando o rapaz passou por ela, esbarrando desajeitadamente na coluna da tenda. Mas, antes de sair, ele disse:

– Sefia, por favor, só pense nisso, está bem?

A lona fechou-se às suas costas.

Frey guardou as armas, tirou as botas e lançou para Sefia um olhar penetrante.

– Me desculpe – murmurou Sefia, escondendo o rosto no cobertor.

Frey deu um riso baixo enquanto caía na própria cama.

– Por anos, vivi em uma casa com três garotos e nenhum pai ou mãe. Acredite em mim, você e Arqueiro, isso não foi nada. – Ela levantou-se apoiada sobre o cotovelo e ergueu uma sobrancelha. – Bom, não *nada*. Detalhes, por favor.

Entretanto, apesar dos temores de Arqueiro, Sefia não tinha mudado de ideia quando Griegi chamou todo mundo para o café da manhã. A expressão cansada nos olhos de Arqueiro ficava mais pronunciada à luz do dia, prova de como ele descansara pouco, preocupado com ela. Mas Sefia não conseguia fugir mais da verdade. Nem de sua culpa.

Reunidos em torno da jovem, Frey e os garotos inclinaram-se para a frente enquanto ela desembalava o invólucro de couro e erguia o Livro para que todos eles vissem. À luz da fogueira, o ⛒ na capa parecia quase vivo, tremeluzindo com magia e determinação.

– Isto é um livro – ela disse.

Sefia lhes contou sobre a Guarda, Serakeen e seus impressores, seus pais. Ela lhes contou como encontrara Arqueiro no caixote, como seguiram Machada por Oxscini – duas crianças entrando no meio de uma conspiração com anos de planejamento. Ela lhes contou sobre o assassinato de seu pai, e de Nin, e como o mesmo destino agora aguardava todos eles, se não tomassem cuidado – e talvez mesmo se tomassem.

– A Guarda? – perguntou Kaito quando ela terminou. – É quem nos quer?

– Sim.

– E seus pais faziam parte dela?

Sefia assentiu, sentindo o nervosismo de Arqueiro. Ele havia afivelado as armas de manhã, e suas mãos estavam soltas e prontas ao lado do corpo.

– Mas eles se voltaram contra seus Mestres – disse Kaito.

– Sim.

– E agora estão mortos.

– Sim.

Kaito girou na direção de Arqueiro, que se encolheu.

– Você sabia?

Arqueiro concordou com a cabeça.

– Você é um de nós, irmão. Não acha que tínhamos o direito de saber?

– Não é culpa dele – disse Sefia. – *Eu* estava com medo. Não sabia o que vocês fariam se…

– Você devia ter nos dado um pouco de crédito, Sefia.

Frey jogava o canivete de uma mão para a outra. O aço girava e rodopiava em arcos mortais entre as palmas de suas mãos.

– Desculpem. – Sefia mudou o peso do Livro em seus braços, sem ousar olhar nos olhos de ninguém. – Eu queria lhes contar. Eu… Eu espero que não seja tarde demais.

– Ela libertou vocês – Arqueiro disse bruscamente, tomando-a pela mão. Seus dedos estavam frios, mas fortes. – Sefia libertou todos nós. A única coisa que ela fez foi tentar nos proteger.

Com um olhar fixo, Frey fechou o canivete e o enfiou em seu bolso traseiro.

Kaito esfregou a cicatriz na bochecha enquanto andava de um lado para o outro diante do fogo como uma criatura enjaulada.

– Você não pode desfazer o que eles fizeram. Sabe disso, certo? Você não pode fazer com que deixemos de ter sido raptados, não pode fazer com que não tenhamos sido queimados, não pode trazer os mortos de volta. Isso, no entanto, aconteceu. E, no entanto, foi culpa de seus pais.

Sefia ergueu os olhos para Arqueiro, que retribuiu seu olhar com os olhos fundos pela falta de sono.

– Eu sei – ela respondeu. – E, contudo, sou filha deles. Mas estou aqui, não estou? Tentando consertar o que fizeram?

Os olhos de Kaito reluziram. Houve um momento em que Sefia achou que ele talvez atacasse, com toda sua raiva e seu ressentimento liberados, mas aí seus lábios contraíram-se e exibiram os dentes em um sorriso maldoso.

– Eu então fico satisfeito que eles estejam mortos – disse Kaito. – Porque isso

significa que você está do nosso lado.

Foi a melhor aceitação que Sefia iria conseguir, por isso ela acenou a cabeça de forma solene.

Quando os outros começaram a murmurar entre eles, lançando olhares furtivos na direção dela; Arqueiro largou sua mão. Sem dizer uma palavra, saiu andando. Fumaça rodopiava em torno de sua cabeça e de seus ombros enquanto ele atravessava o acampamento.

O rapaz ainda não tinha largado as armas.

Enquanto Sefia se perguntava sobre as mudanças no estado de ânimo de Arqueiro, Versil aproximou-se dela.

– Feiticeira – ele disse.

Ela estreitou os olhos e tentou ler sua expressão, mas dessa vez seus traços com manchas brancas não entregaram nada.

– Ficou melhor? – ela perguntou. – Agora que você sabe?

– Sim. E ficou pior. Porque eles eram seus… Porque você sabia…

Ele sacudiu a cabeça e ficou em silêncio.

Frey emitiu um som desgostoso no fundo da garganta e saiu andando.

– Ela está puta – disse Versil, voltando a ser quem era.

– Sinto muito – disse Sefia.

– Eu sei. É por isso que, com o tempo, vou acabar superando isso. – Ele gesticulou na direção de Frey, que se afastava. – Mas desculpas não são o bastante para todo mundo.

Sefia saiu correndo atrás dela, tentando ignorar os olhares e murmúrios dos outros. Mas aí Frey virou-se em sua direção logo antes de chegarem à tenda, e sua voz atraiu a atenção de todo mundo.

– Como você pôde não me contar? – ela perguntou. – Todo esse tempo eu estou dividindo a tenda com a filha das pessoas que conceberam *isto* – disse, enfiando um dedo na cicatriz do pescoço.

Sem saber mais o que fazer, Sefia apertou o Livro com mais força.

– Eu sinto muito.

Frey limpou lágrimas dos olhos.

– Você não achou que eu já tinha sido traída o suficiente por pessoas que amo? Você tinha de me trair também?

– Eu não queria…

– Ninguém nunca *quer*. Mas ainda assim, fazem.

Então, como se não aguentasse mais olhar para Sefia, ela entrou na tenda, que se fechou atrás dela com um ruído repentino da batida de lona molhada. O sereno umedecia o rosto de Sefia, suas mãos, o invólucro de couro do Livro.

Ela não a seguiu.

O clima permanecia tenso quando eles partiram novamente. Ninguém falava com Sefia, nem Frey nem Aljan. A jovem tremia em sua capa impermeável enquanto um chuvisco frio encharcava a terra.

Arqueiro seguia à frente da caravana, rígido na sela com a água da chuva escorrendo por ele. Era como se ainda fosse o mesmo garoto assustado de uma estação atrás, atormentado pelos seus pesadelos.

Quando Sefia tentou perguntar a ele qual era o problema, Arqueiro não disse nada por um bom tempo. A trilha lamacenta sugava os cascos de seus cavalos. Então ele falou:

– Não posso deixar que nada aconteça a você.

– Eu sei que você não va…

– Não, você não entende. Eu teria feito isso, teria feito isso no ato. Você não vê? Se estivesse lá comigo, eu a teria matado sem pensar duas vezes.

Ela estendeu a mão e segurou seu braço.

– Você nunca…

– *Não*. – Ele se afastou tão repentinamente que os cavalos se assustaram. Seus olhos brilharam como um raio. – Eu sei. Sefia, não posso… Você não entende.

Ela, então, ficou para trás e deixou que os outros passassem. Arqueiro não tornou a olhar para procurar por Sefia.

Naquela noite, quando todos os outros se reuniram para lutar, Arqueiro os observou à margem do grupo, tão tenso que era quase possível ver a necessidade de duelar eriçando-se sob sua pele.

Normalmente, um dos garotos podia querer lutar com Arqueiro – eles faziam isso de vez em quando para testar sua coragem –, mas nessa noite o deixaram sozinho, como lobos evitando seu líder da alcateia.

Exceto Kaito.

Talvez ele quisesse se desafiar com um adversário em seu momento mais perigoso.

Talvez soubesse que Arqueiro precisava de uma luta da mesma forma que algumas pessoas precisavam de uma bebida.

Foi brutal. Arqueiro era muito rápido, muito forte, muito bom. Era como se ele estivesse canalizando toda a força de seu medo e de sua culpa para os punhos. Kaito não teve chance.

Quando a luta acabou, Arqueiro parou de pé sobre o garoto gormani como um conquistador, com as costas e os ombros molhados de suor, a respiração ofegante no peito.

Kaito levantou-se com dificuldade. Um dos seus olhos estava inchado e fechado, e sangue escorreu dos nós de seus dedos quando ele ergueu o punho na direção do céu negro.

– Chefe! – ele gritou.

– Chefe! – Os outros juntaram-se ao cântico. – Chefe! Chefe! Chefe! Chefe!

Arqueiro sorriu.

Mais tarde, Sefia o cercou quando ele estava se lavando e limpando os cortes com um pano úmido.

– O que aconteceu? Você podia tê-lo machucado de verdade – ela disse.

A raiva tocou os lábios dele enquanto ele jogava o pano ensanguentado de volta na tigela de água morna.

– Você só está descobrindo isso agora? Eu sou perigoso, Sefia.

– Sei que você é – ela disse, frustrada. – E sei que nunca iria me machucar.

Antes que ele pudesse responder, Kaito chegou correndo e o abraçou pelas costas.

– Você estava segurando os golpes.

Arqueiro riu e empurrou o garoto. Sua mudança de humor foi tão repentina que deixou Sefia tonta.

– Você estaria inconsciente se eu não tivesse feito isso.

– Quando derrotá-lo, não quero que seja porque você facilitou. Quero derrotá-lo porque sou melhor que você.

– E se você não for melhor que eu?

Arqueiro ergueu uma sobrancelha.

O garoto gormani olhou para Sefia.

– Você tem mais sorte que eu. Só isso.

– Eu não diria que temos sorte – ela disse.

– Mais sorte que alguns, feiticeira.

Com um sorriso, Kaito deu um soco no braço de Arqueiro e saiu correndo outra vez.

Houve um silêncio desconfortável enquanto Sefia esperava que Arqueiro dissesse alguma coisa, mas ele apenas sacudiu a cabeça e saiu andando.

Quando amanheceu, Sefia observou, pesada e com medo, Frey e os garotos exercitando-se enquanto o sol penetrava através do céu nublado, iluminando hastes congeladas de grama e fazendo brilhar as pontas das espadas. O ar estava cheio com os sons de batalha – metal tinindo contra metal, gritos e grunhidos, botas pisando forte na lama. Enquanto Kaito gritava ordens, Arqueiro entrava e saía das fileiras como uma enguia, liso e sinuoso, evitando golpes e ajustando posturas como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

Arqueiro parecia muito confortável em meio às lâminas tremeluzentes e às fileiras de garotos. Mas, cercado por corpos e pontas afiadas, ele não parecia mais alguém que ela conhecia.

Aos poucos, os outros começaram a perdoá-la. Griegi parou de alimentá-la com sobras frias. Mako deu-lhe um abraço. Aljan retomou suas lições. Ela o ensinava a escrever, e ele a ensinava a escrever com beleza, derramando toda a culpa, a capacidade de perdoar e a tristeza deles nos Ss, Es, Ms, Ps e Rs que eles riscavam no chão.

Numa certa noite de frescor, quando Aljan olhou para Frey do outro lado da fogueira, sentada de vigia em uma das carroças, ele perguntou como escrever o nome dela. Na margem da escuridão, as voltas das tranças de Frey e as curvas de suas bochechas estavam azuis com a luz das estrelas, como se ela fosse parte humana, parte céu.

Frey não dizia uma palavra a Sefia havia dias. Ela nem usava mais a tenda delas. Aljan lhe disse que a garota estava dormindo nas árvores, encolhida entre os galhos com seu cobertor.

Com um suspiro, Sefia escreveu o nome de Frey no chão com sua vara

apontada.

Aljan ficou em silêncio enquanto estudava as letras.

Do outro lado do acampamento, Scarza levou Versil pacientemente até a pilha de panelas e potes que sobraram do jantar. Eles frequentemente tinham de fazer isso por ele, ou as tarefas dele jamais seriam feitas. Com um sorriso atrevido, o garoto alto pegou o escovão.

– Então? – perguntou Sefia.

A única resposta de Aljan foi um sorriso.

Abruptamente, Versil jogou-se entre eles com as mãos escorrendo sabão.

– Pare de gemer e vá falar com ela, irmão.

O cartógrafo apagou as letras e lançou um olhar para Sefia, que dizia: *Você pode acreditar nisso?*

O olhar dela foi até Arqueiro, que estava sentado com Kaito enquanto planejavam seu ataque. Fazia dois dias que eles só falavam na batalha seguinte, e ela podia sentir a distância crescer entre eles.

– Na verdade – disse Sefia –, eu concordo com ele.

– Hã? – Versil franziu o cenho, como se na pausa breve ele tivesse se esquecido do que estavam falando. – É claro que sim. Viu, Aljan? Se a feiticeira diz que estou certo, eu estou certo.

Aljan fez uma careta.

– Você não devia estar esfregando uma panela, ou coisa assim?

– Ah, está bem. – O sorriso de Versil parecia mais largo devido às manchas brancas nos cantos de sua boca. Ele pulou de pé e dançou na direção dos pratos sujos. – É que vocês dois são mais divertidos.

Aljan não abordou Frey naquela noite, mas dois dias depois, na trilha, quando deixavam Shinjai na direção de Gorman, ele passou a ela uma folha de papel dobrada com desenhos de flores – sua versão de um buquê.

Sefia a estava observando quando Frey ergueu o rosto. Seus olhos encontraram-se, e havia um pouco menos de raiva em seu rosto do que no dia anterior. Ela ergueu o pedaço de papel e esboçou um leve sorriso.

Não foi muito, mas foi alguma coisa.

Enquanto Frey guardava as flores, Sefia estendeu a mão para a pena verde que ainda usava no cabelo.

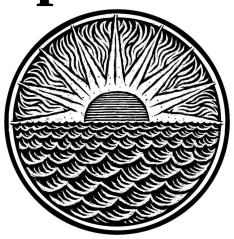
Ela estava em frangalhos, as bárbulas dobradas. Sefia tentou alisá-la entre os dedos, mas, certas coisas, depois de estragadas, não conseguiam voltar ao que costumavam ser.

À frente dela, Arqueiro seguia adiante, rígido e de ombros largos em sua sela.

Ela enfiou a pena entre as páginas do Livro e o fechou com um suspiro.

DETERMINAR

Capítulo 18



O mar encolhido

Uma fumaça no horizonte, como uma flor venenosa acima dos mares turquesa, foi avistada pelo *Corrente da Fé* depois de três dias de espera em meio às ilhas a leste de Hye, à procura de sinais do *Crux*.

Naquela bruma, o capitão Reed viu brilhos laranja e explosões de pólvora – duas fragatas do tamanho do *Corrente* lutando contra algo muito maior… Algo com um casco dourado.

Os navios de Serakeen deviam ter alcançado o *Crux*. Eles deviam tê-lo considerado uma grande presa, com aquelas amuradas cravejadas de pedras, o saque em seu compartimento de carga, os escravos na coberta.

Reed sabia que podia deixá-los a seu destino. Um navio cheio de joias e bom de briga como o *Crux* tinha chances aceitáveis de sobrevivência. E, se ele não fizesse isso, ninguém saberia que o *Corrente* podia tê-lo salvado. Reed e sua tripulação ficariam sozinhos com o Tesouro. Todo o Tesouro. Toda a glória.

Mas Dimarion tinha posto seu navio e sua tripulação em risco para dar ao *Corrente* uma chance de fuga. Que tipo de pessoa seria Reed se os abandonasse agora?

Não o tipo de pessoa que ele gostaria de ser lembrado.

Não o tipo de pessoa que merecia ser lembrado.

– Preparar para a batalha! – ele gritou, e a tripulação entrou em ação, fechando vigias e acertando os grandes canhões.

Em sua oficina de carpintaria, Cavalo produzia protetores de canhões e placas de chumbo para reforçar os anteparos. Marmalade, a grumete do navio,

atravessava o convés e trazia braçadas de armas do paiol.

À medida que se aproximavam dos navios em luta, o barulho da batalha os atingiu: o estrondo de canhões, os disparos de rifles, os gritos de homens que se erguiam acima do tumulto do mar.

Então o *Corrente* estava na fumaça. Perto o suficiente para sentir o cheiro de pólvora.

O *Crux* estava cercado. Seu casco de ouro estava todo perfurado, seus mastros, quebrados, os canhões disparando enquanto ele enfrentava dois navios com a metade de seu tamanho: um dos batedores pretos e amarelos de Serakeen… e uma fragata azul que ostentava as cores da Marinha evericana.

Reed sentiu um aperto no peito. Serakeen e a Marinha Azul? Se eles tivessem formado uma aliança, iriam asfixiar o leste, e os foras da lei – verdadeiros foras da lei que chamavam os mares de lar havia gerações – seriam expulsos e caçados como animais.

– É exatamente como Bee nos contou – disse Jules, fazendo uma pausa na amurada ao lado dele.

Ele sacudiu a cabeça.

– Você tinha razão. Nós deveríamos ter ajudado Bee e o *Olho Ruim* quando tivemos a chance.

A voz de Jules estava macia como veludo quando ela disse:

– Posso botar isso em minha canção sobre o senhor, capitão?

Por um momento, eles trocaram sorrisos tristes. Aí, com uma continência rápida, ela correu de volta para seu posto.

O capitão Reed examinou as águas e avaliou a ação. As fragatas iriam flanquear o *Crux* e prendê-lo entre elas. Com fogo de canhão vindo sobre ele dos dois lados, seria um banho de sangue.

Para detê-los, o *Corrente* teria de navegar por trás deles, disparar sobre os evericanos, recarregar e disparar outra vez no batedor de Serakeen. Ele teria de ser rápido.

Mas naquela área, não havia ninguém mais rápido.

– Tripulação dos canhões, preparar para disparar!

Eles cortaram o mar com a precisão de uma faca.

Os evericanos nem os viram chegar. As janelas dos aposentos dos oficiais

reluziam, expostas na popa da fragata azul.

Aí os canhões do *Corrente da Fé* abriram fogo.

Os disparos atravessaram o ar e foram atingir a embarcação inimiga, estilhaçando vidro, quebrando vigas como se fossem gravetos. O leme partiu-se. Uma bala de canhão rasgou o convés inferior dos canhões e abriu um buraco enorme no lado de bombordo, que revelou sangue, corpos e ferro.

O *Crux* disparou uma saraivada e demoliu o casco evericano. Um mastro partiu-se. Homens gritaram.

A tripulação do *Corrente* preparou a saraivada seguinte.

Mas o batedor de Serakeen estava pronto para eles. Seus canhões de popa cuspiram fogo.

– Lá vem tiro! – gritou alguém.

A tripulação encolheu-se sob a amurada quando cargas de metralha lascaram a lateral do *Corrente*.

Reed se encolheu ao sentir um pedaço de estilhaço cortando sua bochecha.

– Fogo! – ele gritou.

O navio preto e amarelo recebeu as explosões por toda a sua popa. Grandes pedaços de ferro rasgaram-no de proa a popa e revelaram suas entranhas.

Um golpe mortal. Nenhum navio poderia se recuperar daquilo.

– Jules! – A voz de Marmalade cortou o ar. – Não, não, *não*!

O medo criou um nó no estômago de Reed.

Jules?

Jules não.

Não quem puxava os cânticos de trabalho, sua mensageira, sua briguenta, sua cantora, sua consciência, sua amiga. *Jules* não.

Ele desceu para o convés principal quando o *Crux* disparou sobre o navio de Serakeen. Calor e chamas agitaram o ar e quase fizeram com que ele perdesse o equilíbrio.

Reed parou ao lado da líder dos cânticos de trabalho; Jules estava deitada entre as caixas de cartuchos. Sangue escurecia sua roupa em uma dúzia de lugares diferentes. Vidro e pregos saíam de seu lado esquerdo, e um fragmento de ferro enferrujado projetava-se com três dedos de extensão de sua barriga.

A doutora já estava ali, limpando feridas, removendo estilhaços. O capitão

Reed ajoelhou-se ao lado delas.

– Ela me salvou – disse Marmalade, estremecendo nos braços enormes de Cavalo. – Ela me salvou.

– Mas não rápido o suficiente para salvar a mim mesma.

Jules tossiu e fez uma careta de dor.

A doutora ergueu os olhos por meio segundo, o suficiente para que Reed visse a expressão fechada por trás de seus óculos. Mas ela não parou de suturar.

Sobre a água, chamas subiam do navio preto e amarelo. Marinheiros gritavam e se jogavam, queimando, nas ondas.

O sangue não parava de escorrer. Reed o sentiu empoçar em volta dos seus joelhos.

Jules estava pálida.

– Nunca consegui fazer aquela canção sobre o senhor – ela sussurrou, sua voz forte e musical reduzida a um mero fiapo. – Agora ninguém vai saber que eu salvei a sua vida.

Ele pegou a mão dela, mas sua pele estava ficando fria.

– Nós vamos contar a eles – disse Reed. – Nós contaremos a todo mundo.

Jules tentou sorrir, mas lágrimas transbordavam pelos cantos de seus olhos.

– Mas faça uma canção, está bem, capitão? Algo para cantar quando o sol se puser no oeste… – Sangue saiu borbulhando de sua boca, e suas palavras seguintes foram um arquejar molhado e sufocado. – Não se esqueça, está bem? Não se esqueça…

– Nunca – murmurou Reed. – Você é minha tripulação, agora e sempre.

Sempre, ela articulou com os lábios, mas sua voz já havia desaparecido.

Então Jules fechou os olhos e não tornou a abri-los.

Enquanto o *Corrente* e o *Crux* estavam ancorados ao abrigo de uma enseada, naquela noite suas tripulações se reuniram na praia para queimar os corpos dos mortos.

Juntos, eles mandaram seis piras funerárias em chamas para a água. Três para a tripulação de Dimarion, duas para seus escravos, e uma para Jules.

O outro líder de grupo de cânticos do *Corrente*, Theo, cantou uma das canções favoritas dela. Embora seu barítono fosse forte, Reed não conseguiu

deixar de sentir falta da forma como Jules a cantava – de maneira dura e crua, como uma ferida exposta.

Mas ela nunca mais iria cantar.

– Certas pessoas fazem muita falta – disse Cavalo.

Na dobra de seu braço, a doutora apoiou a cabeça em seu peito.

Marmalade não parou de chorar desde que Jules ficou imóvel, às vezes choramingando, às vezes soluçando tanto que era como se sua tristeza fosse parti-la ao meio.

Mais tarde, quando eles se reuniram para comer, beber e contar histórias sobre os mortos, Reed permaneceu afastado, descalço na arrebentação, sentindo cada onda envolver seus tornozelos e tornar a recuar como uma respiração.

Ele fechou os olhos e imergiu nos sons do oceano, no murmúrio das águas rasas e no ronco das profundezas. A água falava com ele sobre perigo, sobre marinhas reunindo-se perto da costa de Everica, e de foras da lei fugindo como peixes diante de uma grande garça-azul. De piratas circundando Liccaro como tubarões. De bloqueios, frotas ferozes e invasores no Mar Central.

De Jules, seu corpo reduzido a cinzas.

De luzes vermelhas a oeste.

Ele tinha tentado. Tinha tentado ser alguém digno de ser lembrado. E isso custara tudo a Jules.

Em seus tornozelos, o ritmo das ondas mudou – mais rápido, mais profundo. Reed abriu os olhos e viu Dimarion parado ao lado dele como um mastro de carvalho, oscilando levemente com a brisa. Um lenço de seda quase escondia o curativo em volta de sua cabeça, e uma bela camisa de linho quase cobria os hematomas em sua clavícula, mas ele não conseguia disfarçar a dificuldade de caminhar nem a bengala de mogno a seu lado.

O fato de poder aproximar-se de Reed sem ser notado nessas condições era um feito de graça incrível.

Em uma das mãos, dois copos de brandy reluziram como esferas de topázio. Ele entregou um a Reed e ergueu o outro em seus dedos imobilizados.

– Nós devemos nossas vidas a você, capitão. O que quer que queira, é seu, desde que esteja em meu poder concedê-lo. O malho do Gongo do Trovão? Pode levar, e que as coisas do passado sejam coisas do passado.

Reed ergueu a sobrancelha. Então Dimarion tinha o malho. Achava que ele havia se perdido no redemoinho cinco anos atrás. Normalmente, ele teria vibrado com a oportunidade. Mas tesouros e grandes feitos já não tinham o mesmo atrativo de antes. Não hoje.

Reed tomou sua bebida, esfregou a boca e pegou um pedaço de papel em seu bolso da frente.

– É isso o que tem dentro do sino do *Ouro do Deserto*.

Tinha sido ideia de Meeks fazer uma reprodução pressionando carvão sobre a inscrição – uma cópia perfeita das palavras que Reed esperava que lhes dissessem onde encontrar o Tesouro do Rei.

Dimarion pegou a folha de pergaminho e a virou de lado.

– É cartografia?

– É caligrafia.

– O quê?

Reed sacudiu a cabeça. Ele ficara igualmente confuso pouco tempo atrás.

– Conheci uma garota a caminho de Jahara – ele disse, explicando sobre Sefia, o Livro e como ela poderia lê-lo.

– Como você e o mar – disse Dimarion, assentindo.

– É.

– E ela é a única que pode localizar o Tesouro?

O capitão Reed coçou o peito e se lembrou de suas primeiras tatuagens, as palavras que ele escondera por baixo de mais tinta assim que teve a oportunidade.

– A única em quem eu confio – disse, dando de ombros. – Olhe… você pode tentar encontrar alguém para decifrar essas marcas se quiser, mas eu não posso ir com você.

Dimarion enfiou o decalque na camisa.

– Você está planejando alguma coisa, não está? Você vai fazer algo tão perigoso, tão ilustre, que vai deixar o resto de nós louco de inveja.

– Perigoso, sim. Ilustre, não – disse Reed com um olhar duro para seus navios ao pôr do sol. – Eu perdi uma marinheira hoje, o nome dela era Jules.

O capitão do *Crux* ergueu seu copo.

– Quantos outros nós já perdemos?

Os navios que Bee listara voltaram subitamente à sua mente: *Pássaro Cinzento*, *Picareta*, *Estrela Solitária*…

– Somos foras da lei, capitão. A menos que estejamos na mesma tripulação, não existe “nós”.

…*Ouro de Tolo*, *Rose*, *Marilyn*…

– Talvez devesse haver. Talvez os foras da lei devessem começar a cuidar uns dos outros.

Dimarion escarneceu.

– Foras da lei se juntando? Seria mais fácil pegar peixinhos com os dedos mindinhos.

…*Melhor Sorte na Próxima*, *Cão Das Águas*, talvez até o *Olho Ruim*…

– Eu sei – disse Reed. – Mas se alguém não tentar, todos nós vamos morrer.

– Quem, você? É o pior deles. “Nenhuma autoridade além da arma e do mar”, lembra?

Reed tamborilou sobre o revólver prateado.

– Não é à minha arma que eles iriam responder.

Os olhos escuros de Dimarion brilharam.

– A Senhora? Ainda está viva? Onde ela esteve todos esses anos?

– Em um lugarzinho chamado Porto Seguro.

Uma ilha escondida cercada por correntes e pedras, Porto Seguro havia se tornado o lar de Adeline Osono e de Isabella Behn, duas das pessoas mais duronas que o capitão Reed já havia conhecido. Em seus dias de juventude, Adeline fora xerife de um entreposto no Mar Central, onde mantivera a ordem em um território sem lei. A mulher tinha dedos mais rápidos no gatilho do que qualquer um, até mesmo Reed, e durante uma boa época o nome dela despertara respeito em todo e qualquer contrabandista, traficante de escravos e assassino de Kelanna.

Ela era a Senhora da Misericórdia, a dona original do revólver lendário de Reed. Se havia alguém que pudesse impedir que uma comunidade de foras da lei ladrões e brigões se matasse, era ela.

– Isso vai ser desafiador – disse Dimarion.

– É.

– Detalhista.

– É.

– E pequeno.

– É.

Dimarion enfiou a bengala mais fundo na areia.

– Eu o conheço há muito tempo, capitão. Você não é do tipo que faz coisas pequenas. Feitos pequenos não são aqueles pelos quais será lembrado.

– Eu sei. – Reed pensou em Jules. Fazendo uma tatuagem para se lembrar de cada membro de sua família até que seus braços se tornassem um emaranhado de passarinhos e flores da floresta, inventando musiquinhas durante o quarto da manhã, salvando Marmalade do fogo de canhão. – Mas eles fizeram de você o tipo de pessoa que deve ser lembrada.

– Então você parou de tentar viver para sempre?

O capitão Reed hesitou. Ele dedicara *anos* de sua vida à imortalidade. A encontrar artefatos que lhe prometiam vida eterna. E a colecionar aventuras tão impressionantes que não conseguia resistir a contá-las novamente. Tinha sido um sonho bom, mas você precisava abrir mão de certos sonhos.

– Não vale a pena viver para sempre se você vive apenas para si mesmo.

– Certo. – Dimarion deu um suspiro. – Então, quando começamos?

– Nós? – o capitão Reed perguntou assustado.

– "Nós", sim, se você me aceitar. Pode ser uma boa mudança de ritmo realizar algo que não seja motivado *inteiramente* por interesse próprio.

Dimarion era um saqueador e ladrão que mantinha escravos como espólio. Ele era provavelmente o último entre os foras da lei a quem Reed teria pedido ajuda.

– Estou falando sério, Cannek. Se fizer isso, estou com você.

– A Senhora não vai gostar nada se eu chegar com um navio cheio de escravos – disse Reed sem rodeios. – Na verdade, ela pode até querer minha cabeça por lhe mostrar o caminho.

Dimarion revirou os olhos.

– Eu não *bato* neles, se é isso que você está pensando. Eles provavelmente são mais bem cuidados do que alguns de sua própria tripulação. E, com certeza, são mais bem vestidos…

– Você disse que me daria qualquer coisa que estivesse em seu poder me dar –

interrompeu Reed. – Não pode ser dono de escravos *e* herói.

Dimarion dobrou e esticou os dedos tantas vezes que Reed teve certeza de que ele iria socá-lo.

Bem, tentar socá-lo.

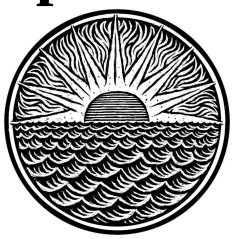
– Abrir mão de meus escravos, ou abrir mão de minha palavra e de minha honra. – O capitão do *Crux* passou um braço pesado em torno dos ombros de Reed. Com mais força do que era necessário. Seu sorriso era um meio ranger de dentes. – Certo. Negócio fechado. Você é inteligente demais para seu próprio bem, sabia disso?

O capitão Reed deu um sorriso malicioso.

– Parece que sou apenas esperto o suficiente.

– É melhor que seja, se você espera ter sucesso nisso. – Com jeito, Dimarion o conduziu de volta às fogueiras, onde as silhuetas de seus marinheiros estavam negras como fósforos contra as chamas. – Nós já perdemos marinheiros. E devemos perder ainda mais, antes que isso acabe.

Capítulo 19



Marcas estranhas

Escutamos dizer que todas as lendas começam pequenas, e a lenda de Cannek Reed não era exceção. Ele tinha dezesseis anos quando saiu de sua casa no interior evericano – era um garoto magro com ombros curvados e um passo estranho que dava pouca indicação da grandeza em seu interior.

Exceto por seus olhos – aqueles impressionantes olhos azuis, da cor da água em um dia claro.

Os olhos de sua mãe, embora ela estivesse morta havia muito tempo.

Houvera uma última surra na noite anterior à sua partida. Gritos: a voz pastosa do pai jogando-se contra as janelas, escoando pelas frestas para a noite negra e imóvel.

Seu pai lhe batera. Mais de uma vez.

Mais de duas vezes.

A dor espalhara-se por seu rosto, costas, pela lateral de sua cabeça, como água jogada sobre lajotas.

Depois de algum tempo, a raiva do pai erodiu, como sempre ocorria, em um sono bêbado. Então estava quieto quando Reed partiu.

Seus passos ficaram encharcados com o sereno.

Seu coração encheu-se com os sons do oceano.

Ele não olhou para trás.

Em Kelanna, as pessoas diziam que você nunca estava em casa até estar no mar. Aos dezesseis anos, porém, Reed nunca sequer tinha visto o oceano. Seu pai proibira. A mãe dele deixara seu pai por isso, ou por um marinheiro gormani

– as histórias diferiam, dependendo de quem contava –, e para Cannek a água sempre estivera fora do alcance, além das montanhas que isolavam seu país do Mar Central.

Mas ele sentira o chamado da água por toda a sua vida – riachos, córregos, pequenos rios –, falando com ele enquanto corria na direção do mar.

Ele levou alguns dias e alguns momentos de dúvida antes de cruzar as montanhas, mas, quando finalmente viu o oceano, valeu a pena.

O mar era uma criatura tempestuosa e magnífica, mais azul que o céu, com cristas prateadas e asas de borrifos e bruma. Suas vozes eram como aves brancas com asas de pontas negras, e como o ribombar profundo da água sobre rocha.

Porém, na pequena cidade portuária, ele não conseguiu que ninguém o contratasse.

– Não posso contratar um marinheiro que não sabe navegar – diziam, rindo.

Porém Reed tinha de ir lá para fora. A água estava à sua espera.

Ele se escondeu nas profundezas de um navio de passageiros e zarpou na escuridão fétida do porão.

Dias se passaram. Três noites em que saiu às escondidas e roubou punhados de comida e alguns sorvos de ar fresco antes de voltar a se esconder. Ele teria conseguido chegar até Liccaro se não fossem os alfaiates.

Eles, na verdade, não eram alfaiates, é claro, mas Reed nunca soube quem eram realmente.

Estavam no convés certa noite quando ele surgiu da escotilha principal para dar uma olhada no céu. Embora estivesse encoberto, a lua flutuava através das nuvens, sua luz era como uma mancha de óleo na escuridão.

– Não tem nenhum outro lugar onde possamos escondê-lo? – perguntou a mulher.

Reed não conseguiu ver seus traços, mas ela usava um anel de prata reluzente em um dos dedos.

O homem sacudiu a cabeça.

– O que está escrito sempre acontece.

Reed, agarrado à borda da escotilha, piscava confuso. Estava prestes a se encolher e sumir de vista quando a mulher virou-se e seus olhos escuros fixaram-se nele, como se soubesse o tempo inteiro que ele estava ali. Ela ergueu

a mão, e alguma coisa o atingiu no pescoço.

Ele desabou.

O homem e a mulher caminharam em sua direção.

Ele não conseguia se mexer. Não conseguia nem abrir a boca para gritar.

– Desculpe – disse a mulher, retirando um dardo de sua garganta.

O resto de sua memória era fragmentada, tão cheia de buracos quanto um balde enferrujado: o homem que levou Reed pela coberta, a trama de um suéter grande demais sob seu rosto, alojamentos cheios de rolos de tecido e agulhas afiadas como espinhos, no teto, um nó na madeira em forma de olho.

Reed não tinha como saber ao certo, mas achou que a mulher talvez houvesse afastado cabelo da testa dele. Talvez tivesse se lembrado da própria mãe, exceto pelo travo estranho de cobre no fundo de sua garganta.

Ao longo dos anos, ele deve ter bloqueado a maior parte do que aconteceu, mas ainda se lembrava do pior: o homem tirando a rolha de um vidro de tinta, a mulher erguendo um pedaço de pergaminho decorado com pontos e desenhos curiosos de um tipo que Reed nunca tinha visto.

O homem enfiou uma agulha na tinta e começou a perfurar a carne do peito de Reed repetidas vezes. Ele tentou gritar. Tentou se encolher, chacoalhar-se ou berrar. Mas a paralisia o prendia com força.

Reed não soube por quanto tempo ficou ali nem o que mais fizeram com ele, lembrava-se, contudo, da dor dobrando-se sobre si mesma repetidas vezes enquanto o homem aprofundava as tatuagens, assegurando-se de que elas nunca desaparecessem.

Eles passaram um esfregão no sangue – passaram mesmo?

O homem lavou as mãos, ele pensou.

A mulher ateou fogo à folha de papel e a jogou em um pote de metal.

Talvez ela tenha retirado um vidro de líquido âmbar de sua bolsa. Talvez tenha fechado seu nariz para fazê-lo engolir, ou talvez ela o tenha injetado. Tudo de que ele se lembrava era de mergulhar novamente na escuridão, que desabou sobre sua cabeça como nanquim.

Sentindo-se molhado e tremendo, Reed acordou com água salgada caindo em seu rosto, entrando por seu nariz e descendo por sua garganta. Ele engasgou

e se encolheu.

Ele podia se mexer outra vez.

Seu peito doía. Suas pernas estavam dormentes. Reed ergueu a cabeça e olhou ao redor.

Ele estava amarrado a um barril – flutuando num mar turquesa com bancos de areia visíveis sob a água. O navio de passageiros não estava em nenhum lugar à vista.

O sol da manhã ardia sobre ele. De vez em quando, um fio fino de sangue escorria das tatuagens em seu peito, atraindo serpentes aquáticas brancas que o circundavam, com curiosidade, e cujas línguas entravam e saíam da boca, experimentando o sangue.

Reed tentou se desamarrar, mas as cordas tinham inchado na água. Seus dedos enrugados não conseguiam desatá-las.

Ele atacou as fibras com os dentes, machucando os lábios e as gengivas na corda grosseira.

Tubarões-galha-preta emergiram embaixo dele. A dor subiu por sua panturrilha quando um deles cravou seus dentes nele. Reed chutou, mas o tubarão já tinha feito a volta. Sangue escorreu da mordida.

Algo brilhou nas ondas – outra barbatana triangular, outra cauda pontuda. As criaturas estavam à sua volta agora, movendo-se velozmente para mordiscar seu corpo e sair nadando outra vez. Reed foi tomado pelo pânico.

Será que iria morrer assim?

Não podia ser. Tinha esperado dezesseis anos para ver o oceano. Ele não podia traí-lo desse jeito.

Houve um disparo. Água ergueu-se em torno dele. Uma cobra branca foi cortada ao meio, seus pedaços devorados pelos tubarões antes que começassem sequer a afundar.

Uma sombra caiu sobre ele – um navio com velas brancas, um casco verde e uma figura de proa em forma de árvore.

Houve mais disparos. Alguém gritou:

– Vejam o que temos aqui!

Risos. Balas afundavam nas ondas em torno dele, espalhando os predadores de águas abertas.

As pessoas desceram pela amurada. As cordas que prendiam Reed partiram-se sob suas facas, e ele mergulhou sob a superfície, debatendo-se e tossindo. Ele nunca aprendera a nadar.

Os marinheiros o levantaram pelas axilas, observando suas tatuagens estranhas, e o ergueram no convés, onde ele desmoronou, com os membros latejantes, o peito pulsante.

– O que está fazendo aqui fora, garoto? – perguntou alguém.

Em resposta, Reed vomitou água salgada.

– Calma – disse o homem, abaixando-se ao lado dele. Ele tinha um rosto severo com olhos cinzentos e mortos e uma marca na ponta do nariz. – Você agora está em segurança. Você está no *Corrente da Fé*.

Capítulo 20



Sangradores

Toda noite, sempre que Arqueiro fechava os olhos agora, ele sonhava com Sefia. Assim que adormecia, ali estava a garota. Ela era Argo, sem rosto. Era Oriyah, com a arma de Machada em sua nuca. Ela estava no ringue, ou nos caixotes, ou em uma pira funerária. Era inevitável – vingança pela dor que ele provocara –, e seria Sefia a pagar o preço.

Ele não era mais o garoto do caixote. Era pior – ele vivia e respirava violência como um tubarão na água. Isso estava por toda a sua volta, e aqueles mais perto dele iriam se afogar.

Quando Arqueiro sonhava, via a si mesmo matando dezenas e dezenas de pessoas, sentia o estrondo do trovão em seu peito, e, ao acordar, ele nem sempre tinha certeza se eram memórias ou alguma outra coisa.

Lutas a serem travadas. Batalhas a serem vencidas.

– Há uma palavra para isso, irmão – disse Kaito, afiando sua espada curva. – Sede de sangue.

Arqueiro começou a fazer a contagem regressiva dos dias até alcançarem a próxima equipe de impressores.

Cinco dias.

Quatro dias.

Três.

Quando faltavam dois dias, eles viraram para noroeste, entraram nas montanhas szythianas e subiram para as planícies altas enquanto os picos irregulares erguiam-se em torno deles, e bosques de choupos nus chacoalhavam

como ossos ao longo das encostas. Quando os ventos sopravam, Arqueiro imaginava poder sentir o cheiro de fumaça do acampamento dos impressores no ar.

Naquela tarde, passaram por uma cerca de madeira e um pequeno rebanho de gado pastando em meio às artemísias. Além, havia uma cabana de troncos e um celeiro, com algumas figuras circulando entre eles, carregando fardos de feno.

Devia ser uma vida pacífica, pensou Arqueiro, enquanto observava um grupo de homens montados cavalgar até a cabana, deixando para trás uma nuvem de poeira.

Seu olhar foi para Sefia, que estava sentada numa das carroças ao lado de Aljan, ensinando-o a ler. Talvez, durante um breve tempo no *Corrente*, Arqueiro tivesse imaginado poder ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa, ser qualquer pessoa. Eles podiam ter passado os dias trabalhando junto da tripulação de Reed, e as noites, abraçados, sem fôlego, no cesto da gávea enquanto os vigias passavam pelo convés abaixo. Mas ele também não era esse garoto.

Não mais.

Metade dos cavaleiros desmontou no pátio. Galinhas desviavam para não serem pisadas por suas botas enquanto eles jogavam para trás seus casacos compridos e empoeirados e revelavam revólveres de seis tiros reluzentes nas cinturas.

Arqueiro aprumou-se na sela.

Algo o chamava de seu interior, como um trovão distante, alertando para uma tempestade.

Ele já estava se virando na direção dos cavaleiros quando o tiro cortou o ar. Houve um grito no interior do celeiro.

Uma luta. Seu sangue se agitou.

Sem um segundo de pausa, Arqueiro fez com que seu cavalo saltasse a cerca. Atrás dele, Kaito soltou um grito.

E, então, estavam cavalgando velozes pelas artemísias, urrando por antecipação.

Duas mulheres saíram cambaleando do celeiro. Os homens a cavalo aproximaram-se.

Arqueiro sacou seu revólver. Ao redor, ele podia sentir Frey e os garotos

derramando-se sobre a planície como uma maré mortal. Só mais algumas respirações antes de chegarem ao pátio. Ele puxou o gatilho.

Um dos homens desabou. Sangue jorrou em arco de seu crânio.

Antes que a primeira gota atingisse o chão, Arqueiro estava no pátio, atirando, lutando, puxando os cavaleiros de seus cavalos relinchantes.

Frey atirou na rótula de um homem. Versil jogou outro no chão. Scarza desviou de uma bala, que raspou seu cabelo prateado, e enfiou a faca no corpo de um ladrão. O homem desabou. Sangue correu por suas mãos como água pelas rachaduras de uma represa desmoronando.

Arqueiro foi jogado de seu cavalo. Ele atingiu o chão e ficou de pé outra vez, cortando, apunhalando, rompendo artérias e tendões, sentindo o recuo de seu revólver na mão quando cada uma das balas atingia seu alvo.

No caos, ele encontrou Kaito – com filetes de sangue na testa, a espada reluzente na mão –, e eles se juntaram como vento e chuva, furiosos, agressivos, demolindo qualquer um que ficasse em seu caminho. Eram feitos para isso. Era *ali* que eles sentiam-se em casa.

Enquanto estocavam e golpeavam, atiravam e batiam, duas garotinhas correram para a briga.

Um dos ladrões se virou com o revólver brilhando sob o sol fraco de outono.

Arqueiro atirou. Kaito fez o mesmo. Três balas correram pelo ar. Uma atingiu o homem nas costas, fazendo com que ele grunhisse de dor.

Kaito, num instante, estava em cima dele, seu rosto marcado com uma alegria selvagem. Em um movimento rápido, ele cortou a garganta do homem. Sangue jorrou no peito, no pescoço e nos lábios de Kaito. O ladrão caiu, sufocado, engasgando, imóvel.

Um vento frio, com cheiro de terra e folhas secas, soprava pela planície.

Todos os ladrões estavam mortos.

Sangue encharcava o chão, transformando a terra batida e dura do pátio em lama.

Alguém gritou. E não parou de gritar.

Uma das garotas estava ferida no chão. Era pequena, muito pequena. Ela não podia ter mais de dez anos. A outra menina não parava de sacudi-la, fazendo com que seu cabelo castanho-escuro caísse em seu rosto, sobre os olhos imóveis.

Havia uma ferida aberta na lateral de sua cabeça.

Arqueiro sentiu como se suas entranhas tivessem sido arrancadas. Correu até elas, mas os fazendeiros chegaram lá primeiro, e o derrubaram para o lado. Estavam chorando e pegando as garotas nas mãos – um único corpo de pesar.

– Sinto muito – ele disse. – Sinto muito. Ela está…

Mas Arqueiro não precisava perguntar.

O revólver caiu de sua mão. Lama sujou sua coronha de madeira.

Fora sua bala ou a de Kaito? A de Kaito ou a do ladrão? Todos os três tinham disparado suas armas.

– Arqueiro? – A voz de Sefia parecia ecoar ao seu redor. – Arqueiro, olhe para mim, o que aconteceu?

O rapaz sacudiu a cabeça, tentou afastá-la. Ele estava certo sobre si mesmo e violência, não estava? *Minha bala ou a de Kaito? A de Kaito ou a do ladrão?*

– Ela está morta – ele disse com voz rouca.

– Você a matou! – Uma das fazendeiras lançou-se sobre ele e o golpeou repetidas vezes com os punhos. – Você a matou!

Ele não tentou se defender. Cortes abriram-se em sua testa, sua bochecha. Um golpe no estômago fez com que Arqueiro se dobrasse ao meio e respirasse ruidosamente. O chão inclinou-se a seus pés. Ele viu pontos de sangue em suas botas. A fazendeira não parou de gritar nem quando os outros a tiraram de cima dele.

A cor do céu estava marcada por faixas vermelhas quando eles partiram da fazenda, deixando a família enlutada, o pátio sangrento. O ar, que não cheirava mais a gado e folhas secas, estava denso com cinza.

À frente do grupo, Arqueiro cavalgava sozinho. Ele não permitira que ninguém o tocasse, não queria ser tocado, e agora seus dedos estavam rígidos nas rédeas, vitrificados com o sangue de outras pessoas.

Sua bala ou a de Kaito? A de Kaito ou a do ladrão? Ele não parava de visualizar isso repetidas vezes na cabeça – três disparos de arma de fogo, o homem dobrando-se quando um dos tiros o atingiu, Kaito acabando com ele, e depois os gritos. Os gritos. Não importava quantas vezes Arqueiro tornasse a imaginar isso, ele ainda não sabia.

Sua bala ou a de Kaito? A de Kaito ou a do ladrão?

– Os fazendeiros disseram que os delieneanos têm um nome para nós – disse Kaito, trotando ao lado dele. Quando Arqueiro não respondeu, ele prosseguiu: – *Sangradores*. Você pode acreditar nisso? Eles estão falando a torto e a direito no reino sobre as coisas que fizemos, as pessoas que salvamos.

– Agora vão falar sobre as pessoas que não salvamos.

Kaito tentou lhe dar um soco de leve no ombro, mas ele afastou a mão do garoto com um tapa forte. Kaito recuou, consternado.

– Vamos lá, irmão, não fique assim. Se não fosse por nós, *todos* eles estariam mortos.

– Ela era só uma criança – retrucou bruscamente Arqueiro.

– E daí? Todos nós já matamos crianças antes.

– Ela era inocente!

– Nós também!

Arqueiro não queria ouvir a indiferença natural de Kaito, como se uma garota morta não fosse nada, ou fosse algo a ser *esperado*, porque no fundo, no fundo, ele estava com medo. Com medo de esquecer a ferida, o pescoço inerte, o grito. Com medo de que se transformassem em uma nova série de pesadelos, para serem enfrentados no escuro.

Porque, no fundo, tudo o que Arqueiro queria era machucar outra pessoa, alguém que *merecesse* ser machucado, de modo que pudesse se esquecer de todos os outros males que causara.

Arqueiro segurou Kaito pela gola da camisa e quase arrancou o garoto do cavalo.

– Qual é o seu problema? – ele perguntou. – Pode ter sido a sua bala que a atingiu.

Kaito o empurrou para trás e cuspiu.

– Pode ter sido a dele. Ou a sua. *Não importa*. Pessoas morrem, irmão. É isso o que nós fazemos. Por que você acha que eles nos chamam de “sangradores”?

– Nós não somos *assassinos*.

Kaito riu na cara dele.

– Nós matamos pessoas e fazemos com que pessoas sejam mortas. É melhor aceitar isso agora se você vai nos liderar.

– E ficar como você? Não quero ser um *açougueiro*, Kaito. *Eu sou* melhor que isso.

Assim que as palavras deixaram sua boca, Arqueiro soube que não queria ter dito aquilo. Kaito era o melhor deles. Um guerreiro melhor, um irmão melhor do que Arqueiro jamais seria.

Ele *precisava* de Kaito, dos sangradores, das batalhas, da missão. Eles eram quem ele era.

Um matador. Um capitão. Um comandante.

Clack. Clack. O garoto gormani sacou a espada um palmo de sua bainha e deixou que ela caísse no lugar outra vez. *Clack*. Os sons ricochetearam em torno deles como tiros, fazendo com que Arqueiro se retraísse.

– Kaito, me des…

Antes que ele pudesse terminar, o garoto gormani o interrompeu.

– Vou encontrar um lugar para acamparmos. Se isso estiver bom para você, *chefe*.

Ele estalou a língua e conduziu com o joelho o cavalo para a escuridão, que rapidamente os engoliu.



O Rei Suicida

Em muitas ocasiões, acontece com as histórias o mesmo que com as pessoas. Elas melhoram com a idade. Mas nem toda história é lembrada, e nem todas as pessoas envelhecem.

Como muitos em sua família, Leymor Corabelli sempre tivera um quê de melancolia – efeito colateral de uma linhagem amaldiçoada, pelo menos era isso o que diziam. Em apenas cinco anos, um ataque do coração levara seu pai; um acidente de caça, seu tio; pneumonia, a tia; febre, seu primo de seis anos; e, quando ele subiu ao trono, sua mãe estava perdendo as faculdades mentais para a demência.

Talvez fosse sua melancolia o que atraiu Miria Imani. Ela era uma nobre de Gorman e suas ilhas de neve e pedra. Seu povo sempre gostara de coisas tristes – a transitoriedade da primavera, a ilha perdida surrada pelas ondas –, e Miria era uma verdadeira dama do norte, tão forte e resistente quanto o Extremo Norte.

Apesar dos protestos da família, ela tomou o nome Corabelli, e logo trouxe ao mundo um belo filho de olhos escuros. Ela e Leymor o chamaram de Eduoar, e por oito anos eles foram felizes, embora solenes, com a maldição sempre pairando sobre suas cabeças como o machado do carrasco.

Então, um dia, no início da primavera, Miria foi diagnosticada com câncer no pâncreas. Nos meses seguintes, ela ficou magra como uma vara. Sua pele tornou-se pálida e amarelada.

Ela lutou. Era uma guerreira, como todos em sua família, e não se entregou silenciosamente à morte.

Mas a morte a levou mesmo assim.

Depois que ela morreu, Leymor não deixou seus aposentos por um mês. Seu

filho, Eduoar, o viu só uma vez; no início, e ele se lembrava apenas da forma do corpo do pai embaixo da colcha, como um cadáver na neve.

Quando o rei finalmente voltou à corte, ele havia se retraído tanto em sua tristeza que era como se ainda estivesse adormecido, e todas as pessoas em seu reino, todos os criados em seu castelo, até seu próprio filho, nada mais eram que um sonho passageiro.

Eduoar tinha doze anos quando encontrou o pai morto nos aposentos reais. As persianas tinham sido fechadas, e um único filete de luz do sol brilhava no tapete. O quarto estava muito frio. Entrar foi como chapinhar dentro de um lago de gelo.

Mas Eduoar tinha de fazê-lo.

– Por quê? – perguntou uma vez Arcadimon.

– Eu simplesmente tive de fazer isso – respondeu Eduoar.

Porque ele já sabia.

Porque precisava saber com certeza.

Agarrado a um frasco de veneno, Leymor estava encolhido num canto contra a parede do fundo, como se não quisesse ser encontrado. Seu corpo estava frio ao toque.

Rígido.

Durante anos, Eduoar teve medo de cantos escuros.

Durante anos, sentiu que nunca mais ficaria aquecido novamente.

Durante anos, sempre que olhava no espelho, via os olhos de seu pai. A tristeza de seu pai. A fraqueza de seu pai. Mas sempre que estava na beirada de sua torre solitária, olhando para as lajes abaixo, Eduoar nunca poderia convencer-se a pular. Nunca puxaria o gatilho. Ou colocaria pedras nos bolsos e caminharia lentamente para o mar.

Até o veneno ter sido entregue a ele.

Capítulo 21



As Planícies Brancas

Sob o rosto de Eduoar, o mármore preto e branco estava frio quando ele acordou no chão da galeria de retratos. Ele sentou-se e tateou a cabeça à procura de ferimentos.

– Ai – murmurou ao encontrar um galo acima da orelha. – Por que ninguém me disse que morrer dói tanto?

Em molduras douradas, os retratos de seus ancestrais Corabellis olhavam fixamente para ele, sérios.

Com uma careta, ergueu-se e sentou no banco no centro da sala. Desde seu colapso um tanto público no funeral de Roco, em Edelise, sua saúde declinara significativamente. Ele estava mais fraco. Ataques de desmaio o acometiam com frequência cada vez maior.

Para a surpresa de todos, exceto a dele, entretanto, seu estado de ânimo melhorara. Eduoar não estava menos triste, não estava menos vazio, mas se sentia *mais leve*, como se fosse uma pipa presa por um único fio, e quando ele finalmente arrebentasse, seria erguido no ar leve e azul – sem peso e livre.

Ele perguntou-se se a morte seria assim: um impulso para afastar-se do chão, deixando para trás os pátios do castelo, os telhados de terracota, os campos ondulantes de papoulas.

Só ele e o céu azul infinito.

Seria um alívio. Uma libertação da maldição que levara todos que ele já amara, e da tristeza que vinha com ela.

Enquanto girava o anel de sinete no dedo, Eduoar olhou fixamente para o

próprio retrato.

A pintura havia sido encomendada cinco anos antes, quando Eduoar subira ao trono. Ele era mais saudável do que estava agora, mas ainda parecia pequeno em seus trajes bordados, olhando para fora da moldura com aqueles olhos escuros e tristes.

Todos os retratos na sala tinham aqueles mesmos olhos.

Embora houvesse pouca dúvida sobre sua doença anteriormente, seu desmaio confirmou para toda a nobreza provinciana que as condições eram piores do que eles desconfiavam. Na manhã seguinte, os arautos estavam contando aquilo como “a queda do Rei Solitário”. Apropriadamente agourento, pensou Eduoar.

Nos dias que se seguiram, Arcadimon presidiu a seleção do próximo senhor de Shinjai. Ele emitiu declarações e pacificou os cidadãos preocupados.

Eduoar deixou que fizesse isso. Afinal, Arcadimon precisava de mais prática do que ele se tivesse de governar quando Eduoar morresse.

O rei imaginava Arc vestindo o traje negro com bordas prateadas da alta corte delieneana, com a argola de marfim de um regente em seus cachos castanhos e um sorriso fácil fazendo covinhas em suas bochechas.

Houve uma pequena pontada no peito de Eduoar. Parte dele desejava ver aquilo.

Mas ele tornou a empurrar essa sua parte para baixo, onde nunca veria a luz do dia.

Seu olhar dirigiu-se ao retrato do pai, Leymor Corabelli, o Rei Suicida. Ele tinha sido pintado na janela dos aposentos reais, com a luz da manhã delineando seus contornos, como se ele já estivesse desaparecendo do mundo.

A morte de minha mãe foi apenas uma desculpa para fazer isso, pensou Eduoar com amargura.

– Você nunca devia ter se casado – disse para o retrato do pai.

Nem todos os Corabellis eram melancólicos. Antes da queda que tirara sua vida, o bisavô de Eduoar, seu homônimo, era robusto e cheio de energia, caçando, banqueteando-se, tomando uma miríade de amantes – criadas, cavalariços e damas da corte.

Todos eles tinham morrido – de parto, febre, incêndio, e assim por diante.

Quando sua mãe morreu, Eduoar prometera a si mesmo que jamais

amaldiçoaria alguém de quem gostasse, não um garoto com quem desejasse passar sua vida nem uma criança que se tornasse sua herdeira. Não importava quem ele amasse, mas se fosse amado por eles, sem dúvida iriam morrer.

Não, a linhagem Corabelli chegaria ao fim com ele. E o mesmo aconteceria com a maldição.

Em alguns dias – ele os chamava de “dias mortos” –, a tristeza e a solidão tornavam-se insuportáveis. Eduoar ficava deitado na cama por horas, de olhos fechados, desejando tornar a dormir porque não conseguia encarar outro dia de espera pelo inevitável.

Às vezes, Arc chegava e abria as cortinas e o convencia a sair de baixo das cobertas com piadas e anedotas divertidas de suas visitas às províncias.

Os piores dias eram quando Arcadimon não estava.

Como se tivesse recebido um sinal, seu amigo entrou vestido em traje de montaria – botas, jaqueta e calça que exibiam suas formas bem proporcionadas.

A mão de Eduoar foi até o peito, sentindo o palpitar familiar de seu coração sob as pontas dos dedos. Será que os olhos azuis de Arcadimon tinham se iluminado ao vê-lo, ou isso tinha sido apenas um truque da luz?

Desde que voltaram de Shinjai, Arc estava diferente. Mais atento. Era como se ele estivesse absorvendo cada gesto, cada inflexão na voz de Eduoar, guardando cada momento na memória como se o estivesse esculpindo em pedra.

Talvez porque soubesse que iria acontecer em breve.

– Ainda bem que isso acabou – anunciou Arcadimon, limpando a poeira de suas mãos imaculadamente limpas. – Você tem sorte por estar tão doente que não precisa mais comparecer à corte.

Ed permitiu-se um sorriso.

– É. Sorte.

Conforme enfraquecia nos últimos três anos, Eduoar delegou cada vez mais de suas responsabilidades a Arcadimon. No início, alguns membros da corte protestaram, mas Arc revelou-se um líder tão eficiente que logo a corte estava funcionando mais tranquilamente do que funcionava desde quando a bisavó de Eduoar era a rainha.

– Quer sair para cavalgar?

– Cavalgar? – Eduoar olhou para o teto de vidro, onde o céu estava cinzento

como uma ferramenta molhada. – Meus médicos não aprovariam.

– Seus médicos estão preocupados com seu corpo, não com seu estado de espírito. Vamos lá, vai ser divertido. – Arc sorriu, como se soubesse que Ed jamais diria não para aquele seu sorriso.

Talvez seja hoje, pensou Eduoar. *Talvez seja uma queda de meu cavalo, como meu bisavô.*

Eduoar imaginou a dor no pescoço, o *crack* que seria o último som que escutaria.

Ele teria preferido uma morte menos dolorosa. Mas, pelo menos, estaria com a pessoa em quem mais confiava. A única pessoa em quem ele confiava para acabar com a sua vida.

Arcadimon não achava que ele desconfiasse. Mas Eduoar sabia havia alguns meses que a "cura" para sua doença era na verdade a sua causa. E ficou grato. Por causa da maldição, ele queria uma saída daquela vida desde que era adolescente, e Arc a estava oferecendo amarrada com um laço prateado.

Durante algum tempo, Eduoar preocupou-se imaginando que Arc fosse responsável pela morte de Roco. O momento foi conveniente demais. Mas Ed sabia que Arcadimon amava Roco como um irmão mais novo, e no funeral sua tristeza fora muito explícita. Você não podia chorar daquele jeito por alguém que tinha acabado de matar. Não era possível. Não para Arc. Não para ninguém.

Agora Arcadimon evitaria a guerra de sucessão que Eduoar temia. Ele tinha sido eleito regente de Deliene, recebendo a custódia do reino ao qual dedicara toda a carreira política.

Ele era muito bom nisso, e gostava – das reuniões do conselho, dos acordos comerciais, das manobras políticas. Se Ed podia confiar em Arc para acabar com sua vida, podia confiar a ele seu povo.

Tudo o que ele teve de sofrer foi alguns poucos desmaios e um toque de fadiga. Não era muito pior do que sua melancolia, para ser honesto. Mas Arcadimon não podia ser flagrado matando um rei. Ele tinha de fazer com que a morte de Eduoar parecesse natural para evitar lançar suspeitas sobre si mesmo.

Então Ed tomava o veneno sempre que Arc o oferecia. Às vezes, ele mesmo pedia o frasco.

Eles saíram pelos portões da cidade – Eduoar em seu cavalo cinza, castrado, e

Arcadimon em sua égua branca – para as Planícies Brancas, onde os campos de flores nevadas ondulavam-se à sua passagem como água.

Rã, a cadela favorita de Ed, ia correndo à frente deles, sua forma rápida e ágil praticamente voando sobre a terra, as patas mal tocando o chão antes de se projetarem outra vez.

Parecia já ser inverno – havia aquele frio úmido no ar, aquela brisa que cortava como faca. Mas Ed podia ouvir Arc rindo enquanto eles subiam cada encosta, e isso era tudo de que precisava para se aquecer.

Os minutos encheram-se com os sons de cascos, respiração e vento.

Arc pegou Eduoar olhando para ele, piscou e galopou adiante, desafiando-o a alcançá-lo.

Ed riu. Seu riso assustou até mesmo a ele, tão estranho que era a seus próprios ouvidos, e tornou a rir, surpreso com seu som nítido.

Os dois não pararam até estarem a quilômetros de Corabel – a cidade era pouco mais que uma mancha no horizonte –, quando o cansaço de Eduoar finalmente o tomou. Ele reduziu a velocidade de seu cavalo.

Arcadimon ficou a seu lado.

– Faz algum tempo desde a última vez que cavalguei tanto.

O sorriso de Ed era algo esmaecido.

– Seu cavalo está fazendo todo o trabalho.

– Diga isso para a minha bunda dolorida. – Arc desmontou e fez uma careta. – Na verdade, não. Minha bunda prefere ser deixada em paz.

Eduoar riu – uma imitação triste de seu riso anterior. Ele assoviou para chamar Rã, e ela voltou correndo para eles, deixando papoulas pisoteadas em seu rastro.

Enquanto deslizava desajeitadamente de sua sela, ele quase esperava que Arcadimon lhe oferecesse o frasco de veneno.

Mas seu amigo apenas abriu caminho entre as flores até um carvalho estéril no centro do campo. Rã chegou pulando, com a língua pendurada do lado da boca.

Ed esfregou a cabeça dela – atrás das orelhas, como ela gostava. Rã lambeu sua mão.

Eles amarraram os cavalos em um dos galhos da árvore, e Eduoar sentou-se

trêmulo no chão. Rã deitou-se ao lado dele, arfando.

Arcadimon esticou-se, exibindo a grande extensão de seus ombros, sem, porém, oferecer o frasco a Eduoar.

– Ei, Arc?

– Uhm?

Eduoar passou a língua pelos lábios.

– Meu chá?

Arc tateou algumas vezes sua jaqueta de montaria.

– Desculpe, mas devo tê-lo deixado no castelo.

– Isso não é de seu feitio.

– Talvez eu esteja mudando. – Arcadimon fez uma pausa. – Acha que consegue aguentar até voltarmos?

Ed encostou-se com um suspiro.

– Acho que não tenho escolha.

Nessa posição, ele não conseguia mais ver Arc, mas podia senti-lo perto, podia sentir seu aroma familiar, como vento e neve.

– Eu podia ficar aqui para sempre – disse Arcadimon, depois de um longo momento. – Exceto por toda essa coisa de comer, dormir e sobreviver.

Ed deu de ombros.

– A sobrevivência é superestimada.

– É mesmo?

Seu amigo parecia muito triste. Eduoar esticou o pescoço para olhar para ele, mas Arc estava voltado para as cortinas de chuva sobre o mar.

– Viver é difícil – disse Ed, tentando melhorar o clima do jeito que Arc costumava fazer. – Muitos cheiros. E fluídos.

A sombra de um sorriso passou pelos lábios de Arc.

– Acho que eu ficaria bem sem os fluidos fedorentos. Mas há fluidos bons também. Como café.

– Há. Café. Como eu poderia me esquecer.

– Água de coco. Chocolate oxsciniano com especiarias. Uísque.

– Eu não gosto de uísque.

– Não é surpresa você achar a sobrevivência superestimada. Uma vida sem uísque é na verdade uma vida triste.

Ed passou a mão pelo dorso de Rã.

– Alguns dias são mais tristes que outros – ele disse em voz baixa.

– Mas hoje, não.

Arc inclinou-se para olhar para ele.

Eduoar perdeu o fôlego ao ver o rosto de Arcadimon: olhos brilhantes, covinhas, queixo com barba por fazer.

Um vento soprou do mar e os atravessou como uma onda pelos campos de papoula, curvando e agitando as flores ao passar correndo por elas. Ed fechou os olhos enquanto a brisa soprava seu cabelo sobre a testa.

– Não – ele murmurou. – Hoje, não.

Ao sentir um toque em sua têmpora, ele ergueu os olhos e encontrou Arc afagando um de seus cachos. Eduoar moveu-se como se fosse detê-lo, embora tudo o que tenha feito fora segurar os dedos de Arcadimon ali, contra sua têmpora.

O rosto de Arc eclipsou todo o céu. Envoltos pelo ruído do vento, das ondas distantes e do relincho baixo dos cavalos, era como se nada mais existisse além dos dois.

Nada de dias mortos.

Nada de pais mortos.

Nada de maldição.

Só eles.

Arc se inclinou em sua direção. Seus lábios encontraram-se. Assustado, Eduoar abriu os olhos arregalados por um segundo, antes de deixar que suas pálpebras adejassem e se fechassem outra vez.

As mãos de Arcadimon passaram pelo cabelo de Ed, desceram pelas laterais de seu rosto e foram até seu queixo.

Eduoar tinha trocado beijos antes. Arc também tinha. Mas ele sabia, em seu âmago, que nada que nenhum deles tinha feito jamais tivera aquela sensação.

Foi como se tudo no mundo pudesse ser encontrado nos pontos de contato entre eles: todas as idas e vindas das marés, as pulsações das estrelas no céu, e a corrida dos lobos pelo norte gelado – tudo parte do mesmo ritmo.

Este.

O deles.

Eduoar desejou por um segundo que aquilo durasse para sempre, essa conexão de lábios e línguas, batidas do coração e respirações.

Mas não era possível.

Ele estava amaldiçoado.

E não podia deixar que ninguém, *especialmente* Arc, morresse por sua causa.

Eduoar afastou-se.

– Desculpe, eu não posso…

– Desculpe – disse Arcadimon ao mesmo tempo. Ele estava corado, sorridente, atordoado. – Isso foi…

– Eu preciso do meu chá.

Eduoar levantou-se e cambaleou de volta até o cavalo cinza.

A confusão de Arcadimon era visível na forma como ele desfazia seus cachos. O verde manchava seus cotovelos e as pernas de sua calça.

– Ed, espere – ele disse, tropeçando nos próprios passos.

Rã pulou de pé, ansiosa para voltar a correr, enquanto Eduoar fazia esforço para segurar-se na sela, com sua visão inclinando-se para o lado. Ele estava mais fraco do que pensava.

Mais fraco em todos os sentidos.

– Preciso do meu chá – repetiu.

– Claro, vamos buscar seu chá, mas devagar. Você vai cair.

Preocupação franziu os traços normalmente suaves de Arcadimon, e ele pôs a mão na coxa de Eduoar.

O contato queimou, enviando ondas de desejo por sua perna até o peito.

Não vou deixar que você morra. Eduoar afastou-se bruscamente e partiu na direção de Corabel em um trote acelerado. Com os olhos fixos na cidade na colina, ele não olhou para trás. *Não podia* olhar para trás, nem sair correndo na direção de Arcadimon como uma bala e levar os dois ao chão para sempre.

Capítulo 22



Luvas de tinta

Caindo a noite no dia seguinte ao encontro com os ladrões, Kaito desafiou Arqueiro para uma luta.

Arqueiro *queria* lutar, sem dúvida, tinha o desejo nos dedos, nos ossos, ansiava pela trégua que isso lhe daria, e pelo esquecimento, embora temporário. Mas também estava com medo, com medo do que isso faria dele.

Então recusou, e os traços de Kaito encheram-se de mágoa. Ele tentou mascarar isso com um sorriso, mas o sorriso não chegou aos olhos – verdes e duros.

– Qual é o problema? – perguntou. – Medo de que eu o vença?

Arqueiro quase foi até ele. Ele quase riu e deu um soco para que o garoto gormani se esquivasse, sabendo como aquilo terminaria. Podia ter ficado tudo bem, se tivessem lutado. Lutar era a língua que eles compartilhavam. Ninguém a falava melhor.

Mas aí ele viu Sefia a observá-lo de fora do círculo. Ela não estava mais usando a pena verde no cabelo. Será que a havia perdido? Ou ele estava perdendo *Sefia*?

– Descanse – ele disse, e os olhos de Kaito reluziram tristes e decepcionados. – A luta de verdade é em dois dias.

Algo se apertou no peito de Arqueiro e o puxou na direção de Kaito, mas ele o ignorou.

Os outros abriram caminho quando ele dirigiu-se a Sefia, que o conduziu para a barraca dela, onde, peça por peça, ela tirou a roupa dele manchada de sangue e

encontrou ferimentos que Arqueiro nem tinha percebido nas pernas e nos braços. Ele ainda podia ouvir o grito da mulher: *Você a matou! Você a matou!*, ainda podia ouvir Kaito rindo na sua cara. Mas, lentamente, enquanto Sefia aplicava um pano molhado em sua pele, limpava seus dedos, os nós dos dedos, o ruído dentro dele começou a silenciar, até que tudo o que ele ouvia era o gotejar de água ensanguentada sendo torcida do pano.

Quando ela aproximou o pano de um corte em seu braço, Arqueiro pôs a mão sobre a dela. Sefia olhou para ele.

E, nesse momento, ela estava perfeita: cabelo de meia-noite e olhos de ônix, compaixão e força.

– Não posso perder você – ele disse.

Sefia deixou o pano de lado e rastejou para seu colo. Ela tomou sua cabeça com as mãos molhadas e olhou no fundo de seus olhos.

– Você não vai – ela disse.

Cuidadosamente, ele tocou os pulsos dela enquanto a água escorria por seu pescoço, seu peito e seu coração palpitante.

Rotineiramente, depois desse dia, Arqueiro sonhou todas as noites. Chorou. Entrou em pânico. Era pior do que tinha sido desde que suas memórias retornaram pela primeira vez. O que ele mais queria era lutar, começar uma briga, afogar alguém em violência. Isso teria ajudado, ele sabia, teria feito com que se sentisse ele mesmo outra vez. Só que, agora, tinha medo de ser ele mesmo.

Então esperou. Esperou até que estivessem agachados no morro acima do acampamento dos impressores, onde as cabanas e a cantina em forma de cruz quase tocavam a costa cheia de gelo. Depois disso havia uma enseada protegida, onde o Oceano do Norte parecia um corte de aço no horizonte.

Sefia e os sangradores – um termo que eles adotaram com tanta avidez quanto Kaito – estavam reunidos em torno de Arqueiro enquanto ele arrumava pedras e cones de pinheiro em uma aproximação grosseira do acampamento inimigo.

– Os garotos estão sendo mantidos aqui, no lado sul – ele disse, enquanto tocava uma das pedras.

Graças ao Livro, eles já haviam se familiarizado com o número e os

movimentos de seus inimigos, e tão perto do horário da refeição noturna, a maioria estava na cantina, com alguns outros nas cabanas ao redor.

– Scarza, você e seu esquadrão vão tomar as cabanas do norte. Frey, as do sul.

Ele olhou para Kaito, que queria ser parte do ataque principal à cantina. Apesar dos atritos dos últimos dos dias, Arqueiro teria gostado que o garoto gormani se juntasse a eles; ele, afinal de contas, era seu melhor lutador. Mas, segundo o Livro, Kaito devia ajudar Sefia a libertar os garotos presos, e o resto dos sangradores não queria saber de mudar as coisas.

– Não se preocupe, irmão. – A voz de Kaito estava rouca de amargura. – Com a feiticeira lutando ao nosso lado, nós não podemos falhar.

Sefia lançou um olhar para ele.

– O que está escrito sempre acontece – murmurou Aljan.

Arqueiro conseguia sentir a batalha correndo em sua direção, sombria e furiosa, tão perto que ele quase podia prová-la.

Arqueiro a queria. *Precisava* dela. Se não a tivesse, iria explodir.

– Vamos – ele disse.

Esquadrões de sangradores separaram-se e saíram à espreita pelo escuro, espalhando-se em meio às cabanas ao mesmo tempo que Arqueiro conduzia o resto deles na direção da cantina.

Enquanto subia silenciosamente os degraus, ele olhou ao redor. Os outros estavam no lugar. Todo mundo estava pronto.

Quando estendeu a mão na direção da maçaneta da porta, um único floco de neve desceu flutuando e pousou em seu pulso – perfeito, frágil, fugaz. Neve branca descia em espiral do céu como que por mágica.

A primeira nevada da estação.

A primeira nevada de sua vida.

O acampamento mergulhou em um silêncio mortal.

Arqueiro empurrou e abriu a porta. Tiros agitaram-se pelo ar como lascas de gelo em um fogão quente.

Fazia menos de dois dias desde a batalha na fazenda, mas, para Arqueiro, lutar parecia uma refrescante bebida depois de uma semana no deserto. Ele cortava gargantas, perfurava crânios, rasgava tendões e arrancava ossos de suas juntas. Todo movimento era preciso, limpo, como seda agitando-se na água.

A sensação era *boa*. Tudo parecia *certo*.

Os sangradores lutaram com o mesmo abandono perverso. Qualquer coisa para provocar o maior dano. Qualquer coisa para infligir mais dor. Nada podia resistir a eles.

De repente, Kaito também estava ali – gritando, cortando, descarregando sua fúria em qualquer impressor que cruzasse seu caminho.

Arqueiro examinou o ambiente: cadáveres, corpos mutilados. Nada de Sefia. Ele pegou Kaito pelo cotovelo.

– Onde ela está?

O garoto soltou-se dele.

– Ela está bem!

Kaito sacou o revólver e atirou em alguém atrás de Arqueiro. Sangue respingou em sua nuca.

Nesse momento, Arqueiro soube que podia ter saído. Podia ter deixado que Kaito terminasse a batalha na cantina para certificar-se de que Sefia estava em segurança.

Ele não saiu. Escolheu, em vez disso, lutar.

Kaito sorriu.

No calor da batalha, era como se nada tivesse mudado entre os dois. Estavam novamente juntos, e era alegre, reconfortante, perfeito – eles estavam em *casa*. Eles moveram-se pela cantina com eficiência implacável; seus movimentos eram tão bem cronometrados que era como se compartilhassem da mesma pulsação violenta. De um lado para o outro, esquivavam-se e abaixavam-se, simulavam ataques e disparavam. Em torno deles, os sangradores dançavam como marionetes em um teatro, perfeitamente coreografados, sempre mortais.

E então – aparentemente, cedo demais –, acabou. Havia sangue por toda parte, respingado em seu queixo, espalhado pelo chão. Frey e Scarza voltaram com seus esquadrões para informar a ele: Todos os sangradores tinham sobrevivido.

Sefia apareceu na porta. Sua roupa estava rasgada, parte do cabelo preso se soltara, e havia um hematoma formando-se em uma de suas bochechas.

A culpa partiu as entranhas de Arqueiro. Ele devia ter ido procurar por ela. Devia ter deixado a luta para ajudá-la. Ele podia tê-la perdido.

Quando notou que ele a estava olhando, Sefia ergueu três dedos.

Três equipes destruídas.

Tremendo, Arqueiro ergueu o indicador.

Faltava uma.

Instantaneamente, as celebrações começaram na cantina quando a noite caiu. Depois de terminarem tigelas do ensopado de peixe de Griegi, os sangradores cantaram e beberam seu vinho de cevada roubado e contaram histórias para lembrar os garotos de que não tinham alcançado a liberdade. Pareciam tão felizes que Arqueiro teria gostado de juntar-se a eles.

Mas aí Kaito ergueu o copo e declarou:

– Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos!

Os outros ficaram de pé também, e seus bancos arranharam o chão recém-esfregado.

– Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos!

Eles beberam como se fossem um.

E Arqueiro soube: talvez ele também não estivesse livre.

O barulho na cantina aumentou. Eles cantaram canções de vitória e recontaram suas batalhas. Frey empurrou Aljan para um canto, com uma das mãos em seu peito, e ali, com as velhas redes de pesca penduradas dos caibros como glicínias, ela o beijou. Os braços dele a envolveram, hesitantemente, como se ele não conseguisse acreditar direito que ela fosse real. A comida, a bebida e o calor de todos os seus corpos faziam com que o ambiente parecesse apertado, até que Arqueiro sentiu vontade de correr até as janelas fechadas com postigos e abri-las para deixar entrar um hausto de ar fresco.

Sefia o encontrou sozinho, curvado sobre uma caneca vazia.

– Quer sair daqui? – ela perguntou, estendendo a mão.

A pele embaixo de seu olho esquerdo estava inchada e roxa.

Arqueiro acenou levemente a cabeça.

Eles tinham quase chegado na porta quando alguém segurou o ombro de Arqueiro.

Kaito. Seu rosto estava vermelho devido à bebida, e ele sorria, mas parecia mais aborrecido que alegre, mais desesperado que bêbado.

– Ei, a festa está só começando – disse.

Arqueiro vestiu a roupa de frio.

– Só preciso de um pouco de ar.

O garoto gormani olhou dele para Sefia e de volta para ele. Seus olhos estavam desfocados.

– Vamos lá, irmão, você é nosso líder. Você é um de nós. Fique.

Arqueiro hesitou. Ele podia ter ficado para beber com Kaito, cantar suas canções e ser seu amigo e irmão. Mas aí lembrou-se dos gritos dos fazendeiros. Lembrou-se dos machucados no rosto de Sefia. Arqueiro gostava de Kaito, mas não queria *ser* como ele.

– Desculpe – ele disse, vestindo o capuz. – Esta noite, não.

– Você poderia ser grande, sabia? – disse o garoto gormani com a expressão contorcida pela dor, a traição e a raiva. – Se não fosse tão covarde.

Arqueiro contraiu-se ao ouvir as palavras enquanto descia os degraus até o chão. A neve caída brilhava forte sobre o solo congelado.

– Ele só está bêbado – disse Sefia. – Não quis dizer isso.

– Eu sei – respondeu Arqueiro. *Mas é verdade*.

Ele estava em guerra dentro de si mesmo, diariamente, às vezes a cada momento, e sentia medo demais para escolher: a criatura fraca que foi sequestrada, o animal, o chefe…

Eles caminharam até a cabana mais próxima. Sefia tirou o casaco e sentou-se em uma cama de campanha.

– Então – ela disse, delineando a ondulação do cobertor. – Resta uma equipe.

Arqueiro não conseguia saber o que fazer com os braços, então decidiu cruzá-los sobre o peito enquanto se encostava em uma das colunas de sustentação.

– É – ele murmurou. – Uma.

– E depois? – Ela inclinou a cabeça. – Você acha que vamos continuar? Deter o resto dos impressores em Kelanna?

Ele fechou os olhos. Como se tivesse recebido uma ordem, os rostos dos homens que acabara de matar surgiram à sua frente. Eles passaram tão depressa que logo se tornaram irreconhecíveis, combinações confusas de olhos, bocas e narizes quebrados, machucados, cortes e ferimentos de bala.

Pesadelos ou sonhos. Medos ou desejos. Ele não sabia mais dizer.

– Eu não sei – respondeu, tornando a abrir os olhos.

Sefia mordeu o lábio.

– Você quer fazer isso?

– Quero. – Arqueiro sentou-se a seu lado e sentiu a cama mover-se embaixo deles. – Mas estou com medo. – Ele ergueu a mão e pôs o cabelo dela para trás da orelha. Quando seus dedos tocaram o hematoma, ela fez uma careta. – Disso – ele sussurrou. *De machucar você. De perder você*.

– Devia ter visto o outro cara. – Ela tentou sorrir, mas, diante da expressão no rosto dele, franziu o cenho. – Eu estou bem. Sério.

– Desculpe – ele sussurrou.

Ela segurou seu rosto pelas faces e o beijou.

– Um dia, nós vamos ser livres.

Sefia tinha gosto de sal, capim aromático e um toque do vinho que ela bebera na cantina, e por um momento ele esqueceu-se da missão. Por um momento, tudo o que importava era o modo como Sefia o puxou em sua direção, o modo como ela suspirou quando os lábios dele encontraram a depressão sobre sua garganta, e ela abriu os botões da camisa e expôs as clavículas, o peito, o modo como ela olhou para ele com tamanha confiança quando eles se deitaram na cama de campanha, semidespidos, e se beijaram até que seus lábios ficassem sensíveis e Arqueiro se esquecesse de tudo, menos dela.

Tantos sonhos cruéis, cheios de zombarias e gritos, assustaram e despertaram Arqueiro, mas os sons de seus pesadelos não desapareceram. Em algum momento durante a noite, a celebração na cantina tinha se transformado em puro barulho – gritos e risos e o ritmo de socos nas mesas.

Sefia ergueu-se bruscamente ao lado dele, com olhos desfocados e o rosto marcado pelo travesseiro.

– O que é? – ela perguntou, vestindo outra vez a camisa.

– Não sei. – Arqueiro sacudiu a cabeça. – Mas não é nada bom.

Eles vestiram com dificuldade suas roupas de cima, empurraram e abriram a porta.

O frio cortante, que doeu nos lábios de Arqueiro, lembrou os movimentos da boca de Sefia sobre a sua.

Quando chegaram à cantina, os dois foram cobertos por luz e calor, cheiro de álcool medicinal, corpos quentes e ferro. Espalhados pelas mesas de jantar havia agulhas, velas, trapos sujos de tinta e copos vazios. Ao ver Arqueiro e Sefia, alguns dos garotos pularam de pé, aplaudindo.

– Arqueiro! – Kaito o cumprimentou de braços abertos. Suor umedecia a linha de seu cabelo, e seus olhos verdes reluziam brilhantes como estrelas. – Desculpe, está bem? Desculpe. Você é meu chefe, e é meu irmão, e um dia eu vou provar que sou bom o bastante para você.

Arqueiro não se mexeu, hipnotizado pelas tatuagens que se enroscavam em torno dos antebraços de Kaito. Elas tinham os traços grossos e envolventes do trabalho de Aljan – uma rede fina de linhas e estrelas farpadas.

Palavras.

Um a um, os outros levantaram-se e cruzaram os braços. Até os sangradores mais novos usavam as marcas.

Kaito sorriu para ele com expectativa.

Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos. – "Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos" – leu *O que está escrito sempre acontece.* Sefia, virando o braço esquerdo dele.

E o direito: – "O que está escrito sempre acontece."

Com cada palavra, a voz dela ficava mais pesada e suave.

Os garotos, agora, tinham ficado quietos. Arqueiro olhou fixamente para eles – para suas expressões coradas e ardentes – e para Kaito, que olhou para ele como um cão entusiasmado que não sabe que está prestes a levar um chute.

– Por que vocês fizeram isso? – perguntou Arqueiro.

Kaito tentou sorrir, mas o sorriso saiu pela metade.

– Porque somos sangradores. Nós somos seus sangradores – ele disse, parecendo confuso e magoado. Kaito olhou ao redor. Então, como se não soubesse mais o que fazer, curvou a cabeça e cruzou os braços. – Nós oferecemos nossa lealdade.

Nesse momento, as tatuagens quase arderam como chamas negras. Frey e os garotos pareciam guerreiros de algum campo de batalha distante, de algum mito

distante. E Arqueiro era seu grande líder.

Finalmente, ele compreendeu, *realmente* compreendeu: o grupo de seguidores que ele estava construindo, seu dom para matar, o modo como o destino parecia guiar suas espadas.

O que está escrito sempre acontece.

Era ele? O garoto da cicatriz? E se, durante todo esse tempo, eles acharam estar lutando contra a Guarda quando, na verdade, estavam fazendo exatamente o que o destino prescrevera? Como o Livro prescrevera?

– Irmão. – A voz de Kaito estava delicada, aguda, como a de um garotinho assustado. – Você está com a gente?

Arqueiro sacudiu a cabeça e deu um passo para trás.

– Não. – *Não pode ser eu.*

E Kaito, achando estar sendo rejeitado, com todo seu serviço, com toda sua lealdade, lançou um olhar tão sombrio para Arqueiro que podia ter congelado a escuridão.

Arqueiro foi embora, passou pela porta, desceu os degraus e chegou aos tropeções ao pátio, sentindo a luz dos lampiões em seus calcanhares, e o destino bafejando em sua nuca.

– Chefe!

– Volte!

Mas Arqueiro não voltou

Ele chegou ao limite da baía, onde seus pés escorregaram nas pedras congeladas. E cambaleou para a frente.

Então Sefia apareceu ali a seu lado, com o hálito quente contra seu rosto.

– Eu entendo você. Está tudo bem.

Mas não estava nada bem, e ele finalmente admitiu isso.

Arqueiro a agarrou junto a si e enterrou o rosto em seu capuz. As mãos enluvadas dela seguraram a parte de baixo de suas costas, seu toque amortecido por seus casacos com forro de pele.

– Sou eu? – ele murmurou.

As próximas perguntas surgiram antes que pudesse detê-las: *Quantos eu mato na guerra?* E: *Por que eu morro sozinho?*

Na água, a lua moveu-se sobre os borrifos brancos.

– Não quero que seja você – disse Sefia, com a voz cheia de dúvida.

Por dentro, ele desmoronou.

Arqueiro devia ter fugido com Sefia quando tiveram a chance, antes sequer de terem conhecido Kaito, Scarza ou qualquer um dos outros. Eles deviam ter escolhido uma direção e seguido em frente, além do oceano, até atingirem alguma terra estrangeira onde pudessem ter começado de novo.

Sozinhos. Descomplicados. Livres.

Mas ele não era livre.

Talvez nunca fosse livre na vida.

Porque, mesmo agora, sabendo o que estava se tornando, em que sua sede de violência o estava transformando, ele não podia parar. Não agora, quando restava apenas uma equipe de impressores.

Talvez nunca.

Capítulo 23



Ferido

Observando Kaito se aproximar deles cambaleante, Arqueiro e Sefia permaneceram na praia rochosa. Em sua pressa, Kaito esquecera o casaco, e suas tatuagens destacavam-se em sua pele pálida como carvão na neve.

– Você acha que é muito melhor que nós, não é? – disse empurrando Arqueiro no peito, com força.

Arqueiro livrou-se dele.

– Me deixe em paz, Kaito.

– Não. – O garoto gormani segurou seu braço. – Você não pode deixar isso. Não pode *nos* deixar.

Arqueiro quase se soltou dele à força. Eles quase brigaram: se socaram, se agarraram e empurraram um ao outro na água gélida da baía.

Mas, antes que qualquer um deles conseguisse se mexer, uma força invisível os afastou. Sefia.

– Parem com isso – ela pediu.

– Você escolheu isso, lembra? – gritou Kaito, lutando contra a mágica dela. – Quando você nos pediu que o seguíssemos.

Arqueiro esquivou-se das mãos de Sefia e partiu na direção dele.

– Eu queria ajudar pessoas! Queria fazer alguma coisa *boa*…

Kaito soltou um riso alto e amargo.

– Você queria matar pessoas, assim como eu. Já vi você, Arqueiro. Eu sei o que tem aí dentro. Você não é um salvador. É um assassino sangue-frio, assim como o resto de nós.

– É exatamente isso. Eu não sou como o resto de vocês. – Arqueiro tentou explicar. Eu sou um líder. *Eu tenho seguidores. E se eu for o garoto que a Guarda quer?* – Eu…

– Não. Você é pior. – Os olhos de Kaito brilharam como a última luz do crepúsculo. – Você é um matador *e* um covarde, e você tem o direito de ser chefe.

– Não pedi para ser chefe! – exclamou Arqueiro, segurando Kaito pelos ombros, na esperança de que o medo em seus olhos dissesse o que ele não conseguia. – Eu não pedi nada disso!

O garoto gormani escarneceu.

– Não, você teve sorte.

A pegada de Arqueiro afrouxou.

– *Sorte?*

Depois do sequestro, do abuso, do sangue em suas mãos? Depois de ser estilhaçado e de se reconstruir, ainda sentindo as rachaduras? Ele quase riu. Quase chorou.

Kaito apontou friamente a cabeça na direção de Sefia.

– Por causa *dela*. Sefia é a razão de eles te seguirem. É ela que faz de você alguém especial.

Por um segundo, Arqueiro olhou Sefia nos olhos. Era *ela* que o fazia especial? Será que as coisas teriam sido diferentes se, quando abriu aquela caixa três meses e meio atrás, a garota tivesse encontrado Kaito ou Scarza, em vez de Arqueiro? Será que algum deles estaria liderando os sangradores agora, transformando-se no garoto que a Guarda queria?

Kaito o afastou.

– Você também não pediu por *ela*, aposto. *Você* não pediu nada disso. – Sua voz escorria desprezo. – Mas eu não o vejo abrir mão de nada.

Arqueiro cerrou os punhos. Ele tivera o suficiente do escárnio e da inveja de Kaito. Sua raiva, sua decepção, sempre insistindo para que Arqueiro fosse um guerreiro, um matador, um garoto lendário.

– O que você quer de mim? – Os nós dos dedos de Arqueiro ardiam. Seus membros vibravam com a necessidade de lutar. – Os sangradores? Pode ficar com eles. *Seja o chefe deles*. Mate tantas pessoas inocentes quantas quiser. Estou

farto de você.

Por um momento, pareceu que o garoto gormani podia pular em cima dele. Arqueiro meio que esperava que Kaito fizesse isso. Eles iriam lutar, e toda a frustração que um tinha com o outro seria pulverizada sob seus pés, cotovelos, punhos. Depois, iriam rir e se abraçar, e de manhã seriam amigos, irmãos outra vez.

Quando Kaito finalmente falou, suas palavras foram baixas e afiadas, como uma faca entre as costelas.

– Eu sei o que você é, Arqueiro. Você não pode se livrar de nós.

Com um último olhar rancoroso, ele caminhou de volta para a cantina.

A distância entre os dois apertava, dolorosamente, o peito de Arqueiro. O rapaz ficou tentado a correr até Kaito, como se ele fosse uma lasca de ferro, e o garoto gormani fosse seu ímã. Mas ele não se mexeu.

Sefia pisou ruidosamente no cascalho caminhando até Arqueiro.

– Você não devia ir atrás dele? – ela perguntou.

Arqueiro pôs a mão na dela.

– Não – disse de modo trêmulo. – Nós vamos ficar bem.

Mas eles não estavam bem.

Sons de fortes tempestades atingiram o acampamento na manhã seguinte, trazendo uma neve densa e chuva simultaneamente, que balançavam as cabanas e congelavam o pátio. Quando Arqueiro entrou na cantina, sacudindo neve derretida da gola, alguns garotos o saudaram com os braços tatuados.

Ele acenou com a cabeça para eles desconfortavelmente enquanto seguia na direção da cozinha, onde Aljan estava conversando com Griegi junto de um bule de café.

Quando Arqueiro se aproximou, o cozinheiro soltou um grito e correu de volta para o fogão, onde começou apressadamente a atiçar os carvões. Nervoso, Aljan serviu outra caneca de café e a ofereceu para Arqueiro.

– Chefe. – O rosto do garoto estava inchado por causa de hematomas e falta de sono. – Me… me desculpe.

– Por quê?

O cartógrafo gesticulou de forma cansada para seus pulsos, negros de tinta.

– Não sei se foi minha ideia ou de Kaito, mas fui eu quem ensinou todos os outros a fazer isso. Eu achei que seria… Achei que você iria gostar.

Arqueiro olhou fixamente para as tatuagens, como se fossem cortes de faca ou ferimentos de bala, tentando entendê-las. *Sou eu?*

– Mas aí você fugiu – disse Aljan.

Através de sua caneca, Arqueiro podia sentir o calor do café começar a escaldar seus dedos.

– Você acredita nas lendas, Aljan, sobre o garoto com a cicatriz?

O cartógrafo tocou o braço direito: *O que está escrito sempre acontece*.

– Não sei. Mas sei que você jamais ajudaria a Guarda, e isso significa que não pode ser você.

Não pode ser eu. Arqueiro agarrou-se às palavras.

– Elas deviam ser bonitas. Deveriam nos aproximar.

Aljan baixou a cabeça com tristeza. E lamentou tê-las feito.

Arqueiro o segurou pelo ombro, sabendo que devia dizer algo reconfortante, mas não sabia o quê.

Quando se sentaram para comer, Kaito subiu em uma das mesas e chutou para o lado uma tigela vazia.

– É melhor ficarem confortáveis – ele anunciou. – Porque, com o tempo como está, nós vamos ficar presos aqui, pelo menos até que as estradas estejam seguras para viajar.

Alguns dos outros grunhiram.

Kaito os ignorou e olhou para Arqueiro de cima a baixo.

– Isso está bom para você, chefe?

Chefe.

Não *irmão*.

Não *Arqueiro*.

Chefe.

Arqueiro engoliu em seco dolorosamente.

– O que você achar melhor – ele respondeu.

A resposta não deve ter deixado Kaito satisfeito, porque ele desceu em um pulo da mesa, caminhou até a porta, a abriu e bateu às suas costas outra vez. As paredes da cantina tremeram.

Arqueiro se encolheu.

– Parece que papai e papai ainda estão brigando – disse Versil.

Ninguém riu.

Sem impressores para caçar, os sangradores ficavam irrequietos. Havia um número restrito de histórias a contar, um número restrito de rodadas de nau dos insensatos que conseguiam jogar, antes que seu tédio os levassem a interesses mais violentos. Eles começaram a lutar com mais frequência, testando sua rapidez e força.

Sempre que era a vez de Arqueiro, Kaito se oferecia para lutar.

Talvez fosse sua maneira de se desculpar, como se fossem encontrar sua amizade onde eles sempre a haviam encontrado antes.

Talvez ele sentisse que tinha algo a provar.

Arqueiro gostava disso. Porque lutar era a única maneira de esquecer os mortos que assombravam seus pesadelos. Era a única maneira de escapar de seu passado, de seus medos em relação ao futuro, de seus problemas com Kaito. Era a única coisa que fazia com que se sentisse normal. Ele odiava isso em si mesmo. Mas lutar o ajudava a esquecer isso também, pelo menos por algum tempo.

E Kaito estava ali. Quase como se soubesse. Quase como se tivesse a mesma necessidade disso.

Os dois lutavam praticamente toda noite, na lama e sob chuva e neve, e nenhum dos dois continha os golpes. Eles deixavam as lutas alquebrados, sangrando e arquejantes por ar.

Mas lutar não ajudava. Eles não riam quando acabava ou recontavam seus golpes favoritos. Na verdade, mal diziam uma palavra um para o outro, mal se tocavam.

Toda vez, depois de lutar, o garoto gormani estendia a mão e dizia:

– Boa luta, chefe.

Toda vez, o título era um dardo, uma flecha, uma ferida. Um lembrete de sua amizade rompida, que jazia inerte e pútrida no espaço entre eles.

– Meus irmãos costumavam lutar assim – disse Frey, praticando com o canivete enquanto Sefia lia e Arqueiro trocava seus curativos.

– Eles enchiam uns aos outros de porrada. Tentavam fazer com que eu me

juntasse a eles.

– Mas você não fazia isso? – perguntou Sefia.

Desde a batalha na fazenda, ela e Frey estavam reatando a amizade, pouco a pouco, trocando algumas palavras, levando doces roubados dos estoques de Griegi uma para a outra. Agora elas voltaram a dividir uma cabana outra vez, e as coisas entre as duas estavam quase como antes.

Arqueiro desejava isso com Kaito, mas toda vez que pensava em se desculpar, pensava na teimosia do garoto, em sua fúria, isso deixava-o mais determinado a não ser o primeiro a ceder.

– Não. – Frey girou o canivete com um floreio. – Uma mulher resolve seus problemas de maneiras mais civilizadas.

– Eles nunca pararam? – perguntou Arqueiro.

– Só quando *cresceram*.

– Rá. – Ele enrolou uma tira de pano sobre os nós dos dedos. – Diga-me o que você realmente pensa.

O sorriso de Frey alinhou-se.

– Você é nosso líder, Arqueiro. É para você que todos olham. *Conserte* isso.

Mas ele não sabia como. Kaito nem botava mais os pés na cabana deles. Até onde Arqueiro sabia, o garoto gormani dormia na neve. Ou nos estábulos com os cavalos. Kaito parecia sair de seu caminho para evitá-lo, exceto quando era hora de lutar.

Então eles continuaram a duelar, e o resto dos sangradores ficava cada vez mais preocupado.

Certo dia, ao anoitecer, Arqueiro e Scarza estavam deitados a favor do vento na trilha de uma caça, esperando com os rifles nos ombros. A neve caía pesadamente quando o fuzileiro falou.

– Eu não estou dizendo que ele está certo.

Arqueiro pulou com a rouquidão suave de sua voz. O garoto não dissera palavra desde que deixaram o acampamento.

– Só que ele é teimoso, e, na cabeça dele, isso é o mesmo que estar certo.

– Kaito? – perguntou Arqueiro.

– Mas ele ama você. E nós o amamos.

Arqueiro delineou a coronha do rifle com o polegar. Havia sangue seco sob

sua unha.

– Se você não resolver essa situação, ela vai separar o resto de nós. – Um galho quebrou-se. O vento sussurrava nas árvores. Scarza ergueu o cano do rifle com o braço curto e procurou nas sombras. Depois de um momento, ele tornou a relaxar. – Não nos faça escolher, Arqueiro.

Quando o sol estava se pondo, o garoto de cabelo prateado pendurou o rifle no ombro e começou a voltar. Ao chegarem às cabanas, Arqueiro parou.

– Ei – ele disse. – Você conversou com Kaito sobre isso?

– Conversei.

– O que você disse?

Um leve sorriso passou pelo rosto de Scarza.

– Que você é teimoso. Mas que você o ama.

– E vocês, no entanto, continuam a fazer isso um com o outro – disse Sefia mais tarde, naquela noite, depois que ele lutou com Kaito mais uma vez. – Não é com ele que você quer lutar.

Arqueiro a observou esfregar seus cortes com um pano. Ela tinha razão. Ele amava Kaito. Sentia sua falta. Mas as pessoas contra quem queria lutar – os impressores, Serakeen, a Guarda – não estavam ali. E Kaito estava.

– Alguma sorte na busca pela próxima equipe? – perguntou Arqueiro.

Sefia, de repente, encostou-se.

– Não, eu imaginei que tínhamos acabado.

– Mas tem mais uma equipe de impressores em Deliene.

– Achei que você estivesse preocupado em ser…

– Eu estou.

– Então por que…

– Porque há mais garotos que poderíamos salvar.

Ela olhou para ele intensamente.

– Só tem um garoto que estou interessada em salvar agora.

Arqueiro segurou sua mão e beijou o topo de sua cabeça.

– Eu vou ficar bem, Sef.

– Não se você for o garoto que a Guarda quer.

Mas não podia ser ele, podia? Apesar de seu talento para derramamento de

sangue, dos sangradores que o seguiam? Porque Aljan estava certo – ele nunca lutaria pela Guarda. E eles tinham um meio de prová-lo.

– Pergunte – disse Arqueiro de repente. – Pergunte ao Livro se sou eu. Aí vamos saber com certeza

Sefia sacudiu a cabeça.

– Vamos mesmo? Tanin achava que recuperaria o Livro. *Estava escrito*. E veja como ela estava errada.

– Tanin tinha uma página. Você tem o Livro inteiro. Você nunca esteve errada, nenhuma vez.

– E se for você? – ela sussurrou. – E se estiver construindo seu exército?

– Nós vamos parar – ele mentiu. Arqueiro não podia parar até terminar o que havia começado, até que os impressores não passassem de uma história feita para assustar crianças delieneanas. – Mas, se não for eu, precisamos salvar esses garotos.

Sefia estreitou os olhos, e Arqueiro se perguntou se a garota podia ver a verdade escondida em algum lugar bem em seu interior. Mas ela apenas deu um suspiro e disse:

– Está bem.

O Livro estava em cima da mesa, cheio de pedaços de papel e de marcas rabiscadas, marcadores feitos de folhas, ramos e hastes de grama das Terras Centrais. Entre eles, Arqueiro avistou a ponta da pena com a qual presenteara Sefia – um pouco esfiapada agora, mas tão verde quanto a floresta oxsciniana onde ele a havia encontrado.

Sefia pôs o Livro no colo e tornou a olhar para ele, seus olhos queimando como gotas de carvão.

Arqueiro assentiu. *Não sou eu. Não pode ser eu*.

– É Arqueiro? – ela sussurrou. – Ele é o garoto que vai vencer a Guerra Vermelha… e morrer logo depois?

E se for eu? Ele fechou os olhos, e, no tempo que levou para piscar, viu todos eles – os mortos: Oriyah, Argo e os garotos que ele matara no ringue, impressores, rastreadores, bandidos, a garota na fazenda… Tantos e, ainda assim, de algum modo, não o bastante.

Em silêncio, Sefia começou a ler.

O guardião do farol

Muito rapidamente — até demais, na opinião deles —, Annabel teve de voltar para casa. No silêncio confortável, ela e Arqueiro retornaram a pé pela trilha até chegarem à floresta, onde Annabel deu um suspiro satisfeito.

— Senti falta de sua família.

Arqueiro inclinou a cabeça na direção dela.

— Você não os vê sempre?

A garota passou os dedos pelo mato na lateral da trilha. A parte de trás de suas unhas bateu delicadamente contra as folhas duras e as flores de outono.

— No início, eu via, depois que você desapareceu… Mas aí sua mãe encontrou Eriadin, e Aden e eu…

Ele desviou os olhos.

— Certo.

— Você encontrou alguém também, não foi? — ela perguntou. — Sefia?

Encontrou e a perdeu. Ele assentiu.

Annabel lançou para ele o sorriso simples e curioso que costumava fazer com que ele despejasse todos os seus segredos — quem lhe deixara de olho roxo, o que ele comprara para o aniversário dela. Mas Arqueiro não era mais o garoto que tinha sido — agora seus segredos eram profundos e dolorosos.

Ele, porém, não iria pensar nisso. Ele não era mais o chefe dos sangradores. Era alguém diferente, disse a si mesmo, alguém que queria ficar.

— Por que ela não está aqui? — perguntou Annabel.

Os dois saíram da trilha e caminharam entre as árvores até chegarem à escarpa, de onde ele podia ver a aldeia de Jocoxa ao longo da curva leste da baía.

— Isso é… complicado — disse Arqueiro.

Annabel sentou-se entre as raízes espalhadas de uma árvore velha, que fazia uma espécie de banco perto da beira do penhasco.

— Com ela, nada nunca era fácil — ele prosseguiu. — Não como…

— Nós?

— É. — Ele deu de ombros. — Exceto que não há mais *nós*.

— Será que poderia haver?

Arqueiro olhou na direção da aldeia, onde as luzes brilhavam amarelas através das janelas com cortinas, e os veleiros boiavam delicadamente em seus ancoradouros.

Esse lugar tinha sido seu lar. Será que poderia ser outra vez? Se conseguisse esquecer Sefia, os sangradores, a culpa, a violência, o modo como seu desejo por ela permanecia aceso, mesmo agora, como a chama de uma vela flutuando na vastidão negra do oceano?

— Eu não sei — respondeu.

Annabel mordeu o interior da bochecha.

— Eu não convidei Aden esta noite — ela confessou.

— Eu imaginei.

— Imaginou?

Arqueiro riu.

— Você não mudou nada, Bel. Eu ainda posso lê-la como um livro.

— Como o quê?

— Desculpe. Nada.

— Onde está ela, a Sefia? — perguntou Annabel.

Ele deu um suspiro, sentou-se ao lado dela e pôs a caixa de bolo vazia entre eles.

— Deliene, eu acho. Não tenho certeza.

Mais uma vez, ele sentiu a ausência da pedra da preocupação em seu pescoço.

— Você quer que ela volte?

Annabel apertava as dobras de seu vestido, sem ousar olhar para

ele.

— Bem… — ele começou.

Ela inclinou-se para perto, imitando-o.

— Cal…

Ele quase não disse nada, mas não devia ser tão imune a seus charmes quanto imaginava, porque a parede em seu interior rachou.

— Esse não é o meu nome — ele disse, surpreso por ouvir a verdade em seus lábios.

— Esse sempre foi o seu nome — ela o repreendeu.

— Não é mais — ele disse, olhando-a fixamente nos olhos, precisando que Annabel acreditasse.

— Está bem. — Um sorriso criou covinhas no rosto redondo dela. — Eu não me importo de conhecê-lo outra vez.

Arqueiro enterrou o rosto nas mãos para não ter de ver mais sua sinceridade de olhos brilhantes.

— Acho que você não diria isso, se soubesse.

— Soubesse o quê?

E como ele não conseguia resistir a ela, mesmo agora, o muro que erguera com tanto sacrifício começou a desmoronar.

— Eu matei pessoas, Bel — ele começou e, depois de começar, era como se não pudesse parar. Tudo saiu jorrando dele, todas as coisas que tentara manter escondidas, todas as coisas que tinha tentado esquecer. — Eu matei tantas pessoas que perdi a conta. Algumas porque foi preciso. Outras porque quis. Outras porque eu não sabia mais dizer a diferença. Eu não podia parar. Infelizmente, ainda não posso. Eu não sou mais *Calvin*. Nunca mais vou ser ele.

— Eu sei — disse Annabel, de maneira tão prosaica que ele ergueu os olhos, surpreso. Ela mordeu o lábio. — Quero dizer, eu nunca soube de nada disso, mas sabia que você não era mais o mesmo. Como podia ser? Só que ainda acredito em você, o que quer que tenha feito, qualquer que seja o seu nome agora.

Ele engoliu em seco.

— Arqueiro.

— Arqueiro, então. — Ela estendeu a mão. — Eu sou Annabel.

Ele a segurou.

— É um prazer conhecê-la.

Annabel se inclinou na direção dele e, por um segundo, Arqueiro pensou que ela fosse beijá-lo, e isso o assustou, porque ele queria. Sentia falta disso. Desejava isso. Embora não conseguisse evitar pensar em Sefia e em seu último beijo no penhasco, com o vento soprando em torno deles.

Selvagem.

Complicado.

Empolgante.

Em vez disso, Annabel o beijou no rosto, seus macios lábios cor-de-rosa permanecendo em sua pele. E Arqueiro quis muito virar, pôr a boca sobre a dela, tomá-la em seus braços.

Talvez isso expulsasse suas lembranças de Sefia. Talvez isso o ajudasse a esquecer. Talvez, se beijasse Annabel, eles voltassem ao amor que costumavam compartilhar, simples e direto. Talvez, com ela, Arqueiro não precisasse de muros e pudesse ser todos os garotos diferentes que tinha sido, todos eles ao mesmo tempo — o guardião do farol, o animal, o matador, o capitão, o comandante, o amante — e talvez… talvez Arqueiro finalmente estivesse em casa.

Capítulo 24



Depois

Películas de lágrimas formaram-se diante dos olhos de Sefia, borrando a palavra final da passagem.

Casa.

Por meses, ela perguntou a Arqueiro de onde ele viera. Por meses, ele recusou-se a responder. Mas agora ela sabia.

Sua casa era uma aldeia à beira-mar em Oxscini.

Em casa havia uma família aguardando sua volta.

Em casa havia uma garota chamada Annabel – seu passado e seu futuro.

– Então? – Arqueiro inclinou-se para a frente. – O que ele disse?

À luz do lampião, os olhos dourados de Arqueiro estavam tão brilhantes que ele parecia quase febril. Ela achou que o conhecia. A posição de seus ombros. As curvas que seu corpo fazia em batalha. A onda de prazer e culpa que o atravessava quando ele matava. Sefia conhecia as sardas em suas orelhas. Conhecia a textura de seu cabelo entre os dedos. Conhecia o sussurro da respiração dele contra seu pescoço.

Mas ela não o conhecia, conhecia? Não conhecia seus amigos nem seus pais, suas aspirações da infância, suas fobias ou seus maiores amores.

Ela nem sabia seu nome.

Calvin.

Sefia deveria ter ficado aliviada que sua vida não fosse encurtada pela guerra. Em parte, ela ficou. Quem quer que ele fosse, *Calvin* não era o garoto das lendas. *Calvin* não era aquele que a Guarda queria.

Calvin iria para casa. Calvin iria sobreviver.

Mas faria isso sem ela.

Sefia marcou a página e fechou o Livro. O que Arqueiro faria se ela lhe contasse? Será que voltaria correndo para Annabel, agora que sabia que ela o aceitaria de volta? Será que prometeria a Sefia jamais deixá-la, e a machucaria ainda mais quando fizesse isso?

Ou usaria isso como desculpa para continuar a caçar, continuar a lutar, até ter ido tão longe no caminho de ser o garoto da cicatriz que não houvesse mais volta?

– Não é você – ela disse.

Por um segundo, Arqueiro continuou a olhar para Sefia, como se esperasse o impacto de um raio.

– Não?

Um sorriso tocou os cantos de sua boca, mas sua voz estava marcada pela decepção.

Ela tomou a mão dele enquanto ainda era dela para tomar.

– Você vai ser feliz – ela disse, como se pudesse convencer os dois de que era isso o que eles queriam. – Vai deixar tudo isso para trás.

Você vai me deixar para trás.

Os lábios dele afastaram-se. Seus caninos brilharam.

– Então você vai me ajudar a encontrar a última equipe de impressores?

Arqueiro a queria. E precisava dela. E ainda assim Sefia nunca parecera tão distante dele.

De repente, Sefia empurrou o Livro para o lado. O que quer que o futuro reservasse, eles estavam ali, agora, juntos. Ela o segurou pelo pescoço e o beijou, bruscamente, com os dentes batendo, os lábios se ferindo. Arqueiro respondeu avidamente quando Sefia o puxou para baixo ao lado dela, e as mãos dele subiram por dentro de sua camisa, pelas suas costas.

– Vou ajudar você – ela murmurou.

Suas palavras derretiam-se em seus lábios como neve.

Mas e depois?, ela perguntou-se a si mesma enquanto ele a beijava. *Como eu vou perder você?*

Revelar aos sangradores que ela havia encontrado seu próximo alvo foi a prim medida de Sefia quando as estradas finalmente se abriram.

Havia uma pedreira alagada à beira-mar do lado oeste de Ken, um velho poço de terraços de ardósia e água salgada azul-esverdeada, e em menos de um mês, os últimos impressores delieneanos estariam ali, acampados nas poucas construções de pedra ainda remanescentes.

Enquanto ela falava, Kaito sentou encostado na parede dos fundos, tamborilando ritmos irregulares no banco a seu lado. Seu olho direito e o canal do seu nariz estavam inchados, e havia um talho em seu rosto onde os nós dos dedos de Arqueiro o haviam cortado.

– E depois? – ele perguntou quando Sefia terminou de falar.

Arqueiro franziu o cenho.

– Depois?

O garoto gormani levantou-se. Os outros saíram de seu caminho quando ele seguiu para frente.

– É. Depois de terminarmos com os últimos impressores em Deliene. Nós acabamos? Voltamos para casa e esperamos a retaliação de Serakeen? – Ele olhou para Sefia com o olho bom. – Ou seguimos em frente até livrarmos Kelanna de todos esses chupa-ossos?

Sefia e Arqueiro trocaram olhares.

Ela sabia o que ele iria fazer – para quem Arqueiro voltaria –, mesmo que ele mesmo ainda não soubesse. Sefia só não sabia por quê. Ou onde ela estaria quando isso acontecesse.

Arqueiro virou-se para Kaito.

– Acho que isso é algo que vamos ter de decidir pessoalmente.

O garoto gormani deu um passo hesitante à frente, como se ele estivesse testando o gelo para ver se aguentava.

– Mas você está com a gente. Até o fim da missão.

– Eu sempre estive com vocês. – Arqueiro estendeu a mão.

Kaito o puxou em um abraço tão apressado que o som de suas mãos nas costas um do outro foi como o estrondo de um trovão. Sefia nem percebera o quanto eles pareciam incompletos um sem o outro. Agora eles eram como duas metades partidas, lascadas e grosseiras nas bordas, tornadas lisas, fortes e

inteiras outra vez. O garoto gormani murmurou algo perto do ouvido de Arqueiro.

Eles abraçaram-se por tanto tempo que Versil saltou até eles e os afastou com uma risada.

– Vamos com calma, rapazes, ou a feiticeira vai ficar com ciúme.

Sefia tentou rir, mas por dentro ela sabia que Kaito não era a pessoa de quem ela estava com ciúme.

Sobrecarregados pelo tempo ruim e temperaturas em queda, eles começaram a jornada para o sul. O chão estava descongelando. Granizo transformou-se em chuva.

Quase parecia que as coisas tinham voltado ao normal. Pelas três semanas seguintes, os sangradores treinaram e lutaram; Sefia procurou no Livro descrições da batalha vindoura; e Arqueiro e Kaito passaram longas horas planejando seu ataque à pedreira e aos vinte e um impressores em seu interior.

Aljan continuou com suas lições com Sefia na barraca que ela compartilhava com Frey, que ficava sentada em sua cama de campanha observando enquanto eles faziam palavras a partir de movimento e tinta.

– O que você vai fazer quando a missão terminar? – perguntou Frey a Aljan uma vez, observando o cartógrafo praticar seus Es, As e Cs.

– Achei que eu poderia ir para casa e me tornar cartógrafo outra vez.

– Em Alissar?

Ela pareceu desapontada.

Aljan acrescentou um traço no O que estava pintando.

No silêncio desconfortável, Versil captou o olhar de Sefia e articulou com os lábios sem emitir som: *Espere só*.

O cartógrafo olhou timidamente para Frey.

– Você viria comigo?

Rindo, ela o cutucou com o cotovelo, borrando a tinta em um N.

– Só se você vier a Shinjai primeiro. Aposto que meus irmãos iriam adorar perturbar você um pouco.

– Parece tentador.

– Eu, não. Eu não vou para casa – disse Versil, entrelaçando as mãos atrás da

cabeça enquanto deitava na cama de Sefia. – O mundo é grande demais para voltar a algum lugar onde já se esteve.

– Aonde você iria, então? – ela perguntou.

– Eu embarcaria num navio em Jahara. Talvez para ver os palácios de Umlaan e as minas de pedras preciosas de Shaovinh. Soube que Everica é legal, quando eles não estão com espírito belicoso, e talvez eu deva conferir a Baía de Zhuelin. Aposto que as ruínas são incríveis, se você não se incomodar com a chuva…

Ele continuou a falar, às vezes perdendo o fio da meada, só para recuperá-lo outra vez minutos mais tarde; falou sobre procurar dragões em Roku e visitar as Ilhas Irmãs no sul de Oxscini, subir os Pilares das Nuvens e banhar-se em incenso no topo. Enquanto os outros sonhavam com seus futuros depois de lutar contra os impressores, Sefia não parava de pensar sobre Arqueiro e sua cidade natal, Arqueiro e Annabel, Arqueiro sem ela.

O que iria acontecer com ela depois que derrotassem a última equipe de impressores em Deliene?

Aonde iria?

Por que Arqueiro iria deixá-la?

Sefia olhou para sua mochila, que guardava o Livro, e um pensamento acendeu-se em seu interior: *Eu posso perguntar.*

Eu posso saber com certeza.

Mais tarde, depois de queimarem as letras de exercício, e de os gêmeos se retirarem para sua tenda, Frey apagou o lampião e enroscou-se embaixo das cobertas. Sefia permaneceu acordada com o Livro no colo, delineando o 🏐 enquanto esperava que a respiração de Frey se estabilizasse. Quando teve certeza de que a garota estava dormindo, ela passou os dedos nervosamente pelas bordas da capa.

Sefia percorreu a língua nos lábios e sussurrou:

– Por que eu não estou no futuro de Arqueiro?

Olhe para o horizonte

Estática no convés do *Corrente da Fé,* Sefia observava o sol mergulhar nas ondas. A noite espalhava-se pelo céu como tinta derramada, gotejando no mar dourado abaixo.

Enquanto as canções e a conversa da tripulação erguiam-se da coberta, Meeks chegou em silêncio ao lado dela.

— Olhe para o horizonte, lembra? — ele disse. — É lá que estão as aventuras.

Ela estava grata pela companhia, embora não tirasse os olhos da água.

— Já tive aventuras o suficiente para durar o resto da minha vida. Não preciso de mais.

Ele sacudiu a cabeça, fazendo com que as conchas e contas em seus dreadlocks tilintassem — sons diminutos como gotas de chuva.

— Há todo tipo de aventura, Sef — ele disse.

A luz na água diminuiu, todo o ouro tomado pelo negro. No leste, a constelação da Grande Baleia estava se erguendo do oceano, ornada com estrelas.

— Você tinha de deixá-lo ir — disse Meeks.

— Tinha mesmo? — A voz dela vacilou.

Ele pôs a mão em seu ombro.

— Isso devia ter acontecido desde o começo, não devia? — Seus olhos castanhos e quentes procuraram os dela na escuridão. — Porque estava escrito?

— E “O que está escrito sempre acontece” — ela sussurrou.

Com um suspiro, Meeks deixou a mão cair. Ele debruçou-se, plantou os cotovelos na amurada e apoiou o queixo nos punhos.

— Ele iria querer que você seguisse adiante, eu acho.

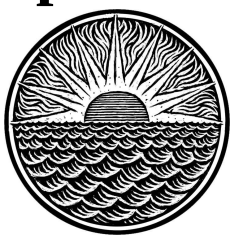
— Eu sei.

O brilho quente do sol desapareceu, e logo eles estavam envoltos

na luz fria das estrelas, cintilando ao longe no céu.

Por um bom tempo depois, Meeks permaneceu ao lado dela, estranhamente em silêncio, olhando o horizonte.

Capítulo 25



Antes que chegue o inevitável

A bordo do *Corrente da Fé*, a vida não era a mesma sem Jules. Ela era a pulsação do quarto de bombordo, cuja voz os mantinha juntos enquanto içavam velas ou levantavam as âncoras. Quando Jules chamava, você respondia.

Quando Jules cantava, você ouvia.

Agora, os sons do navio pareciam fracos, como uma música sem sua harmonia, seu ritmo, seu fio condutor – despida e esquelética.

Jules teria dito que isso era a coisa certa a fazer – reunir os foras da lei para estabelecer uma baía segura da guerra entre os reinos. Mas Reed não havia se esquecido das palavras de Dimarion – *"Nós devemos perder mais, antes que isso acabe." O que lhe custaria fazer a coisa certa?*, ele se perguntou, esfregando a pele sem marcas do pulso. O que isso iria custar às pessoas que contavam com ele, às pessoas que ele amava?

À distância, Porto Seguro parecia perfeitamente circular, seus lados íngremes não forneciam locais de ancoragem para os navios que conseguiam passar pelas correntes selvagens, pelo nevoeiro, as ondas e os monólitos de pedra. Mas o capitão Reed, que entendia o oceano da mesma maneira que Sefia entendia a leitura – da mesma maneira que Jules entendia a música –, sabia que havia mais que isso na ilha.

As ondas jogavam o *Corrente* de um lado para o outro, inclinando-o precariamente perto dos penhascos enquanto Airoso os manobrava na direção da entrada secreta da ilha – um canal estreito para o coração de Porto Seguro.

Depois de alguns momentos muito perigosos, de roer as unhas, o canal se

abriu. A névoa recuou. O centro de Porto Seguro havia sido navegado antes deles: praias brancas, águas azul-petróleo, selvas cheias de aves e flores coloridas. Um paraíso isolado perfeito para abrigar foras da lei.

Reed só esperava que Adeline e Isabella estivessem dispostas a ajudá-los.

Quando ancoraram o *Corrente* no centro da lagoa, duas figuras tinham aparecido na praia. A primeira, magra como um chicote, com as mãos repousadas relaxadamente sobre os coldres das armas – Adeline. A segunda, alta e delicada, com saias volumosas e uma espingarda de dois canos no ombro – Isabella, a armeira que fizera o revólver de prata e marfim de Reed.

– São elas? – perguntou Marmalade em voz baixa. – É a Senhora?

Reed sorriu para ela. Às vezes, Marmalade ainda gritava à noite, enroscada na rede, com o velho bandolim de Jules. Às vezes, ela tocava uma corda, e o som reverberava por todo o *Corrente* como uma ondulação na água.

– São elas, garota – ele respondeu.

Adeline e Isabella eram o mais perto da realeza que havia ali. Em seu auge, Adeline ganhara o apelido de Senhora da Misericórdia – a única autoridade em todo o Mar Central a quem qualquer fora da lei respondia –, e chamá-la de Senhora tinha se tornado um sinal de respeito.

O capitão Reed e uma dúzia de sua tripulação desceram o bote pela lateral do navio e partiram na direção da praia.

Ele conhecera Adeline e Isabella quando tinha dezessete anos, pouco depois de se juntar à tripulação do *Corrente*. Cinco anos, inúmeras aventuras e a morte de um capitão depois, ele as levou para Porto Seguro para se aposentar, sexagenárias ativas mas ansiosas para se estabelecer em paz.

Agora o cabelo louro e curto de Adeline tinha ficado branco como neve, e quando se aproximavam da praia, Reed achou ver um tremor em uma de suas mãos com manchas de idade. Isabella tinha envelhecido também – sua nuvem de cabelo agora era mais grisalha que preta, e sua pele flácida criara mais dobras em seu sorriso.

Enquanto chapinhavam pelas águas rasas, puxando o bote para a areia, Adeline acenou com a cabeça em sua direção.

– Cannek Reed – ela disse. – Nunca soube que você fizesse visitas quando há aventura a ser vivida.

– Visitá-las é sempre uma aventura. – Reed as cumprimentou brevemente com o chapéu. – É bom ver vocês duas vivas e ativas.

Isabella riu. Pelo menos isso estava igual – era um som claro e ressonante como um sino.

– Estamos vivas. Mas não diria que andamos muito ativas ultimamente.

Adeline observou Reed pensativamente com os olhos aquosos.

– Desconfio que ainda haja tempo para isso.

Isabella examinou a tripulação, e sua expressão se abriu quando identificou marujos que conhecia. Mas aí ela franziu o cenho e voltou-se para Reed.

– Ora, esse é um belo grupo de desembarque e tudo mais, com muitos rostos velhos e alguns novos – ela disse, piscando para Marmalade, que corou. – Mas onde está Jules? Você não a fez ficar no navio, fez, Cannek?

Os outros remexeram-se desconfortavelmente. O rosto já pálido de Marmalade ficou ainda mais branco. Sempre firme, Cavalo a abraçou a seu lado.

– Bom – disse Reed com delicadeza. – Isso é parte da razão de estarmos aqui.

Caminhando até a casa de Adeline e Isabella na floresta, o capitão Reed contou a elas o que estava acontecendo em Kelanna nos últimos vinte anos: a guerra contra Oxscini, a Aliança evericana-liccarina, a forma como os foras da lei estavam sendo exterminados como ratos, como Jules perdera a vida. Quando eles chegaram ao complexo, Reed havia relatado todo o plano.

Mas, ao lançar uma olhada para seu pequeno trecho de terra, começou a duvidar.

Seu complexo estava em ruínas. A grande varanda que envolvia a casa tinha desmoronado em uma extremidade. O telhado apodrecia, e o jardim estava rapidamente perdendo terreno para a selva. O celeiro, os barracões rachados, as trilhas cobertas de ervas, tudo tinha a aparência de decadência.

– Tudo começou a desmoronar alguns anos atrás – disse Isabella, enquanto os acompanhava até o pátio. Embora não se mostrasse incomodada pela espingarda pendurada no ombro, sua perna ruim parecia finalmente ter cobrado seu preço, e cada passo era como um espasmo de dor. – Mas, honestamente, nós achávamos que estaríamos mortas a essa altura, então, nós dissemos: por que nos dar ao trabalho de consertar algo que ninguém iria usar quando estivéssemos mortas?

Adeline ergueu um pedaço quebrado de cerca.

– Se fizermos isso, vamos ter de construir. Docas, alojamento, terra para cultivo, estábulos para gado.

Construir? Como elas poderiam construir se não conseguiam nem manter o que tinham?

Reed deve ter parecido tão preocupado quanto se sentia, porque Adeline lançou a tábua podre em cima dele. Ela o atingiu bem nas costelas e se desfez na poeira. A pontaria dela ainda estava boa, pelo menos.

– Não olhe para mim desse jeito, Cannek – ela disse.

Ele limpou a camisa.

– Eu só me pergunto como você vai fazer com que piratas cuidem de uma lavoura.

– Do mesmo jeito que eu sempre fiz tudo. – Ela deu um tapinha no revólver no coldre ao seu lado. – Ou eles fazem o que eu mando, ou eles veem quanta misericórdia ainda me resta.

Reed tentou rir, mas ele não conseguiu evitar se perguntar quanto tempo levaria para algum capitão pirata conspirador matar Adeline e tomar Porto Seguro para si. No passado, a Senhora defendera-se de dezenas de bandidos. De algum modo, ele duvidava que ela agora conseguisse fazer isso.

Por um momento, Reed imaginou as duas mulheres de idade em seu jardim em deterioração, seus corpos cheios de buracos de bala, seu sangue encharcando a terra. Mesmo que sobrevivessem à guerra, elas estariam dando seus últimos anos para uma causa que não era delas.

Como ele podia pedir isso a elas, sabendo para onde as duas estariam indo? Como Reed podia viver sabendo tê-las mandado para lá mais rápido?

O sol assou o complexo naquela tarde enquanto toda a tripulação do *Corrente* apareceu para oferecer seus serviços a Adeline e Isabella. Cavalo e seus carpinteiros começaram a trabalhar na casa, serrando e martelando, consertando vigas apodrecidas e buracos no telhado, enquanto o resto dos marinheiros limpava o chiqueiro e reparava o celeiro, tirava o mato do jardim e cortava a selva que se emaranhava nas cercas.

– O mundo mudou – disse Adeline, sentada na varanda, supervisionando os

consertos.

Reed concordou com a cabeça.

– Você mudou. – A Senhora arranhou a tinta que descascava do braço de sua cadeira de balanço. Em seu silêncio, eles podiam ouvir Isabella conversando com a doutora, que estava examinando sua perna ruim. – Imagino que para melhor.

– Espero que sim – disse Reed.

Ele vivera perto do perigo por toda a sua vida, exigindo que sua tripulação fizesse o mesmo e cuspisse nos olhos da morte se tivessem a chance. Mas sempre tinha sido com a promessa de que as coisas que eles fizessem seriam recontadas tantas vezes que jamais se perderiam.

Recolher foras da lei em fuga da Aliança seria perigoso, verdade, mas seria esquecível. Se eles morressem, seriam uma gota no oceano, absolutamente insignificante no grande esquema da guerra. Eles não teriam nada – nenhum legado, talvez nem mesmo ninguém para lembrar como haviam sucumbido.

Nada além de luzes vermelhas e água negra.

– Cannek? – a voz de Adeline o arrancou de seus pensamentos. – O que está preocupando você?

– Isso é uma boa ideia? – ele perguntou. – Eu estou fazendo a coisa certa?

– *Certa?* – Adeline jogou uma lasca de tinta em um vaso de flores quebrado na grade da varanda. – As questões difíceis não têm um *certo*. Elas só têm aquilo com que você acha que consegue viver na hora.

Nesse momento, Isabella saiu mancando da casa.

– Como está a perna, meu amor? – perguntou a Senhora.

– Dolorida – disse Isabella, dando um beijo delicado nos lábios de Adeline. – Mas vou sobreviver.

– É melhor que sim. – Enquanto Isabella sentava-se em sua própria cadeira de balanço, a Senhora tocou na manga dela, alisando o algodão como se ele ficasse precioso apenas por estar na pessoa de Isabella. – Eu planejo que você sobreviva a mim por pelo menos alguns bons anos.

Com um sorriso, Isabela segurou sua mão e a apertou.

Em torno delas, o trabalho continuava.

No cair da noite, Adeline e Isabella estavam novamente sentadas em suas cad de balanço: Adeline segurava um copo com algum líquido dourado e potente que Cuca retirara de sua despensa, Isabella abanava-se com uma folha larga. Abaixo no jardim, Cuca e Aly distribuíam pedaços crocantes de porco e lentilhas com curry enquanto o resto da tripulação entretia as duas mulheres de idade com histórias do que tinham feito desde que se separaram: perseguir dragões com o *Beleza Negra*, encontrar Lady Delune em seu jardim, enfrentar o redemoinho pelo Gongo do Trovão, a capitã Cat e sua tripulação canibal, a ilha flutuante, Sefia e Arqueiro e a caçada ao tesouro.

De vez em quando, Theo, que puxava a cantoria no quarto de estibordo, pegava o violino e tocava uma música. Às vezes, o papagaio vermelho de Harison, empoleirado no ombro de Theo, até assoviava junto.

Eles tentaram não pensar em Jules, mas ela estava em toda parte – nas histórias que contavam, nas canções que cantavam.

Os que tinham ido ao lugar dos descarnados não mencionavam o que haviam encontrado na Borda do Mundo.

Eles não queriam pensar em Jules do outro lado, com sua voz roubada.

Mas Reed não conseguia deixar de pensar nisso, não conseguia deixar de pensar em Adeline nem em Isabella do outro lado, nem em Meeks nem na doutora, nem em Marmalade, nem em ninguém de sua tripulação do outro lado, em algum dia vindouro.

Eles precisavam saber. Precisavam saber o que iria acontecer com eles, na direção de que estavam correndo, já que tinham aberto mão da imortalidade. Mereciam viver como quisessem antes que o inevitável viesse por eles.

Reed estava parado de pé, esfregando os pulsos.

– Eu tenho uma história – ele disse. – “As Águas Vermelhas.”

Os outros ficaram em silêncio. Adeline ergueu uma sobrancelha. Isabella passou a abanar-se mais devagar.

Meeks engoliu em seco.

– Mas essa é uma história que nunca contamos.

– Não é correto guardar isso conosco – ele disse. – Vamos, vamos contá-la juntos.

Marmalade e alguns dos novos membros da tripulação olharam ao redor

desconfortavelmente. Para eles, as Águas Vermelhas eram apenas um nome que tinham ouvido de passagem, com a intenção de ser um alerta. Os marinheiros que tinham estado lá se encolheram, como se já pudessem sentir o frio fechando-se em torno deles.

Meeks inspirou fundo – a respiração antes do mergulho.

– Tem uma história que ninguém conta, pois aqueles que a conhecem não querem se lembrar dela – começou. – Mas é uma história da qual jamais vamos nos esquecer. A história do que encontramos na Borda do Mundo, quando passamos através do sol para o lugar negro por trás. O lugar dos descarnados.

Reed estremeceu quando as palavras do contramestre o puxaram de volta para lá, para o escuro.

– Fazia frio, tão frio que o gelo subia pelo casco do navio criando pingentes no cordame e prateando os conveses. Tão frio que nossas gargantas se fechavam, e nossa respiração ficava ressecada em nossas bocas. No fundo da água, luzes vermelhas piscavam, inúmeras, recuando até onde qualquer um pudesse vê-las. E aquele som…

Tremendo, Meeks cobriu os ouvidos com as mãos.

Theo ajustou os óculos e assumiu a história no lugar de Meeks.

– Era como um sussurro, um falatório e um riso louco. Vozes, ou o badalar de sinos funerários, ou glaciares se partindo em dois. Era como penhascos se desfazendo em pó. Como o último suspiro trêmulo dos moribundos. – Em seu ombro, a ave vermelha soltou um assovio baixo. – O som mais terrível em um mundo de sons terríveis. O tipo de som que o assombra tarde da noite quando a escuridão cai e o frio penetra em você pelas frestas. Porque nós sabíamos, não sabíamos? Nós sabíamos onde estávamos. Nós não sabíamos como sabíamos. Mas reconhecemos aquelas luzes vermelhas na água.

– Os olhos vermelhos dos mortos – disse Reed.

De repente, Adeline olhou de relance para ele. Em Kelanna, eles não acreditavam em vida após a morte. Não acreditavam que você fosse nada além de uma história depois de morrer.

Mas o capitão Reed sabia a verdade.

E agora, Adeline, Isabella e toda a tripulação dele também saberiam.

O sol tinha sido uma passagem, um portal do mundo dos vivos para o lugar

dos mortos. Eles conseguiram atravessar ao anoitecer, quando o sol tocava a água. Mas o sol os deixara ao afundar nas águas e só retornaria no dia seguinte.

– Os mortos ergueram-se da água – prosseguiu Meeks. – Mais monstros que homens, com duas luzes vermelhas onde deviam estar seus olhos. Eles pareciam pessoas que conhecemos, mais ou menos. Às vezes, seus rostos eram claros como o dia. Às vezes, eram turvos, como se nós os estivéssemos vendo através de vidro coberto de gelo. Eles queriam que nós nos juntássemos a eles, sabem? Usavam as vozes de pessoas que tinham morrido. Nós queríamos ir até eles. Eu teria dado qualquer coisa para… Só que quando eles nos tocaram…

Goro fez um som como se tivesse levado um soco.

– Mas toda vez que eles nos tocavam, seus dedos passavam direto através de nós, tirando um pouco de nosso calor, um pouco de nossa vida.

– Alguns membros da tripulação começaram a se jogar pela amurada – disse Meeks. – Como se estivessem se reunindo a entes queridos que nunca mais achavam que fossem ver outra vez. Porém, quando atingiam a água, eram envolvidos pelas luzes vermelhas. As ondas pareciam formar rostos e mãos. Nunca vou me esquecer dos gritos. Eles gritavam sem parar enquanto as sombras os atravessavam e roubavam sua vida.

– Eu vi meu irmão lá fora – disse Airoso com voz vazia, esfregando os nós dos dedos tatuados. – Meu irmão. Eu não o via havia vinte anos. Estava certo de que nunca mais tornaria a vê-lo. Mas ali estava ele, parecendo quase tão desmazelado quanto eu me lembrava. Vocês podem imaginar? Achei que poderia abraçá-lo outra vez. Achei que poderia dizer a ele que sentia muito. Por não ser um irmão melhor. Por não prestar atenção suficiente. Por não saber que ele ia subir no gurupés certa noite e enfiar a arma na boca. Meu *irmão*.

– Mas não era o irmão dele. – Meeks sacudiu a cabeça. – Por-que, quando você morre, se transforma em uma sombra do que era. Vazia. Faminta. Um monstro. Nós não podíamos lutar contra eles. Não podíamos atirar neles. Nossas balas os atravessavam como se eles fossem feitos de fumaça. Nós não parávamos de perder homens que pulavam pela amurada, ou que eram tocados vezes demais e simplesmente se encolhiam e morriam. Foi um milagre termos sobrevivido àquela noite.

– Isso foi obra da doutora – disse Cavalo, passando o braço em torno da

cirurgiã. – Ela pensou em tampar nossos ouvidos com cera para que não pudéssemos ouvi-los nos chamar.

– E a luz – acrescentou Theo, fixo nos carvões em chamas. – A luz os manteve afastados.

– Nós passamos juntos por aquela escuridão temível, enquanto as sombras de nossos amigos e parentes pairavam logo além do alcance da luz. Nós não podíamos mais ouvir suas palavras, mas sentíamos seu frio em nossos corações e em nossos ossos. E, quando o sol voltou, surgindo no céu sem estrelas, o capitão nos despertou. Teria sido mais fácil ficar lá e deixar que os descarnados nos levassem, mas o capitão nos fez levantar. Ele nos tirou de lá, e o calor voltou aos nossos ossos. Nós destampamos os ouvidos. Nunca em minha vida fui tão grato pelos sons de água e velas. Mas alguns de nós nunca voltaram ao normal, como se os descarnados tivessem roubado demasiado deles, e eles de certa forma esmaeceram na viagem para casa. Às vezes achávamos seus corpos imóveis e frios em seus beliches. Às vezes simplesmente sumiam. Desapareciam no mar durante os quartos de vigia da noite. Nós fizemos funerais. Dissemos as palavras. Mas nós sabíamos. A morte não é o fim. – Meeks olhou ao redor para os outros, que evitaram seu olhar. – É pior.

No silêncio, Marmalade começou a chorar.

– Então ela está do outro lado? Foi isso o que aconteceu com Jules?

Reed a segurou pelo ombro.

– É isso o que acontece com todos nós.

Na varanda, Adeline e Isabella tinham dado as mãos.

– Isso é um aviso, Cannek? – perguntou a Senhora.

Ele sacudiu a cabeça.

– Nós não estamos conseguindo nenhuma glória com isso, amigos. Talvez tudo o que obtenhamos seja tristeza e vazio. Achei que todos deviam saber a verdade antes de decidirem se juntar.

Isabella deu um sorriso melancólico.

– Nós soubemos no segundo em que você apareceu em nossa lagoa que nos pediria para fazer algo que provavelmente iria nos matar. E deixamos que você desembarcasse mesmo assim.

– E agora? – perguntou Reed. – Mesmo sabendo…

Adeline virou-se para Isabella e, como se respondesse alguma pergunta não dita, alguma língua secreta que elas tinham desenvolvido ao longo dos anos, ela assentiu.

– Se todos nos transformamos em monstros no fim, é melhor fazermos algo que nos transforme em humanos melhores enquanto ainda estamos aqui – ela disse.

– Eu ainda estou dentro – acrescentou Marmalade com voz trêmula. – Assim como Jules faria.

Meeks ergueu seu copo.

Todo mundo bebeu.

Mais tarde, depois que os outros tinham se recolhido para a noite, Reed juntou-se às duas mulheres na varanda e entregou o revólver prateado nas mãos de Adeline.

Ela passou os dedos pelas gravações de folhas de choupo, os detalhes em madrepérola.

– Quando te dei isso, nunca achei que o veria outra vez – disse.

Ela fechou a mão na coronha, e foi como se uma parte dela estivesse faltando durante todo esse tempo, e só agora, com o revólver na mão, estivesse inteira outra vez.

Isabella fez um aceno com a cabeça.

– Esse é um bom trabalho – disse. – Um dos meus melhores.

– Você só faz o melhor trabalho – repreendeu-a a Senhora.

Ela ajeitou-se, tocando as ondas quebradas de seu cabelo.

– Muito obrigada, Cannek. – Adeline enfiou o revólver na cintura. – Parece que vou precisar disso.

– Não ache que vou deixá-lo sair daqui sem um substituto. – Isabella olhou para a coronha preta do Executor com repulsa. – Você precisa de uma arma, não de uma monstruosidade.

Ela entrou mancando em casa e saiu com um embrulho envolto em pano.

Cuidadosamente, ele abriu o tecido e revelou o revólver mais bonito em que já pusera os olhos. Tinha o cano mais longo que a Senhora da Misericórdia, mas, enquanto o revólver prateado era um raio de luar sobre as dunas, esse era o próprio oceano escuro – feito de aço azul-escuro com bordas prateadas e uma

coronha de ébano negra como as profundezas do mar.

– Isto é bonito demais.

Reed tentou devolvê-lo.

– Bobagem. – Isabella deu-lhe um tapa no ombro. – Eu o fiz pensando em você, Cannek. Ele sempre deveria ter sido seu.

Ele girou o cilindro e estudou a luz através das câmaras. O revólver encaixava-se perfeitamente em sua mão, assim como a Senhora da Misericórdia encaixava-se na de Adeline. Isabella estava certa, como sempre estava quando se tratava de armas de fogo: não havia arma mais perfeita para ele.

– Alguma ideia de como vai chamá-lo? – perguntou Adeline.

Com um movimento do pulso, Reed encaixou e fechou o cilindro.

– Que tal Cantor?

“O grito do vigia”

A canção favorita de Jules

Aonde foi o meu amor,
Desde que você falou meu nome?
Para o céu acima, ou o mar abaixo,
No claro ou no escuro?

Meu amor, onde você dormiu
Sem mim ao seu lado?
Em um leito de lágrimas, ou nas sombras ceifadas
De salgueiros mortos?

Meu amor, onde está a luz
Que você prometeu buscar
Nos recônditos desolados da noite
Onde sonhadores acordam assustados?

Meu amor, vou lhe ajudar a achar
O caminho, embora possa ser longo.
Meu amor, ah, amor, dê-me um sinal
Se você pode ouvir minha canção.

Capítulo 26



Mentiras de omissão

Ter a certeza de que não pertencia ao futuro de Arqueiro. Disso, Sefia não tinha dúvidas.

Ele iria voltar a Jocoxa com Annabel.

Ela iria acabar no *Corrente da Fé* com o capitão Reed e sua tripulação de foras da lei.

Talvez não fosse o que Sefia sempre imaginara para eles. Mas, como Meeks dissera – ou diria, um dia –, ela tinha de esquecer isso. Tinha de esquecê-lo.

Estava escrito, afinal de contas. Ela vira com os próprios olhos. E o que estava escrito sempre acontecia.

Enquanto seguiam para Ken, na curva externa do reino, Sefia tentou se resignar a isso. Arqueiro estaria em Jocoxa. Seria feliz. Ele iria sobreviver.

Mas por que ele não podia fazer isso com ela? Por que ela não podia ser aquela que Arqueiro levava para casa, aquela para quem ele abria sua vida, aquela com quem acordava todas as manhãs com o som das ondas diante da janela?

Eles encontraram a pedreira exatamente igual ao previsto pelo Livro: um poço inundado, vinte e um impressores, seis garotos trancados em caixotes e uma tempestade de outono vinda do Oceano do Norte. Mas, na manhã do ataque, descobriram algo que o Livro não havia lhes mostrado.

Além da enseada, um único navio preto e amarelo balançava nas águas irrequietas, com as velas amarradas para a tempestade que se aproximava. Ao longo do convés, os cilindros frios dos canhões projetavam-se como espinhos.

Enquanto Arqueiro mandava batedores para ver o que mais tinha mudado na pedreira abaixo, Sefia deitou no penhasco, arrancando talos de grama. *Por que o Livro não me alertou sobre isso? O que mais ele escondeu de mim?*

– De quem é aquele navio? – sussurrou Arqueiro ao lado dela.

– Um dos de Serakeen – respondeu.

Em suas viagens, Sefia e Nin haviam encontrado a frota pirata apenas uma vez, mas ela não podia esquecer aquelas cores de abelha, o *estrondo* dos canhões de proa, o sussurro das outras crianças e o brilho da luz de candeeiros nos frascos de ópio nas mãos de seus pais.

Nin dera um tapinha no ombro de Sefia em um raro momento de afeição. "É melhor estar morta que virar despojo para piratas."

– Isso não estava no Livro? – A voz de Arqueiro a trouxe de volta ao presente.

– Não.

Sefia arrancou outro talo de grama. Ela havia lido com atenção aquelas páginas. Conhecia os estilos de luta dos impressores, suas fraquezas e armas favoritas. Tinha sido tão cuidadosa que sabia o quanto eles tinham em dívidas de jogo. Mas ela não vira nenhuma vez alguma palavra sobre os piratas de Serakeen.

– O Livro escondeu isso de mim.

Arqueiro olhou bruscamente para ela, surpreso.

– Eu não sabia que ele podia fazer isso.

– Nem eu.

Se o Livro podia omitir um detalhe tão importante quanto esse, o que mais ele podia fazer?

Mais importante, *por quê*?

Piscando, Sefia invocou seu sentido do mundo Iluminado. Dourado bordejou seu Olhar, passou pela pedreira e dirigiu-se ao centro da baía. Ela examinou o navio, a tripulação, os grandes canhões.

– Ele se chama *Artax* – relatou, tornando a piscar. – Serakeen deve finalmente ter mandado um navio para nos deter.

– Serakeen? – repetiu Kaito, enquanto rastejava ao lado deles.

Sefia pôde sentir seus músculos se tensionarem, como se se preparassem para catapultá-lo do penhasco.

– Não fique excitado demais – disse Arqueiro secamente. – É um de seus navios, não o próprio homem.

Kaito lançou para ele um sorriso perverso.

– Eu aceito o que vier.

Um canto da boca de Arqueiro curvou-se, mas as rugas de preocupação em sua testa permaneceram.

– Nós não estamos preparados para isso. – O tremor na voz de Sefia traía sua incerteza. – Nós devíamos retardar o ataque.

– Esperar? De jeito nenhum. – Kaito olhou para Arqueiro. – Vamos lá, irmão, nós não podemos hesitar. Não agora.

Sefia tentou captar o olhar de Arqueiro, mas ele estava olhando fixamente à distância, para a parede negra de nuvens no horizonte, com a cabeça inclinada, como se tentasse escutar um trovão.

Antes que Arqueiro pudesse responder, entretanto, seus batedores voltaram, esgueirando-se pelo capim como predadores.

– Praticamente tudo está como a feiticeira disse – relatou Versil. – Dois homens de vigia no barraco de madeira no nível mais alto. Garotos em caixotes abaixo disso, com mais outros três guardas perto. O resto deles está de vigia perto da rampa ou escondido perto da água.

– Vocês viram algum pirata? – perguntou avidamente Kaito.

– O capitão e dezessete de sua tripulação. Eles são chupa-ossos com cara de maus. Chegaram em botes. Nós os ouvimos dizer que o resto vai se juntar a eles depois que a tempestade passar.

Um sorriso frio curvou os lábios de Arqueiro.

– Eu não gosto disso – disse Sefia, tocando seu braço. – Há mais alguma coisa que o Livro está escondendo de mim. Alguma coisa vai dar errado. Eu posso sentir. Deem-me tempo para descobrir o que é.

Arqueiro apertou os olhos na direção do céu que escurecia.

– Você tem até o início da tempestade. O clima vai nos dar tempo suficiente para escapar antes que o resto dos piratas chegue em terra firme.

Sefia afastou-se com raiva.

– Vocês não podem fazer isso sem mim.

– Nós não vamos – ele respondeu. – Está escrito. Mas vamos começar sem

você, se for preciso.

Seus olhos dourados brilharam, e por um segundo ele pareceu um estranho para ela.

– Vamos lá, feiticeira – disse Versil. – Você não pode levar lobos à sua presa e esperar que eles não cacem.

– Não quando eles estão com fome – acrescentou Kaito.

Enquanto os sangradores se preparavam para a batalha, Sefia voou até sua tenda. Ela jogou o Livro sobre a mesa e pediu informação sobre o *Artax*, os piratas e a luta. Sefia leu apressadamente as páginas, examinando os parágrafos à procura de detalhes que houvesse deixado passar, mas o Livro recusava-se a ajudá-la.

O Livro mostrou a ela escuridão, parede após parede de chuva, os dentes de Arqueiro sujos de sangue, um disparo.

Sefia viu o tiro várias vezes. Ela viu o dedo do gatilho respingado de chuva. Viu a língua de fogo e o rastro de fumaça. Ela viu a bala espiralando pelo ar.

Era como se, de repente, o Livro tivesse vontade própria.

Ou sempre tivera vontade própria?

Será que ele a estava manipulando todo esse tempo, mostrando a Sefia só o que precisava ver para continuar por qualquer trilha que tivesse escolhido para ela?

Ou para Arqueiro?

Era como tentar ver o futuro através de uma luneta rachada. Ela não tinha o suficiente para seguir adiante. Sefia precisava de mais tempo.

Mas, à tarde, a tempestade chegou. Os céus ficaram negros. Os ventos açoitavam os penhascos. A chuva caía forte, encharcando Sefia e os sangradores enquanto eles reuniam-se no penhasco.

Na água, o *Artax* mergulhava nas ondas enquanto raios iluminavam o mar atrás dele.

Na pedreira, um sentinela andava de um lado para o outro no nível mais alto. A cada hora, ele mudava de posição com o parceiro no barraco, deixando o nível superior sem vigia.

Foi quando os sangradores atacaram.

Eles desceram dos penhascos acima, encontrando apoios escorregadios na ardósia castigada pelo tempo. Desceram como aranhas pelas rochas e pousaram no nível mais alto, onde se dispersaram em esquadrões.

Sefia pegou a mão de Arqueiro. A água escorregou pelos seus dedos.

– Não é tarde demais – ela disse.

Os segundos passaram em um rendilhado de raios. Fagulhas brilharam no fundo de seus olhos, e ela soube que Arqueiro precisava dessa batalha, precisava da violência, precisava ferir e matar.

Ele é o garoto, ela pensou. *É a ele que eles querem*.

O Livro lhe dissera outra coisa, mas ela não sabia mais se podia acreditar nele.

– Mais um – ele disse. – E terminamos em Deliene.

Com um aceno de mão, Arqueiro orientou Frey e Aljan na direção do barraco de madeira.

Eles entraram atacando os sentinelas. Enquanto a tempestade mascarava os gritos e os tiros, Sefia enfiou os dedos na gola de Arqueiro. Chuva escorria pelo rosto dele, por seus lábios.

– Você ainda pode deixar isso para trás – ela sussurrou. – Ainda pode ser feliz. Você pode viver.

Ardentemente, quase que perversamente, Sefia o beijou. O que quer que acontecesse em seguida, ela queria garantir que Arqueiro se lembrasse dela, de seus lábios, sua língua, seu corpo nos braços dele… E do que eles tinham significado um para o outro um dia.

Eles afastaram-se.

Arqueiro cambaleou para trás, com surpresa e saudade escritas por toda sua boca. Ele tocou os lábios.

Então Frey e Aljan emergiram do barraco. Da beira do platô, Kaito disse:

– Vamos, irmão.

Com um último olhar para Sefia, Arqueiro conduziu seus sangradores na direção do fundo da pedreira.

Sozinhos, Sefia e Griegi aproximaram-se da parede norte, onde os caixotes estavam posicionados em um nível abaixo. Com as mãos escorregando, os pés arrastando-se pelas pedras, eles desceram a encosta.

A fileira de caixotes tinha sido construída contra a parede do penhasco, com restos de madeira dispostos por cima, embora as tábuas apodrecidas não impedissem que a chuva caísse no interior. Enquanto Griegi despachava os guardas, Sefia trabalhou rapidamente nas fechaduras, e logo os garotos resgatados estavam subindo com pressa as pedras lavadas pela tempestade rumo à liberdade.

No nível superior da pedreira, Sefia fez uma pausa para examinar a ação acima. Através da chuva, ela podia ver corpos no fundo do nível inferior. Clarões de disparos. Lutas no cascalho.

Enquanto observava, três figuras saíram correndo de trás das construções. Grandes demais para serem garotos, eles tinham de ser impressores ou piratas. Raios espocavam no céu, mergulhando a pedreira em luz branca e brilhante. Os corredores ganharam velocidade. Eles não olharam para trás.

Covardes, pensou Sefia.

Outra figura saiu da luta e correu atrás deles.

O medo a atravessou. Isso não era parte do plano. Isso nunca tinha sido parte do plano. Será que era isso que o Livro estava escondendo?

Ela piscou, e seu Olhar ficou dourado. No mundo Iluminado, ela soube quem era.

Kaito.

É claro. Ela o examinou e refez seus passos, lendo sua história.

Ele estava liderando seu esquadrão contra os impressores, correndo ao longo da parede da pedreira, passando pela rampa, onde eles reuniram-se no canto de um prédio comprido de pedra.

O calor e a excitação da batalha percorriam os membros dele. Ele lançou um olhar para seu esquadrão e projetou o braço direito. Clarões de raios lambiam suas tatuagens expostas. O que está escrito sempre acontece.

Um trovão chamou no céu. O coração dele respondeu.

Atrás dele, Versil sorriu, a chuva escorrendo pelo rosto.

Eles jogaram-se sobre os impressores com saraivadas reluzentes de tiros, e o corte em arco de suas espadas. Um depois do outro, os inimigos caíram como um campo diante da foice e das chamas.

Eles limparam o primeiro prédio e estavam se aproximando do seguinte

quando Kaito viu três homens saírem correndo para o pátio. Ele estreitou os olhos. Eles tinham as armas pesadas e a pele curtida pelo tempo dos piratas – os piratas de Serakeen.

Serakeen. *A palavra cantava em seu interior. Suas armas queimavam em suas mãos, implorando por sangue.*

Ele correu atrás deles, ignorando o grito assustado de Versil.

Agora, água espirrava sob as botas de Kaito. Cascalho era espalhado embaixo dele. Não havia nada além dele e do céu negro, e de um jeito ou de outro, ou ele ou seus inimigos iriam morrer esta noite.

Sefia tornou a piscar e, ao seu redor, o mundo físico foi voltando ao lugar.

Devia ter sido isso o que Sefia não tinha visto. Kaito. O irmão em armas de Arqueiro. O disparo que ela vira era destinado a ele.

– Feiticeira? – perguntou Griegi.

– Kaito foi sozinho atrás dos piratas – ela disse. – Ponha os garotos em segurança. Eu vou lá embaixo.

Obedientemente, Griegi voltou até os garotos desnorteados. Acima do barulho da tempestade, ela podia ouvi-lo gritar instruções.

Sefia passou correndo pelo barraco de madeira e desceu os degraus estreitos até o chão da pedreira. Ela tinha de deter Kaito, tinha de impedir que os piratas o matassem, tinha de conter a bala. Arqueiro não podia perdê-lo agora, não quando tinham acabado de se reencontrar outra vez. Ela correu para a extensão aberta do pátio, onde as ondas provocadas pela tempestade quebravam sobre a costa irregular de ardósia.

Os sangradores estavam vencendo. A batalha estava quase acabada.

Atrás dela, houve um urro. Griegi e os garotos estavam deslizando pela encosta até o fundo da pedreira, roubando armas de cadáveres.

Sefia tinha quase conseguido chegar à beira do pátio quando viu acontecer.

Na luz mortiça, Versil estava lutando contra um dos impressores – um homem de cabelo escuro chamado Arz que Sefia reconheceu do Livro. A forma magra do garoto saltava e esquivava-se sob a chuva, a espada movia-se para a frente e para trás como uma língua de cobra. Ele estava rindo.

Uma pistola saiu da manga do impressor. Houve uma nuvem de fumaça.

Versil virou-se, mas a bala o atingiu na coxa. Sangue jorrou da ferida. Ele

cambaleou.

Sefia arquejou.

A ponta da espada de Arz emergiu das costas de Versil. O garoto ficou inerte.

Com escárnio, o impressor jogou o garoto para o lado.

Por instinto, Sefia invocou sua magia. Arz congelou onde estava, com os braços inúteis ao lado do corpo.

Sefia estava errada. Ela estava tão concentrada em Kaito que deixara aquilo passar completamente.

A única bala que custara a vida de Versil.

A batalha estava acabada. Frey e os garotos ergueram os olhos de seus adversários derrotados.

Aljan soltou um grito. Enquanto corria, suas pernas cederam sob seu corpo, até que estava meio se arrastando, meio rastejando em direção ao corpo do irmão. Ele segurou Versil nos braços e começou a gritar.

Sefia esfregou os olhos com a mão livre. Os outros estavam tremendo, remexendo-se enquanto trocavam olhares desconfortáveis. Desde que tinham se juntado a Arqueiro, eles tinham sido feridos, é certo, mas nenhum deles havia *morrido*.

Enquanto Frey ajoelhava-se ao lado de Aljan, Sefia procurou por Arqueiro. Mas ele não havia aparecido.

Kaito uniu-se a eles depois de passar pelas rochas com um sorriso afetado de triunfo. Suas mãos e braços tatuados estavam cobertos de uma mistura rala de sangue e chuva.

Seu sorriso desapareceu dos lábios quando viu Aljan segurando o cadáver de Versil.

Ele olhou dos gêmeos para o impressor, ainda congelado, com a espada ensanguentada, inútil, nas mãos.

O rosto de Kaito retorceu-se. Ele sacou o revólver.

– Você fez isso?

Ele puxou o cão da arma para trás.

Capítulo 27



Irmãos

Como se a batalha fosse uma peça de música e ele, seu maestro, Arqueiro podia sentir o ritmo da luta crescer na direção de sua conclusão. Arcos de derramamento de sangue. Impactos de aço. A emoção de coisas morrendo em suas mãos.

Uma grande crescente de violência, e então…

A imobilidade dos mortos.

O gemido dos feridos.

Arfando, Arqueiro examinou a construção de pedra onde eles levaram a batalha ao seu desfecho. Mesas estavam viradas. Cadeiras estavam quebradas. Seus inimigos estavam retalhados no chão. Ele quase podia sentir as reverberações de seus últimos gritos e os impactos macios e carnudos de seus corpos atingindo o solo.

Quatro equipes a menos.

Não restava nenhuma.

Ele devia ter se sentido aliviado. Depois dessa noite, não haveria mais impressores em Deliene.

Mas tudo em que Arqueiro conseguia pensar era em continuar a missão – em Oxscini, em Everica, Liccaro e Roku. Caçar impressores, salvando garotos e construindo seu exército.

A espada de Arqueiro bateu ruidosamente no chão enquanto seu esquadrão começou a amarrar os prisioneiros.

– Você? – disse uma das impressoras enquanto os sangradores amarravam

seus pulsos. – *Você* é o líder dos sangradores? Eu já deveria saber.

Metade de seu rosto estava roxo com hematomas, mas Arqueiro a reconheceu da Jaula, em Jahara, onde ele lutara uma vez para uma audiência com Serakeen. Ainda havia um pingente de dente de baleia pendurado no pescoço dela.

– Lavínia? – perguntou Arqueiro, enfiando o revólver outra vez no coldre.

– Em carne e osso. – Ela exibiu os dentes quebrados. – Por enquanto.

– Gregor está aqui também?

A última vez que ele o vira, o garoto de cabelo negro estava gemendo e ensanguentado na serragem.

– Você o derrotou. – A mulher fez um som de desaprovação com a língua. – O que você acha?

Arqueiro nunca devia ter deixado Gregor e Haku quando eles foram derrotados. Ele devia saber. Mas não havia pensado. E agora os dois estavam mortos. Ele avançou sobre ela.

Lavínia olhou fixamente para ele com o olho bom, desafiando-o a atacar.

– É você, não é? Eu devia ter notado assim que o vi lutar. Serakeen com certeza vai ter uma surpresa.

Você está errada, ele queria dizer. Não sou eu.

Mas Lavínia via nele o que Arqueiro estava tentando negar havia semanas, a mesma coisa que Kaito vira nele desde o começo. Seu gosto e talento para a violência. Sua incapacidade de parar. Ele foi percorrido por um calafrio.

Então Aljan começou a gritar.

Arqueiro correu até a porta, de onde avistou a cena no pátio – o corpo de Versil nos braços do irmão, Sefia segurando o impressor no lugar, a fúria impotente de Kaito.

Versil estava morto. Ele estava morto.

Sefia o alertara, mas Arqueiro não havia escutado. Ele tinha sido impaciente. Imprudente.

E Versil pagara por isso.

Arqueiro sabia que iria sonhar com isso por toda sua vida – o som dos gritos de Aljan, os respingos de chuva no rosto virado para cima de Versil. Outro garoto morto.

E era sua culpa. Por não parar. Por não ouvir. Por levá-los àquilo.

Sua mão estava no revólver. Ele queria lutar. Matar. Afogar-se em violência para não ter de pensar nisso, lidar com isso, sentir isso.

Kaito pôs a arma na têmpora do impressor.

Ele iria matá-lo. Iria matar um homem indefeso, e depois disso nunca conseguiria voltar. Seria selvagem, sua sede seria incontrolável, devoradora, destruindo a si mesmo e a todos que o amavam.

Nessa fração de segundo, Arqueiro sentiu medo.

Por Kaito. E por si mesmo.

– Pare! – ele gritou, saindo pela água no meio do temporal.

Nas poças, seus passos marcavam outro ritmo: *Versil está morto. Versil está morto.*

Os olhos de Kaito estavam injetados de sangue. Ele mal conseguia dizer suas palavras:

– Ele matou Versil.

Arqueiro lutou contra a vontade de olhar para Frey e Aljan encolhidos na lama.

– Me entregue a arma, Kaito – ele disse.

Kaito recuou. Suas mãos estavam tremendo.

– Versil está morto. Ele está morto. E você quer deixar esse assassino *viver*? Saia do meu caminho.

– Ele não pode mais machucar ninguém.

– Você era o *líder* dele. Versil *confiava* em você. – As palavras de Kaito saíram altas e engasgadas com lágrimas. – Você devia estar presente. Devia protegê-lo. *Onde você estava?*

Arqueiro se encolheu.

O som dos gritos de Aljan.

Os respingos de chuva no rosto virado para cima de Versil.

– *Saia*.

Kaito empurrou Arqueiro para o lado, apontou a arma para o impressor e puxou o gatilho.

Mas Arqueiro foi mais rápido. Ele sempre era mais rápido. Sua mão bateu no pulso de Kaito, e a bala voou inofensiva rumo à escuridão.

A arma caiu. Água suja respingou nas botas de Arqueiro.

Ele abaixou-se para pegar o revólver e recebeu uma joelhada no rosto. Sóis explodiram por trás de seus olhos.

Kaito estava em cima dele.

Mas, ah, como Arqueiro gostou disso. A forma como sua visão aguçou-se. A forma como podia sentir cada gota de chuva atingindo a ardósia. A forma como conseguia esquecer que jamais tornaria a ouvir o riso de Versil. A forma como ele podia se perder. A forma como podia esquecer.

Ele e Kaito lutaram sem armas. Seus punhos e cotovelos provocavam impactos surdos sob a chuva. Era como um treinamento, outra vez.

Exceto pela tristeza. E a culpa.

Exceto por isso.

– Parem! – gritou Sefia.

Arqueiro a sentiu tentar afastá-los com magia, mas ele escapou de sua pegada.

Griegi tentou detê-lo em seguida e o puxou para o chão. Se Griegi conseguisse segurar, não largaria.

Arqueiro deu-lhe uma cotovelada no nariz. Algo se quebrou, e o garoto soltou. Arqueiro pulou de pé outra vez.

Sefia congelara Kaito, que estava lutando contra sua magia como um coelho preso em um laço – olhos selvagens, saliva voando dos lábios.

Arqueiro o atacou. Quando caíram no chão, a pegada invisível de Sefia afrouxou, e Kaito estava livre. Eles ficaram de pé rapidamente e começaram a andar em círculos outra vez.

Scarza agarrou Kaito por trás. Arqueiro aproveitou a oportunidade e aplicou alguns golpes antes que o garoto gormani se livrasse dos dois.

Eles continuaram em círculos pelo cascalho com as mãos escorregadias, os rostos machucados.

Com Griegi tentando estancar seu nariz ensanguentado e Scarza atordoado no chão, nenhum dos outros sangradores tentou detê-los.

O fim chegou rápido depois disso. Com um grunhido, Arqueiro jogou Kaito no cascalho. Um raio brilhou. O garoto de olhos verdes estava deitado de costas, respirando com dificuldade.

Arqueiro esfregou o lábio inferior com a manga. Tudo doía. Suas mãos. Os nós dos dedos. O coração.

Versil ainda estava morto.

Na imobilidade, sua tristeza e sua culpa voltaram rapidamente.

Mas, quando Arqueiro pressionou as mãos sobre o peito dolorido, Kaito levantou-se e atacou outra vez.

Arqueiro tentou se esquivar, mas o garoto gormani agarrou seu braço e o torceu para trás. Eles recomeçaram a lutar, girando em círculos, agarrando-se, trocando socos, e dessa vez foi diferente. Não era por quererem praticar. Não era por desejarem esquecer.

Era porque queriam machucar alguém – qualquer pessoa – do jeito que eles já estavam machucando.

Arqueiro jogou Kaito no chão várias vezes, e em todas elas Kaito se levantou. Nem Sefia podia mais intervir, com sua magia fraca como estava, segurando o impressor no lugar por tanto tempo.

Finalmente, Arqueiro acertou Kaito com tanta força que seus joelhos cederam. Seu rosto atingiu o cascalho, e seus dedos fecharam-se em torno de pedaços pontudos de pedra.

Os sangradores estavam em silêncio. Era como se soubessem que Kaito estava derrotado.

Todo o corpo de Arqueiro doía, mas, por dentro, ele finalmente se sentiu entorpecido. Abençoada e piedosamente entorpecido. Sem culpa. Sem tristeza. Nada. Mesmo sabendo que Aljan ainda estava ali sentado, chorando.

A chuva respingava sobre as rochas quando Arqueiro debruçou-se sobre Kaito.

– Chega – ele disse. – Acabou.

Sangue jorrava entre seus dentes.

– Nunca vai acabar. – Kaito levantou-se do chão da pedreira como uma criatura de rocha, lama e chuva. – Algo precisa mudar. Algo precisa ser diferente. Não é justo. Ele não devia ter morrido. Você não o merecia. Você não merece nada disso.

Arqueiro virou-se. Kaito jogou cascalho nele, e os fragmentos de rocha bateram inofensivamente em suas costas.

Atrás dele, Sefia ordenou que os sangradores amarrassem as mãos do prisioneiro. Enquanto se afastava, Arqueiro tropeçou na pedra molhada. Tudo o

que não ardia, doía. Sangue e água escorriam da ponta de seus dedos.

E então:

– Arqueiro! – A voz de Aljan.

Aljan, cujo irmão estava morto em seus braços.

Arqueiro virou-se. Ele viu tudo em um instante: Kaito com a arma. Kaito puxando o cão. Kaito com o dedo no gatilho.

Arqueiro não pensou. Ele não precisou.

O revólver já estava em suas mãos, a bala já estava deixando a câmara.

Kaito Kemura já estava morto.

Por uma fração de segundo, Arqueiro achou ver o horror de Kaito… e seu arrependimento.

Aí a bala o atingiu entre os olhos.

O garoto caiu. Seus braços e pernas desmoronaram sob seu corpo. Seu rosto – olhos verdes escurecendo e a raiva sombria desaparecendo de seus lábios – não pareceu nada surpreso.

ESPIÃO?

Capítulo 28



Amor e morte

Esforçando-se para obter uma posição segura com Abiye na província de Gorman, o que lhe obrigou a ficar duas semanas no norte, Arcadimon voltou para a capital com respingos de lama ainda presos a suas roupas. Não importava. Ninguém perceberia aquilo no clima chuvoso.

O outono enraizara-se em Corabel. Toda tarde, a chuva chegava do sul, encharcando a cidade, os penhascos, os quilômetros de papoulas brancas que se agitavam em seus caules. Tudo, desde as pedras cor de areia até os telhados vermelhos da cidade, tinha um brilho suave, como se tocado por magia.

Arcadimon cruzou os corredores inferiores, entrando e saindo da luz leitosa que atravessava as janelas enquanto a chuva fustigava o vidro.

Ele estava ansioso para ver Ed outra vez. Desde o beijo nas Planícies Brancas, Eduoar estivera distante. E, quanto mais Arcadimon tentava falar com ele, mais o rei o evitava, passando longos dias em seus aposentos quando nem mesmo Arcadimon conseguia tirá-lo de lá.

Eles tinham de falar sobre o beijo.

E talvez repeti-lo.

O pensamento tremulou como uma chama em seu peito, mas foi apagado com a mesma rapidez quando ele lembrou-se de seu dever com a Guarda. *Beije-o ou mate-o*. Você não pode ter os dois.

Arcadimon afastou o pensamento e subiu até a sala do trono dois degraus de cada vez, com os pés saltando pela escada. Mas a sala estava vazia.

Não era incomum.

Exceto pelo fato de os criados não terem visto Eduoar.

A capitã Ignani e seus guardas também não o haviam visto.

Um rei desaparecido no próprio castelo.

Arcadimon correu até os canis, onde, quando criança, Eduoar costumava passar suas tardes. Ele acariciava Rã e os outros cães quando eles vinham circundar suas pernas, mas Ed também não estava lá.

Nem em seus aposentos.

Nem nas salas do conselho.

Nem nas cozinhas.

Em meio às lajotas banhadas de chuva do pátio, Arcadimon parou e virou-se com os olhos apertados na direção do céu cinza enquanto a umidade penetrava em suas roupas. Seu olhar foi de janela em janela à procura da figura magra de Eduoar por trás das cortinas, por seu rosto no vidro.

Arcadimon quase pulou os aposentos reais. Eles não eram usados desde que Eduoar achara o Rei Suicida morto em um canto, e com o passar dos anos foram ignorados com tamanha frequência que tinham quase sido esquecidos.

Mas Eduoar não esquecera. Você não se esquece de algo assim.

O frio tomou o coração de Arcadimon.

Ele subiu correndo até o segundo nível do castelo, até o terceiro, até descer correndo pelos corredores gritando por ajuda, chamando loucamente por Ignani, pelos guardas, pelos médicos, por qualquer um que pudesse ouvi-lo.

Ele chegou ao corredor que levava aos aposentos reais, atulhado de estátuas cobertas e tapetes enrolados.

A porta estava trancada.

– Ed! – Ele bateu com força na porta, mas não houve resposta. – Eduoar!

Nada.

Arcadimon jogou o ombro contra a porta, mas ela não se mexeu. Ele não era forte o suficiente para derrubar algo que tinha sido construído para resistir a uma revolta. Olhou rapidamente em torno do corredor vazio e invocou o mundo Iluminado.

Ouro irrompeu em seu Olhar. Ele nunca precisara viver na Sede Principal, por isso nunca fora tão bem treinado em magia quanto os outros Aprendizes – o domínio dos Políticos era corrupção, ameaças e governança, afinal de contas –,

mas a vida de Eduoar dependia dele agora.

Arcadimon apalpou o ar. O trabalho requintado em metal distorceu-se. A porta rangeu. Mas não abriu.

Ele atacou outra vez. Tábuas racharam.

Vamos lá.

Ouviu vozes na escadaria. Arcadimon passou as mãos pela porta – e aí ela se abriu, quebrando enquanto ele entrava aos tropeções no quarto.

Os aposentos reais não eram tocados há mais de uma década. Panos brancos cobriam a cama de dossel, as cadeiras e mesas, os retratos nas paredes. Os tapetes tinham sido guardados nos cantos, e poeira flutuou do chão de pedra quando Arcadimon entrou correndo e passou depressa pelos lençóis brancos, expondo com sua passagem o braço de uma poltrona, o canto de uma mesa.

O local estava vazio.

Ele ficou decepcionado. Ele girou e verificou a cama, a lareira.

Não.

Não.

Não.

Aí Arcadimon o viu – Eduoar – encolhido num canto do quarto, como se não quisesse ser encontrado.

– Ed!

A palavra irrompeu da boca de Arcadimon enquanto ele abaixava-se. Eduoar estava pálido e frio, com um brilho de suor no rosto e no pescoço.

– Ed – repetiu com mais delicadeza Arcadimon.

Havia muito sangue. Ele estava por toda parte. Em suas botas, canelas e joelhos. Em suas mãos. Arcadimon rasgou um lençol da mesa mais próxima e enfaixou os ferimentos nos pulsos de Eduoar.

– *Ajudem!* – ele chamou. – Aqui dentro!

Havia alguma Manipulação que reduziria o sangramento. Foi Assim que Rajar salvara Tanin. Mas Arcadimon mal conseguia arrombar uma porta. Ele não podia fazer algo tão delicado quanto isso.

Ele aninhou o corpo de Eduoar contra o peito e apertou com força os lençóis encharcados de sangue.

– O que você fez? – ele sussurrou, com os lábios movendo-se contra o cabelo

úmido do rei.

Eduoar seguira os passos do pai.

Assim como a Guarda queria.

Por um momento, Arcadimon soltou os pulsos de Eduoar. Era o que ele estivera planejando, o tempo todo.

A morte do rei.

Uma tragédia, igual acontecera ao pai.

Darion iria querer que ele deixasse Eduoar morrer. O momento não era perfeito – ele ainda precisava do apoio da província de Gorman se quisesse ter sucesso no golpe –, mas não podia ter pedido oportunidade melhor.

Os olhos de Eduoar piscaram.

– Eu não podia deixar que a maldição o tocasse.

Arcadimon tornou a apertar seus pulsos.

– Eu não sou um Corabelli, seu tolo.

– Você tem o amor de um Corabelli – sussurrou Ed. – Para nós, amor e morte são a mesma coisa.

Várias pessoas entraram apressadamente no quarto. Guardas. Criados. Um médico, talvez. Os sons de seus passos misturavam-se com o som da chuva. Eles estavam falando. Estavam tentando afastar Arcadimon.

Ele apertou Eduoar com mais força em seus braços.

Alguém estava empurrando Arcadimon para o lado. Alguém estava botando pressão sobre os pulsos do rei. Eles o estavam levando.

– Além disso – murmurou sem forças Eduoar –, você estava demorando demais.

A pegada de Arcadimon relaxou. Os dedos do rei deslizaram dos seus.

Eduoar sabia sobre o veneno – *Desde quando? Todo esse tempo?* – e o tomara mesmo assim.

Eles levaram o corpo de Eduoar do quarto, e Arcadimon ficou sentado na poça do sangue do rei, sozinho.

Você estava demorando demais.

Capítulo 29



Nascido para isso

Enquanto a chuva caía pesadamente sobre a pedreira lá fora, Arqueiro debruçou-se sobre a mesa e esboçou um plano para atacar o *Artax*.

Um assalto em duas frentes, como o que tinham feito contra Obiyagi e sua caravana no Devorador de Rochas. Assim que a tempestade estiasse, antes que os piratas conseguissem saber o que fazer, eles pegariam os botes a remo e atacariam o *Artax* tanto por bombordo quanto por estibordo, prendendo o inimigo entre barcos.

– Tem de ser logo – disse. – Antes que percebam o que aconteceu. Antes que eles possam fugir.

Arqueiro ficou surpreso com o tom firme da própria voz – pragmático, confiante, a voz de um líder em controle total de si mesmo. Não a voz de um líder que tinha acabado de matar um de seus melhores, um de seus irmãos.

Ele achou difícil acreditar que os sangradores tivessem sequer aparecido, chegando aos poucos, alguns de cada vez, deixando manchas molhadas no chão enquanto tomavam posição em torno da mesa, contra as paredes de pedra: Scarza, meditativo no fundo; Frey, sentada ao lado de Aljan, segurando sua mão.

Arqueiro tentou não olhar para ele. Sempre que olhava para Aljan, via Versil – de olhos abertos, boca inerte, nunca mais iria falar.

Arqueiro delineou a borda da mesa. Seu polegar afundava nas ranhuras da madeira.

Ele continuava a experimentar aquilo – o revólver em suas mãos, os olhos de Kaito arregalando-se ao perceber que ia morrer, o recuo estremecendo por seu

braço.

Por que você não ficou no chão?

Arqueiro escavou outro crescente de madeira no tampo da mesa.

– Por quê? – disse Griegi, interrompendo seus pensamentos. – Nós já libertamos os garotos. A missão acabou.

Ela nunca vai acabar.

– Não para mim. – Arqueiro olhou para as mãos de modo a não ter de olhar para Aljan. Sangue escurecia a parte de baixo de suas unhas. Lascas de madeira sujavam a mesa. – Não depois do que eles fizeram com Versil.

– Foi um homem – protestou Griegi. – E nós o pegamos. Os piratas do *Artax* não fizeram nada contra a gente.

– Na verdade, fizeram – disse baixo um dos garotos mais novos. – Executaram um de nós assim que chegaram aqui. Ele tinha sido ferido em uma luta e… Bom, acho que eles não o queriam nessas condições.

Arqueiro balançou a cabeça afirmativamente.

– Esses são os piratas de *Serakeen*. Se atacarmos agora, estaremos fazendo um favor para o mundo.

Os sangradores remexeram-se desconfortavelmente, murmurando entre si.

Do outro lado do aposento lotado, os olhos escuros de Sefia encontraram os de Arqueiro.

– Você fala como Kaito – ela disse.

Os outros ficaram em silêncio.

Arqueiro olhou fixamente para ela por um momento. Sefia podia tê-lo detido, ele sabia disso. Podia ter detido a bala. Ele a vira fazer isso dezenas de vezes. Mas quando realmente foi preciso, ela sequer tentou.

– Talvez Kaito estivesse certo – ele disse. – Ele não teria deixado passar essa oportunidade, e eu também não vou.

– Ele *não* pode aproveitar essa oportunidade. – A voz dela soava como uma faca. – Kaito está morto.

– Eu sei. – Os olhos de Arqueiro arderam. – Você acha que não sei? Fui eu quem fez isso. Fui eu quem o matou.

Kaito soube assim que puxou a arma que tinha sido um erro. Ele não queria matar Arqueiro. Na verdade, não. Arqueiro vira isso em seus olhos, uma fração

de segundo antes de a bala o atingir.

Mas então era tarde demais.

Arqueiro arrancou mais um pedaço da mesa. Ele tinha de *lutar*, fazer as coisas *sofrerem*, fazer as coisas *terminarem*. Se não lutasse, todas essas coisas que ele sentia iriam destruí-lo, aos poucos, de dentro para fora, fraturando seus ossos. Arqueiro faria qualquer coisa para não se sentir assim. Qualquer coisa para esquecer.

– Todos nós vimos ele sacar a arma. Kaito o teria matado – disse com delicadeza Scarza. – E a feiticeira está certa. Ele teria querido atacar o *Artax* também. Teria sido o primeiro a entrar nos botes.

– Eu vou com você – disse Aljan com a voz rouca.

Arqueiro forçou-se a olhar para o cartógrafo.

– Alguém precisa pagar pelo que aconteceu com meu irmão. – Sua voz estava baixa, e ele tinha a mesma luz histérica nos olhos de quando espancara um homem até a morte à sombra do Devorador de Rochas. – Como você não me deixa matar o chupa-ossos responsável, isso é bom o bastante.

– Você não vai sozinho. – disse Frey apertando a mão dele.

– Eu vou também – acrescentou Scarza. – Por Kaito.

Arqueiro levantou-se enquanto os sangradores começaram a acenar a cabeça, o entendimento passando por eles como um terremoto por rocha. O rapaz não estava preocupado com suas razões para juntarem-se a ele. Estava preocupado com que suas espadas estivessem afiadas. Estava preocupado com que suas armas estivessem carregadas, e seus inimigos a seu alcance.

– Meu irmão está morto – disse Aljan. – Mas, quando eu lutar, ele vai se erguer.

– Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos. – As vozes dos sangradores ecoaram ao seu redor. – Nós estávamos mortos, mas agora nos erguemos.

Sem dizer mais outra palavra, Sefia saiu pela porta para a chuva.

Arqueiro devia ter ficado aliviado pelos sangradores estarem com ele. Devia ter ficado desapontado por Sefia não estar.

Ele devia estar com medo que mais deles morressem.

Mas, com a batalha tão perto, era como se todas as suas emoções tivessem se

encolhido a pontos não maiores que sinais de sangue, e ele não sentiu nada além de seu desejo de rasgar, cortar e sufocar.

Arqueiro era um sangrador. Arqueiro era um matador.

E, pela primeira vez, isso não o incomodou.

Os sangradores reuniram-se depois da meia-noite, quando a tempestade amainava com alguns últimos estrondos de trovão. Eles haviam enegrecido suas roupas e as partes reluzentes das armas, puxaram seus capuzes e cobriram os rostos, mas deixaram os antebraços nus, com as letras tatuadas expostas.

Arqueiro estava parado sobre o cascalho, observando-os.

Seus sangradores. Seu exército, feito para matar.

A seu sinal, os sangradores começaram a entrar nos barcos. Vento soprava em seus ouvidos. Ondas rangiam contra as proas.

Quando Arqueiro estava prestes a embarcar com eles, sentiu um toque no pulso.

– Arqueiro.

Sefia estava ali. Ele não sabia se ela iria aparecer, mas a garota estava ali. Sua mão subiu pelo braço dele. Sefia inclinou o rosto na direção do dele. Seus lábios tocaram-se.

Arqueiro quase se afastou, mas seu corpo não obedecia.

Era um lembrete: *Eu o conheço*, mesmo que você tenha esquecido.

Era uma declaração: *Estou com você*, mesmo nisso.

As palavras não foram ditas, mas ele as sentiu ali, entre os dentes deles.

Ela rompeu o contato tão repentinamente que foi como se tivesse roubado o ar de seus pulmões. Quando Sefia virou-se na direção dos barcos, ele viu a pena verde, o único detalhe de cor em toda a costa rochosa, reluzente em seu cabelo.

Ele se lembrou de quando a havia dado a ela – a simplicidade daquilo, a forma como Sefia descrevera a festa de aniversário que nunca tivera, a beleza triste de seu rosto, a maneira como seus olhos brilharam quando ela passou a pena pelos dedos. Tudo, então, parecia muito simples.

Mas nada seria tão simples assim outra vez.

Eles pegaram os remos e deixaram a praia: Arqueiro, Sefia e vinte sangradores, os que não estavam guardando os prisioneiros ou feridos demais

para lutar de novo.

Silenciosos como tubarões, eles remaram pela água e passaram pelas ondulações enquanto a maré tentava jogá-los sobre as rochas. Ninguém falava.

Eles cruzaram a arrebentação. Logo restavam apenas eles, as águas negras e os céus de carvão. Na baía, o Artax corcoveava ancorado como um touro assustado.

Quanto mais perto chegavam, mais calmo Arqueiro se sentia, sabendo que sua próxima luta estava a seu alcance.

Eles remaram até o meio do navio, largaram os remos e começaram a subir.

A escalada foi louca, rápida e silenciosa, mãos sobre pés pela lateral, erguendo-se por argolas e cintadas, ornamentos e cabos de âncora, qualquer coisa para chegar à amurada antes que fossem vistos.

Mas eles foram vistos.

Houve um grito. A detonação de uma arma.

Um dos garotos – um dos que tinham acabado de resgatar, Arqueiro nem sabia seu nome – deu um grito e mergulhou na água abaixo.

E, então, o caos.

Um caos terrível e maravilhoso.

Garotos subindo pelas amuradas. Piratas atacando-os com espadas curvas e disparos de pólvora. Arqueiro saltou para a refrega com a espada traçando arcos de prata e sangue.

Meses depois de recuperar a voz e a memória, Arqueiro finalmente tinha descoberto quem era. Um matador. Um açougueiro. Um artista para decepar tendões e ossos.

Quando Sefia chegou ao convés, ela agitou as mãos. Uma a uma, as lanternas do *Artax* quebraram, explodindo, e suas luzes apagaram-se em florescências de vidro e chamas.

Os sangradores avançaram. Gritos encheram o ar enquanto a tripulação do *Artax* tombava como moirões de cerca em uma enchente.

Arqueiro penetrou na batalha. Sua espada encontrava gargantas e tendões, os lugares vulneráveis entre as costelas, a câmara de seu revólver girava à medida que cada bala alcançava seu alvo.

Em algum lugar em seu interior, lembrou-se de ficar horrorizado. Todo aquele

derramamento de sangue.

Os piratas podiam não ter atacado. Eles podiam ter ido embora, deixando os sangradores em paz.

Essas mortes não eram *necessárias* – elas não iriam deter os impressores –, mas elas o faziam esquecer.

Elas o deixavam vazio.

Elas o deixavam inteiro.

Arqueiro lutou até o alojamento do capitão, onde cortou a mulher que havia se escondido ali atrás de uma barricada. Ela tentou revidar, mas ele podia ver todo movimento que ela fazia antes que o fizesse – na direção de seu olhar, no deslocamento de seus músculos, no giro de seu pulso.

Ela desabou de rosto para baixo no tapete e ficou imóvel.

Lá fora, o ruído da batalha reduziu-se a um choramingo.

O *Artax* era deles.

No fogão de ferro fundido, as brasas ardiam. Uma mancha de sangue irregular surgiu por baixo do corpo da mulher, tocando as pontas das botas dele.

Quantos mortos havia lá fora?

Quantos garotos mais tinham perdido a vida?

Como Arqueiro não podia parar de pensar em fazer aquilo outra vez? Parar de sentir aquilo?

De sentir qualquer coisa?

Arqueiro jogou as armas para longe. Sua espada atingiu o rodapé. Uma farpa afiada surgiu na madeira, como uma ponta de flecha.

Ele desabou no beliche com a cabeça entre as mãos, sentindo a pedra da preocupação balançando em seu pescoço.

A porta se abriu. Uma lufada de ar frio o abalou.

– Arqueiro? – Sefia parecia muito distante.

– Como está a situação lá fora? – ele perguntou.

A porta se fechou com um estalido.

– Dois dos sangradores estão mortos. Sete estão feridos. Nós fizemos vinte e nove prisioneiros. – Uma pausa. O colchão moveu-se quando ela sentou-se ao lado dele. – A maioria deles está gravemente ferida. Não sei quantos vão viver para ver o amanhecer.

Arqueiro fechou os olhos.

A batalha no *Artax* já era um borrão em seu interior, mas ele não conseguia parar de ver o rosto de Kaito outra vez. Seus cachos molhados pela chuva. Sua testa, sua bochecha e seus lábios rasgados e abertos. O modo como soubera, momentos antes do fim, que tinha ido longe demais.

Aí a resistência do gatilho. A explosão de som e fogo.

Havia muito sangue em um crânio humano.

Kaito estava morto.

Arqueiro o matara.

Ele não tinha conseguido deter a si mesmo.

Arqueiro não parava de se lembrar das palavras que Kaito murmurara para ele no dia em que decidiram ir atrás dos últimos impressores delieneanos: *Você nasceu para isso, irmão. Você pode achar que não. Pode tentar negar. Mas um dia você vai perceber que nunca teve escolha alguma.*

Quando abriu os olhos, a mancha de sangue tinha se infiltrado sob seus pés.

– Arqueiro?

Sefia tocou seu ombro, de leve, como se ele fosse se desfazer com o sopro mais delicado.

Ele piscou para ela. Seus traços estavam suaves, desfocados, molhados. *Eu estou chorando?*

– Eu o matei – ele disse. – Tentei não fazer isso. Mas aí ele… E eu fiz isso mesmo assim.

– Sinto muito – ela sussurrou. – Eu sei que você o amava.

– Eu costumava matar garotos para os impressores. Eu digo a mim mesmo que eles me obrigavam. Digo a mim mesmo que era um animal. Digo a mim mesmo que sou diferente agora. Mas eu não sou nada diferente, sou?

Sefia esfregou o rosto.

– Você *está* diferente. Não é mais o garoto que eu conheci há quatro meses.

– Você tem razão. Não sou. – Sua voz vacilava. – Eu sei que disse que não era o garoto das lendas, mas me sinto como ele. Eu me sinto me transformando nele, e não consigo evitar. Eu vejo o que está acontecendo. Vejo o que estou fazendo. Mas não consigo evitar. Não consigo evitar. Não consigo…

Suas palavras alojaram-se na garganta, não eram mais frases, mas soluços. Ele

sentiu os braços dela envolverem-no, sentiu-a segurar seu peso. Ele ergueu os joelhos e encolheu-se junto dela, e Sefia o abraçou forte enquanto todas as coisas que Arqueiro não tinha se permitido sentir finalmente começaram a sair.

TÍTULOS SÃO

Capítulo 30



O assassinato é uma dança lenta

Eduoar estava vivo.

E decepcionado.

Toda vez que começava a se mexer, fechava os olhos e tornava a submergir no sono. Mas, como uma boia de vidro, sua consciência não parava de flutuar, na superfície de seus sonhos. Nesses breves momentos de consciência, ele descobriu os pulsos grossos com ataduras, o corpo dolorido, e Arcadimon.

Um vislumbre de cachos castanhos com fios dourados, um queixo por barbear, olhos azuis com cílios longos que captavam a luz do sol.

Tempo se passou. Eduoar não sabia quanto.

Mas, quando o sono finalmente o carregou para a terra firme, ele acordou com o cheiro de Arcadimon, o cheiro de vento e neve. Na janela, as cortinas balançavam como dançarinos lentos.

Sua mão estendeu-se por baixo da coberta, estudando sua tessitura.

– Então… – A voz de Arcadimon o interrompeu. – Há quanto tempo você sabia?

Dolorosamente, Eduoar virou-se. Arc estava sentado junto de sua cama, com as roupas amassadas, o cabelo eriçado onde ele passara os dedos vezes demais.

– Anos. – Um sorriso passou pelo rosto de Eduoar. – Ou você achava que seria tão fácil matar um rei?

Arcadimon remexia um fio solto em um de seus punhos.

– Se você sabia, por que deixou que eu…?

Eduoar afastou os olhos.

– Era para o bem do reino, não era? Eu achei que você… – Sua voz se calou enquanto ele estudava o aposento. Estava imaculado. Nenhuma roupa sobre o chão. Nenhuma porta do armário aberta. Obra de Arcadimon, embora seu amigo obviamente não tivesse tido o mesmo cuidado com a própria aparência. – É por isso que deixei que você assumisse meus deveres. Para que soubesse como administrar as coisas quando eu estivesse…

– Você *queria* que eu tirasse seu reino de você?

Eduoar deu de ombros.

– Decidi há muito tempo que o domínio dos Corabellis em Deliene iria acabar comigo. Só achei que, desse jeito, eu saberia que ele ficaria em boas mãos.

Seu amigo encostou-se e alisou seu rosto com a palma das mãos.

– As mãos de alguém que tentou matar você?

– Bom, quero dizer, parte de mim achou que você soubesse que eu queria… Você *tinha* de saber, certo? – Com uma careta, Ed remexeu nos lençóis. – Todos esses rumores? De que eu era como meu pai?

– Eu não achei que você fosse realmente fazer isso!

Arcadimon levantou-se abruptamente e começou a andar de um lado para o outro pelo quarto.

Eduoar franziu o cenho.

– É isso o que não entendo, Arc. Era isso o que você queria. Por que me impediu?

Seu amigo caminhou até a janela e olhou para algo no pátio abaixo. Como se tivessem vontade própria, seus dedos puxaram os punhos de sua camisa outra vez, soltando ainda mais o fio.

– Se você sabia sobre o veneno, porque tentou se matar? – Ele virou-se. – Por que você não simplesmente esperou?

– Por causa do que aconteceu nas Planícies Brancas – respondeu com delicadeza Eduoar.

– Oh.

Um toque de rosa surgiu nas faces de Arcadimon.

– A maldição leva todos aqueles que eu amo – interrompeu Ed. – *Todos*.

– Mas eu…

– Não diga. Se disser, eu não vou conseguir me segurar. Aí você vai morrer. –

Um sorriso triste passou por seus lábios. – Não me diga que você também não ia dizer. Esse é um sofrimento que eu preferiria evitar.

Arcadimon passou as mãos pelo cabelo, ajeitando-o tão perfeitamente que Ed quis despenteá-lo só para vê-lo fazer isso outra vez.

– Então, se você não estivesse amaldiçoado… – ele começou.

Se eu pudesse ter família, amigos e alguém com quem dividir minha vida?, sussurrou o coração de Ed. *Se eu pudesse ter você?*

Ele ainda podia ter sua tristeza. Mas, se não estivesse com tanto medo de amar alguém, de deixá-lo entrar, de machucá-lo como ele tinha sido machucado, tendo de ver tantos de sua família sofrerem e morrerem… Talvez pudesse querer viver. Talvez ele *pudesse* viver, de um jeito que nunca havia se permitido antes.

– Sou descendente direto de Ortega Corabelli – disse Eduoar com amargura. – Eu *sou* amaldiçoado.

Arc não respondeu. Em vez disso, atravessou o quarto e jogou-se em sua cadeira, com os braços pendurados dos lados. Ed quase riu. Arcadimon Detano não *relaxava*.

– Então, o que fazemos agora? – perguntou Arc. – Só continuamos como se nada tivesse mudado?

Eduoar apertou o rosto contra o travesseiro.

– Isso depende de por que você não me deixou morrer.

Arcadimon olhou fixamente para ele por um longo momento, tempo o bastante para Eduoar estudar os veios de ouro em seus olhos azuis e observar a dúvida e o desejo passarem por seus traços como as sombras de criaturas nas profundezas.

– Porque não estou pronto – disse Arcadimon por fim. – Eu não tenho o apoio de Abiye e, se você morrer, ela poderia ter bons argumentos para reivindicar a coroa.

Se havia mais, Eduoar não queria perguntar. Em vez disso, assentiu. Lady Abiye era sua tia-avó por parte de mãe. Governante da província de Gorman, ela era uma líder competente e uma inimiga formidável. Se quisesse governar depois do fim da linhagem Corabelli, ela e Arcadimon poderiam dividir o reino em uma guerra civil.

– Vou cuidar disso – disse Eduoar.

– Você vai o quê?

Arc aprumou-se. Parecia quase como ele mesmo normalmente, exceto pelos amarrotados nas roupas e a surpresa na expressão.

Ed quase riu. Não era todo dia que conseguia surpreender o amigo. Mas seus dias juntos estavam chegando ao fim.

– Eu vou me assegurar de que ela apoie um governo regente, com sua liderança – ele disse de maneira sóbria. – E depois…

– Ed…

– E depois, você vai me ajudar? – ele perguntou. Implorou. – Como meu amigo?

Dor passou pelos traços bonitos de Arcadimon.

– Vamos lá, Arc.

Arcadimon sacudiu a cabeça e forçou um sorriso.

– Está bem, está bem. – Ele puxou sua camisa, cheio de bravata. – Só não se apaixone por mim nem nada primeiro, está bem?

Eduoar sorriu.

– Pare de ser tão bonito que eu tento.

Capítulo 31



Como todos os tolos devem fazer

Um deles iria morrer. Arcadimon tinha certeza disso. Ele só não sabia quem.

Eu ou Eduoar?

Ele desceu apressado a escada, cada vez mais para baixo, até os níveis mais profundos do castelo.

Ed ou eu?

Se não fosse adiante com o assassinato, a Guarda iria matá-lo. Seu Mestre, Darion, podia até mesmo fazer isso pessoalmente. E, se isso acontecesse, Eduoar iria acabar morto do mesmo jeito.

Mas eu o amo. Talvez Ed não pudesse admiti-lo, mas Arcadimon não podia mais ignorar.

Arc passou para a adega e caminhou sinuosamente entre barris de aguardente e rodas de queijo em cura.

Eu não posso matá-lo.

Arcadimon levou a mão a um candelabro de parede de ferro e o puxou com força. As pedras roncaram, e uma área da parede deslizou para o lado. Ele espremeu-se na escada em caracol que levava ainda mais fundo sob a cidade, a uma das filiais da Guarda sob Corabel. Como uma versão menor da Sede Principal, a filial corabelli continha uma Biblioteca própria, calabouços para prisioneiros, alojamentos e um gabinete para Diretores conduzirem negócios quando estavam na cidade.

Ela também continha um portal para a Sede Principal, de modo que podia se comunicar com os outros Guardiões. Ele o estava usando para entrar e sair da

cidade desde que tinha catorze anos.

Um de nós vai morrer. Sua mente revirou o pensamento como se fosse um pedaço brilhante de vidro. *A menos que eu encontre um meio de manter nós dois vivos.*

Talvez com Ed a seu lado, ele não precisasse ser regente. Com Ed a seu lado, eles ainda poderiam se juntar à Aliança com Everica e Liccaro. Ainda poderiam unir os reinos sob um governo e estabelecer uma paz em Kelanna que duraria gerações.

Pelo mais breve segundo, Arcadimon imaginou Eduoar e ele sentados lado a lado no salão da corte, vestidos de branco, preto e prata como se tivessem sido recortados do firmamento.

Arcadimon sacudiu a cabeça. Ele não podia se permitir sonhar quando, em vez disso, tinha de se planejar.

Enquanto entrava no gabinete da filial corabelli, e passava pelas paredes com tapeçarias e candelabros apagados, deslizou um dedo pela superfície da mesa de Tanin. Isso deixou um traço negro na poeira. Com Tanin fora de serviço e Darion estabelecido com firmeza em Everica, ninguém ia ali havia meses.

Se Arc pudesse convencer Darion de que tinham o apoio de Eduoar, a Guarda talvez deixasse os dois viverem.

As chances eram remotas.

Mas era a única chance que tinham.

Arcadimon destrancou uma porta pequena e discreta e entrou em uma sala pequena e igualmente discreta. Tudo o que ela guardava era um único espelho de pé com uma moldura entalhada com cenas da Biblioteca – o portal.

Políticos não eram treinados nos níveis mais elevados da Iluminação como outros Guardiões, por isso ele nunca aprendera a se teletransportar como os Soldados ou os Assassinos. Como seu Mestre, ele precisava de portais para atravessar as longas distâncias entre Corabel, a Sede Principal e a fortaleza de Darion na capital evericana.

Para sua surpresa, entretanto, o lugar não estava vazio.

Havia uma mulher parada em frente ao portal com o cabelo negro raiado de branco caindo sobre as costas de sua blusa cor de marfim e de seu colete de couro. E uma lanterna no chão ao lado dela.

– Tanin. – Arcadimon parou repentinamente. – Eu não esperava vê-la aqui.

No espelho, os olhos dela cruzaram com os dele. Como em um desafio, Tanin empinou o nariz e lançou para ele um olhar na direção do ferimento que quase tirara sua vida. A cicatriz tinha a curva perfeita de um parêntese, com bordas impecáveis.

– É bom ver você depois de tanto tempo, Detano – ela sussurrou, usando o sobrenome dele como um insulto. De todos os Guardiões, Políticos eram selecionados mais por suas conexões que por suas aptidões para Iluminação, por isso apenas Políticos mantinham seus sobrenomes. – Você parece um pouco perturbado. Alguma coisa o incomoda?

De repente consciente das roupas amarfanhadas, Arcadimon resistiu à vontade de enfiar a camisa para dentro da calça. Em vez disso, ele lançou para ela um sorriso que deixaria qualquer outro com os joelhos bambos.

– Nada que eu não possa resolver.

As palavras pareceram mais confiantes do que Arc se sentia. Afinal de contas, ele ia barganhar pela vida do garoto que amava.

Com o homem que, originalmente, o ensinara a barganhar.

Tanin virou-se e o fixou com um olhar tão frio que o fez estremecer.

– Então há problemas no Reino do Norte.

Por dentro, Arc repreendeu-se por revelar qualquer coisa a ela. Ele não devia cometer erros – não com suas palavras. Era um *Político*. Precisava fazer melhor que isso se quisesse enfrentar Darion pela vida de Ed.

– É a garota? Ou outra coisa? – ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado. – Resistência de Gorman? Não me diga que aquela velha morcega da Abiye é imune aos seus charmes.

Arcadimon não conseguiu deixar de se impressionar. Tanin era boa, ou seus espiões eram bons. Não era surpresa que ela tivesse sido nomeada Diretora direto de seu Aprendizado.

Mas todos esses problemas já estavam a caminho de serem resolvidos.

E o único problema que restava era entre ele e Ed, apenas.

Eu o amo. Não posso matá-lo.

Arcadimon deu um sorriso mais largo.

– Você pensa muito na garota, não é? Imagino que tenha sido por isso que

enviou três navios atrás dela.

Tanin foi rápida em encobrir sua surpresa, mas Arcadimon também foi rápido o bastante para percebê-la.

– Alguém devia ter contado a você – ele prosseguiu. – Um navio chegou ontem.

A voz dela vacilou.

– Só um?

– Você tem sorte de o Diretor ter lhe dado tanto, depois do que você fez.

Os olhos de Tanin estreitaram-se.

– Sou grata pela generosidade do *Diretor*. Afinal de contas, ele dá muito pouco. – Ela avançou sobre Arc tão repentinamente que ele se encolheu. Diante dessa demonstração de fraqueza, Tanin sorriu, e não com simpatia. – Então conte-me: Detano, o que você está indo pedir a ele com tanta pressa?

Ela piscou.

Tanin ia usar o Olhar nele.

Rapidamente, Arcadimon avaliou sua aparência. Ele tinha trocado as roupas sujas de sangue. Tinha lavado as mãos e o rosto. Não havia marcas para traí-lo nem o que havia transpirado nos aposentos reais, quando ele decidira salvar a vida de Eduoar.

Havia?

O olhar de Tanin viajou para sua manga, e ele sentiu um vazio no estômago.

O fio solto, como um ponto de interrogação, enroscando-se no punho de sua camisa. Ele o estivera puxando no quarto de Eduoar enquanto discutiam o assassinato.

E embora nem ele nem o rei tivessem dito isso em voz alta, ao ler esse momento, Tanin soube.

Eu o amo. Não posso matá-lo.

Arcadimon viu isso nos olhos dela, em seu sorriso triunfante.

– O sentimento nos deixa todos tolos – ela sussurrou, piscando outra vez para afastar o Olhar. – Mas, se há algo que Stonegold não tem, é sentimento.

Arcadimon esquivou-se em torno dela e caminhou junto da parede na direção do portal.

– Não é sentimento manter Eduoar vivo. É estratégia.

Suas palavras pareciam pequenas e ingênuas, mesmo para si mesmo. Ele jamais convenceria Darion desse jeito.

Tanin deu de ombros.

– Eu amei uma vez. Lon e Mareah. Eu os amava muito e, quando eles partiram, precisei escolher: amor ou dever. Você também vai ter de escolher um dia, Detano, seu Mestre ou seu rei, sua missão ou seu coração, como todos nós tolos devemos fazer.

Arcadimon engoliu em seco quando suas costas atingiram a estrutura decorada em ouro do portal.

– Você vai contar a ele?

– Achei que você fosse fazer isso. – Ela sorriu outra vez, um sorriso tão estreito quanto sua cicatriz, mais ameaçador que uma lâmina envenenada. – Mas, se está com outras ideias, seu segredo está seguro comigo.

Ele virou-se e partiu pelo espelho, com a risada dela a segui-lo em seus calcanhares.

Capítulo 32



Os mortos foram tudo o que ele viu

Depois da batalha, Arqueiro sonhou com Versil – a mandíbula inerte, respingos de chuva em suas faixas brancas de pele – e com Kaito – o raio em seus olhos verdes, a raiva, a traição, a mudança em sua expressão quando Arqueiro sacou o revólver.

O medo. A total falta de surpresa.

– Ele não pareceu surpreso – disse uma vez Arqueiro, olhando para Sefia do outro lado da tenda, enrolada na cama de campanha de Kaito. – Todo mundo pareceu surpreso. Mas ele não.

No início, quando Arqueiro tinha pesadelos, Sefia tentava confortá-lo, tentava se enroscar em volta dele e acariciar seu cabelo, mas ele se afastava. Virava as costas. Então, agora, noite após noite, ela o observava sonhar do outro lado da barraca, o observava se debater e acordar, e sonhar outra vez.

Ele sonhava com a fonte de sangue e o modo como a cabeça de Kaito tinha ido para trás.

– Quantas vezes você pode matar seu irmão?

Sefia não disse nada. Os dois sabiam a resposta – cinco, dez, vinte, tantas vezes quantas fossem necessárias para o sol nascer e expulsar os sonhos.

E ela ficava com ele, na cama de Kaito, torcendo para que sua presença fosse o suficiente para que o rapaz soubesse que não estava sozinho.

De manhã, a chuva voltou, varrendo as campinas em pancadas lentas e constantes.

Em um silêncio contido, os sangradores construíram suas piras de madeira e

pedras pretas. Sefia recolheu flores para Frey, que circundou os quatro corpos que tinham envolvido em linho branco, entrelaçando trevos e cardos nos gravetos para acender o fogo.

Arqueiro estava parado atrás dos galhos de um carvalho com os traços distorcidos por seus ferimentos. Água escorria de seu cabelo e das pontas de suas orelhas, e suas roupas encharcadas pareciam vestir tão mal quanto as que Sefia roubara para ele em Oxscini.

Ele não era mais o garoto perdido do caixote, mas parecia perdido sem Kaito, sem seu irmão.

Quando chegou a hora do funeral, Aljan apareceu de sua tenda com pontos brancos de tinta nos cantos dos olhos.

Os sangradores se reuniram sob a árvore, ouvindo o sussurro da chuva nas folhas, o chiado e o crepitar das tochas fumegantes.

Eles deram tapinhas nas costas de Aljan. Os sangradores o abraçaram e disseram palavras reconfortantes, mas, quando terminaram, eles foram embora, e como água seus olhares afastaram-se de seu irmão de luto.

Era engraçado, pensou Sefia, como sua tristeza podia isolá-lo quando unia todas as outras pessoas. Como se a tragédia fosse uma explosão, e quanto mais perto você estivesse dela, mais quente você queimava, até que ninguém conseguisse olhar diretamente para você sem o risco de se queimar também.

Os sangradores também não olharam para Arqueiro.

Sefia não sabia se era por respeito, medo ou desconforto.

Eles revezaram-se para falar da bravura de Versil, de seu riso e de suas piadas. Griegi relatou a eles sobre quando eram prisioneiros, e Versil lhes contava histórias.

– Às vezes, Versil falava a noite inteira. Ele nos contava piadas, canções de ninar, qualquer coisa para nos dar algo em que nos segurar, algo para nos nutrir…

Os sangradores falaram sobre Kaito também – sua ferocidade, sua lealdade, sua liderança – e quando parecia que mais ninguém tinha nada a acrescentar, todos voltaram-se para Arqueiro.

No início, ele não disse nada. Seu rosto, machucado e com curativos como estava, permaneceu impassivo.

Sefia quase deu um passo à frente, mas, depois de um momento, ele se aprumou. Seu olhar percorreu os sangradores, os cadáveres em seus estrados, e finalmente parou em Kaito – ou no que antes tinha sido Kaito.

– Ele era meu irmão, e eu o amava. – A voz de Arqueiro despedaçava-se. – Mesmo no fim.

Sefia encontrou sua mão e passou o dedo pelas ataduras, pelas cascas nos nós dos dedos.

Aljan deu um passo à frente. Gotas de chuva escorreram por sua testa, sobre a tinta branca no canto dos olhos, enquanto ele tirava uma folha de papel do bolso.

Sefia captou um vislumbre de marcas negras, talvez um T ou um E, talvez um C ou um E, mas Aljan não leu as letras. Debruçado em cima do estrado, ele enfiou o pedaço de papel nas dobras do tecido que envolvia o corpo do irmão – uma pintura, uma mensagem, um segredo.

O cartógrafo pegou uma tocha e levou a chama até a pira funerária.

– Nós estávamos mortos – disse Frey. – Mas agora nos erguemos.

Como se tivessem recebido um sinal silencioso, os sangradores cruzaram os braços e baixaram a cabeça.

Arqueiro não fez isso.

Ele saiu andando pelos penhascos na direção do mar, onde parou na beira com as mãos nos bolsos, observando o *Artax* ancorado balançar suavemente.

Pouco tempo depois, Sefia juntou-se a ele.

– Nós não podemos continuar a caçar impressores, não depois disso – ela disse.

– O que mais podemos fazer? – A voz dele estava rude.

– Fugir.

– Para onde?

– Não sei. Para qualquer lugar. Roku, talvez.

Com sua costa vulcânica sulfurosa, o menor dos reinos insulares, no sul profundo, podia ser remoto o suficiente. A Guarda poderia levar anos para encontrá-los lá.

Arqueiro olhou para Sefia.

– Você uma vez me disse que ninguém vai para Roku.

– Nós podíamos ser os primeiros. – Ela conseguiu dar um leve sorriso. – Ninguém vai nos deter. Os outros podem vir conosco, se quiserem.

Uma viagem a Roku não era o que o Livro havia mostrado a ela. Mas o Livro era um oráculo inconstante, e não era possível confiar nele.

Talvez houvesse uma razão para que eles não estivessem juntos no futuro. Talvez violência e vingança fossem a essência fundamental de seu relacionamento e, quando isso terminasse, tudo o que tinham construído juntos desmoronaria.

Ela tinha visitado o futuro de Arqueiro várias vezes, mas não podia saber ao certo quando ele iria voltar para Jocoxa. Talvez voltasse para casa em alguns anos, e não em algumas semanas.

E talvez o *ele* que o Livro dissera a Sefia para esquecer não fosse Arqueiro. Talvez fosse outra pessoa.

Talvez, depois que se separassem, eles encontrassem um ao outro novamente.

– Roku, hem? – disse Arqueiro, interrompendo seus pensamentos.

Ele parecia muito cansado. Talvez ele, como ela, também estivesse cansado de lutar.

– Por que não?

Os dedos dele encontraram o cristal em seu pescoço.

– Então Roku – murmurou.

Era um momento estranho no acampamento.

Apesar de suas vitórias, havia menos um ar de celebração que de tristeza e incerteza. Arqueiro deu instruções a Scarza, seu novo segundo homem, para mandar os prisioneiros para a cidade mais próxima, e a maior parte dos sangradores, precisando de algo para se ocupar, foi junto.

– Quando você vai dizer a eles que estamos parando? – perguntou Sefia.

– Logo – foi tudo o que falou Arqueiro.

À noite, ele sonhou. Acordou. Procurou por ela na escuridão. Sonhou. Acordou. Ele disse pouco.

– Eu gostaria de ser outra pessoa – sussurrou uma vez. – Alguém melhor. Se eu fosse outra pessoa, talvez Kaito ainda estivesse vivo.

Sefia virou-se para olhá-lo e enfiou as mãos embaixo do rosto.

– Eu não quero mais ninguém.

Durante o dia, Arqueiro começou a trabalhar no *Artax*, preparando-o para a viagem para o sul. Sua primeira atitude foi jogar ao mar os chicotes e as armas dos piratas de Serakeen, e seus instrumentos de tortura afundaram no oceano.

Sefia uniu-se a ele. Era bom trabalhar a seu lado outra vez, como costumavam fazer no *Corrente da Fé*. Juntos, eles lavaram os conveses, esfregando as manchas de sangue até que as escovas ficaram vermelhas.

Uma vez, Arqueiro esfregou com tanta força que desgastou praticamente todas as cerdas. Sefia teve de tirar a escova de suas mãos trêmulas e esticar seus dedos, um de cada vez, de suas posições retorcidas.

– Desculpe – ele balbuciou.

– Não precisa se desculpar.

Às vezes, quando estava trabalhando, Arqueiro sentava-se erguido e olhava ao redor, então seus olhos endureciam, e ele voltava ao trabalho.

Embora não dissesse isso, Sefia desconfiava de que ele estava sempre se esquecendo de que Kaito estava morto, estava sempre à sua procura, e sempre tinha de lembrar a si mesmo.

Ele matara Kaito.

Quando Scarza voltou da cidade com o resto dos sangradores, eles começaram a trabalhar também. Pintaram o *Artax*, apagando o amarelo e o preto de Serakeen com um padrão vermelho e branco.

Aljan rebatizou o navio de *Irmão*.

– Você precisa dizer a eles que a missão terminou – Sefia sempre falava a Arqueiro.

Mas tudo o que ele respondia era:

– Logo.

Sefia não consultou o Livro. Depois das mortes de Versil e Kaito, ele permanecia guardado no interior de sua mochila, embaixo da cama de Kaito, onde não podia guiá-la equivocadamente outra vez. O passado causara a ela apenas confusão. O futuro lhe dera apenas tristeza.

Por enquanto, o presente – e a promessa de liberdade – já era o suficiente.

Certo fim de tarde, Sefia encontrou Arqueiro sentado no cesto da gávea, observando o sol derreter na água. Ela escalou o cordame e sentou-se ao lado

dele, apoiada na grade de proteção.

Uma brisa fria despenteava o cabelo de Arqueiro e puxava as mangas e as pernas de sua calça. Seus hematomas estavam começando a desaparecer, mas as sombras verde-arroxeadas de suas noites em claro e cheias de tristeza permaneciam.

– Você sabia que Versil também queria conhecer Roku? – ela perguntou. – Ele queria caçar dragões. Não os matar. Só para vê-los com os próprios olhos, para provar a si mesmo que não estavam ex…

– Eu não posso ir para Roku – disse Arqueiro abruptamente.

Ela encostou-se. Uma profunda sensação agourenta abriu-se em seu interior.

– Por que não?

Atrás dele, a água transformou-se em ouro e âmbar ao pôr do sol. Seu rosto estava na sombra, exceto pelos olhos, que tinham o brilho predatório de um felino caçador.

– Oxscini é mais perto – ele respondeu. – E nós já sabemos que podemos encontrar impressores por lá.

Machada estava em Oxscini. Annabel estava em Oxscini.

– Eu achei que você tivesse terminado – disse Sefia. – Achei que nós tivéssemos terminado.

– Como podemos ter terminado quando ainda há garotos a salvar? Com você e o Livro, nós podemos… – Ela sacudiu a cabeça, mas ele seguiu adiante. – Nós não vamos confiar no Livro dessa vez, se é disso que você tem medo. Só precisamos que localize os impressores. O resto nós resolvemos rápido.

– Pare. Pare, Arqueiro. Você não pode. Não depois do que aconteceu com Versil, com *Kaito*…

– Eu estou fazendo isso por Kaito. Você não vê? É assim que vou reparar o que causei a ele. É assim que eu o honro. É isso o que Kaito faria por mim, se eu estivesse morto, e ele ainda estivesse aqui.

– Mas isso devia ter acabado!

Os olhos dele brilharam e, por um segundo, foi como se ele *fosse* Kaito.

– Isso nunca vai acabar – disse Arqueiro, suas palavras foram quase um rosnado.

Sefia agora podia ver. Ele e os sangradores iriam atravessar Oxscini –

matando impressores, reunindo seguidores – e então prosseguiriam para Liccaro, Everica ou Roku. Eles iriam perder alguns garotos pelo caminho, é claro, mas toda vez isso doeria um pouco menos, cobraria um pouco menos deles, porque haveria cada vez menos a cobrar.

Com o tempo, o garoto que ela conhecia iria desaparecer. Ele ainda poderia ser chamado de Arqueiro, mas seria outra pessoa. Alguém com um exército.

E com um destino sangrento.

– Você está comigo?

Arqueiro tentou pegar a mão dela.

Sefia a puxou e procurou no rosto dele sinais de dúvida, de alguma indicação de que pudesse conversar com ele, argumentar com ele, fazer com que mudasse de ideia.

Mas tudo o que viu foi tristeza e uma amarga determinação.

Arqueiro estava certo.

Ele não podia parar.

Era o garoto das lendas, o garoto que a Guarda queria para a Guerra Vermelha.

Naquela noite, Arqueiro esboçou seu plano para os sangradores e disse a eles que lhe contassem suas decisões de manhã. Dúvida tremeluziu em vários de seus rostos, mas era como se a maioria deles já soubesse que iria segui-lo aonde quer que ele fosse. Ele era seu chefe, afinal de contas.

Enquanto ele dormia, Sefia pegou sua mochila. Dentro dela, o Livro estava exatamente como ela o deixara, envolto em sua embalagem à prova d’água.

Sefia abriu o invólucro de couro e traçou o ⛀ na capa: duas curvas para seus pais. Uma para Nin. A linha reta para si mesma. O círculo para o que tinha de fazer.

Só que, agora, havia apenas uma coisa a fazer.

– Diga-me como detê-lo – ela sussurrou. – Diga-me como mantê-lo em segurança.

Ela abriu o Livro, e ali encontrou sua resposta. Não no futuro, mas no passado.

Um passado que ela não sabia que existia.

Um passado que havia sido apagado.

TÍTULOS SÃO

A última Escriba

Houve uma vez, mas nem sempre haverá. Esse é o fim de toda história.

Havia um mundo chamado Kelanna, um mundo maravilhoso e terrível, de água e navios e magia. O povo de Kelanna não tinham muitas particularidades dignas de nota — eles falavam, trabalhavam, amavam e morriam —, mas era diferente em um detalhe importante: para eles, ler e escrever eram magia.

Eles praticavam feitiços para criar luz sem pederneira e mecha, para olhar o futuro, para transformar sal em ouro. Registravam suas histórias em tomos imensos — sua matemática e filosofia, todos os seus segredos e descobertas —, reunindo tanto conhecimento tão rápido que seus salões transbordavam de livros, e quando dormiam, eles enroscavam-se embaixo de folhas de papel com encantamentos escritos, sonhando com invenções ainda a serem inventadas, descobertas a serem feitas.

Entre os letrados, os mais exaltados eram aqueles que pertenciam a uma sociedade de elite de leitores conhecida como a Guarda, que possuía o Primeiro Livro.

Geração após geração, os guardiões trabalharam em cima dele, examinando suas páginas e as copiando, colhendo conhecimento como feixes de trigo. Por anos, eles circularam suas descobertas, ensinando as pessoas, alimentando seu desejo por mais conhecimento e mais poder. Sua magia proliferou tão rápido que Kelanna foi tomada por ela, da mesma maneira que uma praia é tomada pela maré.

E, como acontece com a maré, alguns se afogaram.

Reinos lutaram. Pomares queimaram. Cidades desmoronaram. A própria geografia das Cinco Ilhas foi transformada pela violência de seus conflitos.

Cinco das divisões da Guarda — Bibliotecários, Políticos, Soldados, Assassinos e Administradores — lutaram em vão para controlar a explosão de magia, mas Kelanna já estava saturada dela, doente e corrupta com o poder da palavra escrita.

Então os Guardiões voltaram-se para sua sexta e última divisão: os Escribas, que residiam em uma abadia nas profundezas do gelado Extremo Norte.

Escribas eram mais poderosos que quaisquer dos outros Guardiões, pois sabiam como reescrever o mundo. Com um movimento de pena, eles podiam apagar um homem da história, inscrever novas estrelas no firmamento, alterar as correntes do vasto mar azul.

Quando a Mestra Escriba soube da desordem nas Ilhas, viu que tinha uma escolha à sua frente, a escolha mais difícil que qualquer Guardião poderia fazer.

O mundo era belo, precioso, capaz de moldar seu próprio tecido em formas refinadas e transcendentes.

Mas também era perigoso, traiçoeiro, capaz de corromper até o mais honrado com um desejo insaciável de conhecimento e poder.

A Mestra Escriba reuniu seus criados e Aprendizes e lhes apresentou essa escolha:

Destruir a palavra e preservar o mundo?

Ou preservar a palavra e, ao fazer isso, destruir o mundo?

Os Escribas deliberaram por muitos meses e, ao fim da deliberação, todos eles pegaram suas penas.

Usando uma magia antiga e profunda, eles revisaram o próprio mundo Iluminado, em tintas de ouro e luz. Erradicaram o conhecimento da leitura e da escrita de Kelanna, apagando alfabetos, livros, encantamentos, bibliotecas, universidades, todas as instituições construídas sobre fundações de leitura, escrita e magia. Eles pegaram tudo — canções de encantamento, livros de histórias, volumes de poesia, dissertações científicas, plantas de inovações arquitetônicas, até os próprios acontecimentos do passado —,

deixando para trás apenas cascas vazias: rimas sem sentido, invenções impossíveis de reproduzir, cidadelas tão complexas que, sem registros para mostrar como tinham sido construídas, ninguém podia descobrir como copiar.

Sob a direção da Mestra Escriba, eles extirparam da história todo traço de leitura e escrita — exceto a Guarda. Alguém precisava proteger a palavra escrita, preservar a memória do que tinha acontecido quando ela ficava sem controle, e assegurar que nunca mais corresse solta pelo mundo outra vez.

Mas havia um bastião de conhecimento da leitura e da escrita a ser eliminado, um lugar dedicado à magia mais arriscada de todas, um lugar perigoso demais para existir.

A Abadia dos Escribas.

Para impedir que alguém os encontrasse, os Escribas ergueram muros enormes de gelo em torno da totalidade do Extremo Norte, tão íngremes e formidáveis que obscureciam até mesmo a memória das terras geladas além.

Aí os Escribas usaram suas penas, ou quaisquer instrumentos arcanos que eles utilizavam para seu ofício, pela última vez. Não iriam mais reescrever o mundo.

Sozinha em seu gabinete, a Mestra Escriba continuou o trabalho. Sua pena corria pelas terras do Extremo Norte, riscando estradas e aldeias isoladas, homens de sapatos de neve, cães de trenós e crianças dormindo em seus cestos.

E quando sua magia chegou à sua própria Abadia, ela destruiu isso também.

Foi ela que derrubou os telhados íngremes com calhas congeladas. Desmoronou chaminés e lareiras chamejantes, as paredes, as janelas, os tetos ladrilhados. A mobília foi rachada. Os pisos, partidos al**i**.

Capaz de ouvir o ruído da própria pena atingindo cada aposento da Abadia, das adegas aos sótãos, a Mestra Escriba trabalhava eliminando a todos. Assim, seus Aprendizes, todos os homens, mulheres e crianças que serviam ali acabaram sem vid**a**.

Em um mundo iletrado, não podia haver Escribas, que detinham a magia mais poderosa de todas: o poder de reescrever o mundo Iluminado. Então ela os sacrificou.

Ela podia ouvir a aproximação da própria ruína, podia ouvi-la chegar trovejando pelo corredor em explosões de rocha e poeira, e, quando a alcançou, a Mestra Escriba cortou a linha da própria vida com um último floreio.

Tudo ficou imóvel.

Kelanna estava livre do mundo escrito. Apenas as cinco divisões da Guarda permaneciam, protetoras do Primeiro Livro, uma última linha de defesa entre a palavra e o mundo.

Capítulo 33



Veneno na língua dela

Sefia perguntara como ajudar Arqueiro a escapar de seu destino, e o Livro tinha respondido.

Se você quer salvá-lo, você não pode tê-lo.

Para impedir que o povo de Kelanna destruísse uns aos outros, a Mestra Escriba tinha sacrificado seu propósito, suas crenças, as pessoas a seus cuidados. Ela riscara até a própria vida do mundo.

Para salvar Arqueiro, tudo o que Sefia tinha de fazer era deixá-lo.

Ela soube que ele era um matador desde o dia em que se conheceram, mas agora ele era um guerreiro, e um líder, e se ele não parasse – se *ela* não o detivesse –, a Guarda iria reclamá-lo, e sua guerra iria matá-lo.

E Sefia não ia deixar que isso acontecesse. Ela ainda podia mudar seu destino. Se ela fosse capaz de salvá-lo de si mesmo, e da Guarda.

Se ela o deixasse, Arqueiro não teria mais o Livro para guiá-lo até os impressores. Mas, se Sefia o deixasse, ele ficaria mais vulnerável à Guarda.

Ela tinha de impedi-los de buscá-lo. Ela tinha de removê-lo de seus planos para sempre.

Alguns dos sangradores tinham partido, incluindo Mako, o mais novo, mas dezenove permaneceram. Enquanto eles preparavam-se para a viagem para Oxscini, vendendo os cavalos e carroças para as provisões de que iriam precisar durante suas semanas no mar, um plano começou a tomar forma na mente de Sefia.

Não era um grande plano. Ela estaria abrindo mão do Livro, de sua liberdade, talvez de sua vida, e de todas as vidas que pudessem se perder na Guerra Vermelha.

Mas Arqueiro ficaria em segurança. Ele seria feliz.

Porque ela tinha uma coisa que a Guarda queria mais do que queria o garoto das lendas.

Ela conferiu o Livro para assegurar-se, viu a si mesma fazendo a barganha, sabia que isso iria acontecer.

Sefia sabia que não devia confiar que tudo correria tranquilamente depois disso, mas também sabia que, por mais arriscado que fosse seu plano, ele ainda podia funcionar. E ela precisava aproveitar essa oportunidade.

Seu segredo era como um veneno que guardava na língua. Uma palavra falsa, um sussurro sobre o que ela sabia sobre o futuro de Arqueiro ou os planos frágeis dela, e Sefia podia acidentalmente romper o silêncio… e forçá-lo a se aproximar da própria morte.

Então ela guardou aquilo para si mesma, entre seus dentes, e envenenou-se sozinha.

No dia da partida do *Irmão*, Sefia estava parada no penhasco acima da pedreira inundada enquanto o vento beliscava seu cabelo e sua roupa, como se estivesse tentando arrastá-la para o mar.

Sua mochila estava a seus pés, e nela, o Livro.

– Sefia? – perguntou Arqueiro às suas costas.

Ela virou-se. Em suas mangas de camisa arregaçadas e botas surradas, ele tinha uma espécie de beleza rústica – alto e de queixo e ombros largos, com a graça e a agilidade de um gato selvagem. Era mais confiante do que o garoto que Sefia conhecera mais de quatro meses atrás, mais à vontade na própria pele.

Mas ele estava ferido. De perto, ela podia vê-lo – as cicatrizes na linha do cabelo da luta de facas no *Corrente da Fé*, ferimentos de bala franzidos, arranhões, manchas, hematomas esmaecidos, cortes em forma de crescente no rosto e nos nós dos dedos, e uma expressão nos olhos dourados que dizia a ela que, não importava quantos sonhos ele sonhasse ou quantas lutas enfrentasse, Arqueiro nunca conseguiria esquecer o que tinha feito, as pessoas que havia matado.

– Você está pronta? – ele perguntou.

Não. Mas Sefia pôs o bastão do imediato, feito da mesma madeira do *Corrente*, na palma da mão dele.

Ele piscou, esforçando-se para entender o que aquilo significava, então seus olhos arregalaram-se.

– Você não vem?

O vento ardeu em seu rosto quando ela sussurrou:

– Não.

Ele agarrou o bastão e disse em voz baixa.

– Eu achei que você estivesse comigo.

– Não posso mais ver você fazer isso consigo mesmo. É como se estivesse se matando, e nem soubesse disso.

– Estou tentando reparar as coisas que eu fiz.

Ela deu um sorriso triste.

– Acho que você está tentando justificar o que *ainda* está fazendo.

Um músculo retorceu-se em seu maxilar.

Sefia quase contou a ele. Ela quase contou seu plano inteiro. Talvez, apenas talvez, as coisas pudessem ser diferentes. Talvez eles pudessem ficar juntos.

– Venha comigo, por favor – ela disse, segurando seu pulso. – Só venha comigo. Diga a eles que você não vai. Diga que acabou. Juntos, podemos fugir. Juntos, podemos ser livres.

Por um segundo, Arqueiro hesitou, e Sefia achou que ele pudesse ir com ela, desistir dos sangradores, desistir da missão, desistir de tudo para ficar com ela, aonde quer que fosse.

Mas aí ele cerrou os punhos e afastou os olhos.

– Eu não sou livre – ele disse.

E Sefia engoliu seu segredo de uma vez por todas.

– Então… – ela disse. – Eu acho que isso é…

De repente, Arqueiro segurou-a e a puxou para perto – suas mãos encontraram sua cintura, sua espinha, seus ombros.

Ele a empurrou para trás outra vez, olhando fixamente em seus olhos.

– Eu amo você – disse Arqueiro. – Eu devia ter lhe dito antes. Eu amo você.

As palavras a deixaram sem fôlego.

Amor?

Amor.

É claro.

Ela não disse o mesmo em resposta – não podia, ou nunca conseguiria partir –, mas isso não impediu que se jogasse contra ele, esmagando seus lábios com os dela, emaranhando os dedos em seu cabelo. Seus corpos aproximaram-se tanto que até suas respirações estavam misturadas – a entrada e a saída desesperada de ar entre eles enquanto encontravam a boca um do outro repetidas vezes.

Doía. Seu peito estava tão apertado que todo beijo era uma flecha, e seu coração, uma corda trêmula.

Finalmente, Arqueiro tomou seu rosto nas mãos e passou os polegares sobre suas bochechas.

– Não vá – ele sussurrou.

– Venha *comigo*.

Arqueiro encontrou seus lábios de novo. E de novo. E toda vez parecia a última, e toda vez não era.

– Aonde você vai? – perguntou.

– Corabel – respondeu Sefia com delicadeza. – Mas não sei para onde, depois disso.

– Será que eu vou tornar a vê-la?

– Eu não…

Arqueiro a interrompeu com sua boca.

– Eu amo você – ele disse entre beijos. – Amo você. Amo você.

Sefia fechou os olhos, memorizando o som de sua voz, as formas de suas palavras contra seus lábios. Ela as trancou no fundo de seu ser. Porque não sabia se iria tornar a vê-lo – não por anos, talvez, se ela conseguisse escapar –, e Sefia iria precisar dessas palavras nos dias vindouros.

Por fim, separaram-se pela última vez, com a pele corada, os rostos radiantes. Eles eram açoitados pela brisa marinha, que agitava o capim em um frenesi.

Sefia pegou a mochila no chão e ficou de pé.

Arqueiro parou ao lado dela. Ele não parecia saber o que fazer com as mãos. Elas mexiam-se sem propósito por seus bolsos, pelo peito e pescoço, de onde ele removeu o cordão de couro.

Sefia piscou. Ele não tinha aquilo quando ela lera seu futuro no Livro, mas ela supusera que Arqueiro o houvesse jogado no mar, estilhaçado-o sob seu calcanhar, talvez. Qualquer coisa para esquecê-la.

Em vez disso, ele o pôs por cima da cabeça dela. Ainda quente de sua pele, o pedaço de quartzo aninhou-se no V aberto de sua gola, abaixo da laringe.

– Obrigada – ela sussurrou.

Ele quase pareceu prestes a responder, mas apenas apertou os lábios e fez um aceno com a cabeça.

Sefia deu um passo para trás. Amassou capim com o salto da bota. Em seguida, ela virou-se e começou a longa caminhada para sudeste até Corabel, com o peso do Livro contra a parte baixa de suas costas.

Choveu na primeira noite, e Sefia encolheu-se em estado lastimável no interior de sua tenda, observando seu fogo fraco chiar e crepitar sob a garoa.

Claro, o clima era o menor de seus problemas.

Sua mão não parava de ir até o cristal pendurado em torno de seu pescoço, até que a pedra ficou mais quente que seus dedos rígidos. Ela a segurou firme no punho quando abriu a mochila e começou a queimar seus pertences.

Lenços bordados. Ataduras. Carretéis de linha.

Nada que ela levasse a Tanin poderia estar marcado pelo tempo que passara com Arqueiro e seus sangradores, pois qualquer Iluminador digno do nome conseguiria obter informação de um rasgo em uma manga, um amassado em uma caneca.

E Sefia não podia arriscar que eles descobrissem nada sobre Arqueiro. Nem sobre onde ela planejava esconder o Livro.

Pelo caminho, negociou o que não conseguiu destruir. Garfos. Panelas. Facas. Nada no mesmo lugar. Sempre trocados por objetos de menor qualidade.

Sefia começou a roubar outra vez. Passou a bater carteiras como se nunca tivesse parado. O roubo era mais fácil com Iluminação. Com um movimento dos dedos, ela podia derrubar uma pilha de pratos de lata, ou fazer um lenço sair voando com um vento inexistente, usando a distração para soltar broches preciosos ou arrancar colares de pérolas.

Ela comprou um cavalo alguns dias após deixar a costa e o trocou por outro um dia depois. Em toda cidade que passava, por todo mercador que cruzava,

Sefia abria mão de alguma coisa, até que seus pertences estavam espalhados por todo o sul de Deliene como sementes de dente-de-leão ao vento.

Na última noite, ela alugou um quarto particular em uma estalagem em Jahara e sentou-se diante do pequeno fogão à lenha com seus últimos quatro pertences alinhados no chão como cartas.

O Livro.

As gazuas de Nin.

Sua pena verde.

A pedra da preocupação de Arqueiro.

Sefia abriu a porta de ferro do fogão, e um bafo de calor beijou seu rosto. Com um suspiro, ela ergueu o pacote das velhas ferramentas de Nin até o nariz e inalou o cheiro de couro. Ele cheirava como noites passadas olhando as estrelas na amurada de um navio, como horas armando séries de armadilhas na floresta oxsciniana, como suor, terra e a solução de conserva que Nin usava para tratar as peles.

Sefia desenrolou o estojo e pegou as ferramentas que iria jogar no Estreito Callidiano da balsa para Corabel. Em seguida, jogou a embalagem no fogão.

Manchas escuras como hematomas surgiram nas superfícies oleosas, e veio o cheiro de couro queimado. Ela observou o estojo encolher até ficar negro e duro como um carvão.

Sefia esfregou lágrimas dos olhos e pegou a pena, em seguida, alisou-a com os dedos até que ela ficou parecida com o que era na noite em que a recebera de presente de Arqueiro.

O fogo a devorou rapidamente, em uma baforada de fumaça.

Aí Sefia pegou a pedra da preocupação em seu cordão de couro. Ela brilhou com a luz do fogão, seus rutilados negros e dourados reluzindo como fogos de artifício no interior do cristal.

Ela esfregou o rosto e respirou fundo.

Mas ela não conseguia abrir mão. Não disso.

Sefia pôs o pedaço de quartzo outra vez em torno do pescoço, fechou o fogão e puxou o Livro para seu colo. Com as costas apoiadas na lateral da cama, ela abriu a capa à prova d’água e passou os dedos pelas bordas da capa.

Podia levar anos até que ela o visse outra vez. Se o visse outra vez.

A única coisa que lhe restava de seus pais.

Ela traçou o ⛒ com a ponta do dedo úmida. O círculo pelo que ela tinha de fazer. *Desista*. A linha reta. *Por Arqueiro.* Uma curva para Nin. Duas curvas para seus pais.

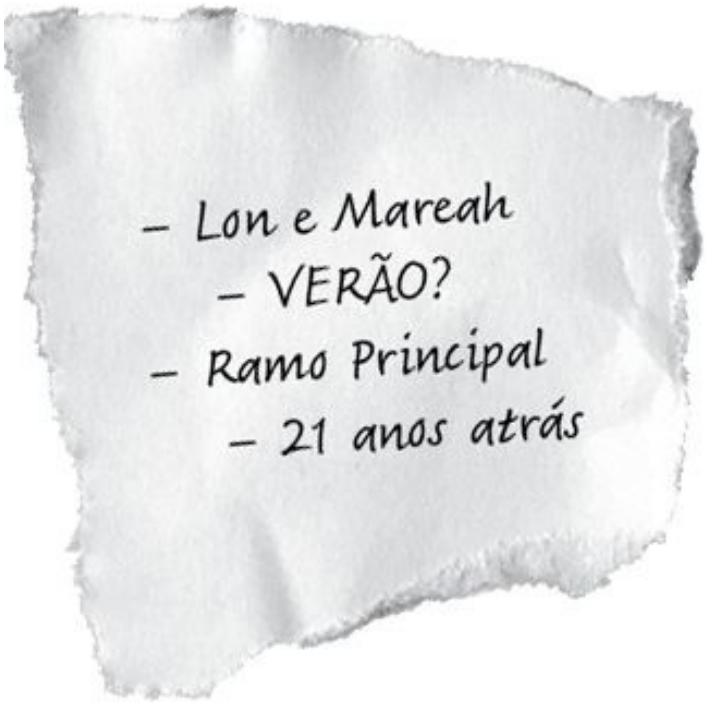
Lon e Mareah, que ela nunca mais tornaria a ver depois disso.

Sefia fechou os olhos, encontrou as fivelas e as abriu. As páginas com bordas douradas eram lisas como cetim sob seus dedos.

– Mostre-me meus pais – ela sussurrou. – Uma última vez.

MENTIRAS.

Roubo



No quarto, Lon estava terminando de vestir a camisa quando bateram na porta. Ele engoliu meia xícara de café frio da noite anterior e deu a volta nos livros que se espalhavam pelo chão. Lon devia ter acumulado meia biblioteca agora, estudando Fragmentos até tarde da noite, tomando notas em pedaços de pergaminho enquanto as lâmpadas elétricas zuniam ao lado de sua cama. Tudo como preparativo de sua partida e de Mareah, enquanto ele tramava um plano para roubar o Livro e desaparecer da Guarda sem deixar rastro.

A batida soou outra vez.

Ele conseguiu enfiar metade da camisa na calça antes de abrir a porta.

Mareah estava ali parada em traje completo de Assassina — toda de preto, com sua espada de sangue ao lado. Tanin estava atrás dela,

olhando de Lon para Mareah com olhos grandes e cinza.

O sorriso foi desaparecendo dos lábios de Lon. *Nós fomos descobertos?*

— Bom dia, Mar… — ele começou.

— Não use esse nome — ela o repreendeu.

Lon fechou a boca com um *click* audível. Ele podia ter sido descoberto, mas se Mareah estava se distanciando dele, ela ainda não havia sido implicada. Devia ter sido chamada para escoltá-lo. Apesar das circunstâncias, Lon sentiu-se lisonjeado pela Guarda considerá-lo tão perigoso.

— O diretor Edmon solicitou sua presença no Gabinete do Administrador — disse Tanin, quase se desculpando.

Lon sentiu seus braços arrepiarem-se. O Gabinete do Administrador ficava enterrado fundo na montanha, abaixo dos níveis primários da Sede Principal, tão encravado na rocha que prisioneiros ali mantidos não podiam ser ouvidos gritando.

O Gabinete do Administrador significava que o que quer que Edmon desconfiasse dele, era sério. Algo merecedor das masmorras.

— Para quê? — perguntou.

O olhar de Mareah cruzou com o de Lon por um breve segundo antes de fixar-se na parede acima da cama dele, onde tinham escondido a chave que Nin fizera para eles — uma cópia da que Erastis usava em volta do pescoço.

Nós fomos descobertos. Lon passou nervosamente as mãos pelo cabelo. Eles não estavam prontos. Ainda não tinham feito um molde da chave do diretor Edmon. E nem sabiam onde ele a guardava.

O que quer que acontecesse em seguida, Lon precisava confiar em Mareah.

Tanin foi à frente pelos corredores, cada vez mais fundo na montanha, descendo escadas em caracol e corredores inclinados. As colunas entalhadas, estatuária e carpetes elegantes de seda dos níveis superiores desapareceram, substituídos por paredes sem face e pisos de pedra. As passagens estreitaram-se. O ar ficou frio e úmido.

De vez em quando, Tanin olhava para trás, com um vinco entre as sobrancelhas.

Lon desejou que não tivesse de preocupá-la. Tanin tinha sido como uma irmã mais nova para ele e Mareah desde sua iniciação. Ele fora seu tutor. Escapara à noite com ela, explorando as encostas das montanhas sob a luz das estrelas. Mas, quando Lon e Mareah deixassem a Guarda, eles teriam de deixá-la para trás também.

Finalmente eles chegaram ao Gabinete do Administrador, uma sala cilíndrica de pedra com lâmpadas elétricas tremeluzindo ao longo de paredes sem janelas. À sua esquerda, uma porta de metal levava aos laboratórios, onde os Administradores conduziam experimentos e tomavam notas sobre caldeirões e bécheres de vidro. À sua direita ficava a entrada do centro de detenção.

Administradores asseguravam que os planos da Guarda corressem tranquilamente. Entre outras coisas, eles tinham as tarefas de preparar venenos para assassinatos políticos e interrogar prisioneiros.

E às vezes esses interrogatórios envolviam tortura.

Lon exalou lentamente e aproximou-se da cadeira de madeira no centro da sala. Em frente a ele, Dotan, o Mestre Administrador, estava sentado atrás de uma mesa. Ele era escuro como melado e magro como um varapau, com a roupa bem passada e um alfinete espetando sua gravata de seda.

O Mestre de Tanin sempre enervara Lon. Por sua tranquilidade, talvez, o quanto ele era indiferente aos outros, mesmo enquanto os estava espetando com pontas afiadas.

Em contraste, o diretor Edmon, gorducho e trêmulo como um pudim, andava de um lado para o outro ao longo da parede esquerda, com os sapatos batendo no chão rústico. Ele era um líder eficiente, embora não visionário. Por muito tempo, o maior desejo de Lon tinha sido sucedê-lo.

Mas isso mudara tão logo ele fora deixado sozinho com o Livro.

— Não sei como dizer isso, Lon… — Com um suspiro, Edmon parou. — Erastis descobriu algo enquanto estudava o Livro ontem à

noite.

O olhar de Lon passou pelo casaco bordado de Edmon, perguntando-se onde ele guardava sua chave do cofre.

— Oh? — ele disse, tentando soar indiferente.

Repuxando o lábio inferior, o Diretor franziu a fac**e**.

— **G**rande Lon, nós sabemos o que você planeja faze**r**.

Estático, Lon vislumbrou rapidamente o olhar de Mareah, tão impenetrável quanto o mar de profundesas negra**s**.

— **S**eu plano é roubar o Livro, não é? — insistiu Edmon. Ele olhou para Dotan, que piscou uma vez, e o branco de seus olhos pareceu brilhar. — Seria melhor para você se você falass**e**.

— Tente me obrigar — disse Lon. — Vamos ver como você se sai.

— Como você pôde fazer isso, Lon? Nós tínhamos grandes planos para você. — Edmon enfiou as mãos nos bolsos e voltou a andar de um lado para o outro. — Infelizmente eu…

Mareah moveu-se tão depressa que Lon mal a viu atacar. Com um movimento da mão, ela jogou o Diretor contra a parede, derrubando suas palavras boca adentro.

O Mestre Administrador levantou-se e ergueu os braços.

Mas Mareah foi mais rápida. Por décadas, eles a estavam treinando para ser mais rápida.

Ela gesticulou no ar. O rosto de Dotan atingiu o tampo da mesa. Ele deslizou para o chão, inconsciente.

— Vá — ordenou Mareah entre dentes cerrados. — Não deixe que Erastis conte a mais ninguém. Eu encontro você na Biblioteca assim que tiver a segunda chave.

Lon olhou para Tanin, parada ali como uma garotinha perdida, e assentiu.

Quando ele saiu correndo da sala, a Aprendiz Administradora finalmente encontrou sua voz.

— *Mareah, o que você está fazendo?*

•••

Com um movimento dos dedos, Mareah bateu a cabeça de Edmon contra a parede e o deixou cair, atordoado, no chão.

— Você está louca? — Tanin agarrou a gola da camisa de Mareah. — *Pare* com isso!

Mareah passou o braço sobre o peito e torceu a mão de Tanin para longe dela. A garota deu um grito de dor.

Por dentro, Mareah encolheu-se. Mas Tanin tinha de ser afastada. Ela não podia achar que eles ainda eram família, ou seria considerada traidora também e executada. Com um movimento de mão, Mareah abriu a porta para os laboratórios, tateou o ar e mandou Tanin cambaleante para fora da sala.

— Não, Mareah, espere! Não!

Com um movimento do pulso, Mareah bateu a porta e ficou sozinha com o Mestre Administrador inconsciente e o Diretor a quem ela respondera por tantos anos.

Mas era isso o que tinha de fazer. Por Lon. Por *ela*.

— Onde está a chave do cofre? — perguntou Mareah.

Sua voz parecia um fio. Um garrote.

De joelhos, Edmon sacudiu a cabeça.

— É melhor para você se falar.

Ele acenou no ar. Ela desviou com facilidade de pedaços de pedra que explodiram às suas costas.

Tanin começou a bater com força na porta para os laboratórios, mas Mareah a segurou bem fechada com o poder em sua mão direita. Com a outra, ela jogou Edmon outra vez contra a parede. Ele a atingiu como uma boneca de pano e desmoronou. Enquanto ele jazia gemendo no solo, ela revirou seus bolsos — vazios.

Em seguida, Mareah o despiu, rasgando sua túnica, sua calça, sua roupa de baixo, até que Edmon ficou encolhido e nu no chão, sua carne farta tremendo.

— Onde está? — perguntou Mareah.

O Diretor olhou para cima, para ela, com tanta dignidade quanto conseguiu reunir.

Então Mareah o torturou. Ela não tinha muito tempo, por isso foi rápida, do jeito mais doloroso que sabia fazer.

Ela não era nenhum Administrador, mas sabia muito sobre dor. O período como Assassina a ensinara isso.

A sala encheu-se com os gritos de Edmon. Com seus berros e suas frases pastosas e desarticuladas. Mas ninguém ouviu.

Ninguém exceto Tanin. As batidas e sacudidas na porta ficaram cada vez mais frenéticas enquanto Edmon continuava a gritar. Mareah, contudo, era a melhor Manipuladora em gerações. Havia pouco que Tanin pudesse fazer contra ela.

Mareah golpeou e girou, puxou e torceu, até que partes dele separaram-se e caíram respingando sobre as paredes, o chão. Aí ela fez uma pausa longa o suficiente para que ele sacudisse a cabeça.

Não. Edmon não ia desistir.

Então ela fez tudo de novo, e partes dele estavam tão deformadas que ficaram irreconhecíveis.

Finalmente, o Diretor cedeu, apontando um dedo quebrado para sua pilha abandonada de roupas.

— Na cintura da minha calça. A chave. Costurada por dentro.

Enquanto ele jazia no chão, com mãos trêmulas sobre membros que estavam esfolados demais para tocar, Mareah encontrou a calça dele e moveu os dedos. As costuras soltaram-se, jogando botões para o ar.

Ali, exatamente onde ele dissera, estava a pequena chave mestra. Mareah a pegou na palma da mão.

— Desculpe por ter chegado a esse ponto.

Mareah sacou a espada e passou por cima dos pedaços de carne e osso. O ar zunia com o cheiro de metal, e ela decepou a cabeça de Edmon de seu corpo com um golpe limpo.

Ela embainhou a espada e acenou com a mão na direção da mesa do Mestre Administrador. E voou pela sala, bloqueando a porta para

o laboratório onde Tanin ainda estava gritando para que ela parasse.

— Adeus, irmãzinha — sussurrou.

Sem olhar para trás para o cadáver de Edmon ou Dotan gemendo no chão, Mareah subiu correndo os corredores na direção da Biblioteca, onde Lon a estava esperando.

•••

Quando Mareah entrou bruscamente pelas portas da Biblioteca, Lon tinha prendido Erastis a uma de suas cadeiras e estava ajoelhado à frente de seu Mestre, de cabeça baixa. Mareah fechou o trinco, invocou um manuscrito encadernado das prateleiras e o enfiou entre os puxadores das portas. As capas envergaram. As páginas enrugaram-se.

Lon fez uma careta diante do dano, mas não a deteve.

— Você a conseguiu? — ele perguntou.

Mareah ergueu a chave que tinha roubado de Edmon, que brilhou à luz, e caminhou na direção do cofre.

— O que você fez com o Diretor? — perguntou Erastis.
— Com o Mestre Administrador? Com Tanin?

Nenhum deles respondeu. Lon sinalizou para Mareah e ergueu a cópia da chave de Erastis, que obtivera no compartimento secreto em seus aposentos.

Simultaneamente, enfiaram as chaves e começaram a dança complicada de giros e torções necessários para abrir o cofre.

Esquerda. Direita. Uma pausa. Tudo outra vez.

Atrás deles, Erastis lutava contra seus grilhões invisíveis. Mareah gesticulou com a mão livre e o jogou de volta na cadeira. Lon deixou que seu controle sobre o Bibliotecário se dissolvesse.

A porta pesada de metal se abriu.

Do fundo do cofre, uma lufada de ar fresco o atingiu, como uma exalação. Ele inspirou o leve odor de couro, papel e pedra.

Houve um grito no corredor. As portas da Biblioteca vergaram

para dentro. Mareah estreitou os olhos e estendeu a mão, detendo o movimento.

Mas não podia segurar as portas por muito tempo.

— Vá em frente — ela disse.

Lon empinou o nariz e entrou no cofre. Ele não tinha emendas, perfeitamente lavrado na pedra, e por toda a parede havia caixas de vidro com textos cuidadosamente preservados em seu interior. Páginas. Fólios. Outros talismãs e objetos sagrados herdados de Guardiões anteriores.

E, no centro, no interior de uma caixa de cristal, estava o Livro.

Ele quase quis deixá-lo. Era como a Guarda controlava o mundo, como manobrava pessoas a se moverem como peças de um jogo de tabuleiro. Era como eles iriam incitar a Guerra Vermelha, que iria unir os reinos e criar um império tão estável que duraria por séculos.

Mas, com ele, a Guarda conseguiria encontrá-los.

Lon guardou o Livro em uma embalagem à prova d'água, voltou até a Biblioteca e fechou o cofre às suas costas.

Erastis tentou inclinar-se para a frente. Ele agora estava suplicando, retorcendo-se em seus grilhões invisíveis enquanto lágrimas escorriam do canto de seus olhos.

— Por favor, meu Aprendiz, não faça isso.

Ele era o professor de Lon. Seu confidente. Seu amigo. Lon odiava imaginar o que o Mestre Bibliotecário iria pensar dele depois disso.

— Desculpe, Mestre.

Lon ergueu o braço. Com um movimento dos dedos, mandou as portas da Biblioteca explodindo para fora em uma nuvem de entulho, lascas de madeira e poeira. As paredes trepidaram. Rachaduras surgiram no mármore.

Acenando com a mão, Mareah pegou um maço de papéis sobre a mesa e o jogou sobre as lâmpadas elétricas. O vidro quebrou-se, e os papéis pegaram fogo.

— Não! — gritou Erastis.

Ela jogou as páginas em chamas nas estantes de livros, onde elas queimaram e atingiram os Fragmentos e Comentários, devorando décadas de trabalho no espaço de alguns segundos.

Erastis estava livre. Ele passou aos tropeções por cima de sua cadeira com os braços estendidos à frente para apagar as chamas.

Lon quase quis ir com ele.

Aí Mareah tocou seu ombro, e ele apertou o Livro com mais força. No corredor, Tanin e os criados que ela devia ter chamado estavam se esforçando para permanecer de pé, com os corpos feridos e os rostos cobertos de sangue e poeira.

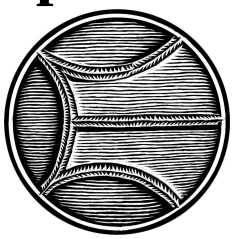
— Pronto? — perguntou Mareah.

Lon assentiu com a cabeça.

Eles correram. Saltaram por cima de entulho e pegaram o corredor, ignorando os gritos frenéticos de Tanin. Das portas da Biblioteca, fumaça inundava o hall.

A perseguição havia começado.

Capítulo 34



Círculo completo

Desde que Lon e Mareah os traíram, vinte e um anos atrás, Tanin tentava evitar o Gabinete do Administrador. Seu próprio cheiro – produtos químicos e deterioração – revolvia memórias que ela preferia que permanecessem enterradas.

Os gritos roucos de Edmon e a aderência da porta envernizada sob seu rosto.

Os pedaços esfolados de pele e a forma de um dente quebrado sob a sola de seu sapato.

O sangue empoçando no interior da íris do olho direito de Dotan como vinho enchendo um copo.

Mareah estava certa. Tanin não quisera ver aquilo. E agora não conseguia esquecer.

Segurando o lenço que cobria sua cicatriz, ela atravessou o Gabinete do Administrador e foi na ponta dos pés pelo chão de pedra, como se ainda pudesse sentir as vísceras de Edmon grudentas sob suas botas.

Ela entrou nos corredores do laboratório à procura do administrador Dotan.

Agora que tinha avaliado seus aliados e inimigos, era hora de retomar o controle da Guarda.

O Mestre Assassino, conhecido simplesmente como o Primeiro, era essencial para seu plano. Tanin daria a ele a oportunidade de matar Sefia e o garoto, que tinham matado seu Aprendiz no *Corrente da Fé*. Ele iria recuperar o Livro para ela. Depois disso, podia lançá-lo contra Stonegold.

Ninguém saberia. Cobrir seus rastros era o que Assassinos faziam melhor. E

Tanin seria Diretora outra vez.

O controle de Everica iria ficar com Braca, a Mestra Soldado, que permaneceria leal enquanto não desconfiasse de sua traição.

Mas, no momento, o Primeiro estava fora de seu alcance. A única pessoa que sabia como contatá-lo era Dotan, o antigo Mestre Administrador de Tanin, com seus venenos, dispositivos, masmorras e espiões.

Tanin o encontrou na farmácia, pesando ervas numa balança.

Perfeito. Ela precisava que Dotan preparasse uma poção para o Rei Solitário também, caso os nervos de Detano lhe falhassem. Uma coisinha para acrescentar à melancolia do rei e lançá-lo nas trevas.

Como sempre, o Mestre Administrador estava tão impecavelmente vestido que era quase doloroso. Tudo nele, de seus sapatos pontudos a seus ombros estreitos, era tão equilibrado que você podia dividi-lo ao meio com um espelho e não seria capaz de dizer a diferença.

Exceto pelo seu olho direito, que tinha sido danificado quando Mareah batera sua cabeça contra a mesa. Como um fiapo de nuvem contra um céu sem estrelas, uma cicatriz leitosa obscurecia grande parte de sua íris, estragando a simetria perfeita de seus traços.

– Tanin – ele disse, derramando ervas de um lado da balança. Um cheiro de cicuta flutuou pela sala. – Estava esperando por você.

Ela lutou contra a vontade de ajeitar o lenço. O Mestre Administrador tinha uma imobilidade estranha que fazia com que você sentisse vontade de se remexer, falar e correr. Mesmo enquanto era sua Aprendiz, Tanin achava isso enervante.

Em vez disso, ela fez para ele uma leve mesura.

– Mestre.

– Chame-me pelo nome, ou não me chame de nada – disse Dotan. – Eu não sou seu Mestre desde que você me ultrapassou no posto.

– Eu não tenho mais posto.

Ele não disse nada. E nem piscou. Atrás dele, a balança oscilava.

– Você me ajuda a ser sua Diretora outra vez?

– De que você precisa? – ele perguntou.

– Preciso de sua lealdade, e preciso de seus espiões. Sefia e o garoto levaram

o *Artax*, e eu preciso saber para onde.

Quando falava, o Mestre Administrador mal movia os lábios.

– Stonegold pode ter seus próprios planos para as crianças.

– Deixá-las à solta com o Livro não é um plano.

Inadvertidamente, Tanin começou a mexer no lenço.

Mais uma vez, Dotan não disse nada.

– Também preciso mandar uma mensagem para o Primeiro em Kelebrandt. Eu preciso…

– Você precisa parar com isso, querida – interrompeu-a uma voz delicada.

Tanin ficou praticamente tão imóvel quanto o Mestre Administrador. Ela nem respirava quando Darion Stonegold, o rei de Everica, entrou na farmácia.

O Mestre Político tinha a aparência de um lutador envelhecido, um homem antes em forma engolido pela própria gordura. Como bolas de argila, ela grudava-se às suas mãos, seu tronco, sua papada e bochechas. Mas seus olhos castanhos eram penetrantes como sempre.

– Você é uma coisinha escorregadia, não é? – Ele sorriu com azedume. – Nunca está onde deveria estar.

Ele queria dizer morta. Ela devia estar morta. O primeiro instinto de Tanin foi lutar. Políticos sempre eram fracos em Iluminação. Ela podia ter enfiado a língua dele pela própria garganta em questão de segundos.

Mas o fato de Stonegold estar ali, agora, ouvindo sua conversa com seu antigo Mestre, significava que ela estava errada. Tanin não tinha a lealdade de Dotan. O que significava que não tinha acesso ao Primeiro.

E três dos cinco Mestres estavam contra ela.

Atrás de Stonegold, o Mestre Administrador não tinha se mexido nada. A mirada de seu olho distorcido parecia perfurá-la.

– A previsibilidade é enfadonha – foi tudo o que ela disse.

Ao lado de seu corpo, seus dedos retorceram-se. Tanin podia ter sido capaz de lutar contra os dois ao mesmo tempo. Ela tinha sido ensinada por Lon e Mareah, afinal de contas.

Mas aí a general Braca Terezina III, a Mestra Soldado da Guarda, apoiou-se, com um sorriso forçado, contra o batente da porta. Seu rosto estava muito queimado, assim como grande parte de seu corpo – uma tática que os

Administradores tinham usado décadas atrás para camuflar seus traços, de modo que ela pudesse assumir a identidade de um soldado no exército de Darion – mesma idade, mesmo tipo físico, mesmo tom de pele –, que morrera em um incêndio. Desde então, ela subira nas fileiras, e agora seu casaco de camurça azul era enfeitado com barras de latão e estrelas de prata – marcas de suas muitas vitórias.

As mãos de Tanin ficaram imóveis. Um, ela podia ter derrotado. Dois, ela podia ter administrado. Contra três, não podia vencer.

E, diferentemente dos outros, Braca, que usava duas pistolas com bordas de ouro ao lado do corpo, sabia lutar.

– Eu disse isso quando foi selecionada, e vou dizer outra vez: você é imprudente. Você se expõe ao perigo. É cheia de sentimentos – disse Stonegold. – Uma sicofanta chorona com esses traidores, e agora com sua filha feiticeira.

Darion passou a língua pelos lábios, como se saboreasse os insultos que estava guardando havia anos.

Tanin engoliu uma resposta. Não morderia essa isca.

– Todos nós temos um vício que vai comprometer a missão – ela disse, medindo com cuidado as palavras.

Ele agarrou seu braço.

– *Meu* povo nunca quebra seus juramentos. *Meu* povo é dedicado à causa.

Não havia qualquer dúvida em seus olhos. Detano não tinha confessado sua fraqueza pelo Rei Solitário.

Bom. Outra fraqueza a explorar quando ela recuperasse sua posição.

Se recuperasse sua posição.

Tanin olhou para ele enquanto seus dedos encontravam pontos de pressão entre os músculos dela. Dor subia e descia lancinante por seu braço. Mas Stonegold não a fazia gritar.

– Tem sorte por ainda ter amigos aqui, ou eu teria acabado com você há muito tempo – ele disse. – Eles me convenceram de que é mais valiosa viva que morta.

Amigos. Erastis. Rajar.

Tanin olhou para trás, e seus olhos se encontraram com os do antigo Mestre.

Dotan?

– Como? – ela perguntou.

– O Primeiro precisa de um novo Aprendiz.

O Segundo. Tanin arrancou o braço das mãos dele e deu um passo para trás, calculando as distâncias entre ela e os outros.

Por anos, a posição de Segundo Assassino tinha sido um lembrete constante da família que perdera, do vazio em sua vida que ela parecia nunca conseguir preencher. E agora tinha a chance de preenchê-lo por conta própria. Ela podia tomar o lugar da pessoa que enviara para a morte no *Corrente*. O lugar que ela queria para Sefia.

Tudo sob o sol fazia um ciclo completo, não é? Isso era quase poético.

– Você me manteria viva? – ela disse com a voz rouca.

Stonegold deu um sorriso afetado.

– A utilidade vai mantê-la viva. Mas, se você não se permitir ser usada…

Sua frase calou-se, como se ele fosse preguiçoso demais para completá-la.

Ela já tinha perdido sua posição, e agora perderia seu nome também. Tanin seria a sombra de uma pessoa – mortal, temível –, mas nada mais do que o murmúrio de uma faca no escuro.

Tanin teria gostado de achar que era o tipo de pessoa que não precisava de poder, títulos, renome, que acreditava tão fortemente na causa que abriria mão de tudo por ela.

Mas não era. E nesse momento ela soube disso.

Tanin piscou, e partículas de luz dourada explodiram em seu Olhar. Ela ergueu os braços.

Perto da porta, Braca ficou tensa. Seus dedos coçaram nos gatilhos. Mas Tanin não queria lutar. Ela queria viver. Em seus próprios termos. Peneirando as correntes de luz como uma pessoa faria com areia, Tanin procurava o único lugar para onde poderia se voltar agora, o único lugar que ainda parecia ser seu lar.

No mundo Iluminado, Tanin viu montanhas passarem correndo por ela, ondas, ilhas e águas vastas.

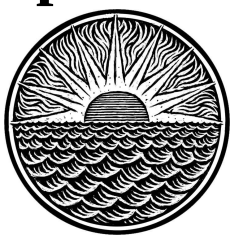
Lá estava ele – um ponto negro em um amplo mar azul.

Com um floreio, ela jogou-se nas correntes de luz e saiu da farmácia, do Gabinete do Administrador, através da rocha da montanha para o ar limpo e brilhante.

Mas não antes que a voz preguiçosa de Stonegold a alcançasse:

– Não demore demais para me dar sua resposta, querida. Eu não sou um homem paciente.

Capítulo 35



A capitã do *Beleza Negra*

O capitão Reed tinha ouvido falar do *Beleza Negra* muito antes de botar os olhos nele: um navio negro com um cavalo empinado como figura de proa, e uma velocidade igualada apenas pelo *Corrente*. Enquanto ele ainda estava esfregando conveses, o *Beleza Negra* estava perseguindo monstros marinhos, superando tempestades e cometendo atos diversos de pirataria no sudeste, roubando carregamentos de balas e pólvora que saíam de Roku.

Era o único navio que tinha navegado para as chuvas sempre presentes da Baía de Zhuelin, que içara uma bandeira na cidade arruinada e alagada de Ashrim e saíra de lá outra vez.

O dia em que Reed conheceu sua capitã, ela estava caçando dragões pelas ilhas vulcânicas de Rokuine, com arpões brilhando na proa. Quando ele e o *Corrente* interromperam sua caçada, ela ficou lívida. Reed lembrava-se dela parada no convés, com o cabelo negro todo emaranhado, e a voz, furiosa, ordenando que o *Beleza* disparasse no *Corrente*.

Seus caminhos tinham se cruzado várias vezes desde então – durante jogos altos de azar e escaramuças entre piratas; fora ela até quem o pescara daquela ilha onde Dimarion o abandonara quase seis anos atrás –, e, para Reed, o *Beleza Negra* era tudo o que um fora da lei devia ser: selvagem demais para ser domado, grande demais nas lendas para ser contido.

Navios como esse não pertenciam a um mar que encolhia.

Depois de encontrar-se com Adeline e Isabella, o capitão Reed e o *Corrente da Fé* passaram meses vasculhando o Mar Central à procura de foras da lei.

Alguns recusaram Porto Seguro. Outros, expulsos do leste pela Aliança, foram de boa vontade. Eles atraíram o *Crux*, a capitã Bee e o *Olho Ruim*, mercenários, caçadores de tesouros e brigues mercantes que tinham feito serviços ilegais demais para permanecer entre pessoas civilizadas.

Alguns, eles chegaram tarde demais para salvar, e navegaram sobre os destroços de foras da lei que tinham morrido lutando para resistir. Recolheram as histórias dos sobreviventes e os nomes dos navios que tinham se perdido.

O *Corrente* zarpou várias vezes, mas só em meados do outono eles finalmente encontraram o Beleza.

O medo, que estava provocando um nó no estômago de Reed desde que começaram a busca pelos foras da lei, relaxou. O *Beleza Negra* estava intacto. Ele não estava estragando em algum lugar no fundo do mar.

Mas, quando sua capitã subiu a bordo do *Corrente*, deixando sua tenente Escalia a bordo do *Beleza*, Reed quase não a reconheceu. Estava mais magra, mais pálida do que ele se lembrava, e seu olhar prateado examinava os conveses. Ela piscava com frequência demais para estar segura de si.

Por um momento, ela ajoelhou-se e apertou a palma das mãos sobre o convés.

Atrás dela, o imediato deu de ombros.

Quando ficou de pé outra vez, a capitã não ofereceu nenhuma explicação. Isso, pelo menos, era familiar.

Na grande cabine, ela andou de um lado para o outro diante das estantes de relíquias que Reed passara a vida colecionando. Ela o lembrava um animal, testando as barras de sua jaula à procura de defeitos.

Enquanto Reed lhe servia alguns dedos de uísque, ela pôs a mão magra sobre a caixa que guardava o Gongo do Trovão, que ele pescara daquele redemoinho quase seis anos atrás.

– Você já conseguiu fazer isso funcionar? – ela sussurrou.

– Não. – Reed lhe ofereceu um copo. – Acho que está com problema.

Como sua voz, ele pensou. Antes lisa e forte como aço, agora era implacável como um incêndio rasteiro e silenciosa como cinza.

Ela ignorou o copo oferecido e, em vez disso, pegou com ele o decantador de cristal. A capitã passou andando por ele, bebeu direto da garrafa e jogou-se em uma de suas poltronas, esparramando-se de um jeito que era ao mesmo tempo

perfeitamente balanceado e totalmente indiferente.

– Se quer minha opinião, o mundo está quebrado – ela declarou.

Reed ergueu o copo.

– É por isso que eu estava procurando você. Por onde andou, Tan? Dimarion e eu esperávamos você em nosso encalço meses atrás.

A capitã Tan removeu o lenço do pescoço e revelou uma cicatriz fina e curvada sobre o pescoço, como uma foice.

– Eu tive alguns problemas em Oxscini – sussurrou. – E em Jahara, quando cheguei lá.

Em um movimento suave, Reed baixou o copo e inclinou-se para a frente para examinar seu pescoço.

– Quem fez isso?

Para sua surpresa, lágrimas brotaram nos cantos dos olhos dela.

Reed quase se afastou. A capitã do *Beleza Negra* não chorava.

– O que aconteceu por lá? – ele perguntou.

– É uma longa história – ela respondeu, empurrando-o para longe. – E uma que não estou disposta a contar.

Tan tomou mais um gole do decantador.

Reed sentou-se em frente a ela em um dos bancos.

– Deixe-me lhe contar uma coisa, então, inacreditável, mas verdadeira – disse, e começou a lhe relatar sobre a Aliança entre Everica e Liccaro, o *Crux*, Porto Seguro.

Tan não pareceu impressionada. Mas, na verdade, ele não achava que ela fosse ficar. Reed a havia visto carregar cinco balas em um revólver e girar a câmara antes de apontar a arma para si mesma. Pessoas como ela corriam riscos.

– Isso significa que encontrou o Tesouro? – perguntou Tan.

Ele a sentiu examinar sua pele à procura de novas tatuagens.

– Isso parecia mais importante.

Ela levantou-se da cadeira com tamanha graça que foi como se estivesse flutuando.

– Isso é muito bonito e nobre de sua parte, Cannek, mas você simplesmente não desiste de toda uma vida em busca de aventuras para se fixar e criar porcos. Isso não… isso não é você.

Ela enfiou o dedo curvo na gola dele e puxou sua camisa para baixo com tanta força que Reed quase caiu para a frente.

– *Isto é você* – ela sussurrou. Seu olhar viajou por seu pescoço e desceu por seu peito tatuado. – Você fez outras dessas desde a última vez que eu o vi sem camisa.

Calor brotou no rosto de Reed. Muito tempo atrás, eles tinham sido amantes por uma noite. Quando ele acordou de manhã, Tan tinha ido embora, e a corrente do leme em seu navio havia sido cortada.

– Permitir que você me deixe nu é um erro que nunca mais vou cometer – ele disse, removendo os dedos dela da camisa.

A capitã Tan franziu o cenho.

– Não seja convencido. Vê-lo nu é um erro que também não estou disposta a repetir.

Ele sorriu enquanto Tan jogou-se ao lado dele no banco, com as pernas estendidas para a frente. Por alguns minutos, eles beberam em silêncio.

Finalmente, ela disse:

– Você tem trabalhado a vida inteira para conquistar um pouco de imortalidade. – Ela gesticulou com a garrafa de uísque em direção a seus braços tatuados. – Não sei porque desistiu quando estava tão perto.

Reed deu de ombros.

– Eu deixei que esse sonho morresse com Jules.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Sonhos não morrem, Reed. Família, amigos, amantes… Eles apodrecem como qualquer outra coisa. Mas sonhos não.

– Eu tentei, Tan. – Ele deu um suspiro. – Ninguém pode dizer que não tentei.

– Então por que você está desistindo quando quase conseguiu isso?

Por mais baixo que estivesse, o tom da voz dela fez com que Reed se sentasse um pouco mais reto.

– Isso? – ele perguntou.

– O Amuleto da Ressurreição.

Ressurreição. A palavra chamou sua atenção. *Imortalidade*.

– O quê?

– O Amuleto da Ressurreição. – Tan pronunciou as palavras lentamente,

como se Reed a tivesse ouvido errado. – Imagino que esteja escondido em algum lugar do Tesouro. Um dos bens mais preciosos do rei.

Um Tesouro que podia enganar a morte. Os malditos diamantes de Lady Delune tinham sido um fracasso. Como todo o resto que ele já havia tentado. Mas talvez… Talvez *pudesse* escapar do destino que o aguardava – que aguardava todos eles – na Borda do Mundo. Talvez não precisasse acabar assim. Talvez ele *pudesse* viver para sempre, e não apenas seu nome.

Reed estreitou os olhos para ela.

– Por que você está me contando isso? O que está escondendo?

– Não estou escondendo nada. – Ela deu de ombros, embora não conseguisse disfarçar a amargura na voz. – Mas *alguns* de nós devem obter o que nós sempre quisemos.

Imortalidade.

Ele disse a si mesmo que não precisava disso.

Não desejava isso.

Porém, Tan estava certa. Sonhos não morriam. Sonhos estavam sempre ali, nas profundezas de seu ser como uma chama no escuro, à espera de combustível.

– Você não está brincando comigo... – ele disse, ainda com medo de ter esperança.

A capitã Tan pôs ruidosamente o decantador de cristal sobre a mesa.

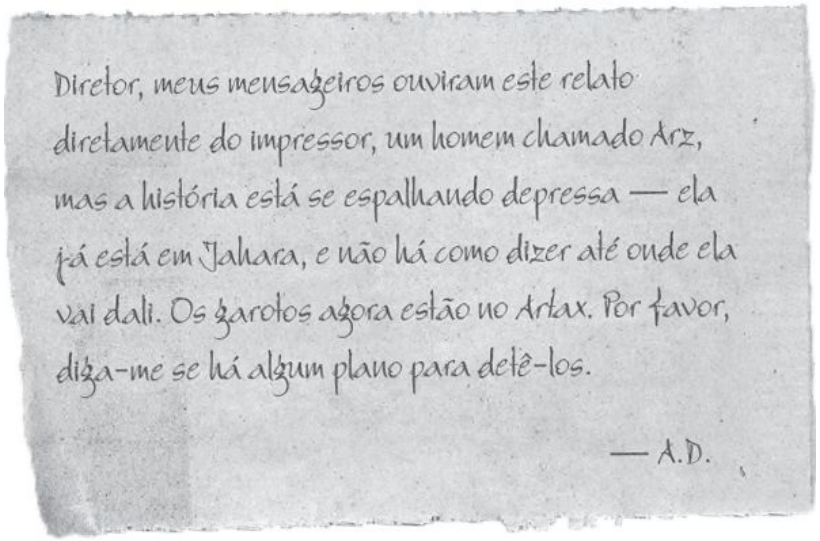
– Eu pareço estar em clima para brincadeiras?

E, enquanto ela contava para Reed uma história de morte e criaturas antigas feitas de estrelas, ferreiros desesperados e algo chamado *alma*, a chama dentro dele roncou em um fogo flamejante. Quente o bastante para transformar em cinzas todos os pensamentos de Porto Seguro. Brilhante o bastante para iluminar o caminho, não importava onde sua aventura o levasse.

Ele era o capitão Reed.

Ele iria encontrar um meio de burlar a morte – ou morrer, gloriosamente, tentando.

O relato do impressor


Diretor, meus mensageiros ouviram este relato diretamente do impressor, um homem chamado Arz, mas a história está se espalhando depressa — ela já está em Jahara, e não há como dizer até onde ela vai dali. Os garotos agora estão no Arlax. Por favor, diga-me se há algum plano para detê-los.

— A.D.

Eu não queria acreditar em histórias. Eram apenas garotos, sabe? Garotos que nós capturamos. Garotos que nos pertenciam. Nossos prisioneiros. Nossas criações. O quanto eles podiam ser maus?

Mas aqueles não eram garotos.

Eles eram sangradores. Como algo saído de um pesadelo. Você pode imaginar todos os seus piores feitos encarnados? Seus próprios monstros liberados contra você?

Eu pensei ter reconhecido um deles. Esse garoto com marcas brancas no rosto. Ele matou um dos nossos há seis meses. E se mijou quando adicionaram uma queimadura à sua contagem.

Mas ele não era mais esse garoto. Era rápido. Habilidoso. E teria acabado comigo se eu não tivesse escapado por sorte. Isso foi tudo o que me salvou.

Sorte.

E ele nem era o pior deles.

Não, esse era seu líder, Arqueiro. Esse era seu nome, *ARQUEIRO*.

Eu estou lhes dizendo: Serakeen pode parar de procurar. Alguém já encontrou seu garoto.

Eu nunca vi ninguém lutar daquele jeito, como se fosse uma segunda natureza. Como se fosse mais fácil para ele parar de respirar que de lutar.

Ele matou seu próprio tenente – alguém lhe contou isso? Espancou-o até deixá-lo uma massa sangrenta, depois lhe deu um tiro entre os olhos. Você devia ter visto o tenente. Ele amava Arqueiro. Você devia ter visto o amor em seus olhos. E Arqueiro o abateu como um cão raivoso.

É ele mesmo o garoto com a cicatriz.

E ele está vindo atrás de todos nós.

Capítulo 36



No covil do inimigo

O armazém parecia menor à luz do sol, não misterioso, mas comum, com uma fachada de madeira simples e janelas sujas encrustadas de sal. Sefia olhou para trás e experimentou a porta.

Trancada.

Por hábito, ela levou a mão ao bolso, embora, é claro, não tivesse mais as gazuas, provavelmente levadas pelo rápido Estreito Callidiano a essa altura. Ignorando a pontada de arrependimento no peito, ela enfiou um grampo de cabelo e uma faca na fechadura e, com alguns giros dos dedos, abriu a porta.

Lá dentro, o armazém tinha um teto que ecoava e luz empoeirada. Sefia sopesou a mochila, que quase parecia vazia sem o Livro, e seguiu em meio aos paletes de madeira e pedaços de corda até a parede dos fundos, perto da sala do capataz.

Sefia se perguntou se tinha sido uma aposta muito grande confiar o Livro a um mensageiro jaharano. Mas teve de fazer isso rapidamente, antes que a Guarda descobrisse aonde Arqueiro estava indo e o caçasse, e mensageiros eram comprometidos por juramentos, além da promessa de um castigo severo, a fazer seus serviços. E a garota não tinha mais ninguém em quem pudesse confiar para entregá-lo ao capitão Reed, com instruções para enterrá-lo fundo em uma daquelas ilhas ocultas que só ele parecia capaz de encontrar.

Diante da parede, Sefia invocou o Olhar repetidas vezes. Observou o porteiro pressionar as pedras em sequência enquanto conduzia inúmeros candidatos para os túneis.

Como sombras, as mãos dela seguiram seus movimentos, e logo a porta deslizou para o lado, revelando o corredor escurecido por trás.

Dessa vez, não havia guardas à frente da porta, mas o ♑ não havia mudado – uma promessa de que depois que ela cruzasse a porta, nada jamais seria o mesmo.

Ela segurou o símbolo e começou a girar.

Quando a porta se abriu, Sefia surpreendeu-se com o quanto tudo aquilo era familiar: as tapeçarias nas paredes, os retratos de pessoas de rosto sério, as poltronas de couro, e Tanin, em pé atrás de sua maravilhosa escrivaninha de ébano.

Exatamente como o Livro havia previsto.

Tanin ergueu os olhos do que estava escrevendo, apressadamente, em uma folha de pergaminho. Seus olhos prateados brilharam com o reconhecimento.

– Sefia. – Seus olhos estreitaram-se, e ela voltou à sua escrita. – Veio acabar comigo, não é?

Sefia fechou a porta às suas costas.

– Só conversar – respondeu.

Tanin aqueceu um bastão de cera sobre a chama de uma vela e lacrou sua carta com um selo de latão.

– Infelizmente, atualmente não ando muito boa de conversa.

Sefia lera sobre a voz problemática de Tanin no Livro, mas ainda se surpreendeu com sua rouquidão, como uma lixa de madeira, bem diferente do tom nítido e autoritário do qual ela se lembrava de quase três meses antes.

Tanin apoiou a carta contra um tinteiro.

– O que você quer?

– Fazer um acordo.

– Oh?

Tanin jogou uma capa sobre os ombros e a afivelou no pescoço. Seu olhar percorreu a sala como se procurasse itens que ela pudesse ter deixado para trás.

– O Livro pela vida de Arqueiro.

Tanin congelou. Ela piscou, como se estivesse vendo Sefia pela primeira vez. Seu olhar foi direto para a mochila de Sefia.

– Não me diga que você trouxe…

– Eu o escondi. Nem mesmo meu pai poderia encontrá-lo agora. Mas lhe conto onde ele está se você abandonar todos os seus planos para Arqueiro. Consiga outro capitão para seus exércitos se necessário. Mas deixe-o fora de sua guerra.

Sefia quase podia ver as engrenagens girando no interior da cabeça de Tanin. Ela engoliu em seco, esperando que o futuro que tinha visto no Livro se realizasse.

Lentamente, Tanin tornou a se sentar. Com um movimento dos dedos, ela soltou a capa.

– Se está escrito, não vamos precisar encontrá-lo – ela sussurrou. – Ele virá até nós.

Sefia quase sorriu – isso tinha acontecido exatamente como o Livro dissera.

– Então você vai dispensá-lo – ela disse, já sabendo como a discussão iria se desenrolar. – Ele vive, e você recebe o Livro de volta no fim da guerra, ou nunca mais vai vê-lo.

Tanin ergueu uma sobrancelha.

– O que seu garoto tem a dizer sobre isso?

– Ele não sabe que estou aqui.

– Seu sacrifício é tocante.

Sefia ignorou o aperto no coração.

– Nós temos um acordo, ou não?

– A guerra pode levar anos.

– Você esperou por décadas. Alguns anos a mais, agora, não vão fazer muita diferença.

Tanin juntou as pontas dos dedos das duas mãos, sondando Sefia com um olhar que, de repente, estava aguçado outra vez.

– Você teria de permanecer sob custódia da Guarda, como garantia. Vocês dois podem ficar separados por um bom tempo.

– Eu sei. Estou disposta a ficar.

– Mesmo sabendo o que nós fazemos? E o que fizemos com a Chaveira?

Sefia sorriu. A essa altura, era sorrir ou chorar, e ela recusava-se a permitir que Tanin a visse chorar outra vez.

– Eu não estou disposta a ser torturada, se é isso o que você está perguntando.

– Você seria, essencialmente, uma prisioneira. Você pode não ter escolha.

– Eu teria a Iluminação.

– E se tirássemos seus olhos? – perguntou Tanin preguiçosamente. – A Iluminação depende de uma coisa…

Embora Sefia soubesse que isso ia acontecer, na verdade ouvir a ameaça na voz embargada de Tanin ainda fez sua pele arrepiar-se.

– O Olhar – ela disse.

Se não pudesse ver, não poderia acessar o mundo Iluminado. Ficaria impotente.

Equilibrando a ponta da carta por um canto, Tanin a girou sob seu dedo.

– Você não faria isso – disse Sefia.

– Eu faria. Mas talvez não com você.

– Por quê?

– Sentimento.

Um sorriso amargo curvou os lábios de Tanin.

Sefia torceu as alças da mochila.

– Temos um acordo, então? O Livro pela vida de Arqueiro?

Tanin ergueu a carta e a colocou em cima da chama. O papel pegou fogo, queimando pelas bordas. Quando o fogo subiu pela superfície da página, ela a jogou na lata de lixo.

– Negócio fechado – respondeu.

Isso era o máximo de antevisão que o Livro lhe dera. Agora Sefia tinha de confiar na própria inteligência e em suas habilidades para sobreviver aos próximos anos.

Tanin pegou uma vela e uma caixa de fósforos em sua escrivaninha e conduziu Sefia pela porta dos fundos oculta de sua sala, passando por tapeçarias para entrar em um corredor inclinado por trás. Havia candelabros enfileirados nas paredes, e a pedra bruta estava negra com marcas de fuligem. Elas passaram por portas de madeira ornamentadas e escadas em caracol que espiralavam para o alto na escuridão.

Sefia achou que tinham subido todo o caminho até Corabel.

Finalmente, elas chegaram a uma sala – a uma cela –, com um banco escavado na pedra e um balde imundo no canto. Embora não demonstrasse, Sefia

não conseguiu evitar sentir medo.

Enquanto removia a mochila, Tanin estendeu-lhe a mão.

– Suas gazuas também – ela disse.

– Eu não as tenho mais – respondeu Sefia, entregando a faca e os grampos de cabelo na palma da mão da mulher.

Surpresa passou pelos olhos de Tanin, mas ela não disse nada. Então, pôs uma vela no banco de pedra e acendeu o pavio. Luz reluziu em seus olhos prateados.

– Eu preciso me consultar com meu Diretor – ela disse.

Dúvida passou por Sefia como uma corrente de vento.

– Eu achei que você fosse…

– Eu era. – Tanin levou os dedos sujos de tinta ao pescoço. – Até que você fez isso comigo.

O Livro não havia lhe mostrado isso. Será que ele a havia enganado? Não. Ela ainda podia mudar o futuro. Ainda podia salvar Arqueiro. Tinha de fazer isso. Sefia piscou e invocou o Olhar, preparando-se para uma batalha.

– Eu a procurei achando que podia me conseguir isso. Se você não pode…

– Se eu não tiver voltado até a hora em que a vela se apagar – interrompeu Tanin de repente, apertando a faca e os grampos de volta nas mãos de Sefia –, fuja.

Fugir?

Antes que Sefia pudesse perguntar o que ela queria dizer, Tanin empurrou a porta, e em seguida a trancou às suas costas.

Sefia subiu no banco e abraçou os joelhos. Se as coisas não corressem como o planejado, se o novo Diretor, quem quer que ele fosse, não concordasse com seu acordo, Tanin lhe dera a chance de escapar.

Seria uma armadilha? Um teste?

Isso teria um custo para Tanin, se o Diretor descobrisse?

Ao lado de Sefia, uma gota de cera deslizou pela vela e empoçou-se sobre a pedra fria. Ela engoliu suas dúvidas e encostou-se na parede para esperar.

A vela tinha quase queimado por completo quando Tanin chegou para buscá-la.

– Conseguiu a aprovação de seu Diretor? – perguntou Sefia.

Com o uso do título, a mulher lançou-lhe um olhar e apagou a chama,

deixando o pavio soltando fumaça em um monte de cera.

Ela conduziu Sefia a outra sala, vazia, exceto por um espelho de corpo inteiro na parede dos fundos.

Sefia estudou seus reflexos quando se aproximaram: cabelos negros, olhos escuros. Na sala sem janelas, a pele branca de Tanin parecia pálida, mas a pele queimada de sol de Sefia parecia brilhar dourada, como a de sua mãe.

Como se ecoando os próprios pensamentos, Tanin sussurrou:

– Você se parece com ela.

Sefia inclinou-se para perto para estudar a moldura do espelho. Ela era decorada com leitores debruçados sobre mesas, examinando manuscritos em detalhes tão precisos que se Sefia se aproximasse o suficiente poderia ler passagens inteiras de suas páginas imóveis. O trabalho artístico era tão refinado que ela quase teve certeza de que as figuras se moviam quando não estava olhando, suas penas correndo sobre folhas douradas de pergaminho.

– Por que você está me mostrando isso? – perguntou Sefia.

– Este é o caminho para a Sede Principal.

Sem mais explicações, Tanin enfiou sua mão dentro do espelho e desapareceu até o pulso em uma poça de prata e luz: era um portal.

Ela gesticulou para que Sefia passasse.

Sefia aprumou os ombros e passou por ele com apenas um leve tremor, como uma pedra mergulhando em um lago parado. Uma ondulação fria passou por seu corpo, e então ela apareceu do outro lado do espelho.

Esta sala estava revestida com mármore preto e verde disposto em complexos padrões geométricos, com luminárias ao longo das paredes que emitiam um brilho diferente de tudo o que Sefia já tinha visto. Ela havia lido sobre eletricidade no Livro, é claro, mas ainda achava algo difícil de acreditar.

Havia quatro espelhos nesta sala: um com bordas de ondas prateadas, um com ouro, um com muralhas de pedra e torres com bandeiras de metal desfraldadas em um vento invisível, e o que elas tinham acabado de deixar, com uma moldura de faróis e penhascos, e uma cidade murada – Corabel.

Tanin surgiu atrás dela e atravessou a única porta da sala, onde removeu o lenço em torno do pescoço, revelando uma cicatriz que parecia uma lua crescente. Ela gesticulou para Sefia.

Agora, não havia como voltar.

Sefia permitiu que Tanin amarrasse o lenço sobre seus olhos. Escuridão fechou-se a seu redor.

Houve um tilintar de chaves, e aí Tanin pegou seu braço e a conduziu pela porta. O ar abriu-se à sua volta. Luz tocou as pálpebras de Sefia através da seda.

– Esta é a Sede Principal? – perguntou, enquanto seus passos ecoavam à sua volta.

A sala devia ser enorme, porque sua voz viajou e amplificou-se dezenas de vezes.

Tanin não disse nada. Elas passaram por um chão acarpetado – um corredor – e a luz à esquerda de Sefia disse a ela onde estavam as janelas. *A menos que sejam mais dessas lâmpadas elétricas*, pensou, tomando uma nota no mapa que se formava em sua cabeça.

Sefia foi levada a descer escadas e a passar por outros corredores. O ar ficava frio à medida que desciam para o coração da montanha. Seus passos começaram a ecoar no chão duro de pedra.

– Você está me levando para os Administradores.

Ela quase se soltou da mão de Tanin.

– Ordens do Diretor – sussurrou a mulher. – Mas não se preocupe. Eles não vão fazer nenhum mal nem a um fio de cabelo dessa sua cabecinha bonita. Você tem minha palavra.

– Como posso confiar em você?

– Acho que temos de aprender a confiar uma na outra.

Quando Tanin finalmente desamarrou o lenço, elas estavam paradas na porta de um quarto simples e sem enfeites. Havia um gaveteiro e um guarda-roupa, um baú no pé de uma cama estreita. O único sinal de que estavam em um calabouço era o fato de não haver janelas e não ser possível destrancar a porta por dentro.

Enquanto os olhos de Sefia se ajustavam à luz repentina, a garota percebeu com um susto que não estavam sozinhas. Um homem alto vestido de branco estava parado ao lado dela, enervante em sua imobilidade. Embora mal se movesse, ela teve a sensação de que ele a estava estudando com cada fibra de seu ser, observando-a com seus olhos diferentes – um quase negro, o outro turvo –, ouvindo seus movimentos, farejando-a a cada respiração silenciosa.

– Sefia, conheça Dotan, meu antigo Mestre – sussurrou Tanin.

Ele não falou, nem ela. Esse era seu carcereiro e, talvez, um dia, seu interrogador. Seu olho com cicatriz penetrou-a como uma broca quente e calcinante, queimando ao entrar. Havia tanta maldade em sua expressão que Sefia soube imediatamente que Dotan a mataria se tivesse oportunidade. Ele podia estar planejando isso agora mesmo.

Ela só torceu para que o acordo com Tanin fosse o suficiente para protegê-la – pelo menos até que encontrasse meios de se defender entre seus inimigos.

Tanin gesticulou para que ela entrasse no quarto.

– Você vai ficar aqui, por enquanto. As lâmpadas têm energia, e há água corrente nas bicas.

– Grande calabouço – disse Sefia.

– Se preferir acomodações mais ascéticas – retrucou Tanin com sarcasmo –, posso arranjar isso.

– Essa é ela? – perguntou alguém com avidez, espiando pela porta como o espectador de um show itinerante. – A filha dos traidores?

Era apenas um garoto, não muito mais velho do que ela ou Arqueiro, com pele marrom e olhos grandes, que ficavam ainda maiores devido a um par de óculos grossos que ele não parava de empurrar para o alto do nariz.

– Afaste-se, Tolem – disse Dotan com uma voz mais cortante do que Sefia esperava.

Ele puxou o garoto pela gola e o conduziu para fora dali. A sensação de malignidade no ar dissipou-se como fumaça.

– Esse era o Aprendiz Administrador? – perguntou Sefia quando teve certeza de que eles tinham ido.

– Sim.

– Ele é muito novo.

Tanin pareceu quase pesarosa.

– Dotan levou muito tempo para me substituir.

– Por quanto tempo vou ficar aqui? – perguntou Sefia.

– Até que eu mande alguém buscá-la.

Sefia cruzou os braços.

– Vou precisar de provas de que você está cumprindo sua parte do acordo.

À porta, Tanin virou-se. Um sorriso passou por seus traços.

– Tudo em sua hora – ela murmurou, e fechou a porta.

Sefia estremeceu. Ela estava presa agora. Não havia como mudar de ideia, não havia como voltar.

Ela começou a explorar a sala. Fascinada pelas lâmpadas, Sefia ligou e desligou os interruptores várias vezes. Testou as bicas e foi recompensada por um jorro de água quente.

Sefia tomou um banho – o primeiro banho quente, aparentemente, que tomava em anos, em uma banheira de verdade embaixo de um teto de verdade. Camadas de areia e poeira da estrada saíam dela em fios grossos enquanto esfregava seu cabelo.

Mais tarde, apareceu um criado com uma bandeja de comida e um livro com capa de couro. Enquanto provava hesitantemente o jantar com uma colher de ouro, Sefia delineou o título com a ponta do dedo.

GUIA OSTIS PARA ARMAS BRANCAS TALISMÂNICAS, ela leu. A maior parte do texto lhe causava perplexidade, falando de métodos mágicos que estavam além de sua compreensão, mas aqui e ali havia uma palavra sublinhada, uma frase anotada, diagramas desenhados nas margens, que a ajudavam a entender.

Era assim que se faziam espadas de sangue.

Sefia leu, e quando suas pálpebras ficaram pesadas demais para continuar, apagou a lâmpada de sua cabeceira. O calabouço pareceu se fechar à sua volta enquanto ela jazia embaixo das cobertas, alisando a pedra da preocupação que estava quente contra seu pescoço.

Capítulo 37



Longe de casa

Quando Arqueiro apareceu na praia sem Sefia, os sangradores estavam cheios de perguntas.

– Aonde ela vai?

– Você quer dizer que ela não se despediu?

– Ela levou o Livro?

– Por que ela partiu?

Ele piscou, tentando se concentrar, mas sua atenção continuava a se desviar na direção dos penhascos, como se Sefia fosse estar parada na beirada, olhando para ele.

– Chefe – disse Scarza.

– Não era a missão dela – respondeu Arqueiro.

Os sangradores remexiam-se desconfortáveis e, em seu silêncio, Arqueiro podia ouvir o cascalho sendo triturado e acomodando-se sob seus pés. A maré batia nos botes.

– O que nós vamos fazer? – perguntou alguém.

Arqueiro olhou para as escarpas acima da pedreira outra vez, mas Sefia não estava mais lá. Ele voltou-se para os outros.

– Nós seguimos em frente. Vai ser mais difícil localizar os impressores sem ela, mas pode ser feito. – Ele fez uma pausa. – Se vocês ainda estiverem comigo.

Scarza segurou um bote com mão.

– Nós estamos com você, Arqueiro.

Enquanto remavam até o *Irmão,* Frey virou-se para ele. Ela tinha ficado mais

hostil desde que perderam Versil e Kaito, e seus olhos brilhavam como pontas de flechas.

– Você devia ter ido atrás dela – disse.

O olhar de Arqueiro passou por Frey e seguiu até os penhascos escuros que encolhiam. *Eu ainda posso ir atrás dela.* Por um segundo, ele imaginou fazer todos darem a volta e remarem loucamente para a margem, onde sairia aos tropeções entre as ondas e iria correndo atrás de Sefia, pingando água, até encontrá-la caminhando pelos campos, com a mochila nos ombros, o cabelo agitando-se em torno de seu rosto.

Ele sacudiu a cabeça.

– Eu não podia tê-la feito ficar.

Frey parou de remar. Seu olhar era tão crítico que era como se ela o estivesse descascando e abrindo, revelando seu coração em carne viva e ferido. Água do mar escorria pela pá de seu remo e pingava delicadamente nas ondas.

– Eu sei – ela disse.

Dias se passaram. Eles navegaram para o sul.

À noite, Arqueiro sonhava.

E acordava sozinho.

Arqueiro sentia falta de Sefia. Sentia falta do calor do corpo dela ao lado do seu. Sentia falta de suas mãos em suas costas e de sua voz em seu ouvido. Ele sentia falta de sua ferocidade, sua impaciência, seus lábios, seu riso. Sentia falta de encontrá-la curvada sobre o Livro e sentia falta de passar os turnos de vigia junto com ela enquanto o sol subia pela ponta da verga ou a lua mergulhava no mar à noite.

Ele começou a dormir menos, a evitar os sonhos, a culpa, o conhecimento do que tinha feito. Mas nunca podia escapar disso totalmente.

Uma batalha, Arqueiro sabia, teria ajudado a esquecer, apenas por algum tempo, e com frequência ele se via encarando o horizonte na esperança de avistar os batedores de Serakeen caírem sobre eles em busca de vingança.

Os sangradores começaram a lutar durante os quartos de apenas duas horas à tarde, mas Arqueiro não se juntava a eles. Como poderia, depois do que tinha feito com Kaito?

Ninguém o desafiava.

Ele passava a maior parte do tempo no cesto da gávea, observando o céu. Tempestades de trovão chegavam e partiam. Dia tornava-se noite e tornava-se dia novamente. Às vezes, Arqueiro imaginava Sefia a seu lado, contando histórias sobre a Grande Baleia ou as outras constelações que nadavam pelo escuro. Às vezes, imaginava Kaito caminhando pelas vergas, desafiando o vento a levá-lo.

Arqueiro sentia falta deles. Sentia tanto que era como se partes suas tivessem sido arrancadas, e todos os lugares onde elas deviam estar ardiam de dor.

Mas eles haviam partido. Por sua causa. Porque não tinha sido capaz de impedir. Ele ainda não podia.

E sem uma batalha para lutar, Arqueiro também não conseguia esquecer.

Então ele olhou para o sul na direção de Oxscini e torceu para que houvesse batalhas por lá.

Quando chegaram a Epigloss, uma cidade de baías e pontes, Arqueiro enviou sangradores. Eles meteram-se entre os prédios pintados de açafrão, esmeralda, vermelhão e fúcsia em busca de informações sobre os impressores.

Todos voltaram com a mesma notícia.

Os impressores estavam acabados em Oxscini. Durante o último mês, Serakeen comprara todos os garotos marcados que restavam e retirara seu apoio. Os Árbitros tinham encerrado suas atividades. As equipes de impressores haviam debandado ou passado para outros crimes. Se os rumores merecessem crédito, não existiam mais candidatos no Reino da Floresta nem, em nenhum lugar de Kelanna.

Será que tinham encontrado o garoto que estavam procurando?

Uma pequena parte de Arqueiro ficou aliviada. *Não sou eu.* Outra parte ficou com raiva. Ele abrira mão de Sefia por nada.

Mas a maior parte dele estava decepcionada. Pela missão ter terminado. Por não ter mais inimigos contra quem lutar.

Arqueiro andava de um lado para o outro nos aposentos do capitão no *Irmão*, pisando repetidas vezes no carpete manchado enquanto seus sangradores matavam as horas na coberta, à espera de instruções.

No passado, perdera tudo – suas memórias, até seu nome – para os impressores. Só quando conheceu Sefia ele começou a juntar os cacos de sua identidade.

Mas, em algum lugar em Deliene, perdera-se outra vez. Talvez tivesse sido no momento em que decidiu se tornar um caçador. Talvez mais tarde, aos poucos, na estrada, ou durante aquelas escaramuças noturnas.

Ou quando ele matou Kaito.

Quando não foi atrás de Sefia no penhasco.

Ela era o único lar que Arqueiro conhecera nos dois anos e meio desde que fora sequestrado, e ele a deixara ir.

Agora ele estava à deriva, e precisando de um lugar onde ancorar.

Arqueiro podia continuar com os sangradores. Eles podiam encontrar alguém com quem lutar. Sempre haveria alguém contra quem lutar.

Mas ele não sabia mais se queria isso.

Não sabia se podia, depois de tudo o que perdera.

– Nós achamos que poderia chegar a isso – disse Frey, quando Arqueiro contou a eles.

Eles estavam reunidos no convés – todos os dezenove – como sombras ao crepúsculo. Seus sangradores.

– Acharam? – perguntou Arqueiro.

– Este é o seu reino.

– Eu não planejei…

Aljan o segurou pelos ombros. De perto, Arqueiro pôde ver que a tinta branca que o garoto aplicava ao rosto toda manhã tinha começado a rachar. Mas o cartógrafo não demonstrava sinais de dúvida quando disse:

– Vá para casa. Vá ver sua família. Diga a eles que você os ama.

Arqueiro olhou com culpa para Scarza, Griegi, Keon e os outros. Como podia tê-los levado até tão longe só para deixá-los?

– Se você não voltar – disse Aljan –, vamos saber que você ficou.

– Eu não vou…

– Você devia – interrompeu Frey, ecoando as palavras que ele próprio lhes dissera tanto tempo atrás. – Se conseguir.

Será que conseguiria?

Arqueiro estava dizendo a si mesmo havia muito tempo que não podia ir para casa, não depois do que tinha feito; ele estava diferente demais, não pertencia mais àquele lugar.

Mas, sem a missão, sem Sefia, onde mais ele pertencia?

– E o resto de vocês? – perguntou.

– Não se preocupe com o resto de nós – disse Scarza, apertando a mão de Arqueiro na sua. – Eu vou nos levar para casa em segurança.

Eles tinham lhe comprado um cavalo, como se já soubessem o que iria fazer. Arqueiro abraçou todos eles, um por um.

– Vá para casa, irmão – murmurou Scarza antes que ele partisse. – Fique em paz.

Arqueiro montou. Os cascos do cavalo soaram ocos na doca do convés do *Irmão*. Em silhueta contra as estrelas, os sangradores o saudaram. Um sinal de respeito. Uma despedida.

Ele seguiu para oeste.

Para casa.

Arqueiro chegou ao farol quando as últimas brasas do pôr do sol apagavam-se. Deu a volta no passeio de madeira passando as mãos pela grade de proteção enquanto olhava para cima, observando as vidraças transparentes contra tempestades da sala da lanterna, e a luz correndo na direção do mar.

Atrás dele, no arco da baía, a aldeia de Jocoxa brilhava, as casas iluminadas por candeeiros, as janelas quentes de cor laranja. As águas calmas eram de um azul tão profundo que era quase negro, encimado por cristas de ouro.

Era pacífico esse lugar que costumava chamar de lar.

Ele passou por baixo da torre do farol e desceu os degraus estreitos até os aposentos da família, onde a velha porta verde o saudou, ao mesmo tempo conhecida e estranha. Arqueiro fez uma pausa. Havia cheiro de carne assada e molho de tomate no ar.

Ele podia ter entrado sem bater. Costumava fazer isso quando vivia ali.

Os nós dos dedos dele bateram na madeira – uma, duas vezes.

Depois de um momento, a porta se abriu, e sua tia Seranna estava ali parada, sua forma baixinha e gorducha enchendo a porta. Ela franziu o cenho para ele por um momento, como se não o reconhecesse.

Arqueiro moveu-se para falar.

Os olhos dela arregalaram-se, e então a tia jogou os braços em torno dele, chorando.

– Emery, é seu garoto! Seu garoto está em casa!

Ela o abraçou com tanta força que ele ficou sem fôlego.

Arqueiro retribuiu o abraço.

Houve um barulho de coisas batendo na cozinha, e a mãe de Arqueiro foi correndo até a porta. Imediatamente Seranna o largou e empurrou Emery nos braços do filho.

Sua mãe.

Emery sempre fora robusta, como sua irmã, e forte. Mas agora parecia mais frágil, como se feita de farinha, capaz de se desfazer ao mais leve toque. Ela, porém, tinha o mesmo cheiro de especiarias e graxa de máquina.

Sua mãe.

Arqueiro pousou a cabeça contra a dela. Suas lágrimas molharam o rosto dele.

Atrás dela, ele viu seu avô e sua prima, Riki, observando-o. Seu avô parecia sério e orgulhoso; Riki, mais alta e magra do que ele se lembrava. Ela tinha quantos anos, doze agora? Tinha dez da última vez que a vira.

– Meu garoto – disse Emery repetidas vezes. – Meu garoto.

– Oi, mãe – ele murmurou.

Quando a mãe finalmente o soltou, ela o pegou pela mão e o arrastou para a cozinha, mal dando a ele tempo para abraçar Riki, que se agarrou à sua cintura como sempre tinha feito, e seu avô, que deu tapas com firmeza em seu ombro com um resmungo.

– É bom tê-lo de volta.

Seranna subiu correndo a escada até o farol, chamando:

– Ele está em casa! Ele está em casa!

– Sente-se. – Emery o empurrou em uma cadeira e sentou-se ao lado dele, sorrindo e esfregando os olhos. – Como você está? O que aconteceu com você? Está tão alto! Me conte tudo.

O avô de Arqueiro começou a colocar os pratos quentes em tripés no centro da mesa – um guisado vermelho e fumegante de carne, tomate e berinjela, uma tigela de arroz temperado com óleo, tigelas menores de ervas frescas e pão pita.

Riki sentou-se ao lado de Arqueiro, encostou-se em sua cadeira e balançou-se com o joelho contra a beirada da mesa.

– Foram impressores? – ela sussurrou.

– Riki! – ralhou o avô, como se a estivesse repreendendo por ser mal-educada.

– Desculpe – ela resmungou.

– Sim, impressores. Eles me tiveram por muito tempo… – Arqueiro olhou para a mãe, cujos olhos estavam cheios de lágrimas enquanto tentava corajosamente sorrir. – Mas aí fui resgatado.

– Por quem? – perguntou Riki.

– Por uma garota. O nome dela é Sefia. Ela… – Ele sacudiu a cabeça, esticando o guardanapo de pano desbotado ao lado de sua tigela. – Eu devo tudo a ela.

Emery olhou na direção da porta da frente, como se à procura de Sefia.

– Onde está ela?

– Ela não está…

– Ela é bonita? – interrompeu Riki.

– Sim. – Apesar da pontada no peito, Arqueiro sorriu. – Escura e bela, como água à noite.

– A água é perigosa à noite – disse o avô.

– É.

Emery encheu sua tigela de arroz e guisado e espalhou um punhado de ervas verdes por cima.

– Meu garoto – ela disse. – Sempre um amante. Coma. Os outros vão acompanhar.

– Mãe, por favor – ele disse, tirando o prato dela. – Eu posso me servir.

A mãe lhe deu um sorriso tão largo que doeu.

– Mas, agora que você está em casa, não precisa fazer isso.

Enquanto botava a tigela em frente a ele, dois homens desceram a escada do farol. Um deles era seu tio Rovon, magro como a filha Riki, com um denso cabelo preto. Arqueiro se levantou, e Rovon o abraçou, com firmeza, como se para tranquilizar a si mesmo de que Arqueiro estava realmente ali.

– Calvin – ele disse. – Nós achamos que você estivesse morto.

– Eu não – interveio Riki lealmente.

Arqueiro não ouvia esse nome havia anos. Ele nem parecia mais lhe pertencer – como um par de sapatos que há muito tinha ficado pequeno para ele. Ainda assim, Arqueiro agarrou o braço do tio quando eles se soltaram.

– Eu me senti morto, às vezes – disse.

O outro homem, então, adiantou-se. Ele era mais pálido, mais delicado, como sabão, com a barriga suave da meia-idade. Em meio às sardas, seus bondosos olhos azuis enrugaram-se nos cantos.

Arqueiro não o reconheceu.

O homem estendeu a mão.

– Calvin. Nós não nos conhecemos. Eu sou Eriadin.

A palma de sua mão era úmida, mas quente e forte.

– Esse é meu novo marido – interveio rapidamente Emery. – Eriadin, esse é meu garoto.

Novo marido? Arqueiro deu um passo para trás. Seu pai tinha sido morto havia muito tempo, a serviço da Marinha Real, e sua mãe nunca tornara a se casar depois disso. Era difícil pensar nela casada.

– Oh. – Ele hesitou. – Bem-vindo à família.

– Ela estava perdida sem você – disse Eriadin, dirigindo-se para uma cadeira do outro lado. – Não sei dizer o quanto significa tê-lo de volta.

Eles sentaram-se e começaram a comer outra vez – exceto por Emery, que continuava a olhar para o filho como se ela nunca fosse ter o suficiente dele. Ao lado dela, Eriadin sorriu.

– Seranna está cuidando da luz para nós – disse Rovon, pegando um grande pedaço de pão. – Ela disse que foi a primeira a vê-lo, e que uma olhada era suficiente para durar por todo o jantar.

– Para mim não é – disse Emery. – Para sempre não vai ser tempo o bastante para mim.

Arqueiro apertou sua mão.

O olhar dela passou por suas cicatrizes, parando brevemente no colar de pele empelotada em seu pescoço.

– Você parece… bem.

– Forte – acrescentou Eriadin. – Emery sempre disse que você era forte. Deve

ter passado muito tempo lutando para voltar para casa, hein?

A comida de repente pareceu cola em sua boca. Todos eles pareciam muito esperançosos.

– Sim – foi tudo o que disse.

– Coma – ordenou a mãe. – Você está magro demais.

Eles voltaram-se para a refeição. Arqueiro evitava a maior parte de suas perguntas, mas, na verdade, não fizeram tantas assim, e a conversa voltou-se rapidamente para o que tinha acontecido na aldeia enquanto ele esteve ausente, como Riki crescera, a artrite do avô e as dores de cabeça de Seranna. E era uma sensação estranha tornar a se encaixar ali, porque, apesar de tudo o que tinha acontecido, *isso* – sua família, incluindo ele – não tinha mudado. Mesmo com Eriadin, que ria e brincava com tanta familiaridade quanto os demais.

Havia algumas coisas, porém, que Arqueiro não podia dizer. Coisas que tinham acontecido com ele. Coisas que fizera. Coisas que iriam partir seus corações, se eles soubessem. E o rapaz não podia fazer isso com sua família.

E, mais do que isso, ele temia. Que começassem a falar sobre a missão, os sangradores; ele não ia querer ficar. Entre cada silêncio, cada pergunta não respondida, Arqueiro ergueu o muro entre aquela vida e esta e torceu para que ele não se rompesse.

– Você esteve em Oxscini todo o tempo? – perguntou o avô perto do fim de sua refeição.

– Não – Arqueiro sacudiu a cabeça. – Eu acabei em Deliene por um período.

Rovon serviu-se de outra porção.

– Você encontrou algum daqueles sangradores enquanto esteve por lá?

Emery lançou um olhar em sua direção, mas Riki chegou para a frente em sua cadeira.

– Vocês ouviram falar dos sangradores? – perguntou Arqueiro.

Ele sabia que os delieneanos contavam histórias sobre eles, mas não sabia que as histórias tinham viajado até tão longe.

– Todo mundo ouviu falar deles – disse Riki, como se ele já devesse saber. – Eles são heróis.

– Heróis?

– Eles são a razão do fim dos impressores.

Emery cravou as unhas na mão de Arqueiro.

– Eu queria que tivéssemos alguns deles por perto quando você foi levado. Esses impressores nunca teriam conseguido fazer isso.

Arqueiro tentou sorrir, mas sentiu o riso vacilar em seus lábios.

– Então, você os conheceu? – perguntou Riki.

– Conheci quem?

Ela revirou os olhos com impaciência.

– Os *sangradores*. Eu soube que eles têm cicatrizes no pescoço, como você, mas têm também essas tatuagens nos braços que os deixam invencíveis.

– Riki, ninguém é invencível – corrigiu-a Rovon.

– Os sangradores são. Eu soube que têm uma feiticeira com eles que lança encantamentos que os torna à prova de balas. E seu líder, Arqueiro, é tão durão que até matou seu tenente por desobedecer a ele.

Arqueiro encolheu-se ao lembrar-se de Kaito – a bala perfurando seu crânio, a luz morrendo em seus olhos.

– Na minha opinião, um bom líder deve proteger os seus – disse o avô.

– Você nunca precisa tirar uma vida, Riki – disse Rovon com grande seriedade, olhando nos olhos dela. – Você sempre tem uma escolha.

Arqueiro dobrou o guardanapo. E quase arrumou briga com o tio. Quase se retirou. Rovon tinha trabalhado no farol desde que conheceu Seranna. Ele nunca nem servira na Marinha Real. O conflito Oxscini-Everica sempre foi um pesadelo distante para o tio. Mesmo agora, com a Aliança evericana-liccarina, a guerra devia ser pouco mais que um rumor.

Uma escolha?

Às vezes, a escolha era matar ou morrer.

Ao perceber o silêncio de Arqueiro, Eriadin limpou a garganta e jogou o guardanapo na tigela vazia.

– Enfim – ele disse. – Eu imagino que não tenha encontrado essas pessoas, certo, Calvin? Você saberia se isso tivesse acontecido.

Arqueiro levou a mão ao pescoço, mas a pedra da preocupação não estava ali. Seus dedos, em vez disso, esfregaram a cicatriz.

– É – ele disse. – Eu acho que sim.

Mais tarde, Arqueiro estava em seu velho quarto, cercado por lembranças do garoto que ele costumava ser. O cobertor de tecido que a avó lhe dera no dia de seu nascimento. O uniforme vermelho do pai, pendurado no canto. O telescópio de latão em um tripé. A coleção de conchas no batente da janela. Uma das fitas de cabelo de Annabel enfiada embaixo de seu travesseiro.

O garoto que vivera nesse quarto nunca tinha matado um homem, um inimigo, um amigo, um irmão.

O garoto que vivera nesse quarto não conhecia esse tipo de perda, tristeza, culpa. Ele não se ressentia da própria família porque suas vidas não tinham sido tocadas pela violência. E não odiava a si mesmo pelo que tinha feito.

Será que podia viver ali, mesmo que ele nunca mais fosse esse garoto?

Inclinou-se na direção da janela e apoiou a testa contra o vidro frio. Bem abaixo, a base dos penhascos estava branca com ondas ávidas.

Emery juntou-se a ele.

– Você ficou mais alto – repetiu, quase de forma acusadora.

– Eu estive longe por dois anos.

Eles ficaram em silêncio por um momento, olhando para o escuro. A extremidade do pontal levara mais de cem navios antes da construção do farol para alertá-los a se afastar das rochas. A família Aurontas estava cuidando da luz havia gerações. Arqueiro devia ter assumido a operação de seu avô, também chamado Calvin.

– O que você acha de Eriadin? – perguntou Emery.

Ele não respondeu.

– Como vocês se conheceram?

– Ele naufragou no Ninho do Dragão.

O Ninho do Dragão era um aglomerado de espinhaços rochosos alguns quilômetros mar afora. Mas ninguém naufragava lá desde que Arqueiro se lembrava.

– O farol? – ele perguntou.

– Foi minha culpa – disse Emery sem rodeios. – Depois que você foi levado, eu… eu fiquei perdida. Deixei a luz se apagar. Eriadin estava em uma barcaça de transporte de madeira, o único sobrevivente. Ele chegou à praia na Angra de Calini. Você se lembra do lugar?

Sim. Arqueiro tinha ido até lá com uns amigos em um de seus aniversários.

Ele se lembrava da pele molhada e grudenta de sal. Annabel o havia molhado. Lembrava-se de pernas, joelhos e braços, as costas das mãos dela sujas de areia. E sua voz, uma onda de luz no ar quente e denso.

Ele tocou seu cotovelo.

Houve um beijo. Lábios e línguas.

– Eu me lembro – disse Arqueiro.

– Alguns garotos o acharam e o trouxeram para cá. Fui me desculpar, explicar, implorar seu perdão… E ele me perdoou. – Emery deu um suspiro, com uma ternura na voz que Arqueiro nunca tinha ouvido, exceto quando ela falava de seu pai. – Não sei como alguém podia me perdoar, depois do que eu tinha feito, das mortes que causei, mas Eriadin perdoou. Ele disse que todos nós fazemos coisas das quais nos arrependemos.

– Você o ama? – perguntou Arqueiro.

– Sim. – Ela encostou-se e sorriu, o que provocou covinhas em suas bochechas. – Muito. Ele nos ama também. E até assumiu nosso nome.

Eriadin Aurontas, um lenhador transformado em guardião de farol. Como os nomes mudavam com facilidade. Como as pessoas iam de uma identidade para outra com facilidade.

Ou… talvez não com tanta facilidade.

Talvez você tivesse de passar por muita tragédia. Talvez dor e morte o espremessem repetidas vezes, até que seu velho eu escorresse.

Ele tinha tornado-se Arqueiro porque não conseguia se lembrar de quem era, e quando se lembrou, permaneceu Arqueiro porque ser Calvin não parecia mais certo.

E, no fundo, ele julgava não merecer isso.

– Você já foi à aldeia? É melhor dizer que não, que você veio direto para sua casa, para sua mãe.

– Não – ele disse. – Eu vim direto para cá, para minha mãe.

Emery beliscou de leve o queixo do filho, embora a expressão em seus olhos revelasse que ela havia percebido que ele não falara *casa*.

– Bom garoto – disse a mãe.

Será que ela ainda acharia que o filho era bom se soubesse quantas pessoas

havia matado?

E nem todos eles porque fora preciso?

Arqueiro achava que a mãe jamais conseguiria olhar para ele outra vez, se soubesse.

Ele apertou a mão dela, ainda segurando seu antebraço.

A luz passou por cima deles.

– Mas você devia ir – disse Emery. – Amanhã, se tiver vontade. Ela vai querer ver você.

Ela.

Annabel – delicada e branca como creme, de cachos louros e riso fácil. Arqueiro se lembrou de seus chinelos deixando pegadas delicadas no chão coberto de farinha da padaria. Ela aproximava-se dele enquanto ele examinava as estantes, e quando Annabel estava perto o bastante, dava uma risada e envolvia os braços em torno de sua cintura, e em vez de encolher-se, ele colocava as mãos delicadamente sobre as dela.

– Ela está com alguém. – A voz de sua mãe interrompeu seus pensamentos. – Aden Asir. Você lembra…

Arqueiro viu seu hálito embaçar a janela.

– Sim.

Aden tinha sido um de seus amigos: bonito, popular, olhos honestos e cabelo negro que caía continuamente em seu rosto quando ele ria.

Emery sorriu com os lábios cerrados.

– Achei que você devia saber antes de ir até lá, de modo que não fosse esperando…

– Eu não estava.

A mãe lançou para ele um olhar astuto, do jeito que apenas pais e pessoas que trocaram suas fraldas podem fazer.

– Eu só queria que você não estivesse com essa expressão de cão sem dono que está agora.

– Eu não…

– Enfim – ela disse rapidamente. – Parece que você seguiu em frente, não é? Sefia, é esse o nome dela?

– É.

– Você não disse onde ela está.

Arqueiro levou novamente a mão ao pescoço.

– Eu não sei.

– Oh. – A voz de Emery calou-se. Ela entrelaçou as mãos, tentando ocultar a decepção. – Bom, eu gostaria de conhecê-la um dia. Agradecer a ela por ter salvado meu garoto.

Arqueiro balançou a cabeça afirmativamente, embora o volume em sua garganta dificultasse sua respiração.

– Eu também gostaria.

Eles ficaram ali um pouco mais, mãe e filho parados lado a lado enquanto navios passavam pelo mar, antes que Emery o mandasse para a cama, o pusesse para dormir e beijasse sua testa.

– Tenha bons sonhos, meu garoto.

Enquanto estava ali deitado olhando fixamente para o teto, Arqueiro torceu para que o toque de sua mãe fosse mágico, como nas histórias, e com um único beijo apagasse todos os seus pesadelos, todas as memórias das piores partes de si mesmo, e ele fosse lavado e limpo outra vez.

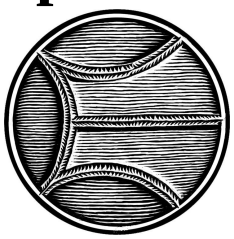
Mas quando finalmente pegou no sono, numa cama que não parecia mais ser sua, os sonhos voltaram. Ele acordou, encharcado em suor, braços e pernas retorcidos nos lençóis, tentando pegar uma pedra da preocupação que não estava ali.

Como tinha feito inúmeras vezes quando ele era mais novo, Emery chegou correndo. Ela sentou-se na beira de seu colchão e tentou segurá-lo, murmurando:

– Psst. Psst.

Mas Arqueiro não iria deixar que ela fizesse isso. Não queria seus braços fortes e macios, nem sua pena e garantias de que tudo estava bem, que ele estava em casa. Nada estava bem. E ele estava longe de casa.

Capítulo 38



A filha do traidor

Um criado chegou de manhã, ou no que Sefia achava que era a manhã – sem luz natural, ela não tinha como saber ao certo –, com uma bandeja de pãezinhos quentes, chá e um copo de suco de fruta. Sefia tinha pouco apetite, entretanto, e beliscou intermitentemente a refeição, perguntando-se o que iria acontecer em seguida.

Será que Tanin e os Administradores iriam interrogá-la?

Mantê-la em isolamento?

Torturá-la? Ela estremeceu ao pensar no que Dotan, com aquele olhar que fervilhava gelado, poderia lhe fazer.

Instintivamente, Sefia aprumou-se. O que quer que eles fizessem, não iriam dobrá-la.

Logo, ouviu vozes no exterior. Quando a porta se abriu, alguém sussurrou:

– Vá embora, Tolem. Seu Mestre não quer você perto dela.

Sefia captou um vislumbre do cabelo negro e dos óculos grossos do Aprendiz Administrador antes que ele saísse correndo.

Um velho entrou na sala arrastando os pés, e sua túnica comprida varria o chão. Sefia o reconheceu do Livro – seu cabelo era branco como neve, com manchas de idade salpicadas nas costas das mãos artríticas.

– Erastis?

– Minha querida – disse calorosamente o Mestre Bibliotecário, segurando suas mãos. – Você é igualzinha à sua mãe. Embora eu desconfie de que você tenha também alguma coisa de seu pai.

Diferentemente de Tanin, quando Erastis mencionou seus pais ela não conseguiu detectar nenhuma pontada de tristeza, nenhum remorso, apenas o carinho da lembrança. Sefia ficou grata por isso.

– Você está pronta para sair desses aposentos abafados?

– Tanin me mandou esperar.

Para alguém de aparência tão frágil, a pegada de Erastis era surpreendentemente forte enquanto ele a puxava na direção da porta.

– E você vai – ele disse, levando-a para um frio corredor de pedra com lâmpadas elétricas nuas presas às paredes. – Na Biblioteca, comigo.

– Sem venda? – perguntou Sefia.

– Você gostaria de usar uma?

– Não, mas Tanin não vai…

– A Segunda vai me permitir.

Ele deu tapinhas nas costas de sua mão.

A Segunda? O título de sua mãe. Será que Tanin tinha sido rebaixada a Aprendiz? De outra divisão?

Será que ela ainda tinha autoridade para manter sua parte no acordo?

– Conte-me – Erastis interrompeu seus pensamentos. – Você gostou do Livro que eu mandei?

– Foi o senhor?

– Claro que sim. – Ele riu. – Você gostou?

– Eu não entendi a maior parte dele – ela admitiu.

– Ostis é um texto complicado.

– Então por que o senhor…

– Aquele era o livro que sua mãe estava segurando no dia em que conheceu seu pai. As anotações dela estão nele todo.

Sefia não conseguia acreditar que não tinha se lembrado. Os diagramas, as passagens sublinhadas, os comentários que encobriam as margens como trepadeiras. Tinham sido escritos por seus pais? Ela lutou contra a vontade de subir correndo para seu quarto, pegar o livro e passar o dedo pelas palavras, traçando cada letra, cada linha que eles escreveram tantos anos atrás.

– Eles não deviam escrever nos livros – prosseguiu Erastis. – Mas eram tão brilhantes que eu não os impedi.

Eles caminharam pelos corredores sinuosos que deixavam o Gabinete do Administrador na direção dos andares superiores da Sede Principal, onde finalmente chegaram à Biblioteca. Sefia lera sobre ela, é claro, mas nada em sua imaginação podia tê-la preparado para *isso*.

Os degraus abriam-se do centro do salão, convidando-a a seguir para salas nas quais ela sentia que poderia desaparecer por horas, dias, até meses – caminhando entre as estantes como uma exploradora, rastreando os escritos de seus pais como se eles fossem criaturas esquivas e lendárias, que sempre desapareciam quando ela pensava tê-las encontrado. Sefia podia se imaginar retirando um volume das estantes e enroscando-se em uma poltrona muito fofa, enquanto as estátuas de bronze de antigos Bibliotecários liam por cima de seu ombro. Ou, em noites especialmente boas, quando a leitura a prendesse, talvez ela pudesse acender uma daquelas lâmpadas elétricas e sentar-se sozinha a uma mesa curva, permanecendo acordada até tarde enquanto o resto do mundo sonhava à sua volta.

É o lugar perfeito para uma leitora, pensou. Em seguida, com culpa: *É o lugar perfeito para mim.*

– E então, querida? – perguntou Erastis.

– É maravilhosa.

Uma jovem mulher a uma das mesas no centro da sala levantou-se. Ela tinha olhos castanho-claros e bochechas redondas, com um rosto contraído que lhe dava certa aparência porcina.

– Mestre – ela disse.

– Ah, June. Por favor, conheça Sefia, a filha de meu Aprendiz antes de você.

A expressão de June franziu-se.

– A filha dos traidores?

Sefia flexionou as mãos. Será que June sabia por que ela estava ali? Que ela ainda estava ocultando o Livro deles?

– Seja gentil, June – repreendeu-a delicadamente Erastis. – Nós não podemos ser responsabilizados pelos erros de nossos pais.

Sefia olhou na direção das lousas e do cofre fechado.

– Você o trouxe de volta? – perguntou June, sem recuar.

– Ela está aqui – disse o Mestre Bibliotecário antes que Sefia pudesse

responder. – Isso é um começo.

June foi buscar uma xícara de chá para ele, e Sefia passou o dedo pela beirada da mesa, onde um livro antigo tinha sido disposto como um espécime científico, com a capa removida, a encadernação exposta.

– Você está curiosa? – perguntou Erastis.

– Por que vocês estão fazendo isso com ele?

– Fazendo reparos. – Ele aceitou a xícara que June lhe trouxe e inalou o vapor enquanto observava Sefia debruçar-se sobre o volume com as mãos entrelaçadas às costas. – Você é cautelosa também, eu percebo. Mais cautelosa que seu pai era na sua idade. Sabia que ele costumava vir escondido aqui, à noite, para se encontrar com sua mãe? Lon achava que eu não sabia, mas claro que sabia… Venha. Você gostaria de observar enquanto eu e June restauramos o Fragmento?

A Aprendiz Bibliotecária franziu o cenho.

– O senhor quer dizer que eu posso…

Tanin não gostaria que ela fizesse isso. Mas Erastis parecia operar de acordo com as próprias regras.

– Você pode andar por aí, em vez disso, se quiser – ele disse.

– Não, eu gostaria de ver. – Depois de um momento, Sefia acrescentou: – Obrigada.

Ela estudou os Bibliotecários enquanto eles debruçaram-se sobre o livro, rasparam cola de sua lombada e alisaram bordas amassadas com um vincador de papel, com movimentos ágeis e seguros. Quando isso terminou, eles invocaram sua magia, e ao passarem as mãos sobre o papel sujo, manchas de mofo dissolveram-se e desapareceram.

Sefia piscou rapidamente. No mundo Iluminado, ela podia vê-los desemaranhar fios de ouro das páginas, afastando-os com tanta delicadeza quanto se estivessem lidando com açúcar caramelizado. Ao deixarem o livro, os jorros de luz dispersaram-se no mar revolto de ouro.

– Isso é Transformação? – perguntou Sefia.

– Sim – respondeu June com um tom de voz entrecortado. – E é bem difícil, por isso fique quieta, por favor. Você, até agora, já interrompeu minha lição o suficiente.

Transformação, Sefia aprendera no Livro, era o terceiro nível da Iluminação,

usada para mudar as propriedades de diferentes objetos, transformando sal em ouro, imbuindo espadas de sede de sangue.

Ela estreitou os olhos tentando distinguir marcas de tinta de marcas de mofo.

– O que acontece se você remover a coisa errada? Ou demais?

– *Puf*.

Erastis estalou os dedos.

– Entendo.

– Sim, você entende, não é? Eu sabia que havia algo de seu pai em você.

Sefia quase sorriu, até que se lembrou de que o pai tinha traído Erastis. Antes que suas emoções pudessem aflorar, entretanto, o Mestre Bibliotecário tomou sua mão.

– Você gostaria de tentar?

Devia haver uma regra contra ensinar Iluminação para pessoas de fora. Aparentemente, isso não importava para Erastis.

– Sim – disse Sefia com avidez.

June soprou um fio solto de cabelo do rosto.

– Mestre, ela é o *inimigo*.

– Ela já foi, mas talvez não seja para sempre.

Apesar da irritação de June, Sefia juntou-se a eles no livro. Sob a orientação de Erastis e com as correções ríspidas da Aprendiz, ela logo estava extraindo fios de mofo das páginas e os devolvendo ao oceano de luz, que os lavava como pegadas na areia.

Ela se saiu tão bem nisso que, depois de uma hora, June não olhava mais sempre que ela falava, e quando a Aprendiz foi buscar chá, voltou com uma xícara para Sefia também.

Sefia nunca tivera um professor antes, nunca tivera ninguém com quem compartilhar sua magia. Era desafiador e empolgante, e ela se perguntou o quanto aqueles Bibliotecários assemelhavam-se a uma família, como eram comuns em seu afeto uns pelos outros, apesar de seus talentos extraordinários.

Ela podia tê-los odiado pelo que eles tinham feito, por serem parte de uma organização que os havia caçado por toda a vida.

Mas, na verdade, o quanto eles haviam caçado?

Aparentemente, Erastis não deixava a Sede Principal havia mais de uma

década, e June, tão dedicada a ele como uma neta, nunca saía de seu lado. Quanta responsabilidade eles compartilhavam com Tanin, pelo que fizera a seu pai? Pelo que os impressores de Rajar tinham feito a Arqueiro? Pela guerra contra Oxscini?

Sefia sacudiu a cabeça. Não podia se permitir pensar nisso. Se fizesse isso, hesitaria. E hesitar era algo que não podia fazer. Não agora. Não aqui, no coração da Guarda. Com um único gesto limpo, ela ergueu uma mancha de mofo da página à sua frente e ficou satisfeita ao notar o olhar admirado de June.

Se pudesse apenas ficar fazendo isso, alguns anos não pareceriam nada longos.

Capítulo 39



Razões para ficar

A padaria não tinha mudado. Farinha ainda se acumulava nos cantos das vidraças. A porta ainda tinha uma borda inferior rachada onde clientes incautos batiam com o dedão na entrada. Arqueiro sorriu. Ele tropeçara ao entrar pela porta também, na primeira vez que fora à padaria.

Riki o empurrou.

– Entre logo.

Dessa vez, ele não tropeçou.

Annabel estava sentada atrás do balcão, trançando nós em uma série de fios para fazer contas. Seus cachos dourados estavam amarrados para trás com uma fita azul que combinava com seus olhos.

– Falo com vocês em um instante…

Mas, quando a jovem ergueu os olhos, sua voz morreu em seus lábios. Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto seu olhar passava por ele: seu pescoço e seus ombros, suas mãos marcadas por cicatrizes, até os pés, e de volta a seu rosto. Os fios de contar cascatearam de seus dedos quando ela saiu correndo por baixo do balcão e jogou-se em seus braços.

Automaticamente, as mãos de Arqueiro foram até a cintura dela, e foi como se nunca tivessem se separado; eles encaixavam-se muito perfeitamente.

Porque mesmo depois de todo esse tempo, ele a conhecia. Arqueiro conhecia suas formas e o cheiro de seu cabelo. E, pelo modo como Annabel agarrou-se a ele, o rapaz soube que ela o conhecia também.

Pela primeira vez desde o retorno, ele sentiu-se como se estivesse em casa.

Annabel esfregou lágrimas dos olhos e o soltou.

– Calvin – ela disse. – Não sei lhe dizer quantas vezes… Toda vez que alguém entrava por essa porta, eu pensava… Por meses…

Riki estava parada perto da janela com as mãos às costas, observando prazerosamente os dois.

– Desculpe – ele disse.

– Você não tem nada do que se desculpar.

Arqueiro encolheu-se. Ele tinha tudo de que se desculpar. Mas essa parte de sua vida estava emparedada em seu interior, e jamais poderia compartilhá-la com ela.

Ele podia senti-la estudando-o, avaliando suas mudanças. Arqueiro remexeu-se no lugar.

– Você parece bem.

Annabel apertou os lábios. Ela deu um passo em sua direção e levantou o braço para tomar seu rosto na palma da mão. Ele quase se afastou, mas não fez isso.

– O que aconteceu lá fora, Calvin? Você está…

Ela tinha feito isso, exatamente isso, muitas vezes antes. Ele se lembrou da pressão de seus dedos, das almofadas de sua mão, sua pele sedosa com farinha.

– Diferente – ele concluiu por ela.

– É. Mas não tão diferente quanto você gostaria que todos acreditassem.

Arqueiro pegou a mão dela e a abaixou.

– Como está Aden? – perguntou.

Annabel enfiou as mãos nos bolsos do avental.

– Ele está bem. Acho que você já soube… – Ela olhou para Riki, ainda sorrindo para eles das janelas. – Eu esperei por você. Eu esperei. Mas todo mundo estava dizendo… Até sua mãe… Eles falavam de você como se já estivesse morto.

– Você não precisa explicar. Eu *estava* morto.

Annabel puxou um cacho para trás da orelha e inclinou a cabeça para ele com curiosidade.

– Mas eu voltei. – Ele sorriu. – Essa garota, Sefia, ela…

– Uma garota?

– Sefia – ele repetiu. – Ela me salvou.

Por um momento, Annabel pareceu insegura, mas se recompôs rapidamente, cortês como sempre, suavizando sua expressão com um sorriso enquanto espiava pela janela.

– Ela está aqui?

– Ela não veio.

– Oh.

– Calvin diz que ela é bonita – acrescentou Riki sem ajudar em nada.

Arqueiro olhou fixamente para a prima.

Mas Annabel apenas sorriu enquanto voltava novamente para trás do balcão.

– Acho que ele merece uma garota bonita. Você quer alguma coisa? Está aqui para levar o pedido de sempre?

Riki fez que sim enquanto Annabel pegava pães nas prateleiras.

– E um bolo! Para Calvin.

– É claro! Meu pai pode fazer um esta noite. Eu mesma levo, se você quiser.

– Você não precisa… – começou a falar Arqueiro.

– Não é trabalho nenhum.

Ao mesmo tempo, Riki balançou a cabeça avidamente para cima e para baixo.

– Por que você não fica para jantar também?

Annabel corou.

– Ah, eu não poderia…

– Claro, por que não? – disse Arqueiro.

Eles olharam um para o outro, confusos.

Então Annabel riu, e seu riso reverberou dentro dele, abalando os cantos empoeirados de sua memória. Como sua vidinha era confortável. Um aprendizado no farol. Uma família. Uma garota na padaria da aldeia. Seria tão difícil fazer dessa sua vida outra vez?

– Está bem. – Ela terminou de pegar os pães nas prateleiras. – Vou dizer a Aden que estou ocupada.

– Por que você não o convida? – perguntou Arqueiro.

Com um suspiro exagerado, Riki carregou os pães em seu cesto e seguiu na direção da porta.

Annabel espalmou as mãos no balcão.

– Ele normalmente trabalha à noite na taverna, mas posso ver se ele está livre.

– Ótimo.

Arqueiro começou a contar moedas.

Ela tornou a rir.

– Eu não vou aceitar seu dinheiro, Calvin Aurontas. Não é todo dia que um garoto volta dos mortos.

Ele foi até a porta e pegou a maçaneta.

– Quer que eu busque você?

– Estarei perfeitamente segura. Isso aqui não é mais como era… – Ela calou-se. – Na verdade, se Aden for, ele vai querer botar a conversa em dia com você.

– Eu adoraria.

Ao abrir a porta, Arqueiro e Riki viraram-se para partir, mas, antes que pudessem deixar o local, Annabel saiu de trás do balcão e o segurou pelo braço. Ele ficou tenso, mas ela o puxou em outro abraço e sussurrou:

– Estou feliz que você está em casa.

Seus cachos roçaram o ouvido dele, seu rosto.

– Eu também – ele murmurou, surpreendendo-se ao perceber que estava falando a verdade.

Quando Arqueiro voltou à padaria à noite, Annabel tinha trocado o avental e o vestido cobertos de farinha por uma saia e uma blusa. Um brilho verde reluzia em seu cabelo.

Por um segundo, ele achou que fosse uma pena. Mas não: era apenas um alfinete esmaltado.

– Sem Aden? – perguntou.

– Sem. – Ela evitou seu olhar. – Ele não pôde vir.

Enquanto caminhavam, eles conversaram sobre o que Arqueiro tinha feito no dia, as pessoas que ele vira, como a padaria estava, mesmo algumas notícias sobre a guerra e os reforços sendo enviados de Epigloss para sua cidade irmã, Epidram, no leste.

Mas a cerca de meio caminho, Annabel reduziu o passo. Então ela fungou.

Arqueiro reconheceu o som, ele o ouvira dezenas de vezes no passado, quando ela queimava a mão em um dos fornos, quando a avó morreu, quando

uma de suas histórias de amor favoritas terminou em tragédia.

– Qual é o problema? – perguntou.

– É minha culpa. Se você não tivesse saído escondido para me encontrar, nunca teria cruzado o caminho daqueles impressores horríveis.

Arqueiro entregou a ela um lenço para secar as lágrimas, o mesmo que Cavalo lhe dera no dia em que se despediram em Jahara. Sefia tinha um igual.

– Eu amava você – ele disse em voz baixa, com franqueza. – Eu me arrependo de muitas coisas, mas não disso.

Annabel lançou para ele um olhar intrigado, mas quando o rapaz não acrescentou mais nada, ela envolveu o braço no dele.

– Eu amava você também – sussurrou.

Juntos, eles percorreram o resto do caminho até o farol e, no jantar, foi quase como se as coisas tivessem voltado ao normal. Enquanto Annabel conversava animadamente com a família dele, que a recebeu à mesa como se fosse um deles, tudo parecia fácil outra vez. Ela alisava rugas na conversa. Não insistia por respostas quando ele ficava em silêncio. E aceitava-o com a mesma confiança inquestionável que sempre tivera.

Muito rapidamente – até demais, na opinião deles –, Annabel teve de voltar para casa. No silêncio confortável, ela e Arqueiro retornaram a pé pela trilha até chegarem à floresta, onde Annabel deu um suspiro satisfeito.

– Senti falta de sua família.

Arqueiro inclinou a cabeça na direção dela.

– Você não os vê sempre?

A garota passou os dedos pelo mato na lateral da trilha. A parte de trás de suas unhas bateu delicadamente contra as folhas duras e as flores de outono.

– No início, eu via, depois que você desapareceu… Mas aí sua mãe encontrou Eriadin, e Aden e eu…

Ele desviou os olhos.

– Certo.

– Você encontrou alguém também, não foi? – ela perguntou. – Sefia?

Encontrou e a perdeu. Ele assentiu.

Annabel lançou para ele o sorriso simples e curioso que costumava fazer com que ele despejasse todos os seus segredos – quem lhe deixara de olho roxo, o que

ele comprara para o aniversário dela. Mas Arqueiro não era mais o garoto que tinha sido – agora seus segredos eram profundos e dolorosos.

Ele, porém, não iria pensar nisso. Ele não era mais o chefe dos sangradores. Era alguém diferente, disse a si mesmo, alguém que queria ficar.

– Por que ela não está aqui? – perguntou Annabel.

Os dois saíram da trilha e caminharam entre as árvores até chegarem à escarpa, de onde ele podia ver a aldeia de Jocoxa ao longo da curva leste da baía.

– Isso é… complicado – disse Arqueiro.

Annabel sentou-se entre as raízes espalhadas de uma árvore velha, que fazia uma espécie de banco perto da beira do penhasco.

– Com ela, nada nunca era fácil – ele prosseguiu. – Não como…

– Nós?

– É. – Ele deu de ombros. – Exceto que não há mais *nós*.

– Será que poderia haver?

Ele olhou na direção da aldeia, onde as luzes brilhavam amarelas através das janelas com cortinas, e os veleiros boiavam delicadamente em seus ancoradouros.

Esse lugar tinha sido seu lar. Será que poderia ser outra vez? Se conseguisse esquecer Sefia, os sangradores, a culpa, a violência, o modo como seu desejo por ela permanecia aceso, mesmo agora, como a chama de uma vela flutuando na vastidão negra do oceano?

– Eu não sei – disse ele.

Annabel mordeu o interior da bochecha.

– Eu não convidei Aden esta noite – ela confessou.

– Eu imaginei.

– Imaginou?

Arqueiro riu.

– Você não mudou nada, Bel. Eu ainda posso lê-la como um livro.

– Como o quê?

– Desculpe. Nada.

– Onde está ela, a Sefia? – perguntou Annabel.

Ele deu um suspiro, sentou-se ao lado dela e pôs a caixa de bolo vazia entre eles.

– Deliene, eu acho. Não tenho certeza.

Mais uma vez, ele sentiu a ausência da pedra da preocupação em seu pescoço.

– Você quer que ela volte?

Annabel apertava as dobras de seu vestido, sem ousar olhar para ele.

– Bem… – ele começou.

Ela inclinou-se para perto, imitando-o.

– Cal…

Ele quase não disse nada, mas não devia ser tão imune a seus charmes quanto imaginava, porque a parede em seu interior rachou.

– Esse não é o meu nome – ele disse, surpreso por ouvir a verdade em seus lábios.

– Esse sempre foi o seu nome – repreendeu-o ela.

– Não é mais – ele disse, olhando-a fixamente nos olhos, precisando que Annabel acreditasse.

– Está bem. – Um sorriso criou covinhas no rosto redondo dela. – Eu não me importo de conhecê-lo outra vez.

Arqueiro enterrou o rosto nas mãos para não ter de ver mais sua sinceridade de olhos brilhantes.

– Acho que você não diria isso, se soubesse.

– Soubesse o quê?

E como ele não conseguia resistir a ela, mesmo agora, o muro que erguera com tanto sacrifício começou a desmoronar.

– Eu matei pessoas, Bel – começou ele e, depois de começar, era como se não pudesse parar. Tudo saiu jorrando dele, todas as coisas que tentara manter escondidas, todas as coisas que tinha tentado esquecer. – Eu matei tantas pessoas que perdi a conta. Algumas porque foi preciso. Outras porque quis. Outras porque eu não sabia mais dizer a diferença. Eu não podia parar. Infelizmente, ainda não posso. Eu não sou mais *Calvin*. Nunca mais vou ser ele.

– Eu sei – disse Annabel, de maneira tão prosaica que ele ergueu os olhos, surpreso. Ela mordeu o lábio. – Quero dizer, eu nunca soube de nada disso, mas sabia que você não era mais o mesmo. Como podia ser? Só que ainda acredito em você, o que quer que tenha feito, qualquer que seja seu nome agora.

Ele engoliu em seco.

– Arqueiro.

– Arqueiro, então. – Ela estendeu a mão. – Eu sou Annabel.

Ele a segurou.

– É um prazer conhecê-la.

Annabel se inclinou na direção dele e, por um segundo, Arqueiro pensou que ela fosse beijá-lo, e isso o assustou, porque ele queria. Sentia falta disso. Desejava isso. Embora não conseguisse evitar pensar em Sefia e em seu último beijo no penhasco, com o vento soprando em torno deles.

Selvagem.

Complicado.

Empolgante.

Em vez disso, Annabel o beijou no rosto, seus macios lábios cor-de-rosa permanecendo em sua pele. E Arqueiro quis muito virar, pôr a boca sobre a dela, tomá-la em seus braços.

Talvez isso expulsasse suas lembranças de Sefia. Talvez isso o ajudasse a esquecer. Talvez, se beijasse Annabel, eles voltassem ao amor que costumavam compartilhar, simples e direto. Talvez, com ela, Arqueiro não precisasse de muros e pudesse ser todos os garotos diferentes que tinha sido, todos eles ao mesmo tempo – o guardião do farol, o animal, o matador, o capitão, o comandante, o amante – e talvez… talvez Arqueiro finalmente estivesse em casa.

Mas ele não fez isso.

Annabel inclinou-se repentinamente para trás.

– Desculpe. Eu não devia…

– Não, está tudo bem.

Ele tocou um de seus cachos.

E estava tudo bem. As coisas não eram mais simples entre eles. Mas talvez, um dia, pudessem ser.

Eles levantaram-se e caminharam de volta pela trilha na direção da aldeia até chegarem à porta de Annabel.

– Se precisar de tempo, você tem – ela disse, brincando com as chaves em sua mão.

– Aden?

– Como poderia haver um Aden quando há sequer uma mínima possibilidade de você?

Ele a abraçou.

– Está bem – ele sussurrou, e quase acreditou.

No caminho de volta ao farol, houve um farfalhar nas sombras. Arqueiro ficou tenso. Por um segundo, ele tinha por volta de quinze anos outra vez, e seus sequestradores estavam em cima dele – galhos quebrando, o arrastar rápido de pés, as formas escuras saltando da selva. Ele sentiu os braços serem imobilizados e o saco de aniagem ser enfiado em sua cabeça, ouviu o som da própria voz contra o tecido, implorando por ajuda.

Mas Arqueiro não era mais aquele garoto. Seus nervos vibraram. Seus sentidos abriram-se. Os sons estavam mais pronunciados; as sombras, mais escuras. O mundo era *novo* outra vez – urgente, perigoso e belo.

Como ele tinha sentido falta disso.

Estava desarmado, mas não *precisava* de armas. Ele agachou-se no escuro, esperando enquanto a batida ritmada de cascos chegava até ele.

– Quem está aí? – chamou.

– Chefe? – Era a voz de Frey, suave e aguda.

As marcas brancas de tinta no rosto escuro de Aljan pareciam brilhar como olhos enquanto eles saíam a cavalo das árvores.

A tensão relaxou nos membros de Arqueiro enquanto ele se levantava.

– O que vocês estão fazendo aqui?

Arqueiro não pode evitar o tom de desapontamento na voz.

– Eu não queria vir, mas não teria sido certo esconder isso de você – disse Frey.

– Esconder o que de mim?

– Machada está em Epigloss. Ele está trabalhando de segurança para uma taverna nas docas.

Os dedos de Arqueiro foram até a cicatriz em seu pescoço. *Machada* – corpulento, de pele avermelhada e cascas de ferida nos nós dos dedos.

Ele tinha matado Oriyah.

E transformara Arqueiro em animal.

– Ele é só um homem. Você não precisa vir – disse Frey. – Você pode ficar aqui.

Na luz mortiça, Aljan parecia assustadoramente com o irmão que havia morrido.

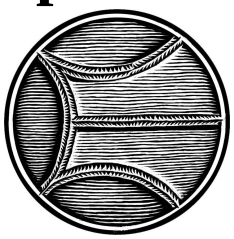
– Ou, se partirmos agora, podemos chegar amanhã à noite.

As mãos de Arqueiro fecharam-se. Havia muitas razões para ficar – a mãe, a prima, o avô, a tia e o tio, Annabel, *Annabel*, a garota com quem antigamente ele acreditou que ia se casar, se tivessem mais tempo juntos – e só uma razão para ir.

À distância, Arqueiro podia jurar ter ouvido um trovão.

– Deixe-me pegar meu cavalo – ele disse.

Capítulo 40



A casa na colina de frente para o mar

Embora à noite Sefia ficasse trancada em seu quarto sem janelas, sob custódia dos Administradores, durante o dia ela passeava pelas galerias e corredores, visitava as cozinhas, que cheiravam a panquecas e molhos fervilhando em panelas. Ela conversava com jardineiros e serventes e também explorava passagens nas profundezas da montanha.

Às vezes, ela percebia Dotan a observá-la do pé de uma escada ou do fim de um corredor, e, embora ele nunca lhe dissesse uma palavra, Sefia podia sentir seu ódio a segui-la pela Sede Principal como uma sombra. Ela nunca teve a chance de conhecer formalmente seu Aprendiz, Tolem.

Sefia estava sempre acompanhada – por um dos criados, ou June, ou às vezes Erastis, mas mais frequentemente por Tanin, a Segunda, em pessoa. Ela esperava pelo retorno do Primeiro, para que pudesse começar a treinar.

– Uma decisão piedosa de nosso estimado Diretor – disse com amargura.

– Você vai receber uma espada de sangue? – perguntou Sefia.

– Sim.

– Mas, para ganhar espadas de sangue, Assassinos têm de matar a família.

Tanin deu de ombros.

– Que família?

Frequentemente, elas conversavam sobre os pais de Sefia: Tanin contava seus dias como Aprendizes, Sefia contava a ela sobre a vida na casa na colina de frente para o mar.

– Desculpe por não estar lá para os últimos dias de Mareah. Eu soube que ela

estava doente. Provavelmente pegou isso antes de nos trair, de uma de suas vítimas. Deve ter levado anos para que seus sintomas surgissem – disse uma vez Tanin, rasgando distraidamente um pedaço de pão pita em pedaços macios. – Eu a amava, você sabe, mesmo depois que ela nos traiu… Eu teria gostado de saber por que ela fez isso.

– Você quer dizer que também não sabe? – perguntou Sefia.

– Como eu poderia saber? Ela sempre me afastava.

Sefia mexeu nos pedaços de açúcar em torrão que os criados da cozinha serviram com seu chá de hortelã.

– Então por que ainda se preocupa com eles? Depois de tudo o que fizeram a você?

– Eles eram minha família.

– *Eu* era a família deles. – Sefia olhou com raiva para sua xícara, onde as folhas tinham começado a amarronzar. – Você matou um deles. E teria matado os dois se os houvesse encontrado antes de minha mãe morrer.

– Talvez, então, eu já tivesse ganhado minha espada de sangue.

Sefia quase sentiu pena dela. Elas haviam passado tanto tempo juntas na semana anterior que, para qualquer outra pessoa, poderiam parecer amigas.

Tanin juntou os pedaços de pão em uma pilha pequena.

– Você já voltou? À casa?

– Não.

Sefia torceu o guardanapo em seu colo.

– Você gostaria? – A mulher inclinou-se para a frente, repentinamente ávida. – Eu posso levá-la. Podemos ir amanhã.

– Quanto tempo demora para chegar lá?

Tanin sorriu.

– Não muito.

No dia seguinte, Tanin levou Sefia ao lado sul da montanha, que dava para a cordilheira nevada. Pedras caíam na garganta abaixo enquanto Sefia seguia lentamente pela beirada. Picos de granito como aqueles só existiam nas montanhas szythianas em Deliene e na costa oeste de Everica, então ela devia estar em um desses lugares. Sefia arquivou essa informação para uso posterior.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou, olhando ao redor. – Nós vamos voar?

Um canto da boca de Tanin curvou-se.

– Não exatamente. – Ela afastou o cabelo do rosto. – Você se lembra de quantos níveis de Iluminação existem?

– Quatro – disse Sefia. Os primeiros dois níveis, Olhar e Manipulação, eram bem comuns entre os Guardiões, mas Transformação era mais rara, e o nível final só era tentado pelos Iluminadores mais avançados. – Oh. Teletransporte.

– O Teletransporte é a forma mais complicada e perigosa de Iluminação. Com ele, você pode se transportar instantaneamente através de grandes distâncias.

Tanin piscou, e suas pupilas se contraíram. Sefia conjurou seu Olhar também, e seus olhos encheram-se de ouro.

– O mundo Iluminado é como um registro vivo do mundo físico. Com nossos sentidos limitados, só conseguimos ver uma pequena fração dele de cada vez, ou corremos o risco de nos perdermos, mas está tudo ali. Nós conseguiríamos ver uma cidade tão distante quanto Braska se pudéssemos examinar uma quantidade tão prodigiosa de informação.

Como se para ilustrar o que estava dizendo, Tanin passou a mão pelas correntes revoltas que escorriam por seus dedos como água e tornavam a se formar.

– Então você pode ir a qualquer lugar? – perguntou Sefia.

– Só para lugares que conhecemos tão bem que podemos nos lembrar de todos os detalhes. Em relação ao Olhar, se não tivermos uma referência clara, bom… Imagine o que aconteceria se alguém tentasse se teletransportar para um lugar que não existe.

O vento soprou sobre elas, frio e com cheiro de neve.

– Você quer dizer que morreria?

– Lembra-se do que aconteceu com o mofo que os Bibliotecários estavam extraindo do manuscrito?

Ele tinha desaparecido como gotas de chuva em um rio. Era isso o que iria acontecer com ela, se cometesse um erro no Teletransporte?

– Você sabia disso? – perguntou Sefia.

– Erastis não devia tê-la incluído em sua pequena lição, mas ele faz o que

quer.

Tanin abriu e estendeu os braços, como se estivesse abrindo cortinas para deixar entrar o sol.

Sefia a viu remexer no mundo Iluminado.

– Isso é uma lição também?

– Considere um teste. Você quer uma prova de que estamos deixando o garoto em paz, não quer?

Sefia poderia ver Arqueiro. Ela saberia que ele estava em segurança. Seu coração apertou-se. Também poderia vê-lo com Annabel.

Mas isso era melhor que vê-lo morrer.

Os olhos de Tanin estreitaram-se.

– Segure minha mão.

– Por quê?

– Eu encontrei sua casa.

Sefia enfiou a mão na de Tanin.

– Você não tem medo de que eu aprenda a me teletransportar também?

Tanin riu.

– Eu não disse que o Teletransporte é a forma mais complicada e perigosa de Iluminação? Você é talentosa, Sefia, mas nem mesmo seu pai foi inteligente o bastante para aprender Teletransporte sozinho.

Sefia observou avidamente Tanin movê-las para a frente, levando-as através da turbulência de ouro e luz. Então seus pés tocaram a relva. Ar marinho encheu seus pulmões. Por um momento, Sefia cambaleou. Soltou a mão de Tanin e jogou-se na escada em frente à porta. As tábuas estavam rachadas e cobertas de sujeira, mas eram os mesmos degraus onde ela parara tantos anos atrás, na manhã em que encontrou o pai morto no chão da cozinha.

Tanin olhou para ela com pena.

– Você deve saber que o corpo de Lon não está aqui – ela disse. – Nós demos a ele uma cremação apropriada.

– Quando?

– Dois dias depois.

Tempo suficiente para que os animais e os insetos o encontrassem primeiro. Sefia cerrou os punhos.

Como se tivesse percebido ter dito alguma coisa errada, Tanin mexeu em seu lenço e olhou para qualquer lugar, menos para Sefia – os penhascos e a costa rochosa, as chaminés semidesmoronadas, o jardim selvagem coberto de espinheiros.

Finalmente, Sefia ficou de pé. Ela pôs a mão na maçaneta e abriu a porta.

Na última vez que estivera ali, a casa tinha acabado de ser revistada pela Guarda. Agora era uma ruína. Cacos de vidro cobriam o chão. A maior parte da mobília havia desaparecido. As cortinas estavam amontoadas e apodrecendo abaixo dos batentes das janelas. As panelas e facas tinham sumido, os pratos, quebrado, os cobertores, ficado imundos.

Com Tanin às suas costas, Sefia abriu caminho através do entulho.

– Por que você me trouxe aqui?

Ela ajoelhou-se e virou um pedaço de vaso quebrado.

– Achei que você iria gostar de vê-la… – A mulher começou, incerta. – Achei que gostaria de voltar.

– Não há nada para o que voltar.

Uma ruga surgiu no centro da testa de Tanin.

– Desculpe. Eu achei… Nós podemos ir.

Quando Sefia virou-se, seus passos riscaram a poeira. Ela tinha quase chegado à porta quando algo no canto da sala captou seu olhar – um tremeluzir, como se houvesse algo ali escondido, fora de vista.

Ela foi até a parede e passou a mão pela sujeira e pelas rachaduras.

– O que é? – perguntou Tanin.

Sefia encontrou algo redondo e duro – uma maçaneta, invisível ao olho. Debruçou-se para a frente e delineou os entalhes que a circundavam.

Palavras.

Ela invocou o Olhar, e viu gravado na madeira:

Invisível.

Totalmente invisível. As palavras trouxeram de volta memórias de escuridão e água suja do fundo de um navio, de noites iluminadas a lampião e alojamentos lotados, de dormir ao lado de Arqueiro, dos joelhos tocando-se, do hálito dele quente em suas mãos em concha.

Totalmente invisível tinha sido entalhado em seu caixote, o que os manteve

em segurança dos sentidos misteriosos do imediato.

Quem tinha feito isso? Seu pai? Sua mãe?

Ela pegou um caco de louça do chão e com ele riscou as palavras, eliminando-as da existência.

A porta invisível tremeluziu uma ou duas vezes e apareceu na parede, com dobradiças e tudo.

Tanin levou um susto.

Enquanto Sefia testava a maçaneta, a mulher debruçou-se para examinar o que restava das letras.

– É a caligrafia de Lon. Nós não sabíamos que estava aqui – ela murmurou. – Nós procuramos… Até voltamos depois de descobrir que você existia, mas ninguém nunca viu isso.

Então como eu fiz isso?, perguntou-se Sefia.

– Você tem uma faca? – ela perguntou.

Tanin retirou uma faca da bota e a entregou a Sefia, que a usou para mexer na tranca.

– Inteligente – sussurrou a mulher.

Se Sefia não a conhecesse bem, ela teria pensado que Tanin estava sendo sincera.

Depois de alguns segundos, ela abriu a porta. As duas inclinaram-se para a frente para ver o que havia no interior, que era tão precioso que tinha de ser protegido por magia.

Lágrimas molharam os olhos de Sefia.

Lá dentro estavam seus bens mais preciosos: a caixa de joias da mãe, o telescópio do pai dentro de seu estojo de couro negro, pacotes de sementes adormecidas, moedas de todos os reinos, lingotes de ouro e prata.

Ignorando o dinheiro, Sefia levou a caixa de joias a seu colo. Ela puxou com delicadeza cada uma das gavetinhas, perturbando as correntes sem brilho e braceletes de pedras semipreciosas com a ponta do dedo.

Depois de alguns minutos de busca, encontrou o que estava procurando, enfiado por trás de um amontoado de contas de vidro. Um anel de prata cravejado de pedras negras.

– O anel de Mareah. – Tanin estendeu a mão. – Posso?

Sefia quase se afastou. Sua inimiga não merecia nenhum pedaço de seus pais.

Mas Tanin nem sempre fora sua inimiga, não é?

Ela passou o anel para Tanin, que o pegou nos dedos esguios e o girou. A parte onde estavam as pedras abriu-se, revelando um espaço em seu interior.

– Eu sabia sobre o compartimento… – murmurou Sefia, enquanto Tanin abria um fecho escondido. Uma lâmina diminuta, mais fina que uma haste de grama, saltou do meio das pedras. – Mas não da lâmina.

– Isso foi dado a Mareah por um joalheiro liccarino – disse Tanin. – Para envenenar os inimigos dela.

Ela tornou a fechar o anel e o estendeu para Sefia.

– Achei que Assassinos não tinham objetos pessoais.

Sefia enfiou o anel no dedo médio.

Ele coube perfeitamente.

– Acho que nós duas sabemos que Mareah não era nenhuma Assassina comum.

Sefia assentiu, levantou-se e pegou o estojo do telescópio do pai. Ela saiu, parou nos degraus e escutou o mar quebrando contra a costa – um som entremeado com todo o tecido de sua infância.

– Então você pode viajar para qualquer lugar de Kelanna com o Teletransporte?

Ao lado dela, Tanin ergueu a sobrancelha.

– Desde que eu tenha estado antes no local.

Sefia tocou o anel no dedo. Seus pais haviam escondido o armário de vista. Será que a mãe havia feito o mesmo com o caixote no *Corrente*? Os marinheiros no exterior viram uma menina por lá, alguém que parecia Sefia, mas mais velha.

– Você poderia viajar através do tempo? – ela perguntou.

– Por quê? Está planejando voltar e impedir que eu mate seu pai?

Os olhos de Sefia estreitaram-se.

– Eu poderia fazer isso?

Tanin deu um suspiro.

– *Teoricamente*. Mas as únicas referências precisas que temos são páginas do Livro. Você entende o problema disso, não entende?

– Sim – disse Sefia com voz contida.

Você precisaria de duas páginas para se teletransportar através do tempo: uma para seu destino e uma para seu retorno.

Mas seus pais tiveram o Livro em suas mãos. Por mais difícil que fosse orientar-se naquelas páginas infinitas, sua mãe talvez pudesse ter sido capaz de encontrar as duas páginas exatas de que precisava…

– Você poderia se transportar com o Fragmento em vez do Livro? – perguntou.

– Você poderia *tentar*. – Tanin deu a volta nela e desceu os degraus. – Mas Fragmentos são copiados à mão, e mesmo os melhores copistas cometem erros. Se eles estiverem errados mesmo em um detalhe, você vai se perder.

Sefia a seguiu, murmurando:

– Mas é possível.

Elas apertaram as mãos outra vez, e Sefia estudou Tanin com cuidado enquanto estendia os braços abertos. Em um movimento rápido, a magia as levou da costa delieneana para a Sede Principal. Em meio às montanhas novamente, Sefia estava extremamente consciente do peso do telescópio do pai em suas costas, do anel da mãe em seu dedo.

Sefia agora tinha algo para se lembrar deles – algo que ela podia guardar.

– Obrigada por me levar para casa – ela disse em voz baixa.

Tanin indicou-lhe a direção da entrada da Sede Principal sorrindo, e dessa vez Sefia teve certeza de que ela estava sendo sincera.

Capítulo 41



Um dos lobos

Arqueiro, Aljan e Frey encontraram Machada exatamente onde esperavam: em frente a uma pequena taverna no fim de um beco abandonado. Ele parecia entediado, apoiado contra a parede que descascava enquanto arrancava as cascas de ferida dos nós dos dedos.

Arqueiro desmontou e entregou as rédeas de seu cavalo para Frey, que esperou na boca do vale enquanto ele e Aljan avançavam.

– Machada.

Arqueiro sacou a arma. Atrás dele, podia sentir os dois sangradores observando, escutando. Mas não havia movimento nas janelas que davam para o beco. Nenhuma das portas se abriu.

Machada apertou os olhos e olhou para ele, ignorando o revólver.

– É você, garoto?

Com o som de sua voz, Arqueiro ficou gelado. *Garoto. Lambe-botas*. Os nomes que tinham dado a ele.

Machada levou a mão à boca e puxou uma casca de ferida com os dentes.

Arqueiro teve de engolir em seco algumas vezes antes de conseguir pôr as palavras para fora.

– Eu agora me chamo Arqueiro.

As sobrancelhas do impressor ergueram-se.

– Esse é um nome e tanto atualmente. Achei que pudesse ter sido você quem destruiu todas aquelas equipes no norte. Percorreu um longo caminho desde que o peguei em Jocoxa. Presa fácil para um predador como eu. – Machada

examinou Arqueiro de cima a baixo, de forma bem parecida com que fazia quando ele era seu prisioneiro, seu candidato, seu *garoto*. Como se estivesse avaliando gado. – Só que… você agora é um predador, não é? Um dos lobos.

O dedo de Arqueiro contorceu-se no gatilho.

O revólver estava pesado em sua mão.

Enquanto hesitava, um sorriso passou pelo rosto de Machada e enroscou-se ali como um gato satisfeito consigo mesmo.

– Mas até lobos são presa de um caçador.

Arqueiro sentiu um frisson de medo. Ou de excitação.

Era uma armadilha.

Uma luta.

Disparos explodiram atrás dele. Na entrada do beco, Frey soltou um grito.

Vidro estourou nas janelas acima. Arqueiro retorceu-se e saiu do caminho enquanto uma bala raspava seu braço.

Fumaça subiu do revólver na mão de Machada.

Arqueiro atirou nele. Quase sem pensar. Quase sem sentir. Foi fácil. Natural. Como respirar.

Machada arfou. Sangue escorria em sua barriga, e ele curvou-se e cambaleou até a parede.

Arqueiro não esperou para vê-lo cair. Girou e disparou através da janela quebrada acima. Um borrifo vermelho atingiu as cortinas. Ele virou-se na direção da entrada do beco.

Mas, antes que pudesse tornar a se unir a seus sangradores, Serakeen emergiu da taverna.

Arqueiro o reconheceu imediatamente: cicatriz no rosto, olhos tristes, duas armas com borda prateada sobre as coxas.

Seu casaco cor de berinjela adejou a seu lado quando ele ergueu os braços.

– Frey! – Arqueiro girou. – Aljan!

Mas eles foram lentos demais. A magia de Serakeen os pegou e os jogou contra a parede.

Frey desmoronou. O rosto de Aljan colidiu com a construção de pedra. Sangue misturou-se com a tinta branca em seus olhos. Ele caiu ao lado de Frey.

Será que eles estavam respirando?

Dificilmente.

Nenhum deles se levantou.

– Eu estava errado sobre você, Arqueiro – ribombou a voz de Serakeen através dele, como ocorrera três meses antes na sala da Guarda sob Corabel.

– Você é mais assassino do que acreditava ser.

Arqueiro atirou.

Com um movimento da mão, o pirata mandou a bala zunindo contra a parede – um movimento que Arqueiro vira Sefia usar dezenas de vezes antes, agora colocado em prática contra ele.

Arqueiro piscou. A luta desenrolava-se a sua frente como um corte de seda – rápido e escorregadio.

Os dedos de Serakeen fecharam-se, tentando segurá-lo. Arqueiro esquivou-se. Sentiu a magia pegá-lo como uma rede em torno do lugar onde ele estava parado momentos antes.

O pirata avançou.

Perto da porta da taverna, Machada estava apoiado à parede, segurando a ferida em sua barriga.

Do chão, Arqueiro disparou duas vezes, tão rápido que os tiros soaram como uma única explosão. Fogo e cheiro de pólvora.

Qualquer outra pessoa teria sido morta. Mas não um Soldado da Guarda. Serakeen mandou a primeira bala na parede, mas a segunda o atingiu no ombro.

Ele chiou e agarrou o ar.

Arqueiro girou, mas a magia de Serakeen segurou seu braço. A arma foi arrancada de sua mão.

Ele agachou-se e sacou uma de suas facas de caça da bainha. Quando Serakeen aproximou-se dele, Arqueiro passou a lâmina pela coxa do pirata e a enfiou entre as costelas.

Serakeen berrou e estendeu a mão. Arqueiro pulou para o lado. Os potes de cerâmica atrás dele estilhaçaram-se.

Ele atacou e atingiu o rosto de Serakeen, seu flanco, onde quer que ele conseguisse acertá-lo com os punhos.

Diante do ataque, o pirata arrancou a lâmina do corpo e a lançou. Arqueiro esquivou-se quando a faca voou em sua direção e quase o acertou na orelha.

Serakeen sacou um alfanje curvo e reluzente da bainha.

– Sinto muito. Sei que ela fez um acordo por você, mas meu Diretor acha que você é perigoso demais para escapar livre.

Ela. Sefia? O mero pensamento nela acelerou o sangue de Arqueiro. Era por isso que tinha partido? Para fazer um acordo com a Guarda?

Ele puxou a espada de Harrison da bainha – familiar e pesada na mão – e atacou, projetando-se, estocando, cortando, enquanto Serakeen defendia-se, com as botas arrastando-se pelas pedras do calçamento.

Suas espadas aparavam uma à outra enquanto eles circundavam-se. Arqueiro arrancou sangue dele repetidas vezes. O casaco de couro de Serakeen foi cortado sob sua lâmina.

Com um gesto da mão, o pirata jogou Arqueiro para trás e lançou-se sobre ele. O alfanje beijou seu braço, sua perna, antes que Arqueiro pudesse dançar para fora de seu alcance.

Aquela magia. A magia de Sefia. Arqueiro era bom, mas não era páreo para ela.

Mais uma vez o arco reluzente do alfanje de Serakeen desceu. Arqueiro levantou a espada. Os gumes encontraram-se.

Em uma fração de segundo, Arqueiro soube: ele podia desviar da lâmina. Eles podiam continuar a lutar desse jeito, golpeando as defesas um do outro até que ele ficasse cansado demais para esquivar-se, e a magia o pegasse como tinha pegado Frey e Aljan.

Ou ele podia levar o golpe.

Arqueiro girou o pulso e, em vez de curvar-se para longe, o alfanje penetrou. Entrou fundo na lateral de seu corpo, aproximando os dois.

Perto o bastante para Arqueiro ver as narinas de Serakeen se dilatarem.

Perto o bastante para Arqueiro sentir o cheiro do suor dele.

Seus olhares se cruzaram. Nesse instante, os olhos de Serakeen arregalaram-se. Sua expressão era uma mistura de horror e admiração. Seu alfanje estava preso no flanco de Arqueiro.

Mas a espada de Arqueiro estava livre. Ele atacou.

A lâmina encontrou pouca resistência ao decepar a mão de Serakeen do resto de seu braço.

Ele não iria usar magia outra vez – não com aquela mão.

Uivando, o pirata cambaleou para trás e arrancou a espada de Arqueiro. Ele a ergueu até o ombro.

Arqueiro foi rápido o bastante para ver Serakeen soltar uma trava no cabo de sua espada.

Ele não foi rápido o bastante para evitar o clarão de pólvora que explodiu do copo da espada. Sua visão ficou branca.

Arqueiro cambaleou. Ele não conseguia ver.

A espada de Serakeen fez um ruído metálico contra as pedras do calçamento.

Aí veio a mágica.

Os braços de Arqueiro ficaram presos. Ele sentiu-se erguer-se do chão, sentiu o ar passar por ele, sentiu o corpo atingir a parede. Dor explodiu por suas costas e membros. Pontos explodiram diante de seus olhos.

Ele desmoronou, gemendo.

Quando recuperou a visão, ele viu Machada, a menos de três metros, deitado morto contra a parede. Havia uma casca de ferida semissolta ainda presa aos nós dos dedos de sua mão esquerda.

Mas

Capítulo 42



Vida longa ao rei

Eduoar havia se mantido fiel à sua palavra. Arcadimon Detano agora tinha o apoio de todas as casas principais. Ele tinha a bebida mortal – a mesma que o Rei Suicida tomara tantos anos atrás – em seu bolso. Tudo estava pronto.

Lá fora, as sombras esticavam-se pelo pátio interno enquanto o sol coroava os muros do castelo. Com um olhar para cima para as janelas iluminadas da torre de Eduoar, ele correu pelo corredor do primeiro andar. Achou ter visto o rei atrás das cortinas, esfregando seus olhos tristes e cansados.

Reflexivamente, Arcadimon engoliu em seco.

Era isso. O último obstáculo entre ele e o controle total de Deliene.

Seu rei.

Seu amigo.

Arc subiu a escada para o segundo andar dois degraus de cada vez. Quando chegasse onde estava Eduoar, iria se ajoelhar, fazer uma mesura com a cabeça e apresentar o frasco na palma de suas mãos como um cavaleiro oferecendo sua espada. O rei iria pegá-lo, tocar seu ombro em um gesto carinhoso de absolvição e gratidão, e voltar-se para a janela, onde a última luz do dia iria tocar seus belos traços. Ele iria olhar, mais uma vez, para seu castelo, sua cidade, seu reino, enquanto Arcadimon retirava-se, depois de ter entregue a arma mortal.

Era isso. Seu Mestre – seu Diretor – havia ordenado.

Eduoar havia pedido. Ele queria isso havia anos, e finalmente iria tê-lo: o fim de sua vida, o fim de sua linhagem, o fim da maldição.

A hora estava chegando para eles. A mão de Arc congelou na maçaneta.

E então ele não estava mais pensando em como fazer aquilo, mas em como impedi-lo. Abrir a porta. Saborear a expressão de surpresa no rosto de Eduoar. Pegá-lo pela gola, puxá-lo para junto de si e unir seus lábios tão rápido e com tanta força que sentiriam aquilo por dias seguidos.

Outro corpo. Arcadimon iria precisar de outro corpo. Era o único jeito.

Mas como ele iria enganar seu Mestre, ou qualquer dos outros Guardiões, que podiam ler as marcas em um cadáver como as passagens em um livro?

Eu o amo. Eu o amo. Não posso matá-lo. Eu o amo.

Ele empurrou e abriu a porta.

•••

Quando Arcadimon entrou no quarto, seu rosto estava corado. Seus olhos azuis estavam brilhando. Ele parecia bonito, e ávido. No bolso de seu casaco, sua mão tremia.

Eduoar sentiu um lampejo de dor, pânico e nostalgia.

– É hoje? – ele questionou enquanto começava a se levantar da cadeira.

Arcadimon fechou a porta com tanta força que o vinho de Eduoar estremeceu em seu copo.

– Não. Hoje não. – Seu olhar estava tão intenso que quase queimava. – Nem nunca, pelo menos no que depender de mim.

Eduoar retraiu-se.

Arc estendeu a mão – ela estava vazia.

Eduoar recuou na direção da janela.

– Mas essa é a única maneira de nós dois conseguirmos o que tanto queremos.

Arcadimon segurou o rosto de Eduoar entre as mãos.

– Eu quero que você viva – ele sussurrou, seu polegar alisando o lábio inferior de Ed.

Eduoar quase se jogou sobre ele, desejando a boca de Arcadimon na sua, querendo um beijo tão urgente quanto um hematoma e tão vivo quanto um grito.

Em vez disso, ele retraiu-se até que suas costas atingiram o batente da janela.

– Eu quero ser livre.

– Você pode ser. – A voz de Arcadimon estava sofrida. – Se você partir. Agora mesmo.

– E ir para onde?

– Embora. Para longe daqui. Vá para algum lugar onde ninguém o reconheça. Comece de novo. – Arc aproximou-se dele. – Você não vai mais ser um Corabelli. Não estará amaldiçoado. Você vai poder fazer o que quiser.

Eduoar tateou às costas e encontrou o trinco da janela.

– Isso não funciona assim.

– "A maldição só termina quando sua família perder tudo" – recitou Arcadimon. – "Só quando você estiver destituído e implorando piedade."

As palavras fizeram com que Ed fizesse uma pausa.

Ele tinha perdido demais.

E implorara piedade.

Mas não tinha sido destituído de tudo. Não de seu título. Não de seu reino. Não de seu nome.

Ed girou o anel de sinete no dedo. *Ainda não.*

Ele acreditara na maldição por tanto tempo que não conseguia se lembrar de uma época em que não estivesse à sua sombra. Ela levara sua mãe, seu pai, suas tias, tios, primos. E estava aterrorizado com a ideia de que levasse Arcadimon.

Por muito tempo, Eduoar teve certeza de que a morte era a única forma de acabar com a maldição.

Arcadimon o puxou da janela. Seus rostos estavam tão próximos que quase se tocavam.

– Você não vai morrer, Ed, não enquanto eu estiver aqui. – Ele cheirava a geleiras e lugares selvagens. – Sinto muito por ter demorado até agora para perceber isso. Sinto muito que tenha chegado tão longe. Devia ter lhe contado muito tempo atrás.

Ed congelou.

– Arc, não.

Enquanto Ed vivesse – e não sabia quanto tempo isso seria –, iria se lembrar das formas dos lábios de Arcadimon, mandando as palavras para o ar como anéis de fumaça.

– Eu amo você – disse Arcadimon.

Algo no coração de Eduoar acendeu-se, algo que ele não sentia havia muito, muito tempo.

Desejo. Fome. De mais que *isso*. De vida.

Era pouco mais que uma pequena chama bruxuleante sob o peso de sua melancolia, mas estava lá. Uma lasca de possibilidade. Talvez ele não quisesse morrer.

Talvez, apenas *talvez*, ele quisesse viver.

Isso não afastou sua tristeza. Não fez com que seu futuro parecesse nem um pouco menos sombrio.

Mas estava ali – esperança, talvez, ou algo assim – e era o suficiente.

– Está bem – sussurrou Eduoar.

Arcadimon o arrastou na direção da porta e, cambaleando pelo corredor, eles começaram a correr.

Os dois esconderam-se pelo castelo, usando passagens vazias que haviam descoberto na infância, quartos onde ninguém colocava o pé havia anos, cada vez mais fundo nas adegas, onde Arcadimon o puxou para um nicho tão estreito que eles ficaram apertados coxa contra coxa, peito contra peito.

Mais uma vez, aquele desejo. Ed podia ver o pulso de Arcadimon saltando em sua garganta, e foi tomado de vontade de passar os dedos por seu pescoço, delineando veias cheias de vida em movimento.

Arcadimon puxou um gancho na parede e abriu uma escadaria secreta. Ar fresco, com gosto de sal, passou por eles.

Eduoar o seguiu pela escuridão. Eles desceram até que deviam estar bem abaixo da cidade.

Arc apertou sua mão.

– Vamos lá. Ainda temos um bom caminho pela frente.

Quando chegaram ao pé do poço, Eduoar podia ouvir nitidamente o oceano – os arquejos da maré e as batidas suaves de barcos ancorados.

Arcadimon o conduziu pelo corredor escorregadio até chegarem a uma caverna comprida e baixa cheia de água azul. Na extremidade dela, havia um tremeluzir de sol dourado, pouco visível.

Um cais escondido.

Arc começou a soltar as amarras.

– A corrente vai levá-lo para fora, e a escuridão vai encobrir sua fuga.

Eduoar engoliu em seco.

– Para onde eu…

– Não sei. Só vá embora daqui. Se eles descobrirem que você está vivo, vão querer nossas duas cabeças.

– Quem são eles?

– Não importa. Mas eles têm um plano para Deliene, e esse plano não inclui você.

Algo no tom de voz de Arc fez com que Eduoar parasse.

– Arc – ele disse.

– O quê?

– Você matou Roco?

Arcadimon hesitou.

– O quê? Não. Ed. Eu *nunca*… Olhe, você queria isso. Ele, não. Eu fiz muitas coisas feias ao longo dos anos, mas não isso.

Eduoar queria acreditar nele. Precisava acreditar, apesar da dúvida que se acumulava em seu estômago.

E escolheu acreditar.

– Está bem – disse.

Arc estendeu a mão.

– Seu anel, por favor.

Eduoar esfregou o polegar sobre o brasão dos Corabellis. O que ele seria, se abrisse mão de seu nome?

A resposta chegou até ele no murmúrio da maré. *Livre*. Ele seria *livre*.

Ed puxou o anel de sinete do dedo e o pôs na palma da mão de Arcadimon. Os dedos de Arc fecharam-se em torno dos dele, lisos e fortes.

Desejo.

Eduoar o puxou tão de repente que o peito de Arcadimon bateu no dele. Cambaleante com o impacto, ele virou o rosto de Arc para encarar o seu.

Com força. Sem jeito, batendo os dentes.

E resplandecente. Resplandecente como ele imaginara; a chama em seu interior roncava forte, lambendo as bordas de sua tristeza, até que pôde sentir a luz queimar as palmas de suas mãos, seus olhos, o fundo de sua garganta.

Sob seus dedos, a pulsação de Arcadimon estava tão acelerada quanto a sua.

Sem fôlego, eles afastaram-se.

– Vá, Ed – disse Arc. – Vá agora.

Tonto, Eduoar entrou no pequeno bote de madeira e soltou a mão de Arcadimon.

A corrente arrastou o barco pela caverna, e a figura de Arc foi engolida pelas sombras.

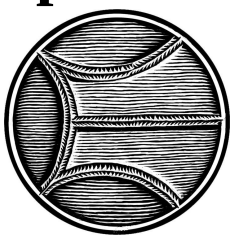
Então Eduoar estava livre – no pôr do sol e entre as pedras –, e, quando as velas se desfraldaram e o levaram para o mar, ele viu as torres de seu castelo reluzirem rosa e dourado sob a luz do entardecer.

Só que não era mais seu castelo. E ele não era mais Eduoar Corabelli.

O Rei Solitário estava morto.

E restava apenas ele.

Capítulo 43



Os muitos ou os poucos

Naquela noite, em seu quarto no calabouço, Sefia abriu o estojo do telescópio do pai. Lá dentro, os tubos e suportes reluziam, inalterados pelo tempo. Ela estendeu a mão e tocou o visor, imaginando as mãos de Lon passando pelo instrumento, girando botões, ajustando contrapesos até que as imagens distantes ficassem definidas e próximas.

Embora o telescópio estivesse novinho, seu forro de veludo estava descascando em alguns lugares, e rasgou quando ela removeu o tripé, revelando folhas de papel amareladas.

Sefia franziu o cenho e retirou as páginas delicadas, praticamente da mesma grossura de uma casca de cebola, de seu esconderijo.

Era a letra de Lon. Era igual à que vira em textos retirados das prateleiras da Biblioteca.

Sefia mordeu o lábio. Essas palavras eram para ela? Alguma mensagem transmitida através do tempo, superando até a morte?

A garota leu a primeira linha…

Mestre,

...e engoliu a decepção. A carta não era para ela coisa nenhuma.

Mestre,

Por favor, saiba que eu queria lhe contar. Queria lhe contar assim que descobri. Acho que o senhor, de todos os membros da Guarda, entenderia por que eu tenho de fazer isso.

Então eu me lembro de nossos juramentos:

Eu vivia na escuridão, mas agora trago a chama.

Eu devo carregá-la até que a escuridão retorne por mim novamente.

Eu devo abandonar todos os laços com parentes e o reino,

e submeter minha obediência a serviço da Guarda.

Será meu dever proteger o Livro de descoberta e mau uso,

e garantir estabilidade e paz para todos os cidadãos de Kelanna.

Não temo nenhum desafio. Não temo nenhum sacrifício.

Em todas as minhas ações, estarei além de qualquer reprovação.

Eu sou a sombra no deserto. Eu sou o farol sobre a rocha.

Eu sou a engrenagem que move o firmamento.

Pois hoje eu sou um Guardião, e assim devo ser até o fim.

Queria que você soubesse que eu não deixei de acreditar. Acho que seria mais fácil se tivesse deixado, embora não haja nada fácil no que eu e Mareah planejamos fazer.

~~Infelizmente~~

Desculpe por não ter sido o Aprendiz que o senhor merecia.

Aqui havia uma série de palavras riscadas, parágrafos interrompidos e iniciados.

~~Como começo?~~

~~Se eu tivesse de fazer~~

~~Uma vez.~~

~~Quero crer que nossas escolhas fazem uma diferença. Preciso acreditar nisso.~~

O senhor se lembra da primeira vez que me deixou sozinho com o Livro? Eu ansiava por isso havia anos. Era como se soubesse que

havia algo que eu devia ver, algo importante. O senhor também sentiu isso, quando era Aprendiz?

“Cuidado”, o senhor disse. “O Livro gosta de surpreender novos leitores.”

“Como ele o surpreendeu?”

O senhor me disse que o Livro lhe mostrou sua família. Quando foi iniciado, seus pais acharam que o senhor estivesse morto. Eles ficaram desolados. Choraram por anos… Até que, um dia, eles tiveram outro filho.

Embora nunca o tenham esquecido, com seu irmão mais novo presente, a cada dia eles pensavam um pouco menos no senhor. E todo dia sofriam um pouco menos também.

Quando seu irmão cresceu, casou com o filho de um pescador. Juntos, eles pegaram uma menina órfã e a criaram como se fosse filha deles.

“Meus pais, meu irmão, a sobrinha que nunca vou conhecer… eles estavam bem sem mim. Estavam felizes. Ao ver isso, soube que tinha feito a escolha certa em me juntar à Guarda.”

Eu perguntei se o Livro iria me mostrar minha própria família.

“A relação de cada pessoa com o Livro é diferente”, respondeu o senhor, “pois o Livro não é uma história estática, mas uma história viva, cheia de intenções. Às vezes, é um farol, iluminando seu caminho quando você caiu na escuridão. Às vezes, é um oráculo, profetizando grandeza ou dificuldades. Às vezes, é um trapaceiro, contando meias verdades.”

“Qual é a sua relação com o Livro?”, perguntei.

O senhor riu.

“Gosto de ver o Livro como um velho amigo. Fiel e de bom coração.”

Então o senhor partiu, e fiquei sozinho no cofre. Eu abri o Livro.

~~Eu me pergunto se, caso eu não estivesse tão ávido, isso teria mudado o que encontrei.~~

~~Se eu~~

Quando Sefia pegou as páginas seguintes, viu a letra familiar do Livro, as bordas irregulares onde Lon devia tê-las arrancado.

A leitora

Houve uma vez, e um dia haverá. Esse é o começo de toda história.

Antigamente, havia um mundo chamado Kelanna, um mundo maravilhoso e terrível de água e navios e magia. As pessoas de Kelanna nada tinham de muito especial, mas eram contadoras de histórias inigualáveis. Elas contavam suas histórias com as vozes e os corpos, repetindo-as diversas vezes até que se tornassem parte delas, e as lendas fossem tão reais quanto suas próprias línguas, pulmões e corações.

Algumas histórias eram escolhidas e passadas boca a boca, atravessando reinos e oceanos, enquanto outras morriam rapidamente, repetidas algumas vezes e, então, nunca mais. Outras, como segredos, eram mantidas dentro de uma única família ou pequena comunidade de crentes, sussurradas no escuro.

Uma dessas histórias raras falava de um objeto misterioso chamado *livro*, que guardava a chave para as maiores tragédias já conhecidas por Kelanna. Algumas pessoas diziam que ele continha registros das piores atrocidades já cometidas: mutilações, marcações a fogo, assassinatos, massacres, estupros e abusos, toda forma de tortura já perpetrada contra outra pessoa. Algumas diziam que, com muitas horas e um pouco de dedicação, era possível até aprender a fazer você mesmo essas coisas terríveis. Os relatos diferiam nos detalhes, mas em uma coisa todos concordavam: só alguns podiam usar o livro. Algumas pessoas diziam haver uma sociedade secreta treinada exatamente com esse propósito, trabalhando geração após geração, envenenando-se com poder e métodos de dominação.

Mas histórias são coisas curiosas. Elas mudam ao serem contadas — multiplicam-se, transformam-se —, até que a história que você pensa conhecer se torna uma entre milhares.

Incompleta.

Ou falsa.

Uma dessas histórias falava de uma leitora que iria mudar tudo. Ela seria a filha de uma Assassina com o feiticeiro mais poderoso já encontrado no mundo em anos, e ela iria crescer para superar os dois em grandeza.

Mas haveria um custo.

Sempre há um custo.

Ela seria nova, teria apenas cinco anos quando a mãe morresse, e nove quando o pai fosse assassinado, e sua infância seria mergulhada em violência. Ela iria crescer para ser uma força formidável em um mundo formidável e, um dia, seria responsável por virar a maré na guerra mais mortal já vista em Kelanna. Ela iria demolir seus inimigos com um gesto de mão. E observaria homens queimando no mar.

E ela iria perder tudo.

Seus pais. Seus amigos. Seus aliados.

O garoto que ela amava.

E, quando tudo acabasse, a leitora ainda estaria de pé, mas estaria sozinha. Ela iria sobreviver, sim, mas sobrevivência é algo duro e difícil de suportar. Você faz coisas que nunca achava que poderia fazer, e algumas que desejava nunca ter precisado fazer.

Ela iria sobreviver, sim, mas com os ossos de navios e soldados a seus pés. Com sangue nas mãos e nada por dentro.

Nós vamos ter uma filha, sabe? Não agora. Não em breve. Mas um dia. O Livro me mostrou minha família, afinal de contas.

“Cinco anos”, sussurrou Mareah quando eu lhe dei as páginas. “Isso é tudo o que terei com ela. E você, só nove.”

“Talvez não”, eu disse. “Talvez as coisas possam ser diferentes. Melhores.”

Nós fomos ensinados que o que está escrito sempre acontece… e nos esforçamos muito para assegurar isso. O Livro diz que vai haver fome? Nós não dizemos às províncias para estocar sacas de grão. Nós saqueamos seus suprimentos para nós mesmos e, quando as pessoas ficam famintas, damos de ombros e dizemos que estava escrito. O Livro diz que vai haver uma guerra? Nós não fazemos negociações de paz. Ensinamos os ferreiros a fazerem armas melhores e dizemos que isso é estarmos bem preparados.

É traição, eu sei. Mas, talvez, se tentássemos mudar o destino em vez de correr em sua direção de braços abertos, talvez o que está escrito pudesse não ser definitivo.

Mareah e eu teríamos de dar as costas para tudo o que fomos treinados para fazer. Para tudo aquilo em que acreditamos — o bem de muitos sobre o bem de poucos —, e ainda poderíamos fracassar.

A única coisa que eu sabia, a única coisa que sei, é que, se ficarmos, minha filha não vai conseguir escapar desse destino. Você sabe que a Guarda vai querê-la para a guerra. Vão fazer todo o possível para transformá-la na arma que o Livro diz que ela vai ser. Poderosa. Vazia. Sozinha.

E eu quero mais que isso para ela.

Nesta noite, começamos a planejar nossa fuga. Escapar da Guarda seria fácil. Nós poderíamos nos teletransportar. Mareah poderia cobrir nossos rastros. Pegar o Livro seria impossível. Mas ele levaria direto a

nós se não fizéssemos isso.

Pensei em lhe contar mil vezes. Mas esta escolha foi forçada sobre mim: nossa missão ou nossa filha. Eu não posso fazê-lo escolher também. (E, talvez, eu tenha medo. Se tudo seguir de acordo com o plano, Mareah e eu vamos fugir com o Livro e ninguém vai se machucar. Mas se algo sair errado…)

Talvez, quando tudo isso tiver acabado, eu descubra um meio de lhe contar.

Talvez, se não for covarde demais, eu mesmo lhe entregue esta carta.

Desculpe, Mestre. Desculpe por traí-lo. Desculpe por não confiar no senhor. Desculpe por levar a coisa que lhe é mais preciosa.

~~Por favor, me perdoe.~~

Sempre seu discípulo,

Lon

Sefia piscou para afastar as lágrimas dos olhos.

Seus pais também tinham tentado derrotar o Livro. Eles tinham tentado enganar o destino.

E falharam. Sua mãe ainda morreu quando Sefia tinha cinco anos. Seu pai ainda foi assassinado quando ela tinha nove.

Ela não sabia sobre Mareah, mas Lon podia ter vivido se eles a houvessem abandonado. Ele podia tê-la escondido em algum lugar em um canto obscuro do mundo – as Ilhas Paraíso, uma mina de enxofre em Roku. Eles não teriam ficado juntos, mas ele talvez tivesse vivido.

Em vez disso, escolheram alguns anos *com* ela no lugar de uma vida inteira sem a filha. Eles escolheram a esperança – por mais tênue que fosse – de poder enganar o destino e encontrar mais tempo.

O pouco ou o muito. A família ou a missão.

As paredes de pedra pareciam se fechar em torno dela. Seus pais nunca quiseram que ela acabasse com a Guarda e, ainda assim, ali estava ela,

prisioneira por livre e espontânea vontade.

O que está escrito sempre acontece.

Mas, não era a Guarda que Sefia precisava derrotar. Era seu próprio destino.

Será que ela corria em sua direção com os braços abertos?

Ao deixar Arqueiro, será que não o forçara a fazer o mesmo?

O garoto das lendas.

O garoto que ela amava.

Era ele. Era ele quando ela o encontrou no caixote… ou *porque* ela o encontrou no caixote. Era ele quando Rajar reabriu suas memórias. Era ele quando matou Kaito, quando ela o viu com Annabel, quando ela o deixou no penhasco. Era ele o tempo todo.

Sefia tocou o pedaço de quartzo no pescoço, e as pontas de seus dedos deslizaram cobre o cristal como se fosse feito de gelo.

Tinha de ser ele?

Talvez não, dissera seu pai. *Talvez as coisas possam ser diferentes. Melhores.*

Mas Lon e Mareah, com todo seu poder combinado, tinham fracassado. Como Sefia poderia fazer o que eles não tinham feito?

Sua mão fechou-se em torno da pedra da preocupação de Arqueiro, que esquentou na palma da mão até que ela não soubesse mais dizer o que era cristal e o que era sua própria carne, seus ossos, seu sangue.

Como poderia viver consigo mesma se não tentasse?

Com cuidado, Sefia tornou a dobrar a carta e a pôs no interior do bolso do colete. Em seguida, colocou o tripé no estojo do telescópio outra vez e o pendurou nas costas.

Ela precisava acreditar que eles iriam fazer isso juntos. Que poderiam escapar, juntos, e viver suas vidas, juntos.

Os poucos ou os muitos, e Sefia sempre escolheria os poucos. Ela sempre escolheria Arqueiro.

Será que amor, inteligência e coragem seriam suficientes para derrotar o Livro?

E mudar o destino dos dois?

Ela precisava encontrá-lo. E, para fazer isso, não podia permanecer ali.

Sefia piscou e invocou seu sentido do mundo Iluminado. Fagulhas douradas

espocaram diante de seus olhos.

Ela espalmou e abriu a porta, arrancando-a das dobradiças, e fez uma pausa no corredor vazio. Dotan e seu Aprendiz não podiam estar perto para ouvir.

Com a delicadeza de um sussurro, Sefia caminhou em silêncio pelos corredores até a Biblioteca, onde encontrou Erastis sentado em uma das mesas curvas com um manuscrito à sua frente. Quando ele a percebeu na porta, ergueu os olhos e piscou por cima dos óculos.

– Sefia, o que você está fazendo fora da… Ah, eu entendo.

– Desculpe – ela sussurrou.

Erastis deu um suspiro enquanto se levantava.

– Tal pai, tal filha, imagino.

Sefia levou a mão ao interior do colete para pegar a carta.

– Encontrei isso no estojo do telescópio de meu pai. Ele a guardou por todos esses anos, embora isso tenha posto os dois, todos nós, em perigo.

Erastis desdobrou a carta com dedos trêmulos.

– É mesmo? – Enquanto lia as primeiras linhas, encostou-se na cadeira com o olhar percorrendo as palavras. Depois de um momento, fez uma pausa. – Por que você está me mostrando isso? – ele perguntou.

Sefia girou o anel de sua mãe no dedo.

– É sua.

– Você não está, como seu pai, com medo de que eu dê o alarme?

– Acho que o senhor não vai fazer isso.

Erastis não respondeu e aproximou a carta da luz outra vez. Sefia o observou ler, os planos de sua face alterando-se conforme as palavras de Lon o alcançavam através dos anos. Quando chegou à última página, ele estava chorando.

– Ele o amava – disse Sefia.

– Ele amava você.

O Mestre Bibliotecário estendeu a carta para ela.

– Está endereçada ao senhor. Guarde-a.

Fungando, Erastis apertou as páginas nas mãos dela.

– Se você vai mesmo fazer isso, minha querida, vai precisar tomar mais cuidado.

Sefia tornou a enfiá-la no bolso.

– O senhor diria a Tanin…

Ela mordeu o lábio. A história fizera delas inimigas, mas, se as coisas fossem um pouco diferentes, em dezenas de vezes diferentes, elas poderiam ter sido aliadas, amigas… até uma família.

– O senhor diria a ela que sinto muito?

– Tenho certeza de que Tanin sente muito também. Por tudo. – Ele hesitou. – Espere. Eu tenho uma coisa para você.

Sefia moveu a alça do telescópio no ombro enquanto Erastis remexia nas pilhas, com a voz chegando até ela através das estantes.

– Eu conhecia você antes de conhecê-la pessoalmente, querida. Sua habilidade, sua coragem e sua capacidade de amar.

Logo Erastis reapareceu com um manuscrito nas mãos. Ele o pôs na mesa e virou as páginas, movendo o ar. Em seguida, pegou uma régua e arrancou uma única folha.

Sefia levou um susto com o som.

– O que é?

– Seu caminho para sair daqui – ele disse, enquanto a entregava para ela.

A jovem examinou a página e ergueu os olhos, confusa.

– Você quer que eu me teletransporte? Com base num Fragmento? Tanin disse…

– É perigoso, sim. Mas você não reconhece esse lugar? – Ele deu um tapinha na página. – Você não sabe aonde tem de ir?

Ela baixou os olhos outra vez.

– Eu nunca me teletransportei antes.

– Você vai conseguir. Está escrito, e o que está escrito sempre acontece.

Espero que não, pensou Sefia. Em voz alta, ela disse:

– É por isso que o senhor está me ajudando? Porque o senhor já fez isso?

Ele concordou com a cabeça.

– E porque sou um velho tolo e sentimental.

– O senhor pode nunca recuperar o Livro.

– Eu fiquei em paz com essa possibilidade muito tempo atrás. – Erastis deu um sorriso triste. – Se seus pais me ensinaram alguma coisa, é isso: ame o que

está à sua frente agora, porque o agora é tudo o que você tem.

Sefia sabia que Erastis estava falando de mais que o Livro. Ela balançou a cabeça concordando.

– Como eu volto? – ela perguntou. – Eu *volto*?

Ele deu tapinhas simpáticos em seu ombro.

– Alguns dos Mestres antigos acreditavam que o Teletransporte não era questão de se lembrar dos lugares onde você tinha ido, mas de encontrar seu caminho de volta às histórias que tinham um impacto tão forte sobre você que se emaranhavam com a sua própria.

Sefia franziu o cenho.

– O que isso…

– Há algumas pessoas para as quais sempre podemos voltar, não importa o quanto estejam longe de nós.

Ela engoliu suas perguntas.

– Quanto o senhor sabe sobre o que vai acontecer? Quanto o senhor já leu?

Ele sacudiu a cabeça.

– Adeus, querida. Infelizmente, na próxima vez que nos encontrarmos, seremos inimigos terríveis.

Sefia apertou a mão dele.

– Então espero que nunca mais tornemos a nos ver.

A jovem deu um passo para trás, olhou novamente para as palavras e enfiou a página no colete. Ela podia fazer isso. Já tinha feito isso. Piscando, ergueu os braços da forma que Tanin fizera mais cedo naquele dia, abrindo o mar de luz. Como se estivesse procurando uma passagem em um livro, ela examinou as cristas douradas até encontrar aquilo de que estava precisando. Então, com um movimento das mãos, ela desapareceu.

Capítulo 44



O que está escrito sempre acontece

Sefia aterrissou, cambaleante, em uma doca. O ar cheirava a sal e alcatrão, e o vento estava cheio do ranger de barcos, do pio de gaivotas. Botes e navios altos a cercavam, e um cúter velho e malcuidado estava ancorado ali perto. Na outra extremidade do cais, uma coluna de madeira encimada pela estátua de uma ave canora – um canário – erguia-se acima da multidão de marinheiros, criados e órfãos de guerra disputando restos.

Sefia estava de volta a Epidram, a cidade onde ela e Arqueiro lutaram contra Machada no Cais do Javali Negro e se esconderam no…

Então ela o viu. Um casco verde e uma figura de proa em forma de árvore: o *Corrente da Fé*. Rindo, Sefia ergueu o telescópio mais alto nas costas e saiu andando. O capitão Reed deveria estar em algum lugar na Baía Efígia, à procura do Tesouro. O que estava fazendo ali?

Ela tinha quase chegado à prancha de embarque quando duas figuras apareceram na amurada. O imediato estava igual ao que ela se lembrava, seu rosto retangular e forte desgastado pela idade, mas o garoto ao lado dele…

Não podia ser. Cachos negros, macios como cetim, orelhas grandes, um sorriso fácil. Uma ave vermelha empoleirada no ombro.

Harison?

Sefia recuou. Harison estava morto. Ela estava lá quando isso aconteceu. Ela o vira morrer. Ela o sentira morrer. Tinha chorado quando seu corpo foi mandado em chamas para o oceano. Ele não podia estar vivo.

O que só podia significar uma coisa.

Sefia estava no passado. Mais de quatro meses antes de deixar Erastis na Biblioteca.

Por um momento, ela permitiu-se sentir todo o peso de sua decepção. Sua mãe não havia *entalhado* aquelas palavras no caixote. Afinal de contas, ela não *havia* voltado dos mortos para salvar a filha.

Sefia passou o polegar pelas pedras negras e afiadas do anel de Mareah.

Ela não podia fraquejar agora. Tinha trabalho a fazer.

Com uma discrição tão grande que esperaria até deixar a mãe orgulhosa, Sefia caminhou em silêncio na direção das pilhas de suprimentos ainda a serem carregados no *Corrente*. Entre baús e barris, agachou-se para escutar.

Lá estava ele – um murmúrio no interior de um dos caixotes. Sefia aproximou-se em silêncio.

Era apenas uma voz – a voz dela, mais aguda e infantil do que esperava. Ela não conseguia identificar todas as palavras, mas se lembrava do que estava dizendo.

– Desculpe. Eu devia ter sido mais cuidadosa. Devia ter percebido… simplesmente não consegui controlar minha visão… – Então: – Machada disse que você deveria liderar um exército.

Como eles sabiam pouco naquela época.

Sefia piscou e sacou a faca. Olhou ao redor uma vez para assegurar-se de que não estava sendo vigiada e começou a entalhar.

No mundo Iluminado, as palavras queimavam sob a ponta de sua faca. Ela torceu para estar fazendo aquilo certo. O máximo que já conseguira com Transformação havia sido remover mofo de um livro. Fazer algo desaparecer estava totalmente fora de seu alcance.

A voz no interior do caixote ficou calada; o ar, silencioso e tenso. Ela desejou poder tranquilizar seu eu mais jovem. Eles estavam indo para o *Corrente da Fé*, onde ela iria conhecer o capitão Reed e o imediato, Meeks, Cavalo e Jules…

Em sua mente, Sefia visualizou o modo como o caixote parecia surgir e desaparecer de seu Olhar, o jeito que o imediato não parava de tocá-lo para reassegurar-se de que ele ainda estava ali. A forma como a porta da casa no morro havia feito a mesma coisa.

Ela não tinha muito tempo. A tripulação do *Corrente* estava chegando. Sefia

sabia que eles estavam. Ela lembrava-se de suas vozes.

– Você, aí!

Sefia ergueu os olhos, piscando. Theo e Killian estavam seguindo na direção dela, preparando os cabos que iriam erguer o caixote para dentro do navio verde.

Mas seu olhar foi atraído pelo movimento mais distante na doca.

Do convés do velho cúter, uma mulher de negro saltou sobre a prancha de embarque. Sefia ficou sem fôlego. Ela conhecia aquele rosto marcado de varíola, aquela espada curva.

Outro cadáver erguido dos mortos.

E apenas a alguns metros dela, Tanin.

Praguejando por dentro, Sefia embainhou a faca e correu para a multidão. Sua tentativa de Transformação tinha de funcionar – estava escrito, e já havia acontecido.

Escapar com vida era outra questão.

Ela meteu-se entre a turba, afastando para o lado mercadores e estivadores musculosos. Saltou sobre rolos de corda e baús reluzentes esperando para serem carregados.

Atrás dela, ouviu gritos assustados e o chiado irritado de Tanin.

Sefia precisava sair dali, tinha de encontrar um caminho de volta para seu próprio tempo. O que Erastis tinha dito?

Há algumas pessoas para as quais sempre podemos voltar, não importa o quanto estejam longe de nós.

As histórias de algumas pessoas eram tão entrelaçadas com a sua própria que você encontrava seu caminho de volta para elas repetidas vezes.

Arqueiro.

Ele era sua referência. Sua âncora. Seu lar.

Sefia piscou. O mundo Iluminado derramou-se sobre ela, transformando seu Olhar em ouro, e ela pôde ver seu caminho através de grupos de passageiros e pilhas de barris, além de canhões prontos para navios de guerra e de redes de pesca descartadas fedendo nas docas.

Mas precisava ver mais do que isso.

Sefia correu pelo cais, agachou-se por trás de uma carroça e fez uma careta quando o cotovelo atingiu a quina dura.

Arqueiro. Seu rosto. Suas cicatrizes. A cor de seu cabelo à luz dos lampiões e o brilho feroz em seus olhos. A força e a delicadeza de suas mãos.

Onde ele estava? Enquanto corria, ela procurava por Arqueiro no mundo Iluminado. Pelo garoto que ela salvara, o garoto que ela amava, o garoto com quem juntaria sua vida alegremente – nesta história ou em qualquer outra.

Oceanos de tempo passaram por ela enquanto corria. Dias no piscar de olhos. Meses em uma respiração.

E ela ainda não conseguia encontrá-lo.

Sefia estava quase no fim do cais, que assomava à sua frente com uma pilha de caixotes como uma escada para o céu.

Arqueiro.

Onde você está?

Sefia estava sem espaço para correr. Teletransportar-se ou ser pega. E ela já sabia que não seria pega.

Embora isso fizesse dela um alvo fácil para Tanin e o Assassino, subiu nos caixotes e lançou-se no ar. Sefia abriu e estendeu os braços, como asas, esperando, esperando desesperadamente vê-lo do outro lado do mar de ouro, dividido.

Arqueiro não estava lá.

A água ergueu-se para encontrá-la.

Sefia sentiu uma dor no braço quando uma faca passou voando.

Ela não iria conseguir. Iria acabar presa no passado ou em algum futuro distante. Pior, não iria acabar em lugar nenhum. Dissolvida em nada além de poeira, todas as partes dela levadas pelas correntes da história. Ela nunca conseguiria contar a Arqueiro que estava errada. Nunca devia tê-lo mantido no escuro. E nunca devia tê-lo deixado. Devia ter ficado, e eles deviam ter enfrentado isso juntos, o que quer que os esperasse.

Então, segundos antes de atingir a água, ela o viu. Falho. Perfeito. Cercado por uma tapeçaria de luz tão ofuscante que quase a cegou.

Sefia acenou com a mão e moveu-se através do mar de ouro. E então ela desapareceu.

Capítulo 45



Sempre

Sefia atingiu o chão, rolou e foi parar em um armazém de teto baixo com barris e tonéis escuros de vinho.

Arqueiro estava amarrado a uma cadeira de madeira, com a cabeça pendendo para a frente, o cabelo emaranhado, a roupa rasgada.

Arqueiro. O coração dela marcado. Ferido, sangrando, gemendo, *Arqueiro* dourado.

Perto da porta, dois guardas já estavam sacando as armas. Balas corriam na direção dela. Piscando, Sefia jogou-os para trás. Um dos guardas deu um grito e segurou a garganta enquanto vermelho respingava em seus lábios.

Rapidamente, quase despreocupadamente, Sefia ergueu a mão. A guarda restante catapultou-se na direção do teto, onde atingiu as vigas, ficou inerte e caiu no chão outra vez como um saco de tijolos.

Houve gritos do lado de fora.

Alguém empurrou e abriu a porta. Sefia captou um vislumbre de olhos e aço antes de fechá-los todos para fora com um movimento do braço.

– Sefia – sussurrou Arqueiro.

Ele estava muito machucado, sangrando por toda parte. Havia um corte aberto na lateral do seu corpo, profundo e negro.

Sem largar a porta, Sefia foi até ele, ajoelhou-se, sacou a faca e cortou suas amarras. As cordas espetaram seus dedos.

Um disparo rachou a porta. Estilhaços voaram no armazém. Sefia embainhou a faca e empurrou vários barris em frente à porta, formando uma barricada por

dentro.

– Sefia – Arqueiro não parava de chamar, só o nome dela, como se a palavra fosse uma corda de salvamento e ele estivesse se puxando para a margem.

Ela afrouxou as amarras com delicadeza e as soltou dos pulsos e tornozelos dele.

– O que aconteceu? Quem fez isso?

Arqueiro cambaleou para a frente. Ela mal conseguiu segurá-lo antes que ele atingisse o chão; sua pele estava grudenta, o cabelo, cheirando a suor e tempestades.

– Serakeen – ele disse. – Ele…

Sefia o apertou com mais força.

– Serakeen está aqui?

Tanin mentiu. Ela dissera todas aquelas coisas sobre confiança, sobre família, e Sefia acreditara nela, tinha até ficado com pena dela.

Mas Tanin estava mentindo o tempo inteiro. A Guarda nunca iria parar de caçá-los.

Arqueiro sacudiu a cabeça. Sangue pingava de seus lábios como fios de açúcar caramelizado.

– Nós precisamos pegá-los – ele murmurou.

Tanin, ela pensou, Serakeen, quem quer que fosse o responsável por fazer aquilo com Arqueiro.

– Nós vamos – ela disse. – Mas não podemos ficar aqui.

Balas chegaram voando pela porta, perfurando os barris. Vinho da Borgonha foi derramado no chão. O cheiro acre de fermentação encheu o armazém enquanto Sefia passava o braço de Arqueiro em torno de seus ombros.

Ela invocou o Olhar e fez um gesto largo, à procura das correntes de luz para o único lugar seguro que conhecia.

Lá.

A abóboda de velas e cordame e a extensão do convés diante dela.

Quando os sons de estouros e balas diminuíram em torno dela, Sefia segurou Arqueiro com força e os teletransportou do armazém… para o convés do *Corrente da Fé*.

Seu telescópio atingiu o chão quando ela e Arqueiro desabaram amontoados.

Ele estava pesado e semiconsciente em seus braços, mas estava vivo. E eles estavam juntos.

Exclamações de surpresa explodiram em torno deles como fogos de artifício.

– Sefia? Como você…

– Esse é Arqueiro?

– Ele está ferido. – Sefia sentou-se aninhando a cabeça de Arqueiro no colo. – Chamem a doutora!

Passos correram pelo convés enquanto a notícia de sua chegada percorria a tripulação.

– Sefia – murmurou Arqueiro.

Ela pôs as mãos espalmadas em sua face e debruçou-se sobre ele, memorizando seu rosto: os contornos dos ossos por baixo de sua pele, suas feridas parecendo crepúsculos, e a grande marca profunda e sangrenta na lateral de seu corpo.

– Você tinha razão. Eu nunca devia ter partido – ela murmurou. – Desculpe. Eu nunca vou deixá-los levarem você outra vez. Eu não vou deixá-lo morrer. Eu prometo, eu prometo…

– Você voltou – foi tudo o que ele disse.

Sefia assentiu. Lágrimas jorravam de seus olhos.

– Você conseguiu salvar Frey e Aljan também?

Ela congelou, tentando se lembrar freneticamente dos detalhes do armazém. Arqueiro. Dois guardas. Mais ninguém. Ela tinha certeza disso.

– Era para eles estarem com você? – ela sussurrou.

Arqueiro fez que sim.

Sefia chegou para trás. Gelo começou a se formar na boca de seu estômago. *Serakeen ainda está com eles.*

– Mexa-se, garota.

O imediato a empurrou para o lado quando a doutora chegou com sua bolsa preta.

– Ei, Sef – murmurou Cavalo, dando tapinhas em seu ombro com uma de suas mãos enormes. – Não sei como você chegou aqui, mas sem dúvida estou feliz de ver vocês dois.

O olhar afiado da doutora passou por Arqueiro.

– Como isso aconteceu?

– Não sei. Eu não estava lá.

Sefia fechou e apertou os olhos, tentando conjurar o armazém em sua memória. Estava escuro, o chão era de barro, barris estavam empilhados nos cantos. De que cor eram as paredes? Qual a altura do teto? Ele era iluminado com tochas? Lampiões? Velas? Não conseguia visualizá-lo. Ela não estivera lá por tempo suficiente.

E se não conseguia se lembrar com clareza o bastante, ela não podia se teletransportar de volta para lá. Sefia não podia salvar Aljan e Frey.

Enquanto a doutora examinava as feridas de Arqueiro, os outros membros da tripulação reuniram-se ao redor. Meeks a tomou em um abraço, chorando.

– Sef! Sef! Você voltou!

Por um momento, ela enterrou o rosto em seus dreadlocks e o apertou forte.

O lugar mais seguro em que ela podia pensar.

Quando o contramestre a largou, Sefia avistou o capitão Reed – seus olhos azuis reluziam sob o chapéu de aba larga, com aparência bem heroica com o sol brilhando às suas costas.

Sefia aprumou-se.

– Capitão.

– Sef. – Ele tirou o chapéu em saudação. – Não sei como continuamos a nos encontrar assim.

– Desculpe, capitão, acho que eu devia ter mandado um mensageiro.

– Você é sempre bem-vinda no *Corrente*, garota. Você sabe disso. Na verdade, estávamos à sua procura…

Ele fez uma pausa.

Rápido como um raio, Reed pegou a mão dela.

– Capitão! – gritou Meeks.

Os dedos de Reed afundaram-se na pele dela. Uma dor subiu por seu braço. Sefia piscou – nuvens de ouro explodiram diante de seu Olhar. Foi necessário todo o seu autocontrole para não jogá-lo do outro lado do convés.

O capitão ignorou os gritos da tripulação, estudando o anel de Sefia com o mesmo foco intenso que tinha quando viu o Livro.

Não, quando ele viu as palavras em seu interior. Quando sua raiva explodira

de dentro dele como uma bala de um rifle.

Em um átimo, Sefia entendeu: ele tinha visto o anel antes em algum lugar em suas aventuras, conhecera Mareah. E isso não correra bem para Reed.

Ela soltou-se de seu enlace.

– Onde você conseguiu isso? – ele perguntou em voz baixa.

– Era de minha mãe.

– Sua… – O olhar dele foi e voltou do anel para o rosto de Sefia. – Eu achei que ela estivesse…

– Ela está – disse diretamente Sefia. – Eu achei isso quando fui para casa.

O capitão Reed esfregou os olhos.

– Garota, acho que temos muito sobre o que conversar.

Antes que Sefia pudesse responder, a doutora levantou-se e fez um sinal para Cavalo.

– Ele sofreu muitas agressões, mas vai se recuperar com o tempo. Levem-no para a enfermaria.

Quando Arqueiro foi erguido do convés, ele estendeu o braço e segurou Sefia.

– Você voltou? – ele perguntou. Só o tom triste em sua voz já era de partir o coração. Arqueiro apertou com mais força, como se estivesse com medo de que ela escapasse como água através de suas mãos. – Para sempre?

Em resposta, Sefia cruzou os dedos, um sobre o outro.

Eles estavam juntos. E nada, nem mesmo o próprio destino, iria separá-los outra vez.

– Para sempre – ela disse.

Capítulo 46



De juramentos e profecias

Quando Sefia fugiu das masmorras, Tanin imaginou que teria de fazer o mesmo – fugir ou morrer. Ao ajudar a garota a escapar, Erastis, o único que restava a apoiá-la, a havia traído. Ela não tinha mais aliados na Guarda e, sem a garota, sem o Livro, Tanin tinha poucas chances de depor Stonegold antes que ele a matasse.

Aí Detano a procurou, implorando sua ajuda. Ele falhara com seu Mestre. Falhara com a Guarda. Ele havia permitido que o Rei Solitário vivesse.

Sentimento.

Detano encontrara um corpo, dissera, um garoto com uma mãe aflita, um bando de irmãos mais novos para sustentar e uma semelhança incrível com o rei desaparecido. Mas o Aprendiz Político não tinha o talento para fabricar um assassinato, não quando os outros Guardiões podiam detectar o meio de assassinato pelas marcas no cadáver.

Momentos desesperados exigiam aliados igualmente desesperados, e Detano estava lhe oferecendo aquilo de que Tanin precisava para ficar.

Esperança.

Juntos, eles armaram tudo: os aposentos reais escuros; o garoto enroscado no canto, além do alcance da luz; uma pequena quantidade de veneno que iria descolorir e distender sua carne, obscurecendo qualquer cicatriz reveladora; um anel de sinete que seria cortado do dedo inchado; um fedor de carne em putrefação que iria garantir uma cremação rápida, antes que o corpo pudesse divulgar quaisquer segredos.

Logo depois, Detano foi eleito regente de Deliene.

Stonegold e o resto da Guarda desconheciam seu fracasso.

E Tanin não fugiu.

Os dedos dela flexionaram-se sobre a balaustrada de mármore da galeria mais alta enquanto ela assistia à cerimônia abaixo. O Salão da Memória era uma câmara magnífica de cinco andares onde Historiadores trabalhavam para se lembrar e repetir, preservando a história do mundo. Embora toda aldeia, vilarejo e cidade em todos os Cinco Reinos empregasse Historiadores, Corabel era o único lugar onde centenas deles reuniam-se, fazendo com que o Salão fosse o segundo maior repositório de saber em toda Kelanna.

Agora, Historiadores, Conselheiros, Assessores e representantes das maiores e menores casas tinham se reunido no grandioso térreo do Salão para o juramento do regente.

De pé diante de um conjunto de espelhos lapidados, vestindo seu traje de gala em preto, branco e prata, Arcadimon Detano ergueu os olhos.

Pelo mais breve dos segundos, seu olhar cruzou com o de Tanin.

Ela iria preservar seus segredos. Ele iria preservar sua vida.

Desde que ela sobrevivesse aos poucos minutos seguintes.

Às suas costas, Tanin ouviu dois conjuntos de passos sobre o carpete grosso. Foi necessário todo seu sangue-frio para parecer relaxada ao virar-se para encarar seus inimigos.

– Veio me matar, Stonegold? – ronronou.

Quanto mais arrogante Tanin fosse agora, mais eficiente seu remorso seria depois, se ela não fosse estripada por acidente primeiro.

Com o escárnio em sua voz, as narinas do Político dilataram-se com insatisfação. Stonegold caminhou até o balcão ao lado dela, sua cintura apertando-se contra Tanin no alto da escada para provar que ele merecia mais espaço ali que ela.

– Eu meio que esperava que você estivesse fugindo para salvar sua vida agora – ele disse.

– Eu estou trabalhando para este momento há mais de uma década – respondeu Tanin. – E não poderia perdê-lo.

Enquanto ela falava, Braca jogou para trás a cauda de seu casaco de camurça

azul e encostou-se em uma das cadeiras de veludo, com as armas douradas reluzindo ao sol da tarde. Quanta bravata. A Mestra Soldado não ousaria usar armas tão destruidoras em um evento público.

Não. O ataque, se viesse, seria silencioso e rápido.

Deliberadamente, Tanin deu as costas para a Soldado.

– É estupidez valorizar o sentimento acima da sobrevivência. – Perdigotos voaram dos lábios de Stonegold. – Pelo menos, dessa vez, seu coração mole só vai ter custo para você mesma.

– Você devia ter me dito que estava preparando uma armadilha para o garoto. Eu teria tomado mais cuidado com Sefia se…

– A única coisa que eu devia ter feito era executá-la assim que me tornei Diretor – ele interrompeu.

Tanin passou o dedo pela balaustrada. *Sim, isso foi um erro,* pensou. *Um do qual você vai se arrepender quando vir minha lâmina projetando-se de seu peito.*

O Político não conseguiu conter sua presunção.

– Nenhuma resposta esperta? Nenhum insulto ferino? Eu esperava que você fosse pelo menos implorar.

Tanin olhou para trás, para Braca.

– Implorar é para cães – respondeu bruscamente.

Assim que as palavras deixaram seus lábios, ela sentiu a mão invisível da Soldado em sua garganta. Braca percorreu a distância entre elas tão rápido que Tanin não percebeu que a mulher havia sacado um punhal dourado de dentro do casaco até a lâmina estar espetando seu pescoço.

– Então implore, cadela – rosnou a Soldado, seu rosto queimado a centímetros de distância do de Tanin.

Tanin podia sentir o pescoço machucando, mas forçou-se para sorrir.

– Aqui? – ela chiou. – Diante de toda essa gente? Um assassinato seria uma mácula na celebração.

O punhal de Braca rasgou e abriu sua cicatriz. Sangue escorreu por seu pescoço.

– *Seu* assassinato seria um meio excelente de celebrar.

A cabeça de Tanin girou pela falta de ar. Ali estava: a única maneira de

Stonegold acreditar que tinha conquistado sua obediência. Se arrepender ou morrer. Se quisesse matá-lo depois, tinha de se entregar à piedade dele agora. Ela olhou para o Diretor que assumira seu lugar.

– Por favor – ela disse com voz rouca. – Não.

Stonegold olhou para ela com desprezo.

– Diga isso outra vez.

– Por favor, deixe-me viver. Deixe-me servir à missão à qual dediquei toda a minha vida.

– Servir à missão significa servir a mim.

– Eu vou. Eu vou servi-lo. Eu… juro.

– Prove. Dê-me uma prova de sua lealdade.

Lágrimas escorreram por seu rosto.

– Os foras da lei – ela murmurou.

– Parasitas de uma era menos civilizada. Nós os estamos exterminando com grande dano. Os outros vão se dispersar e morrer como os insetos que são. – O Político acenou com os dedos gordos para ela, dispensando-a. – Vá em frente e mate-a, minha general.

Um sorriso surgiu nos lábios de Braca, repuxando a cicatriz em sua pele. Tanin sentiu a garganta abrir-se outra vez, sentiu a vida esvair-se dela.

– Eles estão se organizando – ela conseguiu murmurar. – Eles têm pelo menos cem homens a essa altura.

Stonegold parou diante dela.

Diga a ela para me soltar, seu porco velho asinino. Pontos nadavam diante de seus olhos.

Com um aceno de cabeça, ele ordenou a Braca que relaxasse sua pegada.

O ar voltou rapidamente para os pulmões de Tanin. O sangue correu para seu rosto. Ela caiu de joelhos, segurando o pescoço.

O Político assomou sobre ela.

– Você sabe onde eles estão, não sabe?

Tanin concordou com a cabeça, tentando sugar ar por sua garganta machucada.

– Onde?

– Uma ilha que eles chamam de Porto Seguro. – Ela podia ver o próprio

reflexo nos sapatos engraxados de Stonegold. Ela parecia magra. Ou melhor, parecia *fraca*. – É impossível achar, a menos que você já conheça o caminho.

– E você sabe o caminho, não sabe?

Ela tornou a assentir.

– Isso vai lhe custar seu precioso capitão pirata.

Reed.

Ela gostara de ser a capitã do *Beleza Negra*, uma vez sua amante e eterna rival. Mas todos tinham feito sacrifícios pelo bem maior.

– Eu sei.

Ela sentiu a mão de Stonegold descer até o topo de sua cabeça.

– Boa garota.

Abaixo, a voz forte de Detano começou a encher o Salão enquanto ele fazia os juramentos que iriam torná-lo o regente de Deliene, com controle sobre a Marinha Branca e poder para declarar guerra.

O Historiador da Era Corabelli pegou uma coroa de marfim de uma almofada de veludo e a aninhou em meio aos cachos de Detano.

A Fase III do plano de Lon para a Guerra Vermelha estava completa. A Guarda controlava Everica, Liccaro e, agora, Deliene.

Stonegold levantou Tanin pelo cabelo enquanto o Salão da Memória irrompia em aplausos.

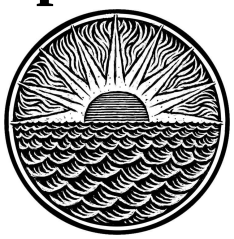
– Deixe que eu cuido dos foras da lei – ele sussurrou com o hálito no ouvido dela. – Você, minha Assassina, tem apenas uma tarefa agora, para ganhar sua espada de sangue e assegurar seu lugar na Guarda.

A mola tinha sido apertada. A armadilha estava pronta para ser acionada.

– Mate a garota. Mate a filha dos traidores. Mate o que resta de sua *família* preciosa.

Logo a Guerra Vermelha iria começar abertamente, e todos os seus planos e profecias – as batalhas sangrentas, a queda de Oxscini, o triunfo militar de um comandante menino e sua morte trágica, a vitória há décadas em preparação – iriam finalmente se realizar.

Capítulo 47



O garoto das lendas

Por dias, Arqueiro dormiu.

Ele sonhou, é claro. Os sonhos eram uma parte dele agora. Era um garoto que tinha vivenciado coisas terríveis, e que tinha feito coisas terríveis. Era um garoto que tinha pesadelos.

Ele também era um garoto que acordava e, quando abria os olhos, Sefia estava ali, remendando velas com a doutora ou jogando nau dos insensatos com Cavalo e Marmalade; sua própria presença era toda a confiança de que ele precisava.

Só uma vez, no início, Arqueiro acordou sozinho. Ele estava sonhando com Frey e Aljan – o ângulo do braço de Frey embaixo de seu corpo imóvel, a forma como o sangue corria nos olhos de Aljan – e viu-se sozinho na enfermaria. O sol poente flamejava nas vigias, e as ervas secas da doutora balançavam no teto como homens enforcados.

No corredor, o rapaz podia ouvir a tripulação conversando, as notas delicadas e entrecortadas de um bandolim.

Embora Arqueiro não devesse circular sozinho, saiu cambaleante da cabine e subiu pela escotilha. Ele podia sentir os pontos em seu flanco repuxando-se, sangue absorvido pelas ataduras. Mas precisava encontrar Sefia. Para ter certeza de que ela ainda estava ali.

Ela estava parada junto à amurada, uma silhueta contra a luz que se refletia na água, brilhante e dourada. Sefia parecia bonita… e pensativa. Talvez até culpada.

Mas ele sentia essa culpa também, por todos os erros que cometera, por não ir

atrás dela quando ela partiu, por Frey e Aljan terem caído nas mãos da Guarda. Talvez ele sempre fosse sentir.

Depois de um momento, Meeks juntou-se a Sefia. A conversa sussurrada deles era baixa demais para que ele ouvisse, exceto pelo som do contramestre perguntando se estava escrito. Quando a escuridão tomou o céu, eles mergulharam em silêncio, e Arqueiro voltou para a coberta, segurando o lado ferido do corpo.

Ao acordar novamente, os curativos tinham sido trocados, e Sefia estava enroscada ao seu lado no beliche estreito. Ele não pediu que ela se mexesse.

Era durante esses momentos, quando estavam sozinhos, que ele começava a contar a ela, com hesitação, em espasmos curtos e inconsistentes, sobre o passado que escondera dela: os atos de maldade que testemunhara, os que ele cometera, a família para a qual não podia voltar, por mais que ele os amasse. Arqueiro mostrou a Sefia sua culpa, sua raiva, sua autoaversão, seu desejo insaciável de violência. Ele começou a se abrir para ela, camada por camada dolorosa, revelando seu coração exposto e ferido.

Arqueiro não lhe contou tudo. Como poderia? Havia tanto a contar, e tanta coisa ainda quebrada dentro dele. Mas era um começo.

Por sua vez, Sefia lhe contou sobre seu acordo com Tanin, sua volta à casa na colina de frente para o mar, a carta do pai.

– Você partiu para me salvar – murmurou Arqueiro, tocando a pedra da preocupação onde ela repousava entre as clavículas de Sefia.

Ela engoliu em seco.

– Eu voltei para salvá-lo.

Os dedos dele percorreram a lateral do pescoço dela e foram até sua nuca, onde entrelaçaram-se em seu cabelo. Arqueiro sentiu dor na lateral do corpo, mas decidiu ignorá-la, e aproximou tanto a boca da dela que podia sentir seu hálito nos lábios.

– Você sempre me salva – ele murmurou.

Arqueiro a beijou.

E, nesse segundo, beijá-la foi *tudo*. Uma explosão, uma tempestade, um segredo. Um suspiro, um raio, a sensação de voar antes da queda.

A mão dele deslizou por baixo da barra da camisa dela, e as pontas de seus

dedos tocaram suas costelas.

Sefia suspirou, e foi um som tão doce que fez com que a cabeça de Arqueiro rodasse, e seus ossos doessem de desejo.

– Amo você – ela sussurrou, enquanto os lábios dele encontravam seu queixo, o lobo de sua orelha, seu pescoço.

Ele não sabia o quanto estava querendo ouvir as palavras até que Sefia as disse, mas ali estavam elas, girando lentamente no ar como cristais à luz do sol, e eram as melhores palavras e as únicas palavras, e Arqueiro iria guardá-las no coração até o dia de sua morte.

Ele era um garoto que era amado.

Uma vez, quando Arqueiro acordou, o capitão Reed estava sentado na enfermaria olhando pelas vigias para as ondulações lá fora. Ele tinha uma arma nova, percebeu Arqueiro – um revólver de cano longo com uma coronha negra –, e, de algum modo, na luz através do vidro, os olhos do capitão pareciam mais azuis e mais famintos.

Reed parecia como Arqueiro se sentia quando estava lutando.

Mas ele tinha deixado essa vida para trás. Tinha de ser assim – ele agora sabia disso – se quisesse viver.

Quando Arqueiro se sentou, um sorriso suavizou a dureza nos olhos de Reed.

– Ei, garoto. – Ele puxou um banco para perto do beliche. – Sef tem nos contado o que você andou fazendo em Deliene. O que eu lhe disse? Você não tem um navio, mas com certeza é um fora da lei.

Arqueiro sorriu.

– Obrigado, capitão.

– Então você fala. – Reed riu. – Era difícil acreditar, até que eu mesmo ouvi.

– Eu demorei um pouco.

– Está tudo bem. – Os olhos do capitão Reed tinham novamente aquela expressão faminta. – Por algumas coisas vale a pena esperar.

Arqueiro inclinou a cabeça e levou a mão à têmpora, mas, antes que pudesse perguntar o que Reed queria dizer, Sefia entrou na cabine com um prato cheio de doces. Seu rosto iluminou-se quando ela o viu, com uma chama que ele desejou poder engarrafar para noites escuras.

Sefia pôs o prato sobre suas canelas, pegou uma torta de creme de ovos e sentou-se na beirada da cama.

– Então havia escrita no interior do sino, hein? – ela perguntou para o capitão.

O capitão passou para ela uma folha de pergaminho dobrada e coçou o peito.

– Eu reconheceria essas marcas em qualquer lugar.

Sefia olhou para ele com tristeza por um momento.

– Sinto muito por terem feito isso com você.

Eles levaram algum tempo para ver todas as formas como suas vidas estavam conectadas, mas, depois que Reed contou a ela sobre o Amuleto da Ressurreição no interior do Tesouro do Rei, e Sefia contou a ele sobre a página faltando que sua mãe removera do Livro, perceberam que Lon e Mareah tinham dado a ele suas primeiras tatuagens. Eles haviam escondido a localização de alguma coisa que Tanin queria: a última parte do Amuleto da Ressurreição, um objeto mágico que podia vencer a morte, um objeto que Reed, agora, também queria.

– Isso não importa agora. – O capitão deu de ombros, embora Arqueiro pudesse ver sua raiva, e sua decepção. – Essas palavras desapareceram há muito tempo. Nunca vamos encontrar a última parte do Amuleto assim.

– O Livro pode nos dizer onde encontrá-lo.

Arqueiro franziu o cenho.

– Achei que não pudéssemos confiar no Livro.

– Não podemos – disse Sefia, enquanto desdobrava o papel que Reed lhe dera. – Mas precisamos resgatar Frey e Aljan. E encontrar o Amuleto dentro do Tesouro.

Estava tudo conectado demais, conveniente demais, coincidente demais.

E como Tanin dissera: *Não há coincidências.*

– E se isso for o que ele *quer* que nós façamos? – perguntou Arqueiro.

Reed sacudiu a cabeça.

– Vocês falam sobre essa coisa como se ela estivesse viva.

– Erastis dizia que o Livro era uma história viva, cheia de intenções – retrucou Sefia, examinando o decalque em carvão em suas mãos.

O capitão traçou um conjunto de círculos interconectados na borda desgastada do beliche.

– Talvez seja uma história viva porque nós ainda estamos vivendo-a, e nossas

ações, afinal de contas, não são conclusões compulsórias.

Sefia deu um sorriso severo.

– Vamos esperar que sim. – Depois de um momento, ela começou a ler:

Os bravos podem achar ouro liccarino,

Onde os cavalos galopam nas ondas.

Onde a serpente espera, o coração se abre,

E a água vai lhes mostrar o caminho.

Arqueiro observou Reed com cuidado, enquanto o capitão escutava as palavras que estava esperando havia meses para ouvir. Ali estavam de novo: fome e esperança.

– Você sabe o que significa? – perguntou Arqueiro.

O capitão Reed sorriu.

– Eu sei por onde começar. – Um lugar na curva externa de Liccaro, onde os penhascos tomavam a forma de cavalos selvagens: dentes, cabeças e cascos. – Chama-se Corcéis. Ainda não sei sobre o resto, mas vamos descobrir quando chegarmos lá.

– O que vamos fazer? – perguntou Sefia mais tarde, quando eles estavam sozinhos outra vez. – Vamos para Jahara pegar o Livro de volta. Resgatamos Frey e Aljan. Ajudamos Reed a encontrar o Amuleto. E depois? O que fazemos depois?

Arqueiro coçou um de seus curativos. Algumas coisas eles não podiam fazer sem o Livro, como encontrar Frey e Aljan, onde quer que estivessem. Eles eram seus sangradores. Ele não iria deixá-los para Serakeen.

Mas e depois? Depois que cumprissem suas obrigações com os sangradores e o capitão Reed?

Arqueiro não podia mais liderar os sangradores, isso era certo, não podia se aproximar de uma batalha sem atiçar sua sede por derramamento de sangue. Mesmo agora, podia sentir a vontade de lutar agitando-se em seus membros parcialmente curados.

Contudo, Arqueiro não queria ser aquele garoto. Ele não podia ser aquele garoto sem decepcionar Sefia outra vez.

Ele mordeu o lábio.

– Sou eu, não sou?

O garoto com a cicatriz.

O garoto das lendas.

O garoto que a Guarda queria.

– Sim – ela sussurrou. – E sou eu também.

– A leitora.

Ele passou uma mecha de cabelo por trás de sua orelha.

Ela fez uma careta.

– Combina com você.

– Eu prefiro ser uma fora da lei, obrigada.

Arqueiro beijou o topo de sua cabeça.

– Está bem. Vamos ser foras da lei.

Ele tentou imaginar: os dois iriam ficar no *Corrente*, tornar-se aventureiros e caçadores de tesouros que se abrigavam em Porto Seguro enquanto os reinos batalhavam por terra, e eles não iriam mais pensar na Guerra Vermelha como mais que um sonho parcialmente lembrado. Que vida eles teriam. Uma vida de sal e pólvora. De amizade, amor e horizontes infinitos. Uma vida perigosa, mas uma *vida*.

Porém, Arqueiro não podia ignorar completamente a tempestade que se formava dentro dele – escura e cheia de violência –, o desejo insaciável de lutar, de liderar, de conquistar.

Com um tremor, Sefia aninhou-se na dobra de seu braço, e ele a segurou, torcendo para que ela não conseguisse sentir o trovão em seu peito.

Eles podiam derrotar o Livro.

Eles podiam.

Eles tinham de fazer isso.

Por um momento, observaram as estrelas brilhando nas vigias enquanto as constelações passavam pelo céu negro.

– E a Guarda? – ele perguntou. – Eles não vão continuar nos caçando?

Sefia deu de ombros.

– Se podemos mudar o destino, podemos superar a Guarda.

– Você acha mesmo que podemos derrotar o Livro?

Sefia, então, olhou para Arqueiro, com aquele olhar sombrio que ele conhecia tão bem – focado, determinado, desafiador.

– Juntos, podemos fazer qualquer coisa.

Agradecimentos

Por volta dessa época no ano passado, escrevi que “livros são mágicos porque *pessoas são mágicas*.” Isso ainda é tão verdadeiro hoje quanto era na época, mas eu também entendo agora, com uma clareza mais profunda, que a magia não é fácil. É preciso mais que um encantamento, uma pitada de pó de pirlimpimpim e gestos com a mão para fazer um livro. É uma tarefa hercúlea, um trabalho de amor, uma dor de cabeça e uma alegria incomparável, e *este* livro não teria chegado ao mundo sem o tempo, as habilidades e o apoio contínuo de uma vasta comunidade de pessoas que eu não posso agradecer o bastante em cem páginas, muito menos em quatro. O simples fato de eu ter o prazer de escrever isso agora, ao chegar perto do fim, é ao mesmo tempo um privilégio e uma dádiva. Obrigada, obrigada, obrigada.

A Barbara Poelle, a agente-guerreira mais implacável com quem (para quem?) poderia querer trabalhar – obrigada mil vezes por sua segurança, sua inteligência, e, apesar do que eu disse acima, uma qualidade arcana que ainda não consigo explicar como nada além de “magia de agente”. (É por isso que eu faço as coisas.) Obrigada, também, a Brita Lundberg e todo mundo na IGLA – sou muito grata por ser uma de suas autoras.

A Stacey Barney, que ainda grita e foge à mínima sugestão de *spoilers* – por favor, aceite minha gratidão mais profunda por suas sacadas, sua paciência e sua fé. Você é uma artista com uma visão impecável e uma pena afiada. É uma verdadeira honra trabalhar com você.

Uma gratidão imensa a todas as pessoas talentosas que trabalharam tanto nessas palavras e no design deste livro. Obrigada a Chandra Wohleber – eu sempre aguardo com ansiedade e alegria suas revisões – e a Clarence Haynes por seus olhos atentos. A Cecilia Yung, Marikka Tamura e David Kopka, que encararam todas as minhas ideias loucas com coragem e estilo – obrigada por transformarem a história em um objeto precioso e multifacetado repleto de tesouros. Fico repetidamente impressionada com sua inventividade e sua atenção a todos os detalhes que qualquer outra pessoa teria deixado passar.

Para a equipe de design da capa, Deborah Kaplan, Kristin Smith e Yohey Horishita, que deram a este livro um exterior muito cativante – vocês se superaram. Obrigada. Um agradecimento especial para Kristin por toda a revisão e todo o trabalho minucioso de detetive.

Para todos os membros da equipe incrível na Putnam e Penguin – obrigada por me aceitarem na família Penguin e sempre fazerem com que me sinta tão bem-vinda aqui. Sou especialmente grata a Jen Loja, Jen Besser, David Briggs, Emily Rodriguez, Elizabeth Lunn, Cindy Howle, Wendy Pitts, Carmela Iaria, Alexis Watts, Venessa Carson, Rachel Wease, Bri Lockhart, Kara Brammer e a todas as pessoas maravilhosas e trabalhadoras de vendas, do marketing, da publicidade e do departamento de escolas e bibliotecas que eu conheci ao longo do último ano e que ainda tenho de conhecer. Baldes extras de gratidão a Kate Meltzer, por sua paciência infinita comigo, e a meus divulgadores Marisa Russell e Paul Crichton, que cuidam de mil coisas ao mesmo tempo com muita serenidade.

Muito, muito obrigada a Kim Mai Guest, Arthur Insana, Orli Moscowitz e às pessoas adoráveis da Listening Library e da PHR Audio, que transformaram um livro sobre contar histórias em uma experiência narrativa magnífica.

Quantidades transbordantes de gratidão a Heather Baror-
-Shapiro, que levou *Mar de tinta e ouro* a tantas terras e línguas novas, e a meus editores estrangeiros, que derramaram tanto entusiasmo nesta série, espalhando as palavras para leitores em todo o mundo.

A meus primeiros leitores, Diane Glazman e Kirsten Squires, obrigada por desbravarem as labaredas sulfurosas de meus rascunhos iniciais e me ajudarem a resgatar uma história das chamas. Obrigada a Jess Cluess e a Emily Skrutskie, que intervieram valentemente para botar minhas tramas secundárias e sinuosas de volta na linha; a Kerri Maniscalco, minha bela amiga, a quem agradeço muito por compartilhar essa louca viagem; e a Renée Ahdieh por usar seu tempo para me dizer várias vezes para aumentar a quantidade de romance. Obrigada a Mark O’Brien, Mey Valdivia Rude, K.A. Reynolds, Mara Rutherford, Gretchen Schreiber, RuthAnne Snow e Nick Oakey-Frost, por me ajudarem a dar vida a esses personagens. Eles são mais profundos, definidos e mais complexos graças a vocês. Agradecimentos especiais para Parker Peevyhouse e Jonathan Vong por

atenderem minhas ligações em pânico sobre detalhes cada vez mais complicados e pacientemente passarem as madrugadas tentando resolver meus quebra-cabeças impossíveis.

A meus amigos e minha família, que compareceram de maneiras realmente magníficas nesse último ano – fico constantemente impressionada e grata por seu apoio e seu amor. Obrigada por irem a meus eventos, falarem de meu livro com os amigos e colegas de trabalho, postando imagens de *A leitora* em livrarias no Facebook e no Twitter, e geralmente se dando ao trabalho de serem pessoas incríveis que moldaram minha vida ao que ela é hoje. Gratidão adicional a Tara Sim – a Tony Stark da minha Pepper Potts – e à Mesa da Confiança.

A mamãe e tia Kats, que sempre foram minhas heroínas – seu trabalho duro e seu altruísmo são inspiradores. Obrigada por me alimentarem quando eu estava doente, por cuidarem dos cachorros quando eu estava viajando e por me apoiarem de mil maneiras pelas quais jamais poderei lhes agradecer o suficiente.

E a Cole, que tem mais paciência e bom humor do que poderia esperar alcançar – obrigada por estar presente sempre que eu precisava rir, desabafar, chorar, dormir, conversar sobre o livro e celebrar. Esta jornada não teria sido possível sem você – minha referência, minha âncora, meu lar.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, abr. 2018



Facebook



Instagram



Twitter


FERNANDA NIA
MENSAGEIRA
da
Sorte
PLATA FORMA 21

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda
9788592783839
426 páginas

Compre agora e leia

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da

trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

Compre agora e leia


GODSGRAVE
O ESPETÁCULO SANGRENTO
V.2 DAS CRÓNICAS DA QUASINOITE
JAY KRISTOFF
AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
PLATAFORMA

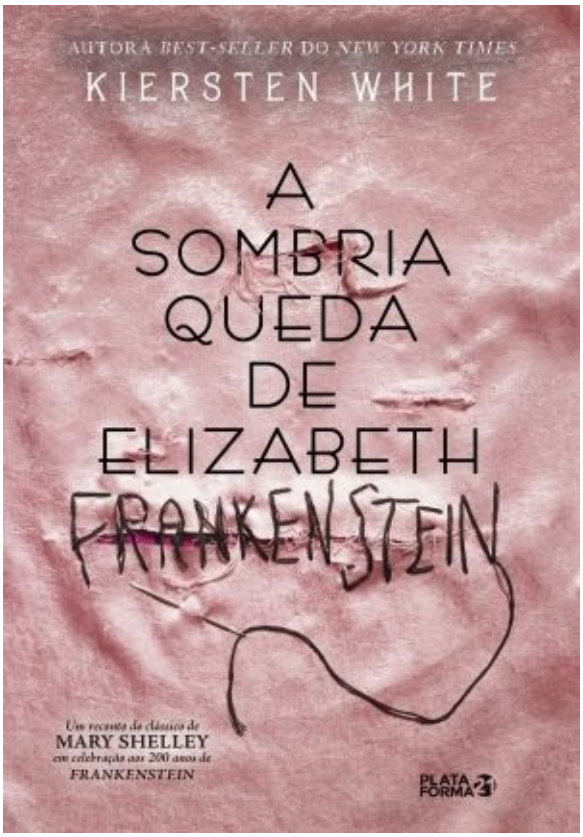
Godsgrave

Kristoff, Jay
9788592783716
592 páginas

Compre agora e leia

eBook em novo formato, revisto e revisado.Nascimento. Vida. E morte. É assim que cantamos a jornada de personagens heroicos. Porém, a dona desta trama, não é uma heroína com a qual se está acostumado. Mia Corvere – o pequeno corvo – é a encarnação da vingança. Nas viragens passadas, ela era apenas uma discípula da seita de assassinos mais temida da República de Itreya. E, embora tenha falhado no teste final, foi a única capaz de resgatar o ministério da Igreja Vermelha do golpe traiçoeiro dado pelos legionários luminatii. Mia, enfim, foi ungida Lâmina. Agora ela é uma serva da Mãe da Noite. E cada vida que executa é uma oração para a Nossa Senhora do Bendito Assassinato.Mas não pensem que a garota se esqueceu daqueles que destruíram sua família, e cujo sangue realmente quer ter em suas mãos. Para saciar sua sede de vingança, a assassina será capaz de sair do caminho que a Igreja trilhou para ela, e seguir sua própria vontade. Usando de suas artimanhas, Mia Corvere fará de tudo para se tornar uma gladiatii – escravos de lutas que batalham até à morte. Com demônios feitos de sombras ao seu lado, nosso pequeno corvo vai decorar as arenas de vermelho e vísceras. Por sangue e glória, os louros de cada vitória vão aproximá-la ainda mais dos algozes de seu pai e do espetáculo sangrento com o qual ela sempre sonhou. Em Godsgrave, a República está prestes a cair.

Compre agora e leia


AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE
A SOMBRIA QUEDA DE ELIZABETH FRANKENSTEIN
Um recanto do clássico de
MARY SHELLEY
em celebração aos 200 anos de
FRANKENSTEIN
PLATA FORMA

A sombria queda de Elizabeth Frankenstein

White, Kiersten
9788592783853
352 páginas

Compre agora e leia

Elizabeth Lavenza não tem uma refeição decente há semanas. Seus braços finos estão cobertos de hematomas causados por sua guardiã. Na iminência de ser jogada nas ruas, a menina é levada para a casa de Victor Frankenstein, um garoto introspectivo e solitário que tem tudo – menos um amigo. Victor é a chance que Elizabeth tem para escapar da miséria. Então, ela faz de tudo para se tornar indispensável... e cumpre seu intento: é vendida por sua guardiã aos Frankenstein e passa a ser propriedade da família. Agora, ela pode dormir em uma cama quente, fartar-se com comidas deliciosas e usar os vestidos da mais fi na seda. Logo, Victor e ela tornam-se inseparáveis. Conforme os anos passam, porém, a sobrevivência de Elizabeth depende de sua capacidade de controlar o temperamento cada vez mais perigoso de Victor, além de ser indulgente com seus caprichos, não importa o quão moralmente questionáveis ou perversos possam ser. De sorriso meigo e mente sofisticada, Elizabeth está determinada a se manter viva custe o que custar... até mesmo quando o mundo tal qual ela conhece, progressivamente, é consumido pelas sombras. Mary Shelley revolucionou a literatura com Frankenstein: ou o Prometeu moderno, sua obra-prima. Em comemoração ao bicentenário de sua publicação, a Plataforma21 oferece a seus leitores este reconto do clássico, ricamente tecido por Kiersten White sob um ponto de vista inédito. É chegada a hora de conhecermos a voz de Elizabeth Frankenstein e deixá-la contar a própria história – e também a do monstro.

Compre agora e leia


ESTAMOS BEM
Nina LaCour
PLATA FORMA 21

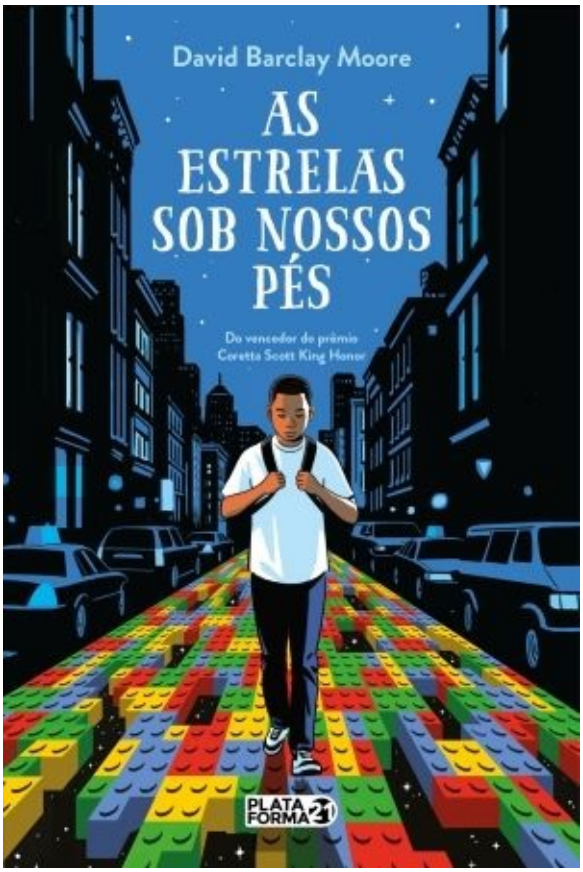
Estamos bem

LaCour, Nina
9788592783334
224 páginas

Compre agora e leia

Marin deixou tudo para trás. A casa de seu avô, o sol da Califórnia, o corpo de Mabel e o último verão agora são fantasmas que ela não quer revisitar. O retrato de uma história em que já não se reconhece mais. Ninguém nunca soube o motivo de sua partida. Nada se sabe sobre a verdade devastadora que destruiu sua vida. Agora, ela vive em um alojamento vazio e está sozinha no inverno de Nova York. Marin está à espera da visita de sua melhor amiga e do inevitável confronto com o passado. As palavras que nunca foram ditas finalmente se farão presentes para tirá-la das profundezas de sua solidão. Estamos bem é um sussurro íntimo embalado por um soco indelével. Nina LaCour retrata a elaboração do sofrimento de forma bela e dolorosamente sincera, provocando um desejo pungente de atravessar qualquer distância para se reconectar com quem ama.

Compre agora e leia


David Barclay Moore
AS ESTRELAS SOB NOSSOS PÉS
Do vencedor do prémio Coretta Scott King Honor
PLATA FORMA 21

As estrelas sob nossos pés

Moore, David Barclay
9788592783761
316 páginas

Compre agora e leia

Há um abismo na alma de Lolly Rachpaul. Aos doze anos, raiva e tristeza são tudo o que o garoto consegue sentir. Costumava ser diferente antes, quando Jermaine ainda estava por aqui. Mas, desde o tiro que silenciou a vida de seu irmão mais velho, Lolly deixou de ser uma criança alegre. Aliás, no Harlem – um bairro típico dos negros e latinos de Nova Iorque – a infância passa tão acelerada quanto uma bala. É preciso estar atento para que as ruas e suas gangues não engulam você. Vivenciando o luto em tempos de ódio, como preencher as partes que ficaram faltando dentro de si? Para Lolly, a resposta pode estar em Harmonee – a cidade imaginária que está construindo com as peças de Lego que ganhou de presente da namorada de sua mãe. A arte do garoto será sua forma de resistência à crueza do mundo, e uma ponte que sustenta novas e antigas amizades. As estrelas sob nossos pés dá voz à personagens que são pouco retratados, e que tanto precisamos ouvir: jovens pobres, expostos à desigualdade, ao preconceito e à violência desde muito cedo. Diante do luto e da luta de Lolly para ter um destino diferente do irmão, devemos ouvir e valorizar uma verdade que jamais deve ser esquecida: vidas negras importam.

Compre agora e leia